

Ilustração de ©Beatriz Bagulho a partir das ilustrações originais de Sir John Tenniel



ALICE ALBERGARIA
ANDRÉ ANTUNES
ANTÓNIO MENDES
BEATRIZ BAGULHO
BERNARDO SOUTO
CATARINA RÔLO SALGUEIRO
CIRILA BOSSUET
DIOGO RODRIGUES (CUCA MONGA)
DIOGO RATO
DINA MENDONÇA
DORA BATALIM
FERNÃO BIU (CUCA MONGA)
ISABEL COSTA
JOÃO ESTRADA
JOSÉ LEITE
JORGE NUNES
MADELENA CASTRO
MADELENA WALLENSTEIN
MAGDA COSTA CARVALHO
MANUEL MOREIRA
MARIA GIL (TEATRO DO SILÊNCIO)
MIGUEL AMORIM
PEDRO SOARES
RAQUEL OLIVEIRA
SOFIA SANTOS
VASCO BATISTA
WALTER OMAR KOHAN



Fábrica
das Artes

LIVRO DIGITAL + DOCUMENTÁRIO POR DETRÁS DA CORTINA: LABIRINTOS DE ALICE

COORDENAÇÃO MADELENA WALLENSTEIN

ÍNDICE

- 05 **INTRODUÇÃO**
Texto de Delfim Sardo (Administrador do Centro Cultural de Belém)
- 09 **TORNAR-SE OUTRO**
Prefácio de Sara Brighenti (Subcomissária do Plano Nacional das Artes)
- 13 **1 MUNDOS DENTRO DE MUNDOS**
Texto de Madalena Wallenstein (Programadora e coordenadora do CCB/Fábrica das Artes)
- 71 **2 CONVERSA A DUAS VOZES**
Texto de Beatriz Bagulho e Maria Gil
- 95 **3 DO OUTRO LADO DA TOCA**
Texto de BAM – Beatriz Bagulho, Alice Albergaria Borges e Madalena Castro
- 175 **4 GAMEDEV – Vídeo Jogo** (Instituto Superior Técnico)
Texto de Diogo Rato, Jorge Nunes, André Antunes, Pedro Soares e Sofia Santos
- 199 **5 ENTREVISTA CUCA MONGA**
Entrevista de Manuel Moreira a Fernão Biu e Diogo Rodrigues (Horse), membros do Conjunto Cuca Monga
- 225 **6 QUEM ÉS TU?**
Texto de José Leite e Raquel Oliveira
- 261 **7 EM BUSCA DA INFÂNCIA DA MARAVILHA**
Texto de Walter Omar Kohan (UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
- 271 **8 DOIS OVOS IRMÃOS**
Texto de Bernardo Souto e Miguel Amorim
- 287 **9 NÃO ME CALO**
Texto de Cirila Bossuet e Isabel Costa
- 309 **10 ALGUMAS NOTAS PARA NÃO PERDER A CABEÇA**
Texto de Dina Mendonça / IFILNOVA, NOVA, FCSH; UNL)
- 323 **11 SÃO HORAS DE JÁ**
Texto de Catarina Rôlo Salgueiro e Vasco Batista
- 347 **12 SOHLEPSE E SATROP ERTNE ODNAICILA: OSDAL SORTUO. OUTROS LADOS: ALICIANDO ENTRE PORTAS E ESPELHOS**
Texto de Magda Costa Carvalho (UA – Universidade dos Açores, NICA – Núcleo Interdisciplinar da Criança e Adolescente)

- 363 **13 LER O ESPELHO: ALICE E PETER – LIVROS, LITERATURA E ILUSTRAÇÃO**
Texto de Dora Batalim Sottomayor
- 369 **14 DO OUTRO LADO DO ESPELHO**
PROGRAMAÇÃO DIGITAL
- 371 **1 DOCUMENTÁRIO MAKING OF – POR DETRÁS DA CORTINA**
Realização de António Mendes
Episódio 1 – *Nascimento*
Episódio 2 – *Residência*
Episódio 3 – *Crescimento*
Episódio 4 – *As Novas Crianças*
Episódio 5 – *Música*
Episódio 6 – *Figurinos*
Episódio 7 – *Instalação*
- 381 **2 ENTREVISTAS – VÍDEO: INDIGAÇÕES DE ALICE**
Realização de António Mendes e João Estrada
Entrevista a Margarida Vale de Gato (tradutora de *Alice*)
Entrevista a Vasco Jesus (matemático)
Entrevista a Walter Kohan (filósofo)
Entrevista a Yasser Omar (física quântica)
- 385 **3 AUDIOLIVRO: ALICE POR CUCA MONGA**
Podcast em 24 episódios
- 393 **4 VÍDEOJOGO: DO OUTRO LADO DA TOCA**
GameDev Técnico
- 401 **5 FILMINHOS PARADOXOS**
Teatro do Silêncio – A partir do espetáculo *Paradoxos de Alice*
Filminho # 1 – *A Queda*
Filminho # 2 – *A Lagarta*
Filminho # 3 – *O Chapeleiro e a Lebre de Março*
Filminho # 4 – *Gato*
Filminho # 5 – *O livro*
Filminho # 6 – *Humpty Dumpty*
Filminho # 7 – *A Rainha*
Filminho # 8 – *Alice*
- 421 **6 CADERNO DE CAMPO: DO OUTRO LADO DA TOCA**
Criação artística de Beatriz Bagulho, Alice Albergaria Borges e Madalena Castro
- 427 **15 Anexos**
428 Biografias
437 Ficha técnica

INTRODUÇÃO

TEXTO DE

DELFIN SARDÓ

ADMINISTRADOR DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Não poderia haver narrativa mais adequada ao tempo paradoxal da pandemia do que o texto de Lewis Carroll, quanto mais não fosse porque o seu mergulho num *para-lá* representaria o mais permanente desejo de todos nós, confinados num tempo sem cronologia nem aparente futuro.

Por acaso do destino, o projeto em torno de Alice, concebido como um ciclo em 2019, acabou por coincidir com essa cacimba dos dias repetidos que interrompeu projetos, dilatou expectativas e impossibilitou muitas colaborações.

Num certo sentido, essa estranha e aparentemente limitadora condição acabou por se revelar estimulante, na medida em que ampliou a capacidade da imaginação e converteu uma circunstância muito difícil num projeto modelo, uma aprendizagem sobre como operar uma multiplicação de declinações em inúmeros sentidos, ou ainda como fazer comunicar para lá da impossibilidade de contacto e, em simultâneo, refletir sobre o próprio processo criativo.

O resultado foi um projeto reticular, uma teia de possibilidades que incluía um conjunto de quatro espetáculos, uma exposição que era o resultado e condição para esses espetáculos e que nele se convertia, um passeio por uma narrativa tridimensional e convertida num percurso, um livro, um processo formativo e, agora, a súpula e memória desse longo projeto.

Concebido como uma estrutura que se poderia declinar indefinidamente, o projeto em torno de Alice e as suas diferentes declinações partiam de um reconhecimento (da história de Alice, nas suas várias versões, desde as ilustrações de John Tenniel realizadas para a primeira publicação em 1865, até às várias adaptações cinematográficas), mas também de um processo de descoberta de uma nova Alice na cidade, adaptada às exigências do confinamento.

O ciclo concebido por Madalena Wallenstein e a equipa da Fábrica das Artes — e é imprescindível referir com saudade o Manuel Moreira —, foi o resultado da intensa colaboração com Maria Gil que, em conjunto e em andamento, conceberam (com notável capacidade de adaptação às condições de 2020 e 2021), um projeto que não só manteve, como ampliou a sua formulação polimorfa: de uma estrutura que previa a relação da criação para as infâncias no campo fluido entre artes visuais, espetáculo, reflexão filosófica e formação, chegaram a um projeto que se estendeu pelo digital, pela edição, sem nunca perder de vista ambição inicial de transportar os públicos mais jovens para uma experiência transgressora em relação às dicotomias pragmáticas do mundo.

O que é mais interessante hoje é compreendermos como o projeto se transformou numa reflexão epistemológica sobre o próprio processo de criação para as infâncias, permanentemente repensado e, diga-se em abono da verdade, esticando as próprias possibilidades da instituição.

Essa será, porventura, a sua mais marcante e formativa característica e que se demonstra neste livro: a resposta à pergunta sobre «como fazer» num momento de particular complexidade e incerteza foi, estranhamente, «fazer mais complexo», mais aberto, mais disponível e, se possível, mais íntimo.

A instituição só se pode regozijar e agradecer o esforço e empenho de todos os envolvidos, devidamente nomeados por Madalena Wallenstein no texto deste livro e de entre os quais me permito salientar Maria Gil, Beatriz Bagulho, Madalena Castro, Alice Albergaria Borges e o coletivo Cuca Monga, para além do Teatro do Silêncio, do permanente parceiro Plano Nacional das Artes e de todos aqueles que contribuíram para a enorme constelação que foi este projeto.

E assim se cumpriu esse estranho desígnio, de entrar mais uma vez pelo buraco do coelho e sair outra coisa, outra pessoa e talvez outra instituição. Certamente mais diversa, poeticamente confusa e auto-consciente.

PREFÁCIO

TORNAR-SE OUTRO

TEXTO DE

SARA BRIGHENTI

SUBCOMISSÁRIA DO PNA

(PLANO NACIONAL DAS ARTES)

I

Na Fábrica das Artes fabricam-se estórias; incorporam-se estórias.

Nesta quarta publicação estão registadas as vivências de mais um ano de programação para «todas as infâncias», convidando o leitor a descobrir os processos da criação e participação artística que ali ocorreram durante o período que marcou as nossas vidas coletivamente: 2020/2021 e a pandemia de COVID-19.

Neste que foi provavelmente o ano mais singular das nossas vidas em sociedade, a Fábrica das Artes convidou Alice para uma estadia prolongada. Foi assim que a personagem do País das Maravilhas surgiu no Outro Lado do Espelho — ali mesmo, em Belém, frente ao Tejo — e mostrou como é possível lidar construtivamente com o «avesso do mundo».

Neste enigmático conto de Lewis Carroll (publicado a 27 de dezembro de 1871), Alice passa para uma outra dimensão que é o reverso do real. Nela, confronta-se com ocorrências bizarras, personagens inoportunas e inconstâncias, uma lógica oposta àquela que conhecemos como realidade. Num lugar de aparente normalidade, Alice descobre que tudo é ao contrário: o certo é errado, o errado é certo e a consequência é causa. Acima de tudo, Alice percebe que para interagir tem de inverter as regras e procurar no paradoxo o ponto de partida para uma nova normalidade.

Neste livro, as aventuras de Alice sucedem-se em velocidades surreais: tempo interrompido, atrasado, dilatado... Mas, apesar do ritmo alucinante e das contradições, Alice não perde a confiança em si nem tem medo. Questiona-se, adapta-se, especula e apoia-se na inteligência criativa própria da infância.

Tal como Alice, também em 2021 vivemos o incomum e tivemos de aprender a lidar com o desconhecido. Ansiámos por normalidade. Por essa razão, ao pegar nesta obra magistral do século XIX e ao escolher Alice como personagem central para desenhar um programa artístico intitulado *Festa de Desaniversário*, Madalena Wallenstein desafiou os públicos de todas as idades a recusar o regresso ao passado e a projetar alternativas — criar utopias e, através delas, tornar-se outro.

Ao fazer de conta, Alice salva-se da «loucura» e prossegue superando os mais excêntricos desafios. Nesta linha de pensamento, que associa a imaginação à sobrevivência, também o líder e filósofo indígena Ailton Krenak propõe, em 2021, contar histórias para adiar o fim do mundo. No ensaio *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*¹, Krenak defende a urgência de interligar a realidade e a fantasia com a vida. Uma vida que dá gosto viver e em que o prazer de dançar, de cantar e de fruir atea os sonhos por concretizar. Krenak desafia-nos a contar a cada vez uma nova história, como uma poética para imaginar o mundo, e a ter a coragem de viver o real como ficção, como aventura, com alegria!

II

A palavra fantasia significa etimologicamente *o que se torna visível*. Fantasiar é criar imagens, ter visões, mostrar, revelar sob a forma de aparição visível aos sentidos e à percepção humana. Hoje, este não é o sentido que damos ao termo. Fantasia refere-se habitualmente ao que está

¹ Krenak, A. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, p. 27.

para além do real, justamente o que não é visível e que a mente produz através da imaginação. O mundo está cheio de fantasmas e na Fábrica das Artes fabricam-se imaginários, produz-se Beleza a partir da imaterialidade.

Na Fábrica das Artes os operários são, como diria Ernesto de Sousa, operadores estéticos. São artistas e filósofos a fazer músicas onde antes havia apenas ar, desenhos onde antes havia apenas papel, coreografias que emergem de corpos, páginas em branco de onde nascem estórias, cenários, figurinos...

Nesta fábrica, filósofos e artistas são operários do espanto a produzir devaneios onde antes não havia nada.

Aqui fabricam-se as ideias que adiam o fim do mundo, as utopias de resistência, os sonhos. Aqui criam-se os nomes para o que ainda não é visível e estimula-se a imaginação — essa competência humana que é a mais poderosa ferramenta da humanidade.



Tal como Alice, as crianças vivem a fantasia como aventura. Nas crianças, nem o corpo confinado se limita — pelo contrário, elas abrem portas! Perante o espanto o seu corpo expande-se; perante a dúvida dedicam-se sabiamente ao inútil; perante o vazio libertam-se.

Tal como Alice, as crianças (de todas as idades) transformam-se porque o incerto não as assusta e ali encontram um novo espaço para explorar.

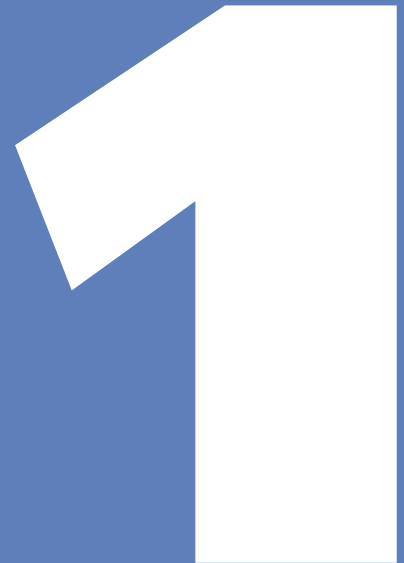
Tal como Alice, certas crianças não receiam nem o erro, nem o absurdo, nem mesmo a ignorância; enfrentam-nos com o poder do lúdico e da curiosidade.

Tantos de nós veem nas artes a possibilidade de se *indestinar* ou de recusar o que está predeterminado sem que isso seja um mal, mas antes a virtude de ser capaz de aceitar que é possível de dizer «Não!», questionar a convenção, imaginar outros gestos e ações, outros modos de organização da vida para além do comum.

As artes fabricam futuros, estimulam a curiosidade e a vontade de experimentar (sem angústias) e de ver na incerteza uma potência de criação. As artes, enquanto processos, são a matéria-prima para desenvolver a criatividade e a intuição com consciência do que se sente face ao outro, atento ao contexto e aos perigos da mesmidade.

Nesta sociedade educar para a criatividade e para a reflexão é preparar crianças e jovens para se relacionarem construtivamente com a complexidade. Hoje, eleger a sensibilidade estética e o pensamento crítico como competências essenciais para *saber estar no mundo* imaginativamente maduros é um posicionamento político que implica educar para a resiliência e para a diversidade. Cada vez mais é preciso ser capaz de ver para além da opacidade das portas, saber *atravessar espelhos*.

Neste lado do espelho o espanto acontece, a revolução acontece, a arte acontece — na Fábrica das Artes a vida confunde-se com o sonho.



MUNDOS DENTRO DE MUNDOS

TEXTO DE
MADALENA WALLENSTEIN

1

MUNDOS DENTRO DE MUNDOS



INSTALAÇÃO © MANUEL MOREIRA

MADALENA WALLENSTEIN
PROGRAMADORA E COORDENADORA
DO CCB / FÁBRICA DAS ARTES

À minha neta Alice, a criação que cruzou esta aventura.
Às Alices todas.
Ao Manuel Ruas Moreira, fabricante aliado na invenção
de coisas *im-possíveis* e que tanto nos falta.

Por Detrás da Cortina: labirintos de Alice reúne um conjunto de textos, ilustrações, fotografias e o documentário em sete episódios dos muitos autores e interlocutores que integraram a equipa do Ciclo *Festa de Desaniversário*, que se apresentou na programação do CCB/Fábrica das Artes no decorrer da temporada de 2021. Este ciclo tomou os clássicos de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, para cruzar a criação artística para Todas as Infâncias com a filosofia e, através deles, trazer para o jogo criativo as problemáticas que daí emergiram. Nesta edição encontramos ainda acesso a um conjunto de objetos digitais criados, produzidos e apresentados no âmbito deste ciclo. (Capítulo 14 pág. 369)

Num mundo impossível de levar a sério, a imaginação oferece-se como ponto de fuga ao confinamento; entre jogos de linguagem que consagram o absurdo e a formulação de perguntas verdadeiras que se repetem sempre; na alucinação da criação e do conhecimento e nas qualidades múltiplas do tempo, viajamos nelas; nas fronteiras do real, do estrangeiro e do político.

Esta publicação é um lugar de encontros, de aberturas recíprocas, de partilha mútua. Constrói-se na conjugação de muitas vozes e de registos diferentes trazidos por uma equipa de artistas multidisciplinar e multigeracional; por crianças e jovens que se constituíram como parceiros de pesquisa durante o processo de criação e como públicos durante a apresentação da programação; por uma equipa de especialistas em filosofia com crianças e experiência de pensamento, e pela própria equipa de programação do CCB/Fábrica das Artes.

A estranheza de Alice e o absurdo de Carroll ganharam um significado ainda abissal para toda a equipa quando todos fomos surpreendidos pela pandemia de COVID-19 no início de 2020, em pleno trabalho preparatório deste projeto. Olhámos de frente o abalo, a incerteza e a frustração que gerou, tanto na paisagem da cultura como na da educação. Contornámos as impossibilidades de estar juntos e em copresença. Identificámos todas as frechas e ocupámos

pontos de fuga. Entre cancelamentos e reagendamentos, à medida que as novas realidades se impunham, fomos insistindo, reconfigurando e inventando formatos que protegessem os artistas da sua condição laboral vulnerável e viabilizassem a realização de todos os eventos.

A COLEÇÃO DE EDIÇÕES DA FÁBRICA DAS ARTES

Por Detrás da Cortina: labirintos de Alice é o quarto volume da coleção de edições do CCB/Fábrica das Artes dedicada ao registo e reflexão partilhada sobre projetos de natureza curatorial em criação artística para **Todas as Infâncias** na área da programação, criação e receção em artes performativas.

A palavra «curatorial», curadoria, vocabulário da museologia e, hoje, das artes visuais também, assume neste contexto um sentido e um conjunto de funções e procedimentos específicos: da escolha temática, à constituição de equipas de artistas; da conceção de projeto e seus itinerários, à intersecção entre a dimensão artística, educativa, de mediação e participação dos públicos. Ou seja, desenhar contextos, acolher todos, partilhar visões e experiências, conduzir e cuidar dos detalhes que potenciem a criação dos artistas e experiências artísticas transformadoras dos públicos, assente no pressuposto que tudo isto decorre no seio de uma comunidade de conhecimento e criação intergeracional.

A primeira publicação desta coleção (2014), ***Se não havia, nada, como é que surgiu alguma coisa?***¹ cruzou a criação artística, infância e filosofia, propondo-se conhecer mais fundo o pensamento ontológico e metafísico da infância e

¹ Versão digital do livro *Se não havia nada, como surgiu alguma coisa?* (Nuno, 8 anos)
<https://www.ccb.pt/wp-content/uploads/2020/06/Livro-Se-naTo-havia.v3-copia.pdf>

² Livro/documentários disponíveis na bilheteira CCB:
<https://www.ccb.pt/produtosccb/raizes-da-curiosidade-tempo-de-ciencia-e-arte/>

a força das artes performativas como impulso lúdico e de concretização de um território de pensamento. A segunda publicação (2015). A segunda publicação (2015), ***Raízes da Curiosidade – tempo de ciência e arte***², foi baseada numa parceria com a Fundação Champalimaud e realizou uma experiência artística e científica de integração entre criação artística e neurociências, o que oferecia uma enorme vantagem aos neurocientistas: a de serem eles os cientistas do lugar onde a arte primeiro acontece. A terceira publicação (2016), ***Nós Todos Pensamos em Nós***³ – é um projeto de reprogramação de obras de criação em artes performativas para todas as infâncias, criadas e apresentadas ao longo dos sete anos anteriores. Tratou-se de dar uma segunda oportunidade à programação, a artistas e públicos, colocando foco nesses objetos artísticos, identificando linhas comuns no interior das suas diversidades, para (re)pensar, a partir de questões orientadoras, programação, criação artística, infâncias e públicos: Que arte é a arte da infância? Que espantos e curiosidades são aqui ativados? O que é um objeto artístico para todas as infâncias? Como pensam os artistas as infâncias dos públicos? Que infâncias se assumem na programação? O que é a dimensão educativa da programação?

Trata-se, pois, de um metaobjeto; um objeto pensável que teve como resultante, além do livro e da sua versão inglesa digital, um documentário realizado por Graça Castanheira comigo.

Por termos considerado fundamental oferecer ao leitor vias de entrada nos acontecimentos de pesquisa, criação e apresentação artísticas, começámos, a partir da segunda publicação, a integrar a produção de filmes-documentários sobre os itinerários percorridos na cadeia de acontecimentos. O registo escrito revelou-se insuficiente para refletir toda riqueza e complexidade dos eventos de natureza artística que se constituem como corpo deste campo de trabalho.

³ Livro disponível na bilheteira CCB https://www.ccb.pt/produtos_ccb/livro-e-documentario-nos-pensamos-todos-em-nos/ e documentário disponível https://www.ccb.pt/produtos_ccb/livro-e-documentario-nos-pensamos-todos-em-nos/



INSTALAÇÃO © MANUEL MOREIRA

Os quatro projetos laboratoriais que estas edições contemplam geraram-se no âmbito de uma das linhas de programação da Fábrica das Artes, iniciada em 2012⁴, que procurou responder à necessidade de contrariar a lógica veloz de uma programação de produção e apresentação de objetos artísticos, comum no quadro das instituições culturais, fixando espaços de suspensão. Abríamos, assim, tempos longos de residência artística para que, no interior dos seus próprios fluxos e impactos, pudéssemos pensar, conversar, experimentar, articular, refazer, escolher, criar, compreender e concretizar mais fundo e mais longe as relações entre arte e públicos.

O valor crescente atribuído aqui à dimensão temporal, enquanto um dos constituintes da experiência e da sua própria obstinação criativa, levou-nos a considerá-la e explorá-la no interior da nossa prática, a partir de um presente oferecido por Walter Kohan, filósofo da educação e das infâncias: a sua reflexão sobre as palavras que os gregos antigos tinham para se referirem ao tempo: diz-nos Kohan ser *chrónos*, no seu movimento imparável, implacável, um tempo quantitativo; *kairós* refere-se à assertividade, ao momento, à oportunidade e *aión* ao tempo intensivo, qualitativo, que é também o tempo de se perder a noção do tempo e da experiência artística. «... a infância transita por estas

⁴ Arquivo: <https://ccbfabricadasartes.blogspot.com/>

e outras formas perspectivas... ela é momento inicial, oportuno, intensivo... do pensar, da vida, do mundo» (Kohan). Acrescento à transição da infância por estas e outras formas perspectivas, a arte e também a programação, pela possibilidade de serem estes tempos todos também.

Nas residências artísticas encontramos tempos e espaços no qual pudéssemos, a partir do jogo lúdico da procura e das suas tentativas, fazer acontecer aprofundamentos dos conceitos lançados, novos formatos, novas ligações, hipóteses e formulações para as interrogações que dão corpo aos fundamentos, princípios, linhas estratégicas, eixos de ação, criação de conteúdos, linhas e rúbricas de programação, que foram também definindo e redefinindo o projeto do CCB/ Fábrica das Artes. Ou seja, inscrever na ação da programação de uma instituição cultural como o CCB, a *Desprogramação*, como, aliás, diria, Carroll. Revertem-se as variáveis, cria-se uma estrutura organizadora que lança temas e possíveis ligações, e viajamos juntos a partir dos contributos de todos e de cada um. Esperam-se bons encontros assentes na alteridade e que se regula a partir de processos de contaminação. Para criar estes contextos colaborativos, são convocados artistas, as suas práticas e propostas; crianças e jovens enquanto parceiros de pesquisa; e parcerias disciplinares que, na interceção entre vocabulários, linguagens, procedimentos e metodologias, nos abraze novos territórios por explorar e verificar.

Na sua continuidade, este espaço consolidou-se como plataforma de criação e pesquisa em práticas de programação artística, assumindo como premissa orientadora a articulação entre os três polos: programação, criação artística, receção e participação de públicos jovens, explorando a organicidade interativa entre estas três entidades, tendo conferido deste modo uma identidade particular a todo o trabalho do CCB/Fábrica das Artes.

Podemos, por isso, encontrar agora no *Por Detrás da Cortina: Labirintos de Alice* linhas de continuidade e de aprofundamento que atravessem os 15 anos de programação do CCB/Fábrica das Artes e que foram sustentadas por um conjunto de princípios e interrogações, procedimentos metodológicos e colaborações determinantes, que, julgo, ser necessário relevar aqui.



FRAME DA APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO SÃO HORAS DE JÁ POR ZOOM © MANUEL MOREIRA

IDENTIDADE (DES)PROGRAMÁTICA DA FÁBRICA DAS ARTES DO CCB

1. A programação do CCB/Fábrica das Artes assume-se no quadro do CCB enquanto elo entre a esfera do artístico, do social e do educativo. Cada um dos objetos artísticos da programação contém em si todos os caminhos que foram dar a eles e, a partir deles, podemos desenhar inúmeros itinerários para percorrer. Assim, desdobram-se formatos, que transitam entre espaços de fruição de espetáculos, ensaios, oficinas de experimentação, residências de criação artística, residências artísticas com os artistas da programação em escolas com as quais estabelecemos relações de continuidade, palestras com a equipa de programação e com os artistas, clubes de espectadores. Enfim, espaços de conversa, interpretação, diálogo e reflexão. Exploram-se todas as etapas do processo, expandem-se os territórios de intervenção procurando ultrapassar as *centralidades* do Centro Cultural de Belém. Abrem-se caminhos para todos os participantes, convida-se a entrar, trocam-se papéis, fundam-se parcerias férteis. A Desprogramação acontece ainda numa procura: não permitir encerrar-nos na dualidade processo-objeto, nem na fragmentação que a lógica do espetáculo traz. Nesta relação com os públicos aposta-se na circularidade, na continuidade, na permanência e na novidade, fabricando memória e pertença. Só assim se pode inscrever alguma coisa de permanente e estruturante que desperte curiosidades, nutra sensibilidades, ensine as linguagens e os vocabulários próprios das artes e opere novas ligações.

2. Estuda-se e investiga-se a infância e a sua profundidade política – o que é afinal a infância e qual o seu lugar e o seu corpo social, cultural, educativo. De que forma podemos configurar contextos de encontro e de participação que permitam estabelecer uma outra relação com as infâncias? Em que medida esses contextos permitem, pela dinâmica própria que propõem, operar transformações nesse seu lugar social, cultural e educativo? De que forma tomam as infâncias estas oportunidades para a sua própria descoberta e transformação? Que



© MANUEL MOREIRA

interferências poderíamos provocar na organização dos tempos e espaços das/nas instituições?

São identificáveis as coincidências das problemáticas da infância, da educação e da infância na cultura, alojadas nas óbvias e determinantes segmentações de públicos, na sua categorização e classificação, sujeitos à regulação oficial, que legitimam a perpetuação e reprodução social e cultural, que intimida e interdita acessos e misturas nos espaços socializadores da cultura, não sem sofrimentos simbólicos e marcos de exclusão. Este cerco às infâncias da cultura reforça-se do lado dos públicos porque a seleção das atividades culturais é operada pelos seus adultos - famílias e escolas - que pela demonstração das forças dos critérios de escolhas, perpetuam também cristalizações sobre o que deva ser uma programação cultural para crianças e jovens. Os adultos dos públicos jovens não podem, pois, ficar de fora desta equação nem da ação desta mediação subterrânea e invisível da programação. O procedimento essencial é escutar as infâncias quanto a estas problemáticas.

Escutar a infância é, em si mesmo, uma abertura à política. Se estão a ser ouvidos, estão a ter existência pública. Em latim, infância designa ausência de fala. *Infans* está formado por um prefixo privativo «in», privado de falar, incapaz de falar, o que não tem voz, portanto sem lugar na pólis (Kohan, 2003). A ideia de infância como categoria inferior, inacabada, frágil, menor, mas também portadora de perigos, foi o material moldável ao serviço da obra política na formação de cidadãos disciplinados e úteis.

O CCB/Fábrica das Artes assume o seu manifesto inicial de considerar a dimensão política de todas as infâncias e a sua relação com a indeterminação da criação artística da qual surge a novidade, onde o novo, o estranho e a subjetividade são possíveis. Trata-se de levar a sério a vida artística dos mais novos, tomá-la inteira, como completa em si, na sua luz e escuridão mais íntimas, tanto no divertimento como na abstração exigente, refletida na complexidade da criação artística contemporânea, ou seja, em diálogo com a vida e com o mundo agora, na força própria da dimensão crítica, estética e política da vida.

3. A ideia-chave «**Para todas as infâncias**» no Teatro é tomada enquanto moldura para pensar o mundo. Este plural é assumido como princípio crítico. A formulação **Para todas as infâncias** surgiu das propostas artísticas de Fernando Mota ao CCB/Fábrica das Artes e, em homenagem e por acordo, tornou-se no subtítulo do CCB/Fábrica das Artes e da demanda investigativa em práticas artísticas do nosso projeto de programação. Ela traz em si uma condição política subtilmente subversiva, fortemente interrogativa: propõe-se atravessar os muros da categorização que separam crianças, jovens e adultos. Partindo da própria prática de programação e criação, procuramos inscrever no interior deste lugar um plano comum a todos os espectadores na sala, um Nós, ativando um sentido de pertença a uma comunidade que se reúne à volta de uma experiência artística vital. Ao invés de recorrer a critérios etários, explora-se a instabilidade da infância em nós, em todas as idades, para ativar ecos de outros tempos, de devir-criança, de devir-artista, a busca de inícios e reinícios de vida, de desejos livres, considerando também vulnerabilidades.

Afinal, pode alguém crescer e não ser de uma qualquer infância?

Exploram-se as potências desses encontros inscritos num espaço relacional marcado pela horizontalidade, como modo de acentuar o valor igualitário das inteligências e curiosidades presentes. O mundo infantil revela-se aqui, e não só. Autonomiza-se na descoberta e na experiência de si mesmo e usa estas novas propostas para a sua vida e para a sua transformação. Ao autorizar a infância a um universo temático que normalmente lhe é vedado, ou partindo de um universo temático que habita o imaginário coletivo e que, em princípio, parece ser para ela, como é o caso de Alice, estamos a redistribuir relações de poder e a propor inscrever uma comunidade de iguais e de simultâneos, porque a simultaneidade das vozes é que é a assembleia. Esta comunidade constrói-se, não por critérios etários, mas a partir da vivência de uma experiência sensível comum que agrega muitas idades em redor de um objeto artístico contemporâneo - uma arte vital que não separa a arte e a vida.

Tomamos o espaço do Teatro, no sentido do que nos é comum, de uma pólis, e como moldura, para pensar hoje em escuta e diálogo com os nossos públicos jovens, a democracia e as suas ressonâncias. Um lugar que se pode e deve assumir

hoje como lugar de educação e de participação política. O teatro como lugar da copresença que ganha uma força superlativa por oposição às redes «sociais» que propõem a interrupção dessas interações constantes entre ausentes recíprocos.

4. A partir de um propósito comum, a aliança disciplinar da criação artística com a filosofia com crianças e experiências de pensamento mantém uma interação em que se cultivam contextos de comunicação. Ambas procuram emancipar as infâncias de uma concepção hegemónica e escolarizada que assenta na adequação, na integração, na norma e no estereótipo. A criação artística e a prática da filosofia democrática oferecem-nos processos ativadores de uma prática coletiva de diálogo e reflexão a partir de objetos e experiências artísticas vividas. Esses processos são promovidos através de múltiplas diversidades em movimento, confluências e cruzamentos e mantidos de forma plural a partir das próprias experiências vividas. Visando desenvolver, para além das capacidades de raciocínio e do pensamento (lógica, por exemplo), a formulação de perguntas, as capacidades de verbalização, assim como as capacidades conceptuais, de tradução, e as sociais e interpessoais. A filosofia com crianças requer uma atenção incisiva às operações mentais, encontrando mecanismos de subtração dos diferenciais etários e de linguagem e incrementando o pensamento crítico e autónomo, no âmbito de uma comunidade de investigação (Dina Mendonça, 2011). Esta aliança fundamental tem vindo a ser aprofundada no CCB/Fábrica das Artes há já mais de uma década, e tem-se relacionado não só com a dimensão dos públicos como também com a dimensão da criação artística. Revela-se especialmente quando traz profundidade ao levantamento de conceitos em momentos específicos dos processos de criação artística e quando contribui para a leitura dos objetos artísticos em momentos de ensaio e de concretização e materialização artísticas. Penso que esta aliança pode fazer acontecer a explosão do mundo, da educação, da arte e da infância e agenciar reinícios de vida mais instigantes para uma educação mais investigativa e vidas mais artísticas e com capacidade de pensar.

Reunimos no ciclo *Festa de Desaniversário* todos os que atravessaram este tempo e muitas aventuras de criação artística e de pensamento: Walter Khoan, Rita Pedro, Dina Mendonça e Magda Costa Carvalho, cuja participação irei referir mais à frente no texto.



INSTALAÇÃO © MANUEL MOREIRA

5. *Novos criadores das Infâncias* é uma rúbrica de programação que abre a jovens artistas ou artistas que se encontram pela primeira vez com a criação e infância para que pensem connosco e procurem por si os caminhos de continuidade e mudança do trabalho de programação para todas as infâncias que temos vindo a fazer. Convocámos ainda a cumplicidade de um criador artístico que connosco tenha já cruzado a sua experiência nas áreas da criação, da mediação e da intervenção artística, cultural e educativa, para dinamizar e apoiar os percursos de Novos Criadores das Infâncias. No ciclo *Festa de Desaniversário* foi a Maria Gil do Teatro do Silêncio que assumiu essa tarefa, uma vez que este ciclo partiu de *Paradoxos de Alice*, projeto de espetáculo apresentado pelo Teatro do Silêncio ao CCB/Fábrica das Artes para coprodução. O projeto trazia em si uma relação estreita entre a criação artística e a filosofia, universo que tínhamos juntas explorado em 2012 e que resultou na primeira edição CCB/Fábrica das Artes, *Se não havia nada, como é que surgiu alguma*

coisa? (Nuno, 8 anos). Propus então à Maria Gil que o tema fosse declinado para a nossa rúbrica de programação *Novos Criadores das Infâncias 2021*.

6. Desde 2012 que Maria Gil do Teatro do Silêncio tem colaborado regularmente com o CCB/Fábrica das Artes, numa relação implicada, cúmplice, generosa e profunda em diversos projetos de pesquisa e experimentação artísticas, a saber: *Se não havia nada, como surgiu alguma coisa?*; *Raízes da Curiosidade – tempo de ciência e arte*; *Oficina de Democracia*; ciclo *Festa de Desaniversário*. Esta parceria, assente em interesses comuns, tem vindo a ser determinante para o trabalho do CCB/Fábrica das Artes pela força, profundidade e qualidade que a Maria Gil nos tem oferecido no que diz respeito à realização artística de obras de carácter experimental, processos colaborativos, metodologias criativas, à criação de textos originais, ao seu interesse por relações próximas e íntimas com os públicos, à exploração de espaços performativos não convencionais, à exploração de projetos transdisciplinares, e ao seu interesse e experiência pelos públicos jovens e projetos educativos.

7. O observatório – ver o Espetáculo do Espetáculo é, para mim, um procedimento fundamental (e apaixonante) para a pesquisa e trabalho do CCB/Fábrica das Artes. Acompanhar cada evento, por natureza irrepitível, desde a chegada à saída do público, no decorrer do acontecimento artístico, nas conversas pós--experiência artística; observar, na simultaneidade das dinâmicas artísticas do espetáculo com a ativação da implicação individual e transmissão coletiva dos espectadores, ou seja, como, quando e porquê a arte lhes acontece, permite estabelecer a ligação e retro informação que nos faz permanecer na profundidade e no detalhe que este trabalho de natureza laboratorial exige. Está aqui, talvez, o lugar privilegiado e invisível de realização da curadora/programadora.



LABIRINTOS DE ALICE NO CICLO FESTA DE DESANIVERSÁRIO

Quando a programação do ciclo *Festa de Desaniversário* é consultada, ficamos com a sensação de estarmos perante o seu aspeto múltiplo e não linear da programação que está em sintonia com o universo labiríntico, imaginativo e absurdo de Carroll. Os jogos de inversão de Alice podem coincidir com o pensamento rizomático, múltiplo, tateante, divergente, mas também rigoroso, geométrico, técnico, que opera no próprio pensar artístico. Esta programação é um jogo de espelhos em homenagem a Carroll e um hino à imaginação enquanto fuga e invenção de mundos novos e nossos. Trata-se de um conjunto de propostas artísticas que deram corpo a este objeto programático múltiplo, o ciclo *Festa de Desaniversário*.

Neste texto procuro oferecer ao leitor instrumentos para compreender e acompanhar o mapa conceptual que aqui se desenhou; uma espécie de GPS na *geoprogramação* curatorial desta experiência: os seus fundamentos, a equipa que mutuamente se contaminou e transitou pelos diferentes objetos, os eixos de ação principais e as dinâmicas e fluxos que se geraram neste itinerário labiríntico. O objetivo é não só trazer a perspetiva da curadoria e a experiência de coordenar esta multiplicidade, mas, sobretudo, que este texto confira unidade e sustentação a este livro-documentário, que é composto por um conjunto de textos, também eles múltiplos, dos autores, de diversos campos de conhecimento e que integraram esta equipa de criação.

Esta história começa em junho de 2019 quando a Maria Gil do Teatro do Silêncio se reuniu comigo no CCB/Fábrica das Artes para apresentar o seu novo projeto de criação do espetáculo *Paradoxos de Alice*, que retomava as relações entre criação artística e filosofia. Vivia-se na FA os *politempos* que a programação e coordenação de equipa exige. Enquanto na equipa do CCB/Fábrica das Artes trabalhávamos nos detalhes de atividade para a concretização do programa da temporada que se iniciava em setembro de 2019 e decorria até julho 2020, em simultâneo, começava a reunir propostas e ideias para iniciar a conceção da programação para a temporada de 2020/2021.

Deslocando-se, obviamente, de qualquer estereótipo e simplificação que o antigo universo Disney ajudou a consolidar no imaginário coletivo durante muitas gerações, o projeto *Paradoxos de Alice* interessou-me muito também pela pesquisa da Maria Gil sobre os paradoxos que Alice contém. Interessou-me a equipa e a abordagem que ela propunha, uma abordagem que não pretendia colocar em cena o texto original de Alice, tal como a Maria Gil explica no seu texto-entrevista (ver pág. 85).

Concordamos que seria um espetáculo para ser apresentado no Pequeno Auditório do CCB.

Detetei imediatamente o potencial da ideia de desdobrar a temática num laboratório de pesquisa em criação artística para públicos jovens no âmbito da rubrica de programação Novos Criadores das Infâncias, rubrica que apresentei já na primeira parte deste texto. Várias coisas a conjugar estavam aqui garantidas: o imaginário multigeracional da Alice de Carroll, as capacidades particulares da Maria Gil para conduzir artisticamente um coletivo, a cumplicidade que nos une nos posicionamentos e possibilidades de integração em experiências de arte e educação, reforçada pela relação com a filosofia e a experiência de pensamento já longa na nossa história; além da parceria indispensável para pensar a curadoria *ainda em falta* no quadro do CCB/Fábrica das Artes. Propus, então, à Maria, desenhar um ciclo programático que assumia como centro o seu projeto *Paradoxos de Alice*, mas cuja temática se deslocava para um segundo núcleo programático, a apresentar no espaço do CCB/Fábrica das Artes, no qual seriam explorados outros formatos e outros propósitos. A Maria aceitou.

Para lançar um movimento inicial, um espaço comum, um território de pensamento e o contexto para este laboratório, o desenho de programa que propus integrava:

— A criação de uma instalação com cenografia que permitisse conduzir os públicos pela experiência de cair na toca do Coelho, interagindo com elementos cénicos e sonoros a partir de jogos diversos propostos aos participantes a partir de um livrinho exploratório de viagem, tornando os públicos, assim,

protagonistas da sua própria experiência. Esta instalação seria criada para os espaços específicos do CCB/Fábrica das Artes e permaneceria aberta durante todo o ciclo, dirigida a grupos escolares e ao público de fim de semana.

— A criação de quatro espetáculos de aproximadamente 40 minutos, criados e apresentados por uma dupla de atores, cada um deles distintos pela distribuição de personagens e temáticas a explorar e direcionados para um determinado público-alvo (+ de 3 anos, + de 6 anos, + de 8 anos, + de 12 anos), a decidir a distribuição com a equipa e a serem apresentados no interior da própria instalação. Isto significa que a instalação enquanto objeto se interrompe para se tornar cenário destes espetáculos íntimos e minimalistas. Pretende-se explorar a presença de uma questão mais essencial e a significação do lugar da cena.

— No sentido de continuar a aprofundar a relação da criação artística com a filosofia com crianças e experiências de pensamento, naturalmente ligada ao material que Lewis Carroll nos oferece, propusemos que cada dupla trabalhasse com um especialista em filosofia com crianças durante todo o processo. Este processo inicia-se numa residência de criação artística coletiva, com a duração de duas semanas. No interior da sua estrutura desenha-se um conjunto de ativadores, que alternam entre espaços diversos: momentos coletivos; momentos de processo de criação de cada um destes objetos; momentos de partilha e debate entre a equipa; a preparação da condução das conversas pós-espetáculo com os públicos; até à abertura de momentos, mesmo numa fase inicial de criação, para a sua apresentação a crianças convidadas, que de seguida dão os seus contributos reflexivos. Este último procedimento tem o efeito de desconstruir pré-conceitos sobre o que é o ser das crianças agora e da descoberta da sua inteligência própria. Do lado das crianças, trata-se de um momento fortemente educativo sobre o que sejam as práticas artísticas e do seu lugar nelas. Normalmente, este acontecimento interfere no modo como cada um captura essa presença da infância e, essa experiência age com muita força na própria criação.

A curadoria em *falta* de que falo atrás expressa-se, por exemplo, na novidade da proposta de criação deste objeto simbiótico teatro-filosofia, interferindo na

sustentação da concetualização artística e, por outro lado, fazendo artistas e públicos no mesmo espaço transitar de uma experiência de fruição artística para uma experiência de pensamento. A hipótese é que este seria um objeto artístico novo e promissor na revelação de inúmeras profundidades em muitas direções, mas sobretudo no encontro dos artistas com a inteligência das infâncias.

Às conversas pós-espetáculo que convoca os públicos dei o nome de rodas de pensamento, inspirada pela ideia de roda de samba.

— Previ ainda que a rúbrica regular da nossa programação, de formações para adultos – artistas, educadores, mediadores, professores, pais e curiosos, Encontros-Formação - fosse preparada e dinamizada com os quatro especialistas em filosofia com crianças que convidei para integrar a equipa - Dina Mendonça (Universidade Nova), Magda Costa Carvalho (Universidade dos Açores/NICA), Rita Pedro e Walter Kohan (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ) e ainda, Dora Batalim, especialista em literatura e leitura.

A Maria Gil e eu seguimos para o verão com o próximo encontro de planeamento para o fim do outono de 2019 já com esta escultura programática, ou seja, uma futura sedimentação curatorial, em cima da mesa. A teia de ligações em germinação ficou, pois, a burilar:

CICLO FESTA DE DESANIVERSÁRIO

◆ **PARADOXOS
DE ALICE**
TEATRO DO SILÊNCIO

◆ **INSTALAÇÃO
DO OUTRO LADO
DA TOCA**

◆ **QUATRO ESPETÁCULOS
TEATRO-FILOSOFIA.
CADA ESPETÁCULO FORMADO
POR DUPLAS DE ATORES
COM UM ESPECIALISTA
EM FILOSOFIA DEMOCRÁTICA
E EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO**

◆ **UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO
PARA ARTISTAS, MEDIADORES,
EDUCADORES, PROFESSORES,
PAIS E CURIOSOS**



INSTALAÇÃO © MANUEL MOREIRA

A EQUIPA

Assim foi: a Maria Gil e eu, já com o outono a avançar para o fim do ano de 2019, trabalhámos na constituição da equipa que reunimos a partir de convites:

Para a instalação escolhemos a ilustradora e realizadora de cinema de animação Beatriz Bagulho, que tinha desde adolescente colaborado com o CCB/Fábrica das Artes em diversos projetos, a cenógrafa e adrecista Madalena Castro e, para a criação e produção têxtil, a *designer* têxtil Alice Albergaria Borges. O livrinho de atividades da instalação, pensado pelas BAM (como se autodenominam), foi ilustrado e paginado pela Beatriz Bagulho (ver pág. 421).

Além da instalação, pedimos-lhes que integrassem no seu trabalho a criação de figurinos e adereços dos quatro espetáculos. Com amizades e percursos escolares comuns, que tinham culminado na Escola Artística António Arroio, a Beatriz e a Alice tinham acabado recentemente os seus cursos superiores em Inglaterra e a Madalena encontrava-se a estudar cenografia em Berlim. O reencontro prometia já uma dinâmica vibrante, o que se verificou imediatamente na leitura do *dossier* de pesquisa que trouxeram para apresentação das suas propostas. Um trabalho exemplar na sua consistência.

Para os quatro espetáculos escolhemos um grupo de oito atores/*performers* entre os 20 e os 30 anos, muitos já com as suas jovens companhias e percursos artísticos visíveis, com algum ou nenhum contacto com públicos jovens, desafiando-os a serem aqui criadores: Bernardo Souto, Catarina Rôlo Salgueiro, Cirila Bossuet, Isabel Costa, José Leite, Miguel Amorim, Vasco Batista e Raquel Oliveira.

Para a música e sonoplastia escolhemos o **Conjunto Cuca Monga**, editora de discos e coletivo de bandas e artistas. Fundado a partir de amizades fortes, este coletivo é um projeto artístico fascinante que se junta para tocar em palco músicas das várias bandas que os constituem. Com um discurso musical inconfundível, um sentido teatral ímpar e uma experiência de gravação forte. Numa temporada passada, tinha já medido o impacto junto dos públicos jovens numa rúbrica de programação do CCB/Fábrica das Artes de aproximação a diversos estilos musicais, *Música para Ti – MiniConcertos*. Na equipa criativa ficou Fernão Biu e Diogo Rodrigues.

Preparámos a segunda etapa do projeto, definindo um cronograma que previa uma cadeia de ações e dinâmicas, com o objetivo final de chegarmos a abril de 2020 com as duplas definidas, temas e personagens distribuídos, materiais inspiradores partilhados, de modo a calendarizar, construir orçamento e pedir a todas as pessoas que produzissem sinopses e imagens para o programa que organizávamos, a ser aprovado internamente e entregue em maio às equipas de comunicação do CCB. Encomendámos à Beatriz Bagulho as ilustrações para o programa.

Previmos que a residência artística inicial do processo criativo, de duas semanas, com toda a equipa, se realizasse no verão de 2020.

Como rampa de lançamento organizei um encontro-jantar em minha casa para apresentar o projeto, a equipa se conhecer e partilharmos livros e imagens enquanto referências. O jantar ainda aconteceu, com visível entusiasmo de todas as pessoas.

Tínhamos, pois, equipa e estava apresentada a escultura curatorial que confere coerência ao todo e liberdade às partes.

Mas no dia 13 de março de 2020 a pandemia de COVID-19 confirmou-se e o primeiro confinamento foi decretado. Talvez, por isso, a primeira ilustração da Beatriz a ser-nos apresentada foi esta:



O MUNDO DO OUTRO LADO DO ESPELHO



© MANUEL MOREIRA

*Estranho, estranho... estranhosíssimo! Não mais o alto oposto ao baixo!
A direita oposta à esquerda! O grande distinto do pequeno!
O passado como contrário do futuro!*

(Citado em *Paradoxos de Alice*)

A pandemia atingiu o valor mais precioso que sustenta o sentido e os modos de viver, nas artes, na educação, nas culturas – estarmos juntos, artistas entre si e com os públicos, em copresença nos seus espaços todos. Programação e imprevisibilidade são como azeite e água. E foi justamente necessário convocar em nós e em todas as pessoas forças opostas a isso.

A pandemia determinou o modo como passaram a acontecer os processos de trabalho, inclusivamente o número de espectadores que seria possível acolher nas salas. Por exemplo, no espaço da FA, onde a instalação e espetáculos-debates decorreriam, só podíamos receber dez pessoas de cada vez, a contar com as equipas. Este número não era sequer suficiente para juntar nem equipa criativa, nem equipa técnica. Os ensaios e montagens sujeitaram-se a novas estratégias — quantos, como e onde nos encontrávamos.

A plataforma Zoom instalou-se e vivíamos todas as interações literalmente atrás deste espelho, enfiados nas nossas tocas. Exasperados para encontrar formas de viabilizar o programa, foi preciso repensar os meios de fazer chegar aos públicos os espetáculos, oficinas, formações, etc., continuar a oferecer atividades aos públicos que se encontravam ávidos de poesia e de propostas, não descontinuar as relações com as escolas que foram fixadas no decorrer de anos de trabalho e, sobretudo, apoiar o tecido artístico, garantido que as propostas se realizavam. A política portuguesa, cosmopolita e europeia, no decorrer do seu processo democrático, não preparou a sustentabilidade social deste grupo profissional e a pandemia teve um efeito revelador, dramático e revoltante.

Fui levando para as reuniões de programação propostas de reconfiguração do programa, incluindo formatos digitais. No CCB tínhamos necessidade de gerar esses conteúdos e eram necessários novos equipamentos técnicos. Propus, assim, refazer todo o programa da temporada e o respetivo orçamento. Cancelámos os espetáculos internacionais e adiámos algumas das propostas nacionais.

A equipa da FA, constituída então pela Filomena Rosa (relação com públicos), Helena Maia (produção) e Manuel Moreira (comunicação e mediação), trabalhou acrobaticamente para esta demanda.



FOTOGRAFIAS DE © MANUEL MOREIRA

O nosso Manel, que, entretanto, nos deixou prematuramente em dezembro de 2022, era especialista em comunicação social. No entanto, tinha a capacidade e a curiosidade de se relacionar criativamente com todos os aspetos da nossa atividade, artísticos e técnicos. E tinha ainda uma relação curiosa e ágil com o digital. Por isso, desafiei-o a pensarmos a viabilidade técnica para suportar digitalmente uma programação assente em dois ciclos temáticos: a reposição da exposição *No fundo Portugal É Mar* e o ciclo *Festa de Desaniversário*.

O Manuel tratou da produção de uma visita virtual, disponível aqui — <https://www.ccb.pt/no-fundo-portugal-e-mar-visita-virtual/> — e que se declinou para um conjunto de outras propostas digitais.

Debruçados sobre a Alice, lancei-lhe a ideia de fundarmos um canal de **Teatro Zoomófilo**, que sustentasse a possibilidade de lançar aos atores um desafio exigente para que criassem um objeto que, conforme a situação pandémica se apresentasse, pudesse transitar do palco para a rua ou para este canal. Por essa razão, passámos a nomeá-los como espetáculos portáteis vagabundos. Foi um enorme desafio para as equipas, especialmente para os artistas, mas também para todas as equipas do CCB, que ora cancelava, ora reprogramava a atividade. Esta foi a possibilidade encontrada para confrontar a imprevisibilidade.

Foi possível concretizar este canal e também possível contar com a disponibilidade dos artistas e da equipa técnica. No caso do Teatro Zoomófilo, o Manuel Moreira ocupou-se de coordenar tudo tecnicamente. Ocupou-se da câmara e de acompanhar as remarcações das cenas, pensando com os atores e atrizes as aproximações à câmara, de modo a explorar a proximidade e intimidade que contrariasse um certo teatro filmado à distância, destruidor da experiência de encontro dos públicos com ele. Tomou conta ainda das condições técnicas de receção de imagem e de som junto das escolas, indo ao local verificar com os professores envolvidos todos os detalhes, o que foi uma verdadeira peripécia, como se pode imaginar, pelos os espaços quase sempre arquitetonicamente «hospitales» e condições técnicas parcas.

Neste livro, podemos ler a entrevista do Manuel Moreira, já depois da programação ter sido apresentada, feita por Zoom, e que eu própria transcrevi.



© MANUEL MOREIRA

Repensei com a Maria o desenho do projeto, explorando transferências e desdobramentos para suportes digitais:

Mantivemos a estrutura programática inicial da instalação e dos quatro espetáculos no formato portátil e vagabundo. Como já referi, esta estrutura partiu do desafio aos atores e atrizes, aderecistas, figurinistas e músicos para pensar um objeto que, conforme as circunstâncias, se poderia adaptar a diferentes espaços: uma Black Box com todos os recursos técnicos, um jardim, o recreio na escola ou o teatro zoomófilo.

Como pudemos assistir logo no primeiro episódio do documentário (ver pág. 373), as reuniões com toda a equipa passaram a acontecer por Zoom. Foi nesta plataforma que entrevistámos cada um dos atores e atrizes e foi a partir destas entrevistas que foram estabelecidas as duplas de atores e atrizes, a distribuição de personagens e de eixos temáticos que os/as lançavam para as suas explorações e percursos criativos: **Dois Ovos Irmãos** de Bernardo Souto e Miguel Amorim (ver pág. 371) + Rita Pedro; **Quem és tu?** de José Leite e Raquel Oliveira (ver pág. 225) + Walter Kohan (ver pág. 261); **São Horas de Já** de Catarina Rôlo Salgueiro e Vasco Batista (ver pág. 323) + Magda Costa Carvalho (ver pág. 347) e **Não Me Calo** de Cirila Bossuet e Isabel Costa (ver pág. 287) + Dina Mendonça (ver pág. 309).



RESIDÊNCIAS © MANUEL MOREIRA

A RESIDÊNCIA «O CORPO É A NOSSA CASA»

A residência foi concebida e conduzida pela Maria Gil. A organização dos espaços durante os 15 dias de residência decorridos em agosto de 2020 com toda a equipa exigiu uma organização incrível de tempos e espaços: reuniões com todas as pessoas no espaço exterior no Jardim das Oliveiras e sessões de aquecimento; pequenos grupos distribuídos pelas salas do CCB/Fábrica das Artes; momentos de partilha coletiva em momentos específicos do processo criativo por Zoom, embora, na realidade, estivéssemos todos no CCB/Fábrica das Artes; e as apresentações e debates com as crianças dos Açores e do Brasil e os especialistas em filosofia com crianças.

Neste plano inicial da residência que apresento aqui, desenhado pela Maria Gil, abriram-se ainda espaços para uma sessão presencial de filosofia com Dina Mendonça e as sessões de ensaios abertos e debate com as crianças dos Açores e Brasil por Zoom (ver episódio 4 – *As novas crianças*, ver pág. 376)

Plano de trabalho - residência "O corpo é a nossa casa"

| 17 a 21 Ago | | 2i**** | 3i | 4i |
|---|---|--------|--|--|
| 10h>11h | Chegada Maria Gil | | Aquecimento Dupla Crila + Isabel | Aquecimento Cuca Monga |
| 11h>12h | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga | | Trabalho duplas/instalação* | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga |
| 12h>13h | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga | | Trabalho duplas/instalação* | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga |
| 13h>14h | Pausa Almoço | | Pausa Almoço | Pausa Almoço |
| 14h>15h | Zoom Walter Kohan | | Trabalho duplas c/ trio instalação | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga |
| 15h>16h | Zoom Walter Kohan | | Trabalho duplas c/ trio instalação | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga |
| 16h>17h | Fecho/debate Maria Gil** | | Fecho Maria Gil** | Fecho Maria Gil** |
| 24 a 26 Ago | | 2i | 3i | 4i**** |
| 10h>11h | Aquecimento Trio Instalação | | Aquecimento Leonor Keil | Aquecimento Leonor Keil |
| 11h>12h | Trabalho duplas/instalação* | | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga | Trabalho duplas/instalação* |
| 12h>13h | Trabalho duplas/instalação* | | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga | Trabalho duplas/instalação* |
| 13h>14h | Pausa Almoço | | Pausa Almoço | Pausa Almoço |
| 14h>15h | Trabalho duplas/instalação c/ Pedro Silva | | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga | Zoom W. Kohan c/ apresentações |
| 15h>16h | Trabalho duplas/instalação c/ Pedro Silva | | Trabalho duplas/instalação c/ Cuca Monga | Zoom W. Kohan c/ apresentações |
| 16h>17h | Fecho Maria Gil** | | Fecho Maria Gil** | Fecho/debate Maria Gil** |
| * Trabalho duplas/instalação é sempre acompanhado pela presença de Maria Gil e nos dias 25, 26 e 27 por Maria Gil e Leonor Keil | | | | |
| ** Exercício de fecho do dia e continuação dos debates iniciados nessa tarde | | | | |
| *** Com presença da equipa Game Dev Técnico (Diogo Rato, André Antunes, Pedro Soares e Sofia Santos) | | | | |
| **** Com a presença da equipa de filmagens (António Mendes e João Estrada) | | | | |

| 5i | 6i**** |
|--|---------------------------------------|
| Aquecimento Dupla Catarina + Vasco | Aquecimento Dupla José + Raquel |
| Trabalho duplas/instalação c/ Pedro Silva | Trabalho duplas/instalação* |
| Trabalho duplas/instalação c/ Pedro Silva | Trabalho duplas/instalação* |
| Pausa Almoço | Pausa Almoço |
| Trabalho duplas/instalação | Zoom Crianças Açores c/ apresentações |
| Trabalho duplas/instalação | Zoom Crianças Açores c/ apresentações |
| Fecho/debate Maria Gil** | Fecho/debate Maria Gil** |
| 5i**** | 6i**** |
| Aquecimento Dupla Bernardo + Miguel | Aquecimento Leonor Keil |
| Trabalho duplas/instalação c/ equipa VJogi | Trabalho duplas/instalação* |
| Trabalho duplas/instalação c/ equipa VJogi | Trabalho duplas/instalação* |
| Pausa Almoço | Pausa Almoço |
| Trabalho duplas/instalação c/ Pedro Silva | Apresentações duplas + instalação |
| Trabalho duplas/instalação c/ Pedro Silva | Apresentações duplas + instalação |
| Fecho Maria Gil** | Fecho Maria Gil** |
| | |
| | |
| | |
| | |

Esta foi uma experiência inesquecível pela sua intensidade e por nos termos permitido viver uma tal experiência criativa conjunta que nos focou na força de um coletivo, enquanto o isolamento e a paralisia era lamento da maioria.

DO OUTRO LADO DO ESPELHO – PROGRAMAÇÃO DIGITAL

Abrimos uma nova rúbrica de programação digital, ***Do Outro Lado do Espelho*** (ver capítulo 14, pág. 369). A portabilidade da criação em artes performativas para o digital tencionava explorar questões sobre efemeridade e copresença, a eficácia e a legitimidade destes formatos. Este exercício constituiu-se como intelectualmente estimulante e eticamente desafiante.

O videasta António Mendes filmou todo o processo. Decidimos produzir este *making of*, **livro-documentário *Por detrás da Cortina – Labirintos de Alice***. O António Mendes e a sua equipa captaram horas e horas em todas as fases deste processo, desde as reuniões de trabalho por Zoom, residências artísticas, encontros com crianças, parcerias de reflexão, fases de materialização artística de todas as disciplinas, apresentação de espetáculos. Esse enorme trabalho resultou neste documentário dividido em sete episódios que permitem agora ao leitor entrar em todos os acontecimentos e nos seus detalhes (ver pág. 371): Episódio 1: *Nascimento*, Episódio 2: *Residência*, Episódio 3: *Crescimento*, Episódio 4: *As Novas Crianças*, Episódio 5: *Música*, Episódio 6: *Figurinos*, Episódio 7: *Instalação*.

Indagações de Alice – são entrevistas em vídeo realizadas pela equipa de António Mendes. Desafiámos as duplas de atores e atrizes a prepararem entrevistas a quatro especialistas de vários campos de conhecimento que se relacionavam com este universo e que poderiam enriquecer o processo criativo, a serem posteriormente disponibilizadas no âmbito deste programa digital: Margarida Vale de Gato (tradutora de Alice), Yasser Omar (professor e investigador de física quântica do Instituto Superior Técnico), Vasco Jesus (matemático) e Walter Kohan (professor de Filosofia da Educação e da Infância).

Desafiámos o Conjunto Cuca Monga a criar um **Audiolivro – *Alice por Cuca Monga***, com uma edição especial de *Alice no País das Maravilhas* e de *Alice do Outro Lado do Espelho*, interpretada pela equipa e com música e sonoplastia original, que foi sendo lançada na plataforma Spotify durante todo o ciclo (ver pág. 385). No sentido de criar um «gémeo digital» da instalação, estabelece-

mos também uma parceria com um projeto de criação de jogos do Instituto Superior Técnico, o **GameDev Técnico. Do Outro Lado da Toca – O Vídeo Jogo**, uma aplicação para plataformas móveis, teve apoio do Plano Nacional das Artes. Neste projeto, o trabalho da Beatriz Bagulho e do Conjunto Cuca Monga garantiram a portabilidade estética da instalação para o jogo.

Filminhos Paradoxos – Curtas-Metragens do Teatro do Silêncio é uma série de oito curtas-metragens realizadas por Beatriz Bagulho com António Mendes. Estes filminhos resultam igualmente da urgência de inventar um suporte que garantisse a realização do projeto *Paradoxos de Alice*, caso a pandemia inviabilizasse a realização do espetáculo. Na realidade, o espetáculo teve de ser reagendado. É muito interessante para mim identificar que estes filminhos corporizaram contaminações no interior dos princípios colaborativos fixados e que geram encantamentos e paixões mútuas entre pessoas que não se conheciam. Esses movimentos levaram a Maria Gil a convidar a Beatriz Bagulho e o António Mendes a integrar a equipa de realização destes filminhos. Por outro lado, é de referir que a contaminação foi explorada pela Maria Gil também na encenação do próprio espetáculo (ver pág. 401).

O programa Encontros-Formação reconfigurou-se numa oferta interessante e extensa, com um conjunto de propostas em regime *online* (síncrono e assíncrono). Todo o processo de creditação

e acompanhamento das sessões foi conduzido por Catarina Gouveia, especialista na área de formação de adultos.

Festa de desencerramento – festival de rua que agregou a programação num festival de rua

Projetámos na programação para julho de 2021, acreditando que seria já possível voltarmos aos nossos modos de vida anteriores à pandemia, a *Festa de Desaniversário – Encerramento*. Este micro festival reuniu toda a equipa em dois dias, apresentando os quatro espetáculos com rodas de pensamento no Jardim das Oliveiras, a instalação *Do Outro Lado da Toca* e um Concerto de Encerramento do Conjunto Cuca Monga – *Fim do Desaniversário* na Praça CCB (ver capítulo 5, pág. 199).

Este festival foi realizado nos dias 3 e 4 julho de 2021, mas os adiamentos de espetáculos duraram até ao final do ano de 2021. Por essa razão, a estreia de três dos espetáculos previstos ainda integram a temporada de 2021/2022: só em novembro estrearam ***Paradoxos de Alice***, do Teatro do Silêncio, no Pequeno Auditório do CCB, ***São Horas de Já***, de Catarina Rôlo Salgueiro e Vasco Batista, e ***Não Me Calo***, de Cirila Bossuet e Isabel Costa, na Black Box.

Página 69 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário



ILUSTRAÇÃO DE **BEATRIZ BAGULHO** A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

FORMAÇÕES EM REGIME ONLINE (SÍNCRONO E ASSÍNCRONO) E/OU PRESENCIAL

ENCONTROS — FORMAÇÃO

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

Posso voltar?

***Posso ter isto mais vezes, em mais dias da minha vida, a pensar, a discutir, a filosofar?*¹**

A Fábrica das Artes do CCB tem vindo, desde 2012, a agenciar encontros entre os campos da criação artística para «todas as infâncias» e a filosofia com crianças, na convicção de que espaços laboratoriais de pesquisa e criação transversais nos permitem desviar dos fundamentos da categorização inquestionável com que fomos habituados a perspetivar a infância.

Conduzidos pela escuta e pelo princípio da contaminação, explorando os espaços «Entre», somos convidados a ponderar outros possíveis; novos territórios, nos quais se esbatem fronteiras entre arte, filosofia e educação e se experimentam outras relações com as infâncias. Talvez o papel da programação artística dirigida a estes públicos seja o de propor contextos-simulacros em que as infâncias se criam a si mesmas.

Ao longo desta temporada, convidamos quatro pensadores de diversas geografias que desenvolvem práticas de filosofia para/com crianças e literatura, com abordagens e explorações temáticas diferenciadas, em contextos académicos, artísticos, educativos e de intervenção social, para oferecer este encontro-formação. Lançamos o desafio de tomarem como ponto de partida comum os universos literários de *Alice*, de Lewis Carroll, e as experiências artísticas desencadeadas através das propostas dos criadores que integram este programa.



1. WALTER OMAR KOHAN

7 A 11 SET, 2020 14h às 15h30 / 16h às 17h30 / 18h às 19h
FORMAÇÃO EM REGIME *ONLINE* (20H SÍNCRONAS + 5H ASSÍNCRONAS) / 40€

Em busca da maravilha — O encontro-experiência de formação pretende criar um modo comum de pensar, sentir e afirmar as relações entre arte, educação e filosofia. Esse modo comum, que vive de diferenças, tem algo de infantil: curioso, inquieto, brincalhão, ele percebe o mundo como se sempre o percebesse pela primeira vez.



2. DINA MENDONÇA

20, 21 E 22 JAN, 2021 18h30 às 20h30
23 JAN, 2021 10h30 às 12h30
FORMAÇÃO EM ACREDITAÇÃO EM REGIME *ONLINE* (8H SÍNCRONAS + 7H ASSÍNCRONAS)
25€ (*ONLINE*)

Questionar, Pensar e Dialogar — A formação mostra como a filosofia aumenta a capacidade de diálogo. Mostrar-se-á que ao promover o questionamento e ao cultivar o hábito de problematizar assuntos é criado um ambiente de comunidade para pensar com outros. Nesta formação a teoria e prática interligam-se mostrando que as estratégias apresentadas ao longo das sessões utilizáveis em vários contextos educativos oferecem, ao mesmo tempo, uma forma de pensar o que significa promover a capacidade de pensamento de uma comunidade.

3. MAGDA COSTA CARVALHO

5, 12, 19 E 26 ABR, 2021 Segunda-feira, 18h30 às 20h30
FORMAÇÃO EM ACREDITAÇÃO EM REGIME *ONLINE* (8H SÍNCRONAS + 8H ASSÍNCRONAS)
25€

O tempo da infância no espelho da filosofia — As crianças cronológicas e as suas perguntas constituem desafios inestimáveis para, em qualquer idade, problematizarmos o que nos envolve e, até, pensarmos diferentemente. Tal como acontece com a Alice, deparam-se-nos paradoxos, acontecimentos e devires. Este é um tempo aliciano, de fuga ao presente cronológico, uma recusa do pensamento cindido entre um antes (passado) e um depois (futuro): um pensamento que estica o presente, em busca dessa maravilha que é o tempo perdido.



4. RITA PEDRO

FORMAÇÃO EM ACREDITAÇÃO
EM REGIME PRESENCIAL (18 HORAS)

20, 27 MAI E 2 JUN, 2021
18h30 às 21h

22, 29 MAI E 5 JUN, 2021
Sábado, 10h às 13h30

FORMAÇÃO EM ACREDITAÇÃO
EM REGIME PRESENCIAL (18 HORAS)
30€

— EM CASO DE IMPOSSIBILIDADE DO
FORMATO PRESENCIAL, SERÁ ALTERADA
PARA REGIME *ONLINE* DEPENDENDO DAS
CONDIÇÕES DISPONÍVEIS NA ALTURA

20, 27 MAI E 2 JUN, 2021
18h30 às 20h

22, 29 MAI E 5 JUN, 2021
Sábado, 10h às 11h30

FORMAÇÃO EM ACREDITAÇÃO EM REGIME
ONLINE (9 HORAS SÍNCRONAS + 9 HORAS
ASSÍNCRONAS)
25€

Entrar no território do Espanto — Tal como em *Alice no País das Maravilhas*, as crianças, com todas as suas perguntas, filosofias e porquês, convidam-nos a entrar no território do espanto. Para isso, é necessário não só ultrapassarmos barreiras bem traçadas da racionalidade adulta como, também, abrir-nos ao inesperado e ao imprevisível que traz consigo uma nova lógica associada à Infância. Trata-se de acolher as interrogações das crianças dentro e fora da escola, assim como alargar o espaço de liberdade de expressão entre o adulto e a criança.

5. WALTER OMAR KOHAN

29 E 30 JUN, 2021 17h às 20h

FORMAÇÃO PRESENCIAL EM ACREDITAÇÃO (6 HORAS)
15€



Encontro final – Desaniversário — O que marca o fim de um caminho de pensamento e criação? O que encontramos ao final do caminhar junto com outras e outras caminhanças? E se o fim fosse um novo início? E se a filosofia fosse a arte de buscar um começo para o pensar mesmo ou, sobretudo, quando há que se terminar um percurso comum, compartilhado? Filosofia, uma arte infantil? Filosofia, uma arte de se começar a pensar escutando as vozes da infância?

6. DORA BATALIM

FORMAÇÃO EM ACREDITAÇÃO
EM REGIME PRESENCIAL (6 HORAS)

18 JUN, 2021
18h30 às 21h30

19 JUN, 2021
10h às 13h
15€

— EM CASO DE IMPOSSIBILIDADE DO
FORMATO PRESENCIAL, SERÁ ALTERADA
PARA REGIME *ONLINE* DEPENDENDO DAS
CONDIÇÕES DISPONÍVEIS NA ALTURA

18 JUN, 2021
18h30 às 20h

19 JUN, 2021
10h às 11h30

FORMAÇÃO EM ACREDITAÇÃO
EM REGIME *ONLINE* (3 HORAS)
10€

CICLO FESTA DE

◆ PARADOXOS DE ALICE

TEATRO DO SILÊNCIO

- ◆ INSPIRAÇÃO TEMÁTICA
+ RELAÇÃO ENTRE ARTE E FILOSOFIA
PARA RÚBRICA DE PROGRAMAÇÃO FA
- ◆ NOVOS CRIADORES DAS INFÂNCIAS

◆ CRIAÇÃO EM RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

+ CRIANÇAS PARCEIRAS
DA CRIAÇÃO (AÇORES E BRASIL)
+ 4 ATIVADORES DE EXPERIÊNCIAS
DE PENSAMENTO

◆ INSTALAÇÃO DO OUTRO LADO DA TOCA

COM BEATRIZ BAGULHO
E CUCA MONGA
ALICE ALBERGARIA BORGES,
BEATRIZ BAGULHO
E MADALENA CASTRO
CADERNO DE CAMPO

◆ ESPETÁCULOS PORTÁTEIS

QUEM ÉS TU?
JOSÉ LEITE E RAQUEL OLIVEIRA
DOIS OVOS IRMÃOS:
TRAMBOLHÕES E JIGAJOGAS
BERNARDO SOUTO E MIGUEL AMORIM
SÃO HORAS DE JÁ
CATARINA RÔLO SALGUEIRO
E VASCO BAPTISTA
NÃO ME CALO
CIRILA BOSSUET E ISABEL COSTA

◆ ENCONTROS — FORMAÇÃO

WALTER OMAR KOHAN
EM BUSCA DA MARAVILHA

DINA MENDONÇA
QUESTIONAR, PENSAR, DIALOGAR

MAGDA COSTA CARVALHO
TEMPO DE INFÂNCIA
NO ESPELHO DA FILOSOFIA

RITA PEDRO
ENTRAR NO TERRITÓRIO DO ESPANTO

WALTER KOHAN
ENCONTRO FINAL DESANIVERSÁRIO

DORA BATALIM
LER O ESPELHO: ALICE E PETER – LIVROS,
LITERATURA E ILUSTRAÇÃO

◆ CAFÉ FILOSÓFICO

WALTER OMAR KOHAN
RITA PEDRO
MAGDA COSTA
CARVALHO
DINA MENDONÇA

◆ UM SORRISO SEM GATO ARTES NAS FÉRIAS DE VERÃO

WORKSHOPS DE UMA SEMANA

DESANIVERSÁRIO

◆ DO OUTRO LADO DO ESPELHO

PROGRAMAÇÃO DIGITAL

◆ FILMINHOS PARADOXOS

TEATRO DO SILÊNCIO

ANIMAÇÕES:

1. A QUEDA
2. A LAGARTA
3. O CHAPELEIRO E A LEBRE DE MARÇO
4. GATO
5. O LIVRO
6. HUMPTY DUMPTY
7. A RAINHA
8. ALICE

◆ CONJUNTO CUCA MONGA

MÚSICA

INDAGAÇÕES DE ALICE E DO OUTRO LADO DA TOCA - VÍDEOJOGO

INSTALAÇÃO DO OUTRO LADO DA TOCA

MÚSICA DOS 4 ESPETÁCULOS PORTÁTEIS

◆ FESTIVAL FESTA DE DESANIVERSÁRIO

4 ESPETÁCULOS NO JARDIM + CAFÉS FILOSÓFICOS

CONCERTO DE DESENCERRAMENTO

CUCA MONGA / PRAÇA CCB

◆ POR DETRÁS DA CORTINA

◆ LABIRINTOS DE ALICE

◆ DOCUMENTÁRIO EM 7 EPISÓDIOS

◆ *MAKING OF*

ANTÓNIO MENDES, JOÃO ESTRADA, MIGUEL COELHO

UM MUNDO PARALELO DA INSTALAÇÃO IMERSIVA

◆ DO OUTRO LADO DA TOCA - O VIDEOJOGO

ANDRÉ ANTUNES, DIOGO RATO, JORGE NUNES, PEDRO SOARES E SOFIA SANTOS

MÚSICA CUCA MONGA

ANIMAÇÃO BEATRIZ BAGULHO

◆ ALICE POR CUCA MONGA

PODCAST POR CAPÍTULOS (24)

COM MÚSICA DE CUCA MONGA GRAVADO NOS ESTÚDIOS CUCA MONGA

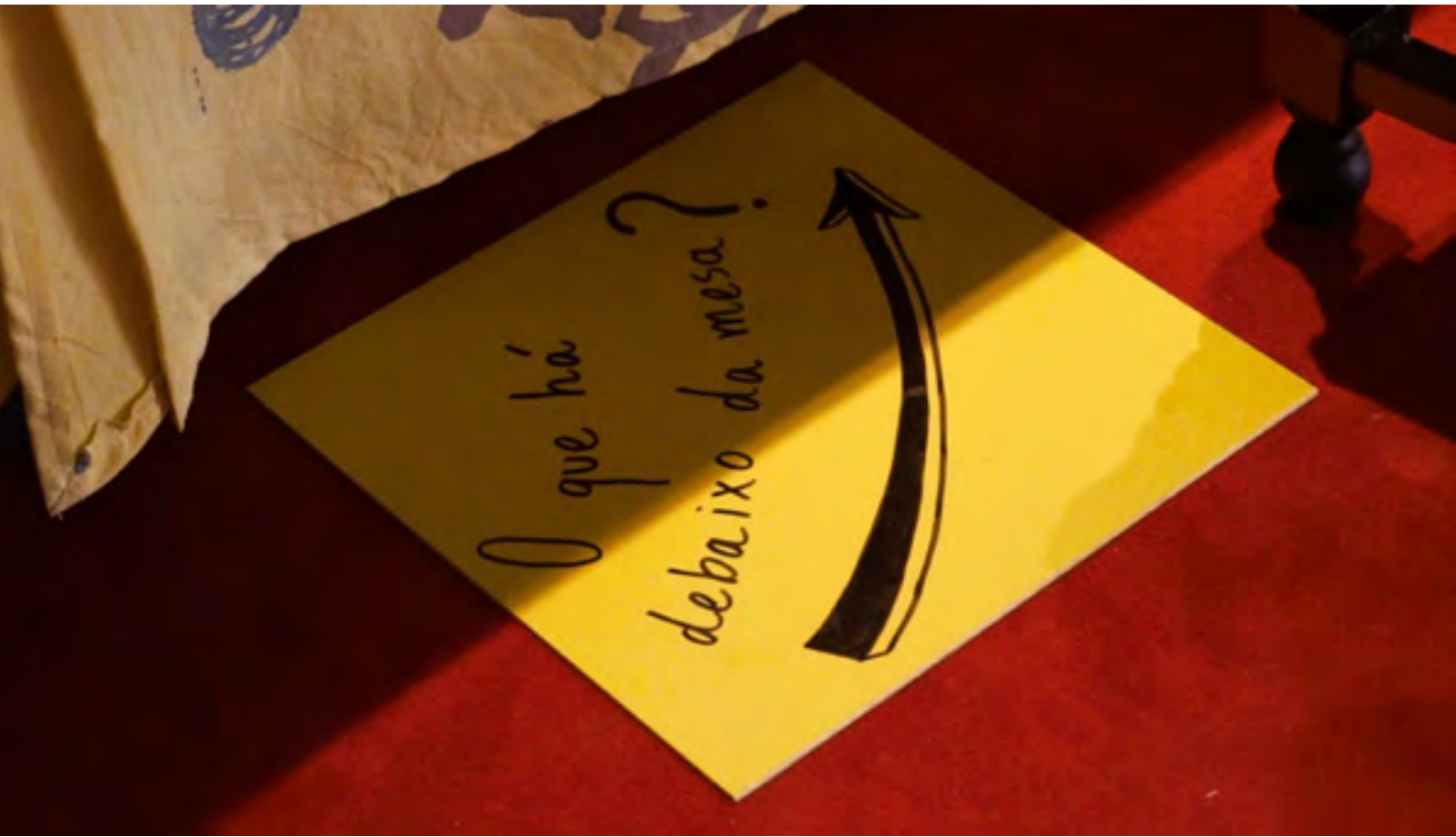
◆ INDAGAÇÕES DE ALICE

ENTREVISTAS-VÍDEO REALIZADAS PELAS DUPLAS DE ACTORES DOS ESPECTÁCULOS PORTÁTEIS A:
YASSER OMAR (FÍSICA QUÂNTICA)
RAQUEL OLIVEIRA E JOSÉ LEITE

VASCO JESUS (MATEMÁTICA)
BERNARDO SOUTO E MIGUEL AMORIM

MARGARIDA VALE DE GATO (TRADUTORA DE ALICE)
CATARINA RÔLO SALGUEIRO E VASCO BAPTISTA

WALTER KOHAN (FILÓSOFO)
CIRILA BOSSUET E ISABEL COSTA



A CIDADE DAS CRIANÇAS NO PAÍS DAS MARAVILHAS E AS RODAS DE PENSAMENTO

Uma vez que o Zoom nos permitia ir além-fronteiras, o CCB/Fábrica das Artes estabeleceu uma parceria com o Mestrado em Filosofia da Universidade dos Açores, coordenado pela Magda Costa Carvalho, e com a Universidade Federal do Rio Janeiro, com Walter Kohan. Integrámos os grupos de crianças de ambas as geografias, que estavam já familiarizados com a prática da filosofia. Constituíam-se, assim, como parceiros de pesquisa, assistindo a ensaios durante as residências de criação, e aos espetáculos nos momentos de apresentação (ver episódio 4 do documentário). Tal como o texto da Magda Costa Carvalho refere (ver pág. 347), o tema de Alice foi explorado, no âmbito do seu projeto, enquanto preparação para a participação nas residências. Realizámos, no âmbito da residência, uma sessão com as crianças, com a presença da Magda, Walter e Dina Mendonça a partir da questão que lancei, «Ser espectador é...».

| data | | atividade |
|--|---|----------------------------|
| 18 agosto, 13h (Açores), 10h (Brasil) | Sessão grupo Açores-Brasil com Madalena Wallenstein | Ser espectador é... |

JOGO DE TROCA DE NOMES:

Afonso – Afonso e o gato

Débora – Rainha de copas

Madalena - Fonescor-de-rosa

Margarida – Rainha de ouros

Isabel – Relógio amanteigado

Paula - Rima_amiR

Luzia - JohnTenniel

Magda – Chocolate de disparates

Pietra – Rosas brancas

Fernanda – Piza de sorvete granulado; é tarde para um coelho atrasado

Maria Eduarda - Coelho Branco, cadê a minha cachorra;

Coelho Branco, achei a minha cachorra

Artur – creme de abóbora; Balão de arte; Spectator

Ana Paula – Lebre curiosa e sua xícara

Walter - Alicio no País do Walter

Madalena W.: (Faz introdução e recorri aos Hupty Dumpty e ao facto de ser ela mesmo gémea para criar uma imagem exploratória)

Costumam ir ao teatro? Ser espectador é...

Rosas Brancas: É um comentário, o que eu vou falar. Não é resposta. Veio quando a Madalena estava a falar dos gémeos. Os gémeos são diferentes e iguais. Os olhos veem o igual e o coração vê o diferente.

Alicio no País do Walter: **será que seriam dois espectadores diferentes: os olhos e o coração?**

Chocolate de disparates: o coração vê?

Rosas Brancas: Os corações sentem e os olhos veem

John Tenniel: Concordo com as Rosas Brancas. Quando não queremos dizer alguma coisa, por vergonha, ou porque não queremos, o coração acaba por dizer...

Madalena: a arte fala de maneiras diferentes?

Rosas Brancas: para mim é um sentir.

Afonso e o gato: é estilo de vida.

John Tenniel: a arte é a forma mais bonita de nos comunicarmos.

É tarde para um coelho atrasado: a arte é um jeito de comunicar e também uma forma de transmitir o seu talento e entreter as pessoas, e também de mostrar às pessoas que elas também podem fazer arte.

Rainha de Copas: é a maneira de nós sermos.

Coelho Branco, cadê a minha cachorra: Pensei na última parte da *É tarde para um*

coelho, a arte é também para inspirar outros.

Chocolate de Disparates: Concordas com esta palavra que a Coelho Branco usou? É uma inspiração?

É tarde para um coelho atrasado: sim, a arte inspira. É uma forma muito legal.

Rosas Brancas: concordo, a arte é inspiradora. Vou falar algo que pode ser interpretado como uma pergunta, ou como uma resposta: **ser igual é ser diferente.** Porque se tudo no mundo é diferente, então ser igual é ser diferente...

Fones cor-de-rosa: será que as bocas são amigas dos corações? No teatro são as bocas que falam.

Coelho branco, achei a minha cachorra: uma resposta em relação à pergunta de ser igual é ser diferente.

Rainha de copas: Eu não corto cabeças.

Fones cor-de-rosa: eu acho que as bocas são amigas do coração e às vezes não são. Muitas vezes as bocas dizem coisas que os corações não querem dizer e aí já não são amigas... são amigas, mas não são assim amigas excepcionais.

Alicio no País do Walter: então o que é ser amigo?

Rainha de copas: ser amigo é algo ou alguém em que podemos confiar e nunca nos irá trair.

John Tenniel: A boca é amiga do coração. Porque um amigo também tem de dar a sua opinião. Mesmo que a boca diga coisas que o coração não quer dizer...

Rosas Brancas: a sinceridade é amiga do

coração?

Coelho Branco, achei a minha cachorra: A boca é amiga ou familiar do coração? Chocolate de disparates: têm de ser coisas diferentes? Ou tem de significar duas coisas diferentes?

Rosas Brancas: sim, os dois podem ser iguais: eu sou familiar de alguém e também amigo.

Rainha de Copas: Eu também sou amiga do meu irmão, podemos ser as duas coisas

Rainha de ouros: Acho que estão a levar essa coisa do amigo e das famílias de uma forma muito literal. Os amigos são a família que nós escolhemos. Sabem...

Alicio no país do walter: sugiro que conectemos as coisas do amigo, do diferente e do igual com as perguntas da Madalena: arte, espetador...

Alicio no país do walter: é possível ser ator sem ser espectador? É possível ser espectador sem ser autor?...

... entretanto no bate-papo...

De Chocolate de Disparates: o que é ser espectador?

De Coelho Branco, cadê minha cachorra: assistir algo, ver algo

De Rainha de Copas: É ser uma parte do teatro.

De Rainha de ouros: Descobrir o que as outras pessoas nos querem dizer.

De Chocolate de Disparates: os olhos e os corações são espectadores diferentes?

De afonso e o gato: Será que os corações comunicam entre si

De afonso e o gato: E os corações com os

olhos

De Chocolate de Disparates: sentir é uma maneira de comunicar?

De Rainha de Copas: O que é arte?

De Rainha de ouros: Ser espectador é ser a razão para os atores trabalharem e para transmitirem que pensam.

De afonso e o gato: Para estarmos vivos é preciso nos comunicar-mos

De afonso e o gato: A arte é um estilo de vida.

De Coelho Branco, cadê minha cachorra?: a arte é uma forma de expressão

De John Tenniel: eu acho que a arte é uma forma de comunicar, a forma mais bonita de comunicar

De Chocolate de Disparates: porquê a mais bonita?

De creme de abobora: como que a arte pode comunicar?

De Chocolate de Disparates: será que as bocas são amigas dos corações?

De Coelho Branco, achei minha cachorra: nossa, a fala das rosas brancas me fez pensar.

De creme de abobora: as bocas são familiares dos corações?

De Fones cor-de-rosa: será que as bocas são amigas, amigos dos corações?

De Lebre curiosa e sua xícara: Então, mesmo os olhos que vem igual estão a enxergar diferente?

De Chocolate de Disparates: será que as bocas são gémeas dos corações?

De Relógio amanteigado: O que é comunicar?

De afonso e o gato: Em toda a igualdade há diferença.

De afonso e o gato: Como sabemos que podemos confiar

De Rainha de ouros: Para mim a arte é tudo o que transmite os pensamentos e sentimentos de uma pessoa, e a arte nos inspira porque nós pensamos no mesmo que outras pessoas, mas não temos a capacidade de as transmitir.

De afonso e o gato: Sem a arte conseguimos viver? Eu sou amigo do meu irmão por isso pode-mos ser as duas coisas.

De afonso e o gato: O espectador pode ser o espectado.

De Lebre curiosa e sua xícara: É possível ser ator sem ser espectador?

De afonso e o gato: somos ESPECTADORES DO MUNDO.

De É Tarde para um coelho atrasado: É possível fazer algo sem ver outras pessoas fazerem antes?

De Rosas Brancas: a arte são os olhos da alma?

De afonso e o gato: O MUNDO É O ATOR

De Rainha de ouros: O coração e a boca são familiares que se odeiam, pois tudo o que o coração sente a boca diz, mas às vezes a boca mente sobre o que o coração sente.

De Rima_amiR: E o coração não mente?

De Rosas Brancas: o espectador é a arte ou o ator é a arte?

De Coelho Branco, achei minha cachorra: podemos ver sem sentir?

De Rainha de ouros: Não, uma pessoa que não consegue falar mente?

De Rima_amiR: A mentira e a verdade entram no mundo da arte?

De afonsoeogato: EU ACHO QUE ELES SÃO A

ARTE

De Rosas Brancas: os sentimentos são arte.

De afonso e o gato: COM O QUE NOS ENTRETIAMOS SE NÃO HOUVESSE ARTE

De Spectator: quais sentimentos os espectadores sentem? o que eles acham de ser espectadores?

De afonso e o gato: o ATOR INTERPRETA A MENTIRA E A VERDADE

De afonso e o gato: POR ISSO SÃO UM UNICO SER

De afonso e o gato: SERÁ QUE O ATOR TAMBEM INTERPRETA A ARTE

De Spectator: antes eu tinha botado meu nome de Balão de arte

De Rima_amiR: Obrigada, spectator

De John Tenniel: eu ainda não acabei

De Rima_amiR: A rainha de copas corta cabeças ou manda cortar as cabeças?

De Rainha de ouros: A Rainha de ouros corta as orelhas de quem a chateia e coze as bocas de quem diz mentiras

De afonso e o gato: E se as duas rainhas se encontrassem?

De Spectatores: que mural cheio

De afonso e o gato: UNIRIAM-SE OU LUTAVAM

De afonso e o gato: UNIRIAM-SE



MAPA DE IDEIAS DA SESSÃO ZOOM COM CRIANÇAS DOS AÇORES

Neste exemplo, podemos identificar espaços híbridos de arte-pensamento para as crianças e jovens se espriarem num exercício aberto de reflexão, nas margens da imaginação, entre o real e o onírico, a partir de um acontecimento artístico. Filosofar é não saber o que já sabíamos. O importante é perguntar, formular perguntas e fazer perguntas às próprias perguntas. Pôr os óculos de Alice. Seguir a lógica do absurdo e não ter medo da incoerência. Descobrir a dimensão lúdica do pensamento e a elasticidade da realidade. Imaginar. Estabelecer novos limites. Conceptualizar, não para fixar, mas para aprofundar.

Nós aguçamos a curiosidade sobre como é que a arte lhes acontece e como é que as suas operações mentais deambulam por temas como identidade, tempo, lugar, territórios e localidade.

A aprendizagem aparece como expressão visual da experiência. O desvendamento dos processos criativos estimula a visão sobre a possibilidade de vidas artísticas, a possibilidade de cada um ser e fazer a sua própria coisa.

Por tudo isto, não podemos abdicar da complexidade. Precisamos da compreensão da complexidade e da natureza participativa da participação.

Neste sentido, e mobilizando um público numa outra infância, trabalhamos também o conjunto *Paradoxos de Alice* e *Alice do Outro Lado do Espelho* no quadro da sessão 12 do Projeto «Encontros».

Pedro Prista regressou ao CCB/Fábrica das Artes com os seus alunos de Antropologia do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa para connosco debater em diálogo com um texto de Philippe Descola os «mundos» do Mundo, desafiando o pensamento antropológico sobre o «ontological turn» não só a partir, como dentro da criação artística que programámos⁵.

Partilhamos aqui a **folha de sala do Projeto «Encontros»**, uma parceria entre o CCB/Fábrica das Artes e o ISCTE:

⁵ Publicações CCB/Fábricas das Artes, *Nós Pensamos Todos em Nós* (2016): «Encontros», Pedro Prista, p. 238.

APRESENTAÇÃO «ENCONTROS 12», PARCERIA FÁBRICA DAS ARTES DO CCB COM O DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

ENCONTROS 12

«Encontros» é uma experiência de reflexão antropológica feita não só a partir de, como dentro da criação artística. Resulta de uma iniciativa conjunta nascida do trabalho pedagógico no Departamento de Antropologia do Iscte-IUL, e desenvolve-se em colaboração com diversas instituições culturais, mais frequentemente a Fábrica das Artes do CCB e o Museu Nacional de Etnologia.

Não é um exercício académico, embora mobilize matérias ensinadas ao longo dos três graus de formação. A experiência decorre dentro do campo definido por uma criação artística, explorando-a antropológicamente, ou seja, virada para o mundo humano e social onde ambas estão. O objetivo é encontrar-lhes as aberturas recíprocas.

Pode a criação artística proporcionar a reflexão antropológica a partir de outros inícios e seguindo trajetos novos? A experiência vai levar a qualquer desconhecido? A qualquer reconhecido? Vai ficar estacada no dualismo ciência/arte? Vai ativar descobertas? Há antropologias implícitas na criação artística? Está um lugar de reflexão à nossa espera nela? Fazemos-lhe falta? Faz-nos falta?

Fantasia antropológica, efusão interminável de jogo e de surpresa, «Alice» tem desafiado o entendimento do «estranho» na sua vacilação cintilante entre o bizarro e o absurdo; entre o divertido e o perturbador; entre o grave e o lúdico. Ela viaja nessa «unheimlichkeit» que toda a modernidade visou na sua vertigem de pensar, da psicanálise à física quântica, da linguagem ao neurónio, ou seja, como Antropologia, claro.

Plurais e ontologicamente oclusos, ou então praticáveis e consideráveis nalguma etnografia, os «mundos» do Mundo (ou a nossa suposição disso) defrontam-nos hoje num desafio supremo – viral, cibernético, quântico... O lance é sobre a possibilidade de sentido, cifrado que esteja nos absurdos e no irracional até, baralhado nas linguagens, escondido nas alteridades dos outros. Não podemos perder, nem escapar à decisiva radicalidade deste momento que não sabemos se tem outros a seguir. Hoje há pressa, é talvez tarde, e a Antropologia está em emergência. Isto é connosco.

Se não nos cortarem a cabeça antes (a golpe de espelhos?) vamos todos pensar juntos com a proposta artística que a Fábrica das Artes nos oferece em *Paradoxos de Alice*, do Teatro do Silêncio, e *Do outro lado da Toca*, de Alice Albergaria Borges, Beatriz Bagulho e Madalena Castro. Chamamos ao diálogo Philippe Descola através do seu texto «Modes of being and forms of predication» publicado em *HAU Journal of Ethnographic Theory*, vol.4, 1, 2014.

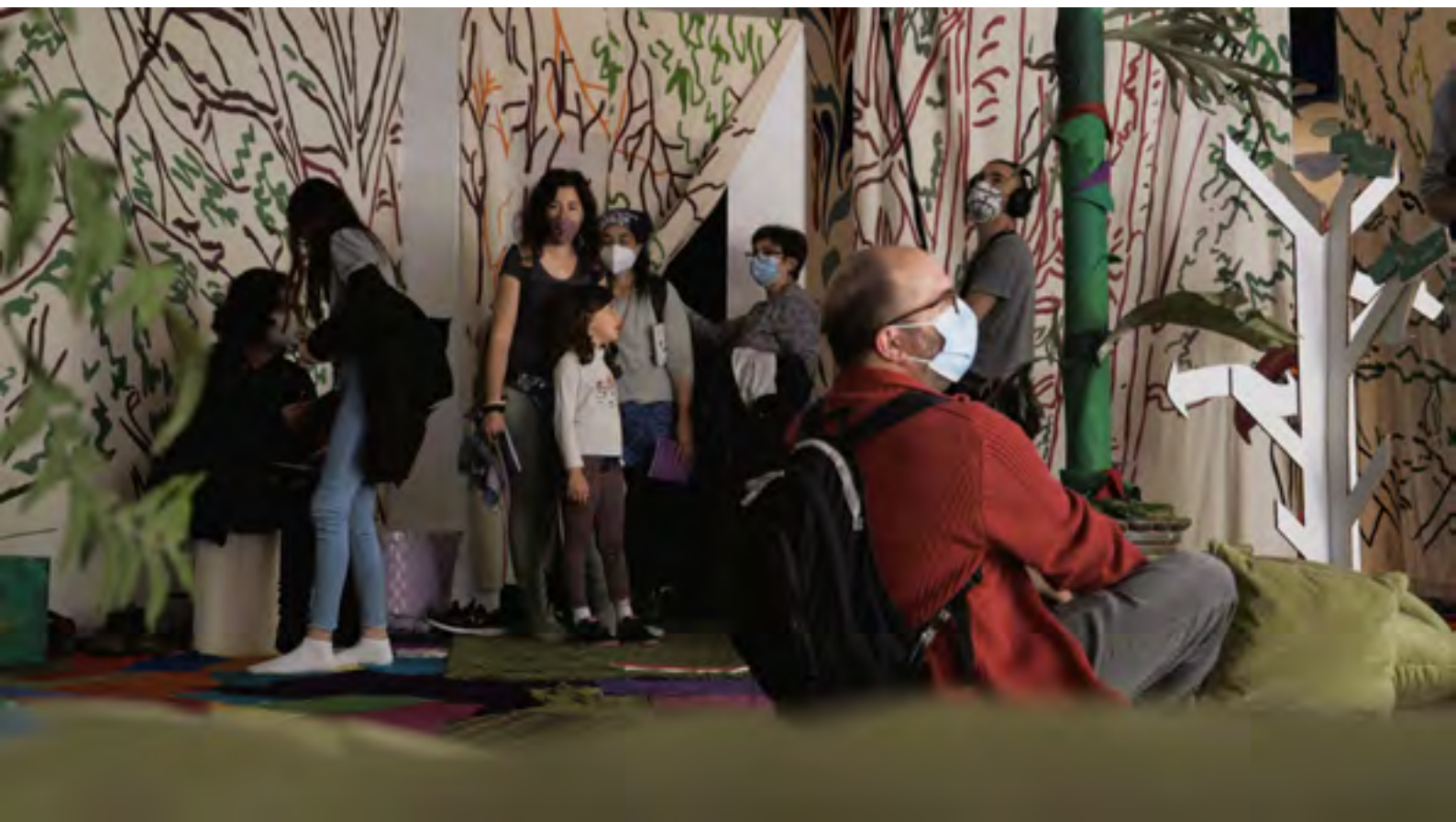
9 de julho de 2021

Pedro Prista

Núcleo de Estudantes de Antropologia do Iscte IUL.

antropologia-agora.blogspot.com

CCB Fábrica das Artes. Para todas as infâncias.



© MANUEL MOREIRA

FESTA DE DESENCERRAMENTO

Gosto de pensar no objeto da programação como um órgão vivo com três cabeças e três corações: criação artística-programação– públicos participantes. Esta ideia ganha maior expressão e profundidade quando se trata de uma programação curatorial como é o caso deste ciclo *Festa de Desaniversário*. Os polos da criação e da recepção foram fortemente articulados. A função da programação é, aqui, propor uma estrutura que confere coerência ao todo e liberdade às partes, gerar reconhecimento do contexto artístico no seu

cruzamento com o educativo como espaço discursivo e de conhecimento e uma educação artística informada pelas próprias práticas artísticas, assente numa crítica centrada na própria prática; nutrir o prazer pela autoeducação. Trata-se de lidar com o educativo como ferramenta política, *desterritorializando-a* do seu contexto institucional anacrónico e reprodutivo. Este pode ser também o papel das instituições culturais. O que é o educativo disto tudo? É o trabalho dialógico, ou socialmente comprometido, e que se preocupa com o impacto social-cultural enquanto parte essencial da proposta artística.

Eis porque este trabalho é labiríntico: porque todos nós e cada um fomos abrindo portas e mais portas e porque a pandemia, aqui fortemente documentada, desferiu um abalo tal que virou este mundo ao contrário para que a urgência da materialização artística agenciasse o nascimento de tudo isto no mundo.

A imensa produção artística que aqui aconteceu fica à vista e o digital e áudio visual fixou e agregou neste livro o seu rasto.

Do lado dos públicos, abriu-se um enorme território de novos públicos nacionais e internacionais: Brasil, Açores, Madeira, Cabo Verde, Bélgica, Guarda, Algarve, para além dos que se mantêm sempre perto de nós. Ocupação dos públicos nos espaços todos foi altíssima mesmo neste contexto. Confesso que tenho gosto pela dimensão qualitativa. A instalação *Do Outro Lado da Toca*, que consiste num trabalho concetual e de realização plástica brutal, sendo totalmente *hand made*, desde paredes e tecidos pintados à mão, até à sua conceção enquanto jogo, oferecendo a oportunidade de autoedição da experiência de ser protagonista, trouxe-nos surpresas: muitas das crianças que vieram com a escola voltaram várias vezes ao fim-de-semana com os seus adultos, obrigando-os a ser Alice também. A Sara, por exemplo, veio muitas, muitas vezes. Segredou-me a sua mãe que dormia abraçada ao livro de atividades, imaginem.

A diversidade de Alices que nasceram aqui em nada se aproximaram da Alice loira e de avental que temos cravada no nosso imaginário. Afinal todos somos Alices, com direito a crescer e encolher, a ser isso sempre e em qualquer momento.



© MANUEL MOREIRA

AGRADECIMENTOS

Obrigada à Sara Barriga (PNA) pelo prefácio deste livro.

Obrigada a todas as pessoas que participaram na criação de todos estes universos reunidos nesta publicação.

Obrigada às muitas pessoas que integram todas as equipas do CCB e que têm concretizado o trabalho da Fábrica das Artes.

Obrigada aos públicos todos, companheiros pelas 16 temporadas da Fábrica das Artes.

Agradeço a todas as *Alices* que descobrem na imaginação pontos de fuga para um horizonte de possibilidades de ser e de devir. Seguimos caminho atrás delas.

2

CONVERSA A DUAS VOZES

TEXTO DE
BEATRIZ BAGULHO
MARIA GIL

Página 57 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário



ILUSTRAÇÃO DE **BEATRIZ BAGULHO** A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

TEATRO — NOVA CRIAÇÃO

PARADOXOS DE ALICE

TEATRO DO SILÊNCIO

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

Paradoxos de Alice convida-nos a mergulhar num mundo muito «estranho... estranhosíssimo!» Aqui há: sorrisos sem gato, prateleiras absolutamente vazias e outros objetos impossíveis, há comida e bebida que te faz mudar de tamanho – podes crescer até ficares como um gigante ou diminuíres até à altura de um polegarzinho. Para entrares neste mundo precisas de escolher, cair na toca do coelho ou passares para o outro lado do espelho. Aí encontrarás Alice, que farta de tanta estranheza grita baixinho:

— Não mais o alto oposto ao baixo! A direita oposta à esquerda! O grande distinto do pequeno! O passado como contrário ao futuro!

Parece que Alice ficou presa no labirinto de verdades com dois sentidos (a verdade pode ter dois sentidos? E só dois?). Alice gesticula-se, abana-se, treme, salta, dança, faz tudo para compreender melhor este mundo muito «estranho... estranhosíssimo!»

Será que Alice consegue sair deste labirinto? Qual é o caminho certo? Quais são as palavras mágicas? Será que uma dança pode ajudar?

CONVERSA PÓS ESPETÁCULO COM A FILÓSOFA RITA PEDRO

A PARTIR DAS OBRAS *AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* E *ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO*, DE LEWIS CARROLL
ANIMAÇÃO VÍDEO E ILUSTRAÇÕES **BEATRIZ BAGULHO**
CONCEÇÃO PLÁSTICA **PEDRO SILVA**
COPRODUÇÃO **TEATRO DO SILÊNCIO / CCB/FÁBRICA DAS ARTES / 23 MILHAS**
DESENHO DE LUZ (A DEFINIR)
DIREÇÃO **MARIA GIL**
DRAMATURGIA FILOSÓFICA **RITA PEDRO**
FIGURINOS **MIGUEL BONNEVILLE**
INTERPRETAÇÃO **LEONOR KEIL & GUESTS**
SONOPLASTIA E VÍDEO **GONÇALO ALEGRIA**

O TEATRO DO SILÊNCIO É UMA ESTRUTURA FINANCIADA POR REPÚBLICA PORTUGUESA – CULTURA | DIREÇÃO GERAL DAS ARTES E PELA JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE.

11 A 14 MAR 2021

PEQUENO AUDITÓRIO / **M/8 ANOS** / 11H (DIAS ÚTEIS, ESCOLAS), 19H (SÁBADO), 15H30 (DOMINGO)
2€ (DIAS ÚTEIS, *ONLINE*), **3,50€** (DIAS ÚTEIS, PRESENCIAL), **4€** (FIM-DE-SEMANA, *ONLINE*), **8€**
(FIM-DE-SEMANA, PRESENCIAL), **20€** (GRUPOS ESCOLARES ATÉ 25 ALUNOS, *ONLINE*)

DURAÇÃO: 50 MINUTOS DE ESPETÁCULO + 45 MINUTOS DE DEBATE

2

CONVERSA A DUAS VOZES



FILMINHOS PARADOXOS

TEXTO DE

BEATRIZ BAGULHO

REALIZAÇÃO DE FILMINHOS PARADOXOS,
ILUSTRAÇÕES E ANIMAÇÕES ESPETÁCULO *PARADOXOS DE ALICE*

E MARIA GIL

DIREÇÃO E PONTOS DE PARTIDA DRAMATÚRGICOS
DO ESPETÁCULO *PARADOXOS DE ALICE*
E ARGUMENTOS DE FILMINHOS PARADOXOS

FILMINHOS PARADOXOS E PARADOXOS DE ALICE, OITO CURTAS-METRAGENS E UM ESPETÁCULO

Beatriz: Como foi o processo de escrita dos Filminhos Paradoxos?

Maria: Ui! Respondo já assim, porque este projeto teve tantas reviravoltas por causa da Pandemia e das consequências da Pandemia: pessoas em casa, salas de espetáculo fechadas, etc. Uma das primeiras coisas foi logo alterar a maneira como tínhamos pensado escrever e filmar.

A ideia inicial era que os filminhos fossem diferentes momentos do espetáculo, ou seja, a escrita dos argumentos partiria do guião do espetáculo e a rodagem seria feita durante os ensaios. Entretanto, o espetáculo foi cancelado, sem previsão de nova data para estrear, e decidi, decidimos, tu e eu, em conjunto com toda a equipa, continuar o projeto, avançando com a escrita e a produção dos filmes, e acabaram por ser os oito Filminhos Paradoxos a estruturar o espetáculo, que foi construído a partir desses argumentos, do material filmado e das tuas animações. **Em vez de ter sido o livro a ser adaptado para cinema, foi o cinema que foi adaptado para espetáculo.** Acho que esta inversão foi o elemento mais original de todo o processo. De repente, estávamos todos envolvidos num processo de filmagem, quando isso tinha sido pensado como uma coisa extra, lateral. Claro que só foi possível por causa do contexto em que estávamos a viver e também pela generosidade e vontade de todas as pessoas da equipa que alinharam. Simplesmente, alinharam nesta ma-

luquice, ainda hoje fico espantada, e pessoas que nunca tinham trabalhado juntas, muitas nem sequer se conheciam, mas alinharam estava tudo fechado... Um dia, creio que antes do segundo confinamento, o Miguel Bonneville liga-me a perguntar se sempre avançávamos com as filmagens, pois as lojas iam fechar no dia seguinte e, se queríamos comprar os materiais para os figurinos, teríamos de o fazer nesse mesmo dia as provas foram feitas em casa do próprio Miguel, que nos ia enviando fotos tudo assim.

Depois, não podíamos filmar em lugar nenhum, o CCB estava fechado, e foram os espaços independentes, as associações locais, os pequenos teatros, a Lua Cheia, o Carnide Clube, o Teatromosca, o espaço Osga, da Leonor Keil, que nos acolheram e nos emprestaram material que nos permitiu continuar com o projeto de outra maneira não tinha sido possível. Eu já tinha esta ideia de que os pequenos espaços, as pequenas estruturas, são muito importantes. Mesmo a um nível democrático, são eles que escolhem os conteúdos, que espetáculos querem fazer e quando, não há nenhuma agenda, além da deles próprios, e isso dá muita liberdade e é importante, pois as grandes instituições culturais têm muitos limites e impõe enormes condicionantes. E nós vimos isso durante a Pandemia. De repente, foi a loja, a mercearia, o restaurante da rua que foram fundamentais para continuarmos a ter acesso a bens, e não só a bens, não se trata de fetichismo da mercadoria, mas esses lugares permitiram uma presença, saber que na minha rua existem aquelas pessoas, que elas estão ali. Essa presença gera um sentimento de pertença, que é importante e que às vezes damos por





RODAGEM DO FILMINHO #1. A *QUEDA*, NO ESPAÇO OSGA DE LEONOR KEIL.
DA ESQUERDA PARA A DIREITA: SABRINA SANTOS, ARTUR PISPALHAS, LEONOR KEIL, JOÃO ESTRADA E BEATRIZ BAGULHO.
FOTOGRAFIA DE MARIA GIL



RÓDAGEM DO FILMINHO #1. A QUEDA, E DO FILMINHO #2. A LAGARTA, NA CASA DO CORETO, EM CARNIDE, ESPAÇO DA COMPANHIA LUA CHEIA.
DA ESQUERDA PARA A DIREITA: PEDRO SILVA, LARA BRANCO, BEATRIZ BAGULHO, ANTÔNIO MENDES, LEONOR KEIL, MARIA GIL, SABRINA SANTOS. FOTOGRAFIA DE ARTUR PISPALHAS

adquirido. Pelo menos para mim essa presença comunitária foi importante, e, no nosso caso, foram esses teatros e associações locais, “o teatro da minha rua”, foi essa rede que permitiu que continuássemos a trabalhar.

Maria: E tu, como viveste este processo?

Beatriz: Pensar, realizar e concretizar os Filminhos Paradoxos está a ser súper enriquecedor e dinâmico, mas, como dizes, cheio de peripécias e contratempos! Gosto muito que tenhamos reagido em conjunto às mudanças que este ano nos exigiu, que estas mudanças também tenham transparecido para o nosso projeto e criado novas ideias e processos de trabalho completamente diferentes do que tínhamos pensado no início. Para mim, realizar e editar estes filminhos tem sido mesmo muito importante, **foi a primeira vez que estive em filmagens enquanto realizadora** e, ainda por cima, com as pessoas extraordinárias que conosco trabalharam na câmara, produção, interpretação, montagens, iluminação, som. Sinto que houve uma disponibilidade e um apoio imensuráveis por parte de todos. Uma equipa pequena, estruturas pequenas, mas pessoas gigantes.

Maria: Como foi receberes os diferentes argumentos? Já tinhas trabalho com alguém desta maneira, nos teus filmes?

Beatriz: Já trabalhei noutros projetos, de ilustração ou animação, que também partiam de argumentos e textos de outras pessoas. No entanto, estes Filminhos foram a oportunidade de pensar em ideias visuais mais “fora da caixa”, mais autorais, colaborativas e livres. Adorei receber os teus argumentos, Maria,

também por já gostar das personagens e aventuras presentes nas obras de Lewis Carroll, mas principalmente porque me surpreenderam com as suas questões simples, profundas, com o revelar da filosofia nos encontros que a Alice tem com o Coelho Branco, a Lagarta, a Lebre e o Chapeleiro, o Humpty Dumpty, a Rainha...

Acima de tudo, apaixonei-me pelos Filminhos Paradoxos porque me inspiraram imediatamente a desenhar.

Beatriz: Quais são as primeiras intenções dos pensamentos por detrás destes filminhos?

Maria: Não tenho muitas intenções, nem faço grandes planos. Há uma vontade inicial que é, sobretudo, um misto de intuição e curiosidade, e depois foco-me em conseguir as condições, as equipas e os contextos certos para que as coisas possam acontecer. Claro que as coisas não surgem do nada. O espetáculo *Paradoxos de Alice* vem na continuidade de um trabalho que o Teatro do Silêncio e eu fizemos na Fábrica da Artes em 2013, em conjunto com o Gil Dionísio e o Pedro Silva, onde criámos uma série de instalações imersivas a que chamámos enigmas filosóficos, e que eram experienciadas pelas pessoas que visitavam a instalação. No final dessa experiência, escrevi um postal à Rita Pedro, que também participou nesse Ciclo dedicado à Filosofia e Arte, com a citação:

“Às vezes conseguia acreditar em seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço.” Era uma citação retirada do livro *Alice do Outro Lado do Espelho*. Nesse postal, escrevi que queria trabalhar os paradoxos do universo aliciano, mas não me lembro porquê. Depois a Rita acabou por não fazer parte desse projeto, mas foi aí que surgiu o desejo inicial. Acho que o desejo é muito importante no ato criativo,

mesmo! Às vezes esquecemo-nos disso. O facto de o desejo ter sido tomado pelo consumo e pela publicidade também não ajuda nada. A *performer* e dramaturga Deb Margolin é que fala de um teatro do desejo, um teatro que tu fazes porque tens coisas para dizer e fazer, um teatro que vem de um lugar imparável dentro de ti. **Quando trabalhamos com o desejo, como motor, criamos uma ligação profunda ao material e apropriamo-nos desse material de uma maneira que nos dá uma espécie de empoderamento e autonomia, não ficamos à espera que alguém nos diga o que fazer ou como fazer.** Foi, aliás, assim que eu comecei a escrever, eu nunca disse vou escrever, que vergonha! Mas comecei a escrever o material para os meus espetáculos, porque a escrita me ajudava a organizar o pensamento e a estruturar as ideias, mas também a verbalizar aquilo que eu desejava fazer e dizer. Comecei por fazer alinhamentos, que se iam tornando mais complexos de espetáculo para espetáculo. Depois escrevia pequenos parágrafos de coisas que tinha de dizer, para decorar melhor, inventava formas de criar material, editava entrevistas que fazia e entregava aos atores, coisas assim.

Para os Filminhos Paradoxos, aconteceu a mesma coisa, eu escrevia os argumentos de cada filme que partilhava contigo, tu comentavas, fazias perguntas, davas ideias. Depois fazíamos uma leitura com a Leonor Keil e com o Gonçalo Alegria, isso ajudava a

perceber se as coisas funcionavam na oralidade, se tinham ritmo, tentando perceber o tempo das palavras, das frases, os tons certos. O Gonçalo também era responsável pela música e pela pós-produção áudio dos filminhos, o que fazia com que contribuísse com ideias para o desenho de som que integrava os argumentos ainda nessa fase inicial. Para mim isso foi importante, porque ele não foi fazer música para os filmes. Estar envolvido na própria escrita já era um início de desenho de som. As leituras eram feitas via Zoom (esse grande aliado da Pandemia) e com a presença do Pedro Silva, responsável pelo décor, do Artur Pispalhas, pela iluminação, mas também da Lara Branco, responsável pela produção, e da Sabrina Santos, que fazia assistência de produção. No fundo, todos me faziam questões e comentários sobre os guiões e sobre como colocar aquelas palavras em filme. Isso, embora fosse caótico, permitia uma depuração dos textos que depois, numa segunda fase, ainda iriam ser debatidos com o António Mendes e o João Estrada, assistentes de realização, e com o Miguel Coelho, da captação de som. E durante este processo todo, eu fazia sessões pontuais com a Dina Mendonça, professora e investigadora em Filosofia. Nessas sessões falávamos sobre lógica, paradoxos, sorites, sobre os livros do Lewis Carroll e sobre o próprio Lewis Carroll, pelo qual estávamos ambas fascinadas. Era uma espécie de diálogo e de conversa, que contribuíram para a escrita das primeiras versões dos argumentos.



RODAGEM DO FILMINHO #3. O *CHAPELEIRO E A LEBRE DE MARÇO*, NO CARNIDE CLUBE.
DA ESQUERDA PARA A DIREITA: GONÇALO ALEGRIA, LEONOR KEIL, SABRINA SANTOS, ANTÓNIO MENDES, MIGUEL COELHO, BEATRIZ BAGULHO, LARA BRANCO E ARTUR PISPALHAS. FOTOGRAFIA DE MARIA GIL







BEATRIZ BAGULHO E LEONOR KEIL DURANTE A RODAGEM DO FILMINHO #2. A LAGARTA.
FOTOGRAFIA DE MARIA GIL

Aliás, o olhar da Dina durante o processo, quer dos filminhos quer do espetáculo, foi muito importante, como alguém que sabe o que estamos a fazer, mas mantém uma distância do processo. Não está demasiado dentro. Isso ajuda em processos complexos e longos, em que, em certa altura, já ninguém sabe o que é que está a fazer nem porquê, que é quando os problemas da produção e da vida começam a minar o trabalho. Também faz parte, mas pode ser destruidor, tanto física como psicologicamente. A presença da Dina ajudou a manter uma certa ligação com o mundo exterior e a não nos perdermos no País das Maravilhas nem no Outro Lado do Espelho. A primeira vez que a Dina veio a um ensaio e ouviu o alinhamento do espetáculo — no fundo, as nossas ideias, já estruturadas, com uma ordem, no final —, só disse que era muito complexo e que ainda não tinha nada para dizer desatei a rir! O processo de escrita teve muitas fases, dos argumentos que escrevi inicialmente, passando pelo processo de leitura e edição com a equipa, aos próprios dias de rodagem, em que, muitas vezes, havia alterações *in loco*. Houve alterações, adaptações, ajustes. Não é uma escrita depurada a uma secretária, mas uma espécie de massa do pão. Eu junto os ingredientes e começo a amassar, mas depois o pão é amassado a muitas mãos. Há um lado de artífice nesta escrita de que gosto muito. Porque é quase material, não sei explicar. E porque torna cada peça única, com personalidade própria. Cada pão é um pão.

Não é cópia, nem saiu de um processo industrializado. Envolveu a mão, o corpo e a mente, e o desejo de muitas pessoas. Foi um processo colaborativo.

Beatriz: Quem é a Alice dos Filminhos Paradoxos, e que trouxemos de novo a esta história tão icónica e conhecida?

Maria: Eu foquei-me sobretudo nos diálogos dos livros, tanto nas *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* como na *Alice do Outro Lado do Espelho*, e em personagens menos conhecidas, como a Pomba, a Rainha Vermelha, o Rei Vermelho. A minha dramaturgia, quer para os filmes, quer para o espetáculo, e mesmo os motes que lancei para a criação das duplas dos espetáculos portáteis, teve sempre como ponto de partida o encontro. Em ambos os livros, Alice tem uma série de encontros com outras criaturas que são sempre assombrosos, ou porque a fazem pensar em coisas novas, ou porque lhe trazem outros pontos de vista, ou porque são absurdos, insólitos, inusitados. A Alice das minhas leituras está sempre a ser confrontada, e o seu olhar é também o de alguém que, inicialmente, não compreende, que estranha, mas que sente curiosidade. O estranho é uma forma de chamar a atenção. Eu não estava interessada numa Alice vitoriana, nem em adaptar para cena os livros de Carroll e muito menos em fazer a "minha versão da Alice" ou colocar problemáticas contemporâneas em diálogo com os livros. Posso identificar um grande tema que é transversal a toda a dramaturgia,

que é a pergunta, o que é ler? A dramaturgia contemporânea está sempre muito focada em (des)construir o texto, anda tudo à volta de se o texto é relevante ou não, se há ou não há texto, se é autobiográfico, documental, ficcional. Isso para mim não é importante.

A minha pergunta é, o que é ler? Quem somos enquanto leitores? Qual o impacto que a leitura tem em nós? Que outras coisas precisamos de ler depois de lermos os livros do Carroll? Quando é que terminamos de ler um livro? Mesmo o público, quando vê um espetáculo está a ler esse espetáculo. Os atores em cena estão a ler esse mesmo espetáculo ao mesmo tempo que o interpretam. Como nós, somos leitores do mundo, tiramos sentido, constantemente, de tudo o que nos acontece. Ler é tirar sentido do mundo. No fundo, é a Alice. E talvez tenha sido isso o que nós trouxemos de novo — e agora falo de todo o Ciclo da Festa de Desaniversário —, a recuperação do universo dos livros, dos seus diálogos e dos temas desses diálogos. No espetáculo *Paradoxos de Alice*, Alice entra juntamente com o público e pergunta ao Gato que está em cena que se está a passar, subindo depois para palco. Esta é uma forma de ela entrar no livro, de entrar naquele universo. No filminho #1, Alice adormece a ler um livro e depois cai numa toca onde letras se transformam em objetos e onde objetos se unem a outros objetos para gerarem novos significados andei sempre à volta de ideias sobre leitura, linguagem e tempo. São os meus temas.

Beatriz: De onde surgem os Filminhos Paradoxos?




Maria: A ideia era fazer os Filminhos Parado-

xos como alternativa ao espetáculo, no caso de este ser cancelado por causa da Pandemia. Em vez de estarmos a adaptar o espetáculo para a plataforma Zoom, criaríamos uma série de filmes curtos trabalhando de raiz num formato de cinema.

Como estavas no projeto, a Madalena Wallenstein sugeriu-me que pudesses ser a realizadora desses filmes e eu achei que fazia todo o sentido e sugeri-te misturarmos partes filmadas (momentos do espetáculo) com partes animadas. Já partilhei como o processo da escrita envolveu toda a equipa em fases distintas e de como a Dina Mendonça foi importante na construção da dramaturgia. De facto, para os argumentos de cada filme experimentei coisas novas que não estão nos livros de Carroll e que são muito subtis, e foi a Dina que me ajudou a rever cientificamente essas experiências. Por exemplo, no Filminho #3. *O Chapeleiro e a Lebre de Março*, a certa altura surge uma sorite no diálogo, e a forma como inicialmente tinha formulado a sorite não estava correta do ponto de vista filosófico. A Dina ajudou-me a pensar nesse problema e a formulá-lo. No Filminho #7. *A Rainha*, a meio do diálogo entre a Alice e a Rainha, aparece o Paradoxo do Mentiroso. A Dina reconheceu isso, como reconheceu o Paradoxo do Navio de Teseu, e fizemos todo um trabalho de discussão à volta destas pequenas interferências que eu fazia nos diálogos. Foi muito importante. A Dina revia os argumentos e depois, para o espetáculo, veio fazer uma sessão comigo, com a Leonor Keil e com o Gonçalo Alegria sobre o tema do Tempo. Foi incrível, este é um daqueles projetos que precisava, precisamente, de mais tempo, sobretudo o espetáculo, que sofreu com o facto de toda a equipa estar a recomeçar as suas atividades que tinham sido canceladas, incluindo eu, e



ENSAIOS DE *PARADOXOS DE ALICE*, SALA DE TEATRO, CCB, MARIA GIL E LEONOR KEIL.
FOTOGRAFIA DE GONÇALO ALEGRIA

| | | | | |
|---|----------|------------------------------|------------------------------|---|
| Palavras, conceitos e coisas | | Filminho Parolhos episódio 1 | Argumento: Alana 108 | Página 8 |
| | | Realização: Beatriz Bagulho | Produção: Teatro de Silêncio | |
| Cena 1 | Plano 23 | bckg (cômodo quarto) | Diálogo | |
|  | | | Ação | <p>Mostrar dentro o interior do quarto: uma Alana de cabelos em desordem. (Cena: Alana Que) *Ver imagens de referência 7, 4 e 9</p> |
| Cena 1 | Plano 24 | bckg (cômodo quarto) | Diálogo | |
|  | | | Ação | <p>Atuação de - A sua de cabelo grande se para fora do cabelo: retorcido todo e quarto de Alana. Alana fica dentro da sua de cabelo.</p> |
| Cena 1 | Plano 24 | bckg (cômodo quarto) | Diálogo | |
|  | | | Ação | <p>Atuação de - A sua de cabelo retorcido se para fora do cabelo: retorcido todo e quarto de Alana. Alana fica dentro da sua de cabelo.</p> |

STILL DO STORYBOARD DE BEATRIZ BAGULHO PARA O FILMINHO #1. A QUEDA.

| | | | |
|------------------|----------------------------------|--------------------------------|-------------|
| Um Gato Quântico | Filminho Paralelos episódio 4 | Argumento Marta Gil | Página 4 |
| | Realização Beatriz Bagulho | Produção Teatro de Silêncio | |

| | | | |
|---|---------|--|---|
| Cena 2 | Plano 4 | bckg <small>em espaço abstrato</small> | <p>Díálogo</p> <p>ALICE Lobogolho é a minha comida</p> |
|  | | | <p>Ação</p> |

| | | | |
|---|---------|--|---|
| Cena 2 | Plano 4 | bckg <small>em espaço abstrato</small> | <p>Díálogo</p> |
|  | | | <p>Ação</p> <p>O Gato de Cheshire desaparece e ele se apresenta como o gato. "Sei o que quer de mim, não é?"</p> |

| | | | |
|---|---------|--|--|
| Cena 2 | Plano 4 | bckg <small>em espaço abstrato</small> | <p>Díálogo</p> <p>GATO DE CHESIRE Dei a mão.</p> |
|  | | | <p>Ação</p> <p>O Gato de Cheshire aparece atrás de Alice.</p> |

| | | | |
|---|---------|--|--|
| Cena 2 | Plano 4 | bckg <small>em espaço abstrato</small> | <p>Díálogo</p> |
|  | | | <p>Ação</p> <p>Alice volta para o Gato.</p> |



ALICE (LEONOR KEIL) ENCONTRA A POMBA (MANIPULAÇÃO DE GONÇALO ALEGRIA), QUE A CONFUNDE COM UMA SERPENTE.
ESPECTÁCULO PARADOXOS DE ALICE. FOTOGRAFIA: JOANA LINDA

não tivemos tanto tempo de pesquisa. Foi um projeto ambicioso. O que eu mais gostei foi ter voltado a estudar lógica formal e ter feito um exercício de falar literalmente — já experimentaste ser o mais literal possível? Compreendemos que o pensamento lógico é mesmo incrível, ajuda a pensar melhor e muda tudo, mas nós não falamos por números, nem por equações matemáticas, precisamos de metáforas que trazem a ambiguidade da linguagem e tudo o que está na dobra do que dizemos. Aí entra a poesia e também precisamos de lógica e intuição.

Maria: Como foi realizar e trabalhar sem ser em animação?

Beatriz: Acho que os Filminhos Paradoxos têm um carácter muito híbrido, não apenas entre o cinema filmado e a animação, mas também pela sua ligação ao espetáculo, à literatura, à filosofia. Acaba por se misturar uma série de linguagens diferentes em todos os filminhos, numa brincadeira constante entre a fantasia e o real, o concreto e o abstrato. Apesar de ter sido uma experiência nova, realizar e editar imagem filmada, trabalhar com personagens que são pessoas verdadeiras, o *background* que tenho em animação conduziu muito as loucuras que viemos a explorar. Numa fase inicial, foi o desenho que me ajudou a concretizar ideias e personagens nos *storyboards*, e estes depois vieram a ser muito úteis nos vários dias de filmagens, servindo como um guia para toda a equipa. Também é por fazer e gostar de animação que algumas ideias mais malucas, como um gato

voador do tamanho de um átomo, uma lagarta que faz uma videochamada, ou um chapéu que se transforma num dodó, puderam concretizar-se e interagir com a Leonor Keil. Por outro lado, aprendi imenso com o processo do cinema “real” sobre o inesperado, o não planeado, como ideias que surgem no próprio local ou da parte de outro membro da equipa e que enriquecem imenso uma cena, ou quando temos que reagir a imprevistos e descobrir soluções ainda melhores *on the spot*”.

Em animação, como cada segundo de filme equivale a entre 8 e 25 desenhos, o método tradicional de produção implica que se planeie o máximo possível ao pormenor antes de começarmos a animar — se um plano tem 11 segundos, são apenas 11 segundos que vamos criar, para não desperdiçar horas e horas de esforço —, enquanto no mundo do cinema o processo acaba por ser inverso, captando-se muito mais material do que o necessário para que depois não falte nada na montagem. No caso dos filminhos, acabámos por aproveitar estes vários universos, inventando uma forma de criar em que houvesse um plano, um esboço, mas também com abertura para acolher o inesperado.

Maria: É como aquele fragmento de Heraclito que aparece no Filminho #4. *O Gato*, e que também aparece no espetáculo: **“Se não esperares, não irás encontrar o inesperado, porque o inesperado não se pode encontrar e é inacessível.”**



HUMPTY DUMPTY (MANIPULAÇÃO DE GONÇALO ALEGRIA) AFIRMA A ALICE QUE CONSEGUE EXPLICAR TODOS OS POEMAS DO MUNDO, MESMO AQUELES QUE AINDA NÃO FORAM ESCRITOS. ESPETÁCULO *PARADOXOS DE ALICE*. FOTOGRAFIA: JOANA LINDA



ALICE (LEONOR KEIL) LÊ A HISTÓRIA DO REI VERMELHO E DESCOBRE QUE JÁ A CONHECIA. ESPECTÁCULO *PARADOXOS DE ALICE*. FOTOGRAFIA: JOANA LINDA

3

DO OUTRO LADO DA TOCA

TEXTO DE

BAM

BEATRIZ BAGULHO

ALICE ALBERGARIA BORGES

E MADALENA CASTRO

Página 59 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário



ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BACULHO A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

INSTALAÇÃO IMERSIVA

DO OUTRO LADO DA TOCA

ALICE ALBERGARIA BORGES
BEATRIZ BAGULHO
MADALENA CASTRO

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

Entrando pela toca do coelho, encontrarás uma coleção de espaços onde podes experienciar o sonho de Alice. Aqui podes conviver com as flores, deambular por desenhos e padrões, abrir portas para o outro lado do espelho e descobrir quem és num mundo ao contrário.

Espreita pelas gavetas do País das Maravilhas, senta-te à mesa com o Chapeleiro e questiona-te: Quantos relógios tem o tempo? Consegues vestir a casa do Coelho? Já alguma vez jogaste às cartas com o futuro? Fecha os olhos senão não vês nada.

CONCEÇÃO **ALICE ALBERGARIA BORGES / BEATRIZ BAGULHO / MADALENA CASTRO**
A PARTIR DAS OBRAS *AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* E *ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO*, DE LEWIS CARROLL
MÚSICA ORIGINAL **CUÇA MONGA**
VÍDEOS E DIRETOS **ANTÓNIO MENDES E JOÃO ESTRADA**
ACOMPANHAMENTO **MARIA GIL**

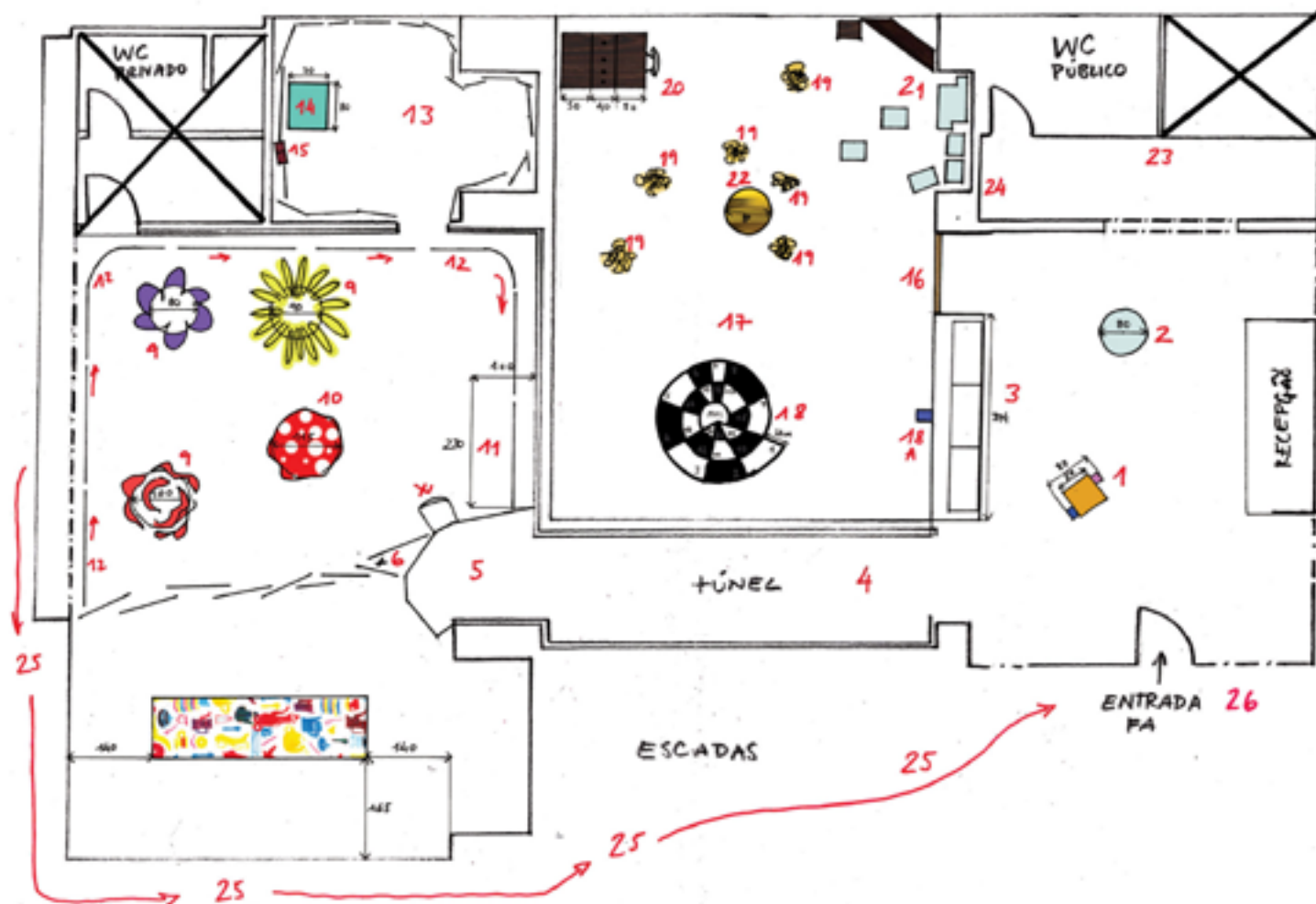
3 FEV A 16 JUL 2021

ESPAÇO FÁBRICA DAS ARTES / M/3 ANOS / TERÇA A DOMINGO, DAS 10H ÀS 13H E DAS 14H30 ÀS 18H
1,50€ (DIAS ÚTEIS), 3€ (FIM-DE-SEMANA)

ENTRADA MEDIANTE INSCRIÇÃO PARA O TEL 213 612 899 OU E-MAIL FABRICADASARTES@CCB.PT

PLANTA DA INSTALAÇÃO DO OUTRO LADO DA TOCA

IMPLANTAÇÃO PARA O ESPAÇO ESPECÍFICO DA FÁBRICA DAS ARTES



LEGENDA

Assinalado a amarelo - para
equipa de construção

ENTRADA

- 1 entrada das escadas
- 2 mesa de apoio gigante
- 3 parede falsa (para espreitar)

CORREDOR

- 4 túnel (toca de coalho)

SALA D

- 5 cabine no fim do túnel
- 6 espaço de decisão: para onde vou?
(placas de indicação)

TEMPO
ESPAÇO

- 7 sapateira
- 8 mesa de chá inclinada

JARDIM

- 9 flores fantasma
- 10 cogumelo - cidade
- 11 cauteiro das ideias
- 12 cortinas - jardim

SALA DE ARRUMAR

- 13 sala dos copelhos
- 14 mesa dos pastais
- 15 caixa de correio

SALA C

- 16 porta-silhueta
- 17 mundo no contêiner (lata)
- 18 jogo das perguntas
- 18A caixa das cartas
- 19 bancos - minhos
- 20 dobravauinha - museu
- 21 museu da rainha
- 22 fábrica das alter-égo

- 23 museu pendurado
- 24 gate-lua

- 25 percurso exterior (cauteiros)
- 26 casa do tocho
(para vestir)



ENTRADA



AGRI-PE
L'arte di coltivare
la terra
e la vita



MUSEU DA RAINHA





CORREDOR/TOCA



JARDIM



MESA DE CHÁ





SALA DOS ESPELHOS

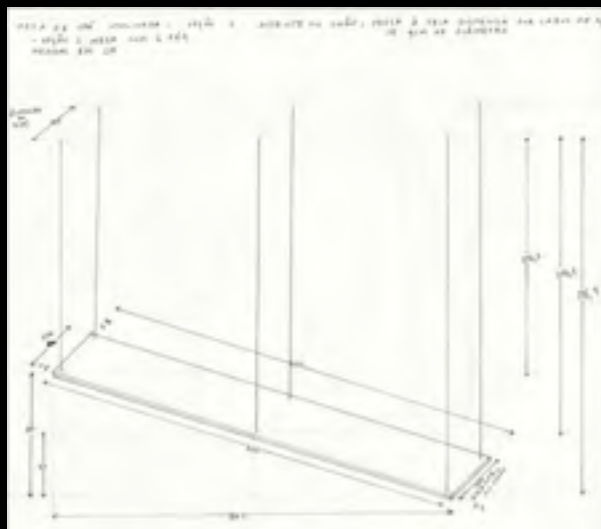


IDEIAS QUE NÃO NASCERAM

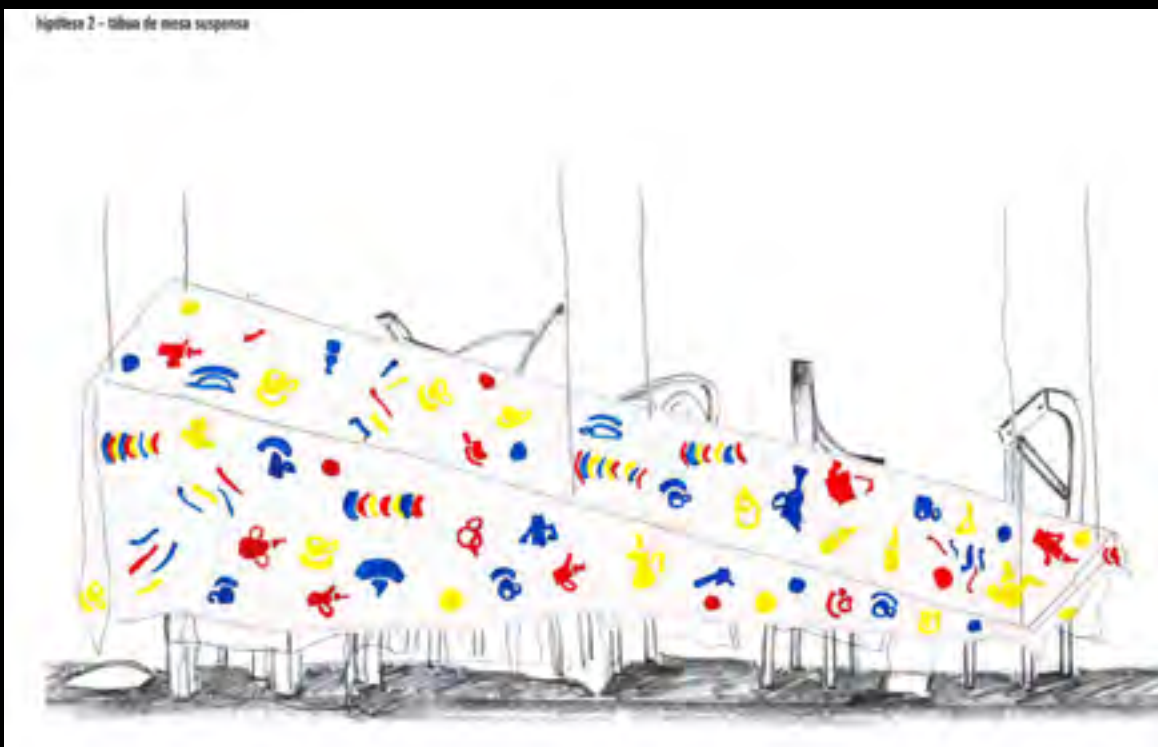
DESENHOS DE ESTUDO PARA ELEMENTOS DA INSTALAÇÃO



© BEATRIZ BAGULHO



© BEATRIZ BAGULHO, ALICE ALBERGARIA, MADALENA CASTRO



© BEATRIZ BAGULHO

3

DO OUTRO LADO DA TOCA



© MANUEL MOREIRA

TEXTO DE
BAM
BEATRIZ BAGULHO
ALICE ALBERGARIA BORGES
E MADALENA CASTRO

QUEM SOMOS?

A nossa equipa (BAM) é composta pela Beatriz Bagulho, pela Alice Albergaria Borges e pela Madalena Castro. Somos três amigas de longa data que já realizaram diversos trabalhos em conjunto. O ciclo *Festa de Desaniversário* da Fábrica das Artes foi o nosso primeiro grande projeto.

Todas frequentámos a Escola Artística António Arroio em diferentes áreas. A Beatriz Bagulho estudou Animação em Inglaterra e trabalha como animadora e ilustradora, tendo já realizado diversos trabalhos para públicos jovens, nomeadamente na Fábrica das Artes.

A Alice Albergaria Borges estudou Design Têxtil também em Inglaterra e trabalha sobretudo nessa área, numa prática que se dirige principalmente à preservação das técnicas têxteis tradicionais, de forma a trazê-las de volta à atualidade com especial preocupação com a sustentabilidade. A Madalena Castro está a estudar atualmente cenografia na Alemanha e trabalha principalmente nessa área, tendo, porém, uma prática artística muito versátil, que começa na escultura, passa pela *performance* e culmina na cenografia como área que combina todos os seus interesses.



PAREDE FALSA PARA ESPREITAR © VÍDEO DE ANIMAÇÃO BEATRIZ BAGULHO

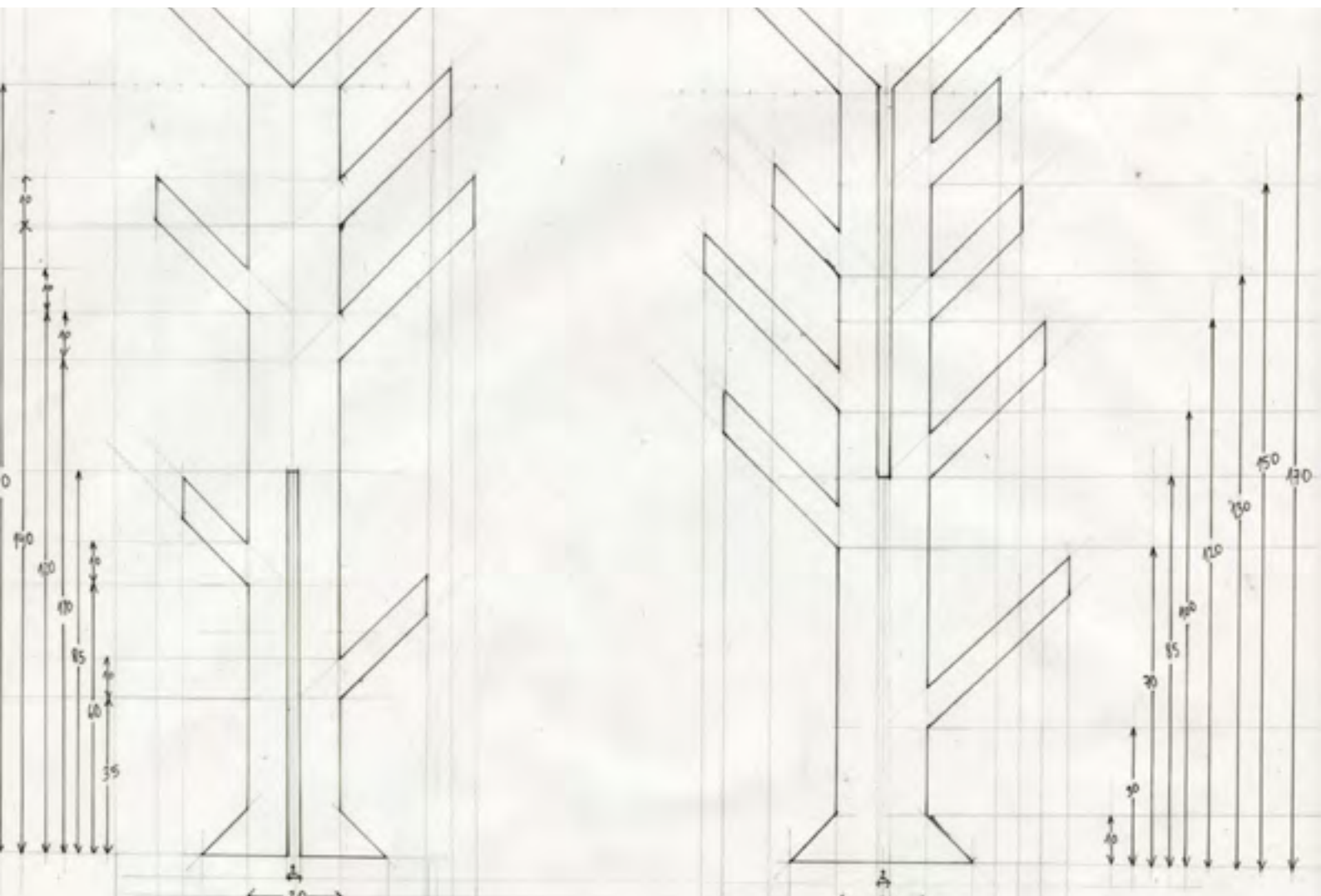
COMO SURTIU A INSTALAÇÃO DO OUTRO LADO DA TOCA?

A proposta da Fábrica das Artes veio trazer a oportunidade de conjugar as nossas áreas de trabalho, de forma a criar uma instalação imersiva, o *design* de cena e figurinos de quatro espetáculos itinerantes e conteúdos gráficos para um videogame.

Focando o olhar na instalação imersiva ***Do Outro Lado da Toca***, pode dizer-se que é uma fusão dos estilos das três artistas. Embora não tenha sido totalmente consciente, as linguagens de cada uma acabaram por se ligar de forma fluida e natural. Claramente o resultado final não teria sido o mesmo se não existisse a vertente da animação — parte essencial da dinâmica do universo de *Do Outro Lado da Toca*. Além disso, também é evidente a forte presença de uma linguagem têxtil, que envolve quase todas as salas da instalação, oferecendo-lhe um lado simultaneamente misterioso e acolhedor. Finalmente, tudo acaba por tomar forma através do olhar da cenografia, que combina e encontra soluções para transformar o espaço num universo paralelo à realidade, onde se mergulha e de onde, com sorte, se sai transformado.

Quando o CCB/ Fábrica das Artes nos convidou para integrar a equipa do Ciclo Festa de Desani-versário, começaram de imediato a brotar ideias e memórias do imenso universo de Lewis Carroll. Cada uma de nós tem, desde a infância, uma relação especial com as histórias e personagens das obras *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*. A Alice (Albergaria), pelo seu nome, tem desde pequena uma enorme coleção com edições dos dois livros oriundas de vários países, e a dissertação de licenciatura da Beatriz faz precisamente uma comparação das diferentes versões filmicas da história.

Foi muito entusiasmante reler os livros, desta vez com o olhar de quem procura inspirar-se e descobrir formas de recriar o País das Maravilhas. Embarcámos então numa imensa pesquisa de conceitos, obras de artistas, filmes e reflexões que vêm a ser criados desde a época vitoriana até aos dias de hoje a partir destas obras.



DESENHO TÉCNICO PARA ÁRVORE DAS INDICAÇÕES © BEATRIZ BAGULHO, ALICE ALBERGARIA, MADALENA CASTRO



MONTAGEM DO TÚNEL © FOTOGRAFIA MANUEL MOREIRA



COMO JOGAR PINGUE-PONGUE DE PENSAMENTOS?

Em agosto de 2020, tivemos a oportunidade de trabalhar na Fábrica das Artes em Residência Artística com os artistas e filósofos que conosco concretizaram este ciclo. Embora já tivéssemos uma ideia inicial de como queríamos que a instalação *Do outro lado da Toca* fosse vivenciada, o trabalho na Residência Artística foi crucial para o seu desenvolvimento. Foi durante essas semanas que pudemos realmente aprofundar a filosofia por detrás da instalação, apresentando as nossas ideias aos atores, filósofos e mentores do ciclo. Com o *feedback* da Madalena Wallenstein e da Maria Gil reformulámos alguns elementos e descobrimos os jogos e percursos nas várias salas, o que veio a enriquecer enormemente todo o projeto.

Uma parte muito importante da Residência Artística foi o contacto com o cenógrafo Pedro Silva¹, que veio ajudar a transformar ideias ainda um pouco abstratas (e talvez impossíveis de realizar) em propostas mais consistentes e viáveis. Tivemos vários encontros em que, todos juntos, fomos arranando soluções para a materialização de cada ideia no espaço.

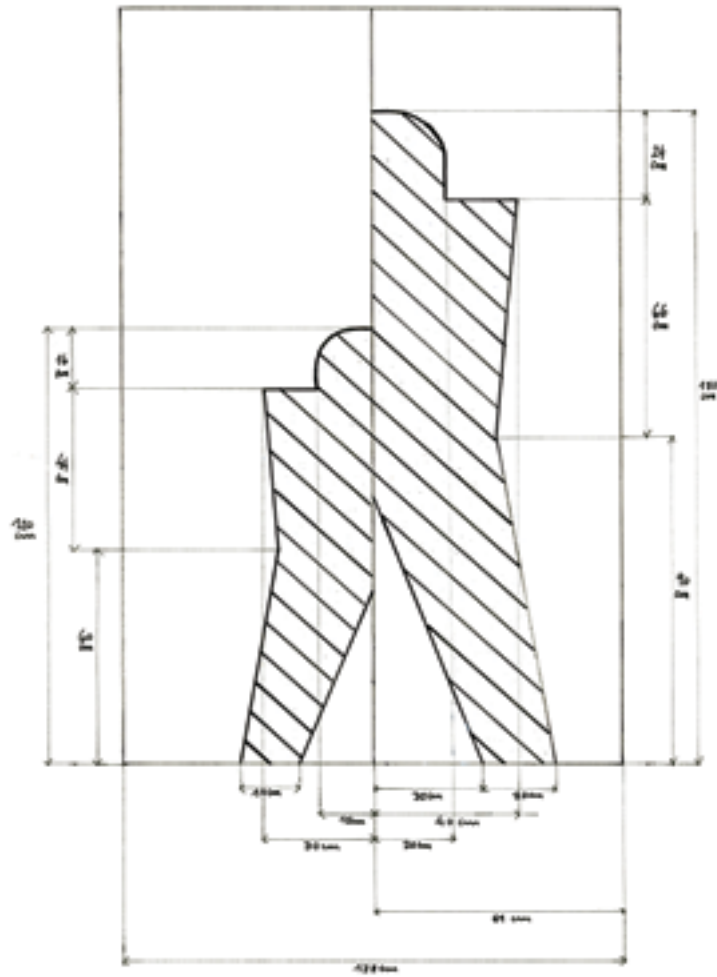
Através do seu conhecimento de materiais e da sua experiência na área, o Pedro passou a ser o nosso aliado na realização desta aventureira instalação.

Também foi na Residência que se iniciou o trabalho com o Conjunto Cuca Monga. Com o Diogo Rodrigues e o Fernão Biu, a instalação ganhou uma nova camada: o som. Este revelou-se fundamental no fator imersivo, pois, por mais rica que fosse visual e materialmente, a instalação ficaria despida sem o sentido auditivo. Desafiámos os Cuca a criarem paisagens sonoras para momentos específicos da Toca, através de referências e trocas de ideias.

Este pingue-pongue de pensamentos também se deu com os atores e criadores dos espetáculos portáteis, que nos apresentaram durante a Residência Artística versões embrionárias do que viriam a ser as suas criações. Foi muito importante nesta fase termo-nos reunido presencialmente com os atores, pois assim pudemos começar a perceber quais as necessidades de figurinos e cenografia para cada um dos espetáculos, partilhando ideias e discutindo possíveis soluções.

¹ Cenógrafo da equipa do Teatro do Silêncio/Paradoxos de Alice.

PORTA SILHUETA (passagem entrada - sala C)



DESENHO TÉCNICO DA "PORTA-SILHUETA" © BEATRIZ BAGULHO, ALICE ALBERGARIA, MADALENA CASTRO





DESENHO DE ESTUDO DE FLORES PARA A INSTALAÇÃO © BEATRIZ BAGULHO



DESENHO DE ESTUDO PARA ENTRADA DA INSTALAÇÃO © BEATRIZ BAGULHO





MONTAGEM DE TAPEÇARIA PARA ENTRADA DA INSTALAÇÃO © MANUEL MOREIRA



MAQUETE DO TÚNEL «TOCA DO COELHO» © MADALENA CASTRO



ESTUDO DE PADRÃO PARA O TÚNEL «TOCA DO COELHO» / TECIDO PINTADO À MÃO © FOTOGRAFIA MANUEL MOREIRA







O MERGULHO NO OUTRO LADO DA TOCA

Sendo cada uma de nós formada e especializada em áreas muito diferentes, os resultados finais refletem os nossos três mundos e ofícios: a cenografia e a tridimensionalidade (Madalena), a animação e a ilustração (Beatriz), e o têxtil (Alice). Embora a criação tenha sido feita em conjunto e colaboração, conseguimos distinguir o papel de cada uma, tanto na instalação como nos espetáculos portáteis.

Logo de início, encontramos uma lógica de dinâmicas para os visitantes da Toca. Existem três principais modos de estar e experienciar a nossa instalação, sendo que esta divisão é meramente categórica, e achamos interessante misturar as várias categorias simultaneamente nas diferentes salas.

Há **espaços íntimos** e de interação com o espaço, destinados a experiências pessoais e de autor-reflexão através de situações sugestivas e estimulantes que surgem do contacto com os objetos e com a composição do espaço. Criámos também **espaços de contemplação**, onde o público é convidado a fruir *Do Outro Lado da Toca* e descobrir o que este tem para dar. Finalmente, existem os **espaços de ação**, destinados a interações coletivas (principalmente jogos) em contextos diferentes consoante a sala da instalação em que se está. A instalação foi também pensada para poder ser utilizada como espaço cénico para as pequenas *performances* realizadas ao longo da programação.²


Fruir, observar, atentar, interagir e procurar são capacidades importantes a desenvolver desde pequeno, por isso orientámos o percurso pela **Toca** de forma a estimular quem lá cai.

Depois da residência artística de agosto de 2020 e da **explosão de material, ideias e referências**, tivemos de afunilar e desenhar uma proposta final, para então começarmos a produzir conteúdos. Tudo começou com desenhos.

Certos elementos da instalação, como as paredes falsas, a estrutura do túnel e a mesa inclinada, foram construídos por uma equipa de profissionais. Para isso, fizemos desenhos técnicos à mão com a ajuda do nosso colaborador e assistente Diogo Vaz-Cavaleiro.

Entre muitos cronogramas, orçamentos, listas e reuniões *online*, começámos a produzir o nosso País das Maravilhas. A Madalena Castro, por viver em Berlim, ia e vinha, e foi fazendo muito trabalho à distância.

² Com a pandemia, não foi possível concretizar esta ideia. Os espetáculos foram realizados noutras salas mais amplas e com plateia ou em espaços exteriores.



*«Eu não faria assim»,
«Sabes que isto aqui é mais barato e faz o mesmo efeito?»,
«Olha, e se fizessem antes com este material,
não acham que seria interessante?»*





DESENHO DE ESTUDO DE PADRÃO PARA AS "CORTINAS-JARDIM" © ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO



© MANUEL MOREIRA



DESENHO DE ESTUDO PARA A MESA DE CHÁ INCLINADA © ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO



PAREDE PINTADA À MÃO © FOTOGRAFIA MANUEL MOREIRA







BEATRIZ BAGULHO - MONTAGEM © FOTOGRAFIA MANUEL MOREIRA

UM PUZZLE LOUCO

A montagem desta instalação foi um processo de aprendizagem duro, em que a constante necessidade de adaptação à mudança esteve muito presente. Nestes tempos de pandemia, em que tudo é diferente do habitual, é preciso ser-se elástico.

- *Mas eu não quero andar entre gente louca — protestou Alice.*
- *Oh, não há nada a fazer — disse o Gato. — Aqui somos todos loucos. Eu sou doido e tu também.*
- *Como é que sabes que eu sou doida? — perguntou Alice.*
- *Deves ser — respondeu o Gato, — senão não tinhas cá vindo parar.*

Talvez a melhor palavra para descrever o processo de montagem de *Do Outro Lado da Toca* seja **LOUCURA**. Foi preciso coordenar trabalho criativo com trabalho de produção; criação de figurinos e conteúdos gráficos para o videogame com a instalação; horários limitados pela pandemia em toda a cidade; o tempo, que aperta; a necessidade de uma equipa grande com restrições de pessoal por sala; a permanente mudança de planos com o desejo de ver o trabalho pronto. Se não éramos já doidas, certamente doidas saímos daqui.

Um dos maiores desafios que enfrentámos neste projeto foi as infinitas regras, restrições e mudanças provocadas pela pandemia da Covid-19. Reuniões *online* em vez de presenciais, trabalho à distância, alterações de datas devido aos confinamentos... Tudo isto foi, por vezes exasperante, mas também deu lugar a novas ideias para todo o projeto, como o trabalho de adaptação dos vários espetáculos para formatos *online* e do videogame *Do Outro Lado da Toca* desenvolvido pelo GameDev Técnico (para o qual criámos ilustrações e animações).

A maior bomba que nos caiu ao longo do processo foi quando, em janeiro de 2021, já com tanto trabalho da instalação a andar para a frente e a inauguração planeada para 3 de fevereiro, Portugal entrou em confinamento e todo o nosso trabalho ficou suspenso. Todos parados na hora do chá.

Levar trabalho para casa, trabalhar de lá. Viver um mês no incógnito, mas avançar. Este tempo de paragem acabou por ser útil, pois possibilitou a construção de vários elementos mais minuciosos da instalação, sem tanta pressão e de uma forma mais dedicada. Por outro lado, como o processo de paralisou, todos os nossos planos paralelos trabalho começaram a sobrepor-se e a fase final foi extremamente exaustiva.



© MANUEL MOREIRA



© MANUEL MOREIRA



Finalmente, entre o final de março e a segunda quinzena de abril, pudemos acabar as nossas montagens, trabalhando ao mesmo tempo nos espetáculos.

Nada disto teria sido possível sem a coordenação e organização da Madalena Castro, a ajuda preciosa de todos os voluntários (ver na ficha técnica) que se disponibilizaram a trabalhar sem custos e dos técnicos do CCB que incansavelmente nos ajudaram a encontrar soluções. Todos foram parte essencial desta epopeia.

BRINCAR COM IDEIAS

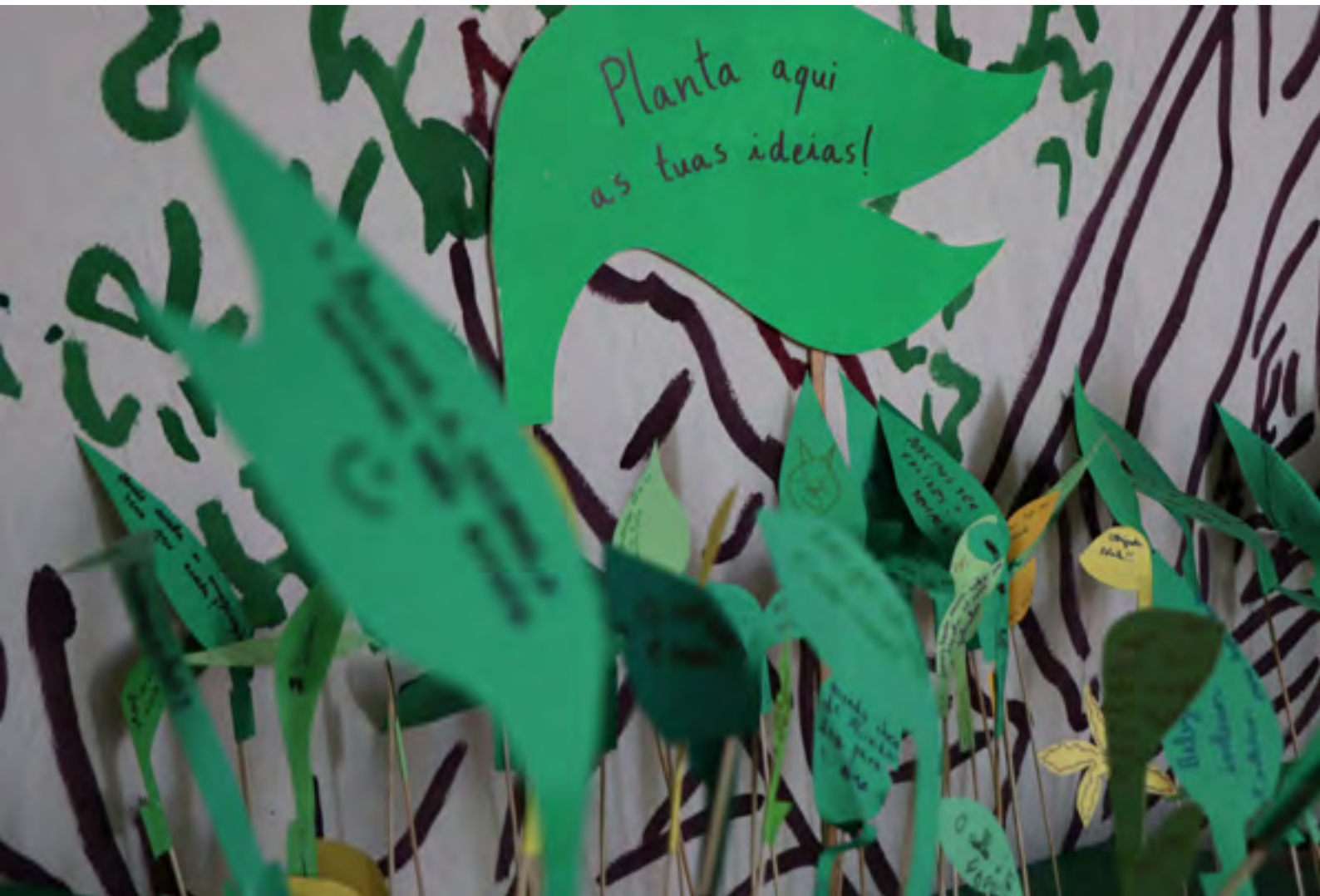
Para nós sempre foi importante que o *Do Outro Lado da Toca* fosse um local onde se pudesse jogar, aprender, pensar e criar.

Assim, desenvolvemos um conjunto de atividades que enriqueceram a visita à instalação — sozinho ou em grupo. Inspiradas pelo *nonsense* do Jardim das Maravilhas, criámos os jogos:

“Palavras Descruzadas”, “Quem sou eu?”, “Quem és Tu, no Teu Lugar?” e “Tabuleiro das Perguntas”, jogos individuais e de grupo com cartas e regras muito loucas. Também pensámos noutras atividades de desenho e escrita: um **canteiro onde se plantam ideias, uma escrivaninha para escrever cartas ao Eu do futuro, um museu-estendal** onde se deixam ilustrações a partir de passagens do audiolivro e um **caderno de campo com desafios para preencher na visita**, que se pode levar para casa. Este caderno é um objeto que acrescenta ainda mais dinâmica à experiência da visita, pois guia o percurso do visitante e propõe-lhe modos de ver, refletir e brincar com o espaço em volta.



Disponível na **pág. x** do programa digital.



© MANUEL MOREIRA



ELEMENTOS DO CADERNO DE CAMPO DO OUTRO LADO DA TOCA - PROPOSTAS DE JOGOS INTERATIVOS
© DESENHADO POR BEATRIZ BAGULHO, ALICE ALBERGARIA BORGES E MADALENA CASTRO.





À MESA - JOGOS PARA MUITOS



QUEM ÉS TU, NO TEU LUGAR?

PARA TODOS, MESMO QUEM NÃO SABE LER AINDA

Nº máximo de participantes: 6

Sentem-se à mesa com quem encontram na sala. Existem 10 lugares, mas apenas seis, no máximo, devem ser ocupados.

Cada lugar é diferente pelo aspecto da sua cadeira e o serviço de chá que tem à frente.

Cada jogador escolhe **QUEM É** consoante o seu lugar e demonstra-o através de mímica e movimento. Podem escolher animais, objetos ou personagens do País das Maravilhas. Pensem em algo que os outros conhecem. Já jogaram às charadas? É semelhante.

Começa quem está sentado no ponto mais alto da mesa. O objetivo é que todos descubram quem o jogador é, com base no aspecto visual do seu lugar e na mímica do jogador. Para tal, cada membro do grupo faz perguntas de resposta "Sim" ou "Não" ao jogador, até ser descoberta a sua identidade.

De cada vez que o relógio de cuco toca, acaba o tempo que cada um tem para fazer perguntas, e passa ao próximo. Quando descobrirem a identidade do primeiro jogador, é a vez de quem está sentado à sua esquerda demonstrar **QUEM É** e o grupo adivinhar.

QUEM SOU EU?

PARA QUEM SABE LER

Nº máximo de participantes: 6

Para jogar este jogo, as regras são muito simples: cada participante senta-se num lugar, e abre com cuidado a tampa onde se esconde um cartão de identidade.

Nesse cartão, estará escrito **QUEM O JOGADOR É**.

ATENÇÃO: O dono do cartão não pode ver o que está lá escrito, mas apenas a parte de trás. Deste modo, cada jogador sabe quem são os outros, mas não sabe **QUEM É**.

O objetivo do jogo é então descobrir a própria identidade, fazendo perguntas aos outros cuja resposta seja "Sim" ou "Não".

Há um relógio que toca uma badalada de cada vez. Tentem que todos adivinhem quem são antes de soar a terceira badalada.



1 ESCRIVANINHA FUTURO + POSTAIS

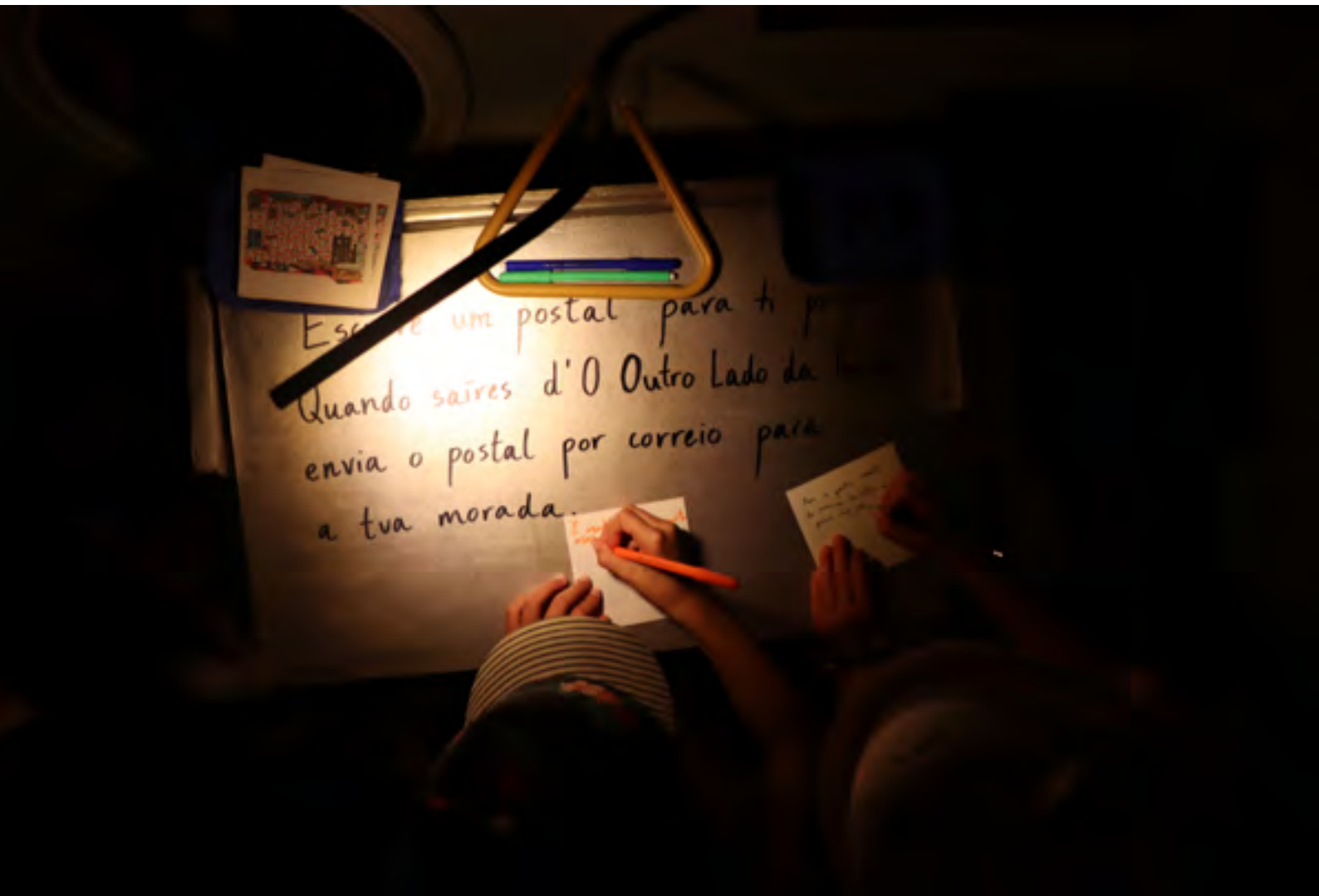








ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL



...oca,
stal para
d'O Outro
por correio



morada



...o que se tem a ver com a história
...o que se tem a ver com a história

...o que se tem a ver com a história
...o que se tem a ver com a história

...o que se tem a ver com a história
...o que se tem a ver com a história

2 PALAVRAS DESCRUZADAS



PALAVRAS

DESCRUZADAS

FIA



ESA



REX

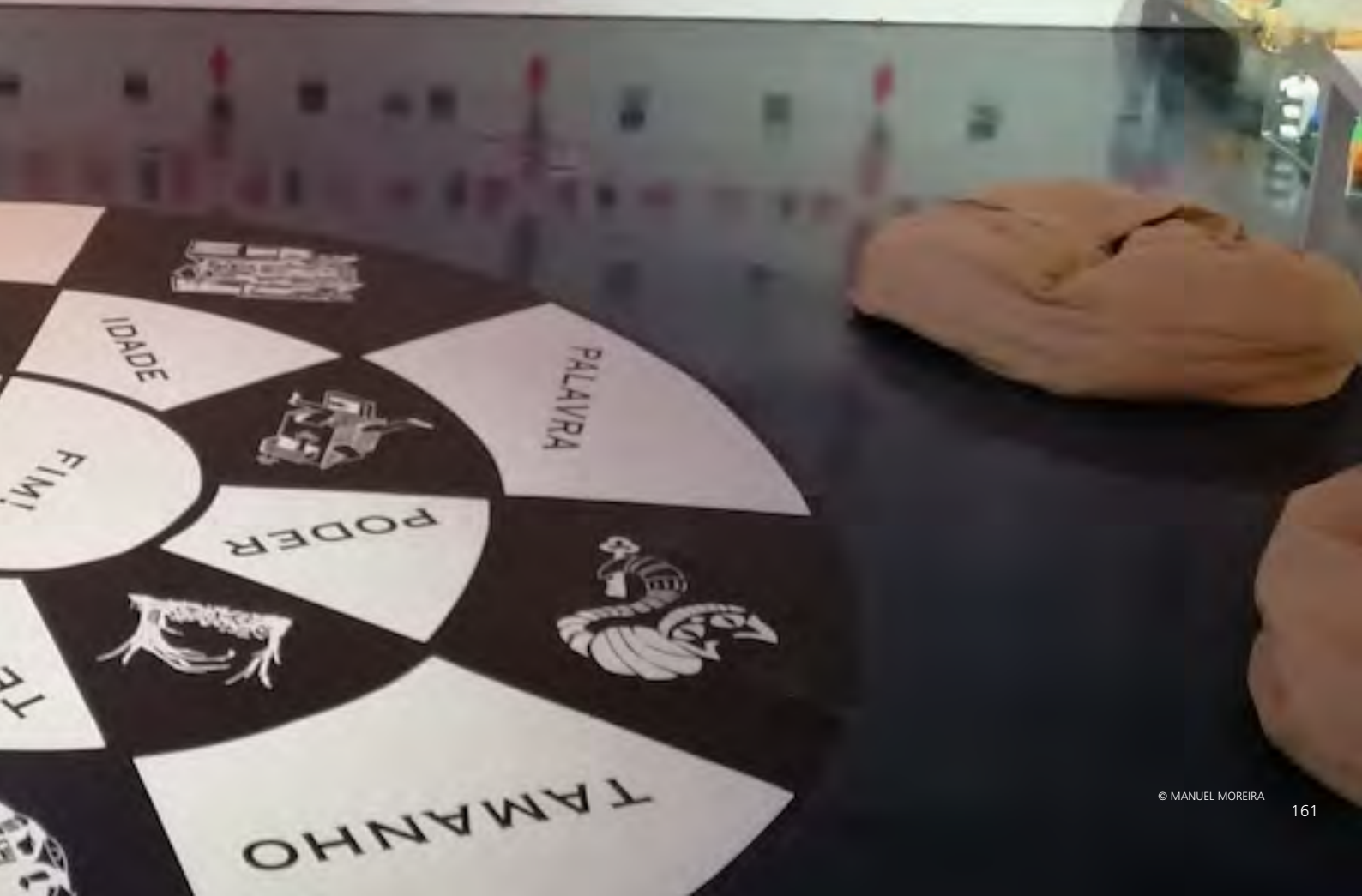


RI



3 JOGO DAS PERGUNTAS, TABULEIRO DA GLÓRIA





TAPULEIRO DAS PERGUNTAS

TABULEIRO DAS PERGUNTAS

Nº máximo de participantes: 6 (1 juiz, 5 jogadores)

REGRAS DO JOGO:

Os participantes escolhem uma pessoa para ser o juiz.

Deve ser alguém que saiba ler, pode ser a pessoa mais velha, por exemplo.

Os jogadores posicionam-se na casa-partida; o juiz posiciona-se ao lado da caixa das cartas do jogo e tem o molho de cartas na mão.

O participante mais novo é o primeiro a começar! Se a sua idade for um número ímpar, avança para a primeira casa; se for um número par, avança para a segunda.

Em cada casa encontra-se uma palavra ou uma imagem.

O jogador inventa uma pergunta que tenha a ver com aquilo que está representado na casa do jogo (exemplo: na casa está escrito TEMPO, o jogador pergunta a todos 'Quanto tempo tem o tempo?'). O objetivo não é obter respostas, mas sim encontrar mais e mais perguntas e novas formas de as formular.

Depois de ouvir a pergunta, o juiz tira a primeira carta e lê um desafio. Os desafios são jogos de linguagem e palavras. O jogador repete a sua pergunta, de acordo com o desafio. (exemplo: a carta diz 'Faz a tua pergunta na língua dos Pés, o jogador diz: "Quan-pan-to-po tem-pem-po-po tem-pem o-po tem-pem-po-po?").

O juiz aprova ou não a realização do desafio. Caso não aprove, o jogador fica na mesma casa; caso aprove, o juiz lê na carta quantas casas o jogador avança.

Passamos ao próximo jogador, por ordem de idades.

O primeiro jogador a chegar ao centro do Tapuleiro ganha o jogo!



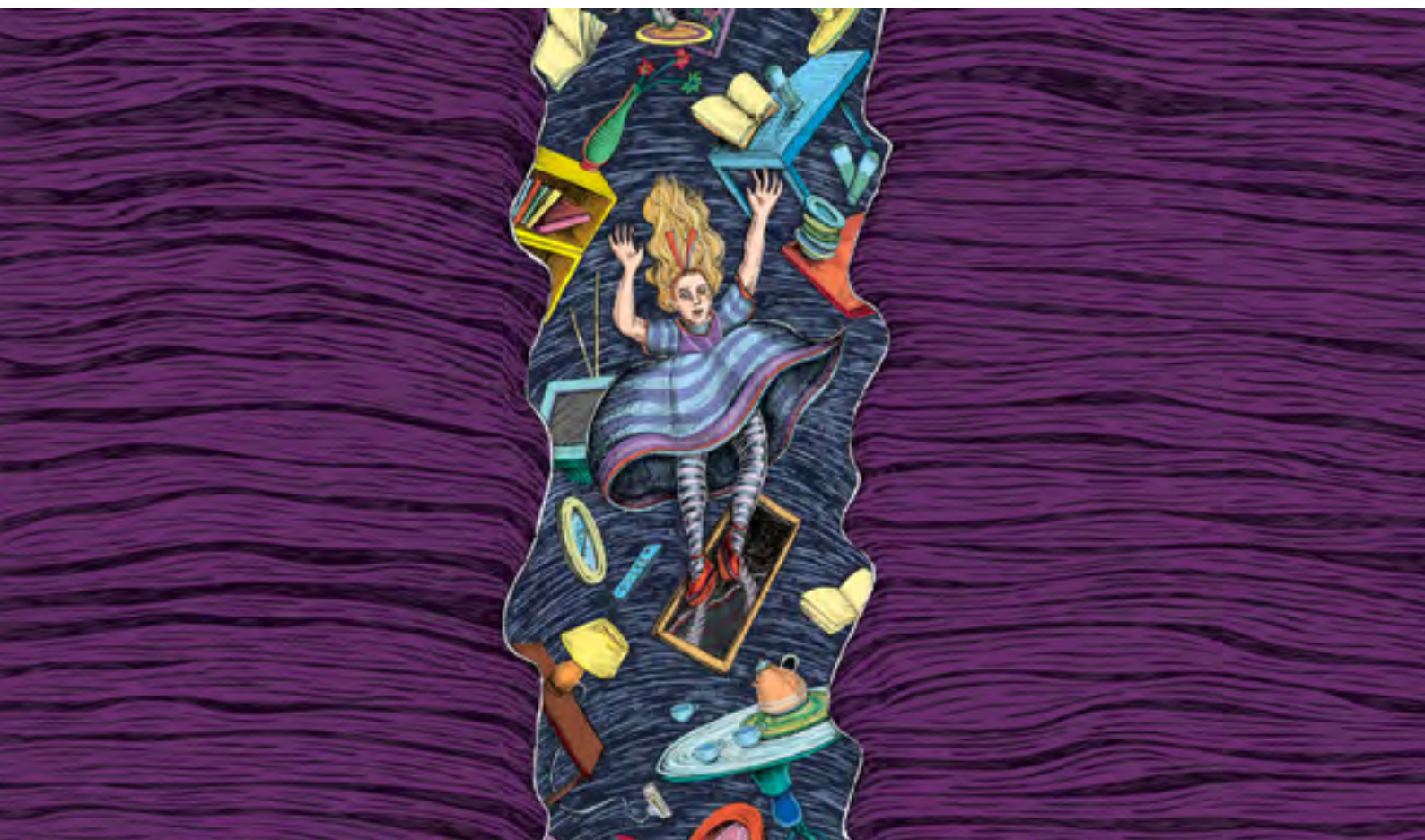


ILUSTRAÇÃO © BEATRIZ BAGULHO

Em conjunto com o seu assistente André Correia, a Beatriz criou os **desenhos animados** que surgem ao longo da instalação nas caixinhas para espreitar, na **queda dentro da toca do coelho** e na **sala dos espelhos**. Estes elementos acrescentam uma camada inesperada às salas da instalação, movendo-se e interagindo com o local onde estão. Por exemplo, na sala dos espelhos, o **Coelho Branco** fragmenta-se, duplica-se, distorce-se e esconde-se entre os inúmeros espelhos das paredes.

JOGAR COM OS PÉS DO OUTRO

No desenvolvimento da parte plástica e estética dos quatro espetáculos portáteis, foi importante termos feito o exercício de definir o nosso papel enquanto figurinistas e *designers* de cena, simultaneamente.

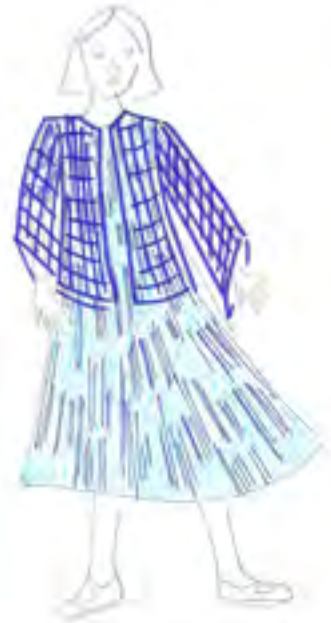
Trata-se de encontrar um universo que contextualiza a ação encenada, de forma a catapultar a imaginação do público para um pouco mais longe. Neste sentido, tentámos criar em conjunto com os atores e as atrizes uma linguagem que trouxesse a Alice para o século XXI e que fugisse aos múltiplos clichés desenvolvidos à volta desta personagem e da sua história. Para quatro duplas de atores/atrizes, quatro processos criativos — cada dupla foi um desafio diferente. Se com uns/umas tudo foi ganhando forma com naturalidade, com outros/as houve reformulações constantes, que levaram a resultados completamente díspares desde o ponto de partida.

A metodologia de trabalho em coletivo é a forma ideal, no sentido em que existe democracia e abertura suficientes para o desenvolvimento de ideias e conceitos ser de todos e não esteja repartido em hierarquias espartilhantes.

Por outro lado, este é um processo custoso e demorado, em que é preciso **tomar tempo para ouvir cada um até ao fim**; tentar **entender as ideias dos outros como quem atravessa o espelho pondo a cabeça do outro lado**. É preciso um grande jogo de cintura e capacidade de **jogar com os pés do outro**. Num processo criativo em coletivo, o objetivo não que as ideias de uns sirvam as ideias de outros, mas sim que **as ideias de uns e de outros se fundam e se transformem nas ideias de todos**.

Os figurinos foram desenhados por nós as três e confeccionados pela costureira Rosário Balbi, especializada em costura para teatro. O contacto com a Rosário foi gerido pela Alice Albergaria — a apresentação e discussão dos desenhos, as medições dos atores, a procura e compra de tecidos. Com o trabalho da Rosário, aprendemos sobre o **saber-fazer** da costura e de como a costura para teatro é um ofício especializado. Trabalhar com ela permitiu criar certos figurinos mais extravagantes, como os fatos-de-ovo de *Dois Ovos Irmãos*.

A multiplicidade de contextos e formatos de apresentação dos espetáculos portáteis comportou uma dificuldade estrutural na sua criação. Foi preciso pensar em figurinos e adereços adaptáveis, que tivessem impacto e leitura em vários formatos diferentes — em escolas, apresentações no exterior, em salas de teatro e até no Zoom. Para isso, todos os objetos tinham de ser fáceis de transportar, mas também ricos visualmente, quer vistos de longe ou ao pormenor. Felizmente, esta era uma questão debatida pelos próprios atores e criadores dos espetáculos, e em conjunto conseguimos encontrar soluções extraordinárias.

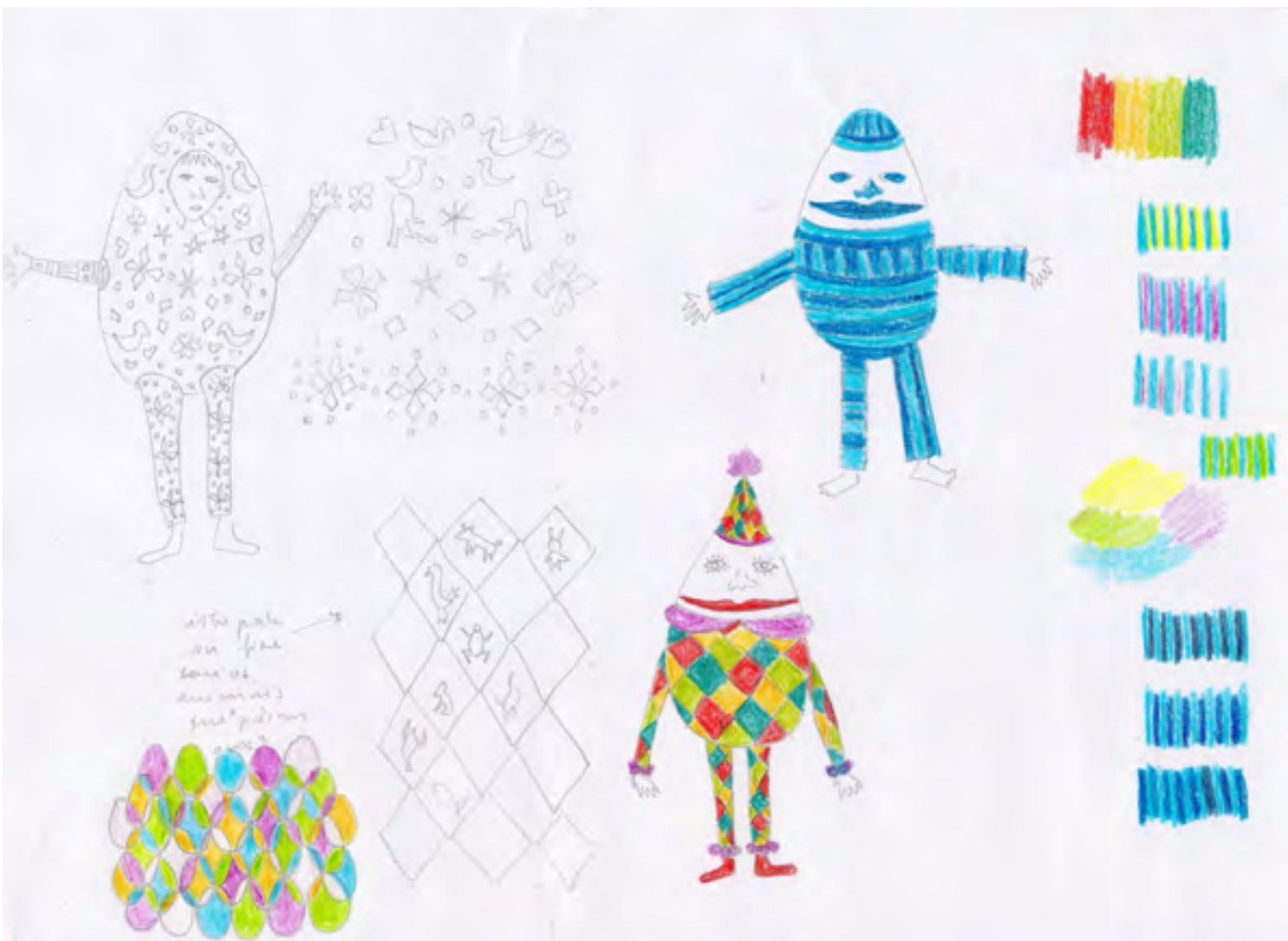






veludo verde





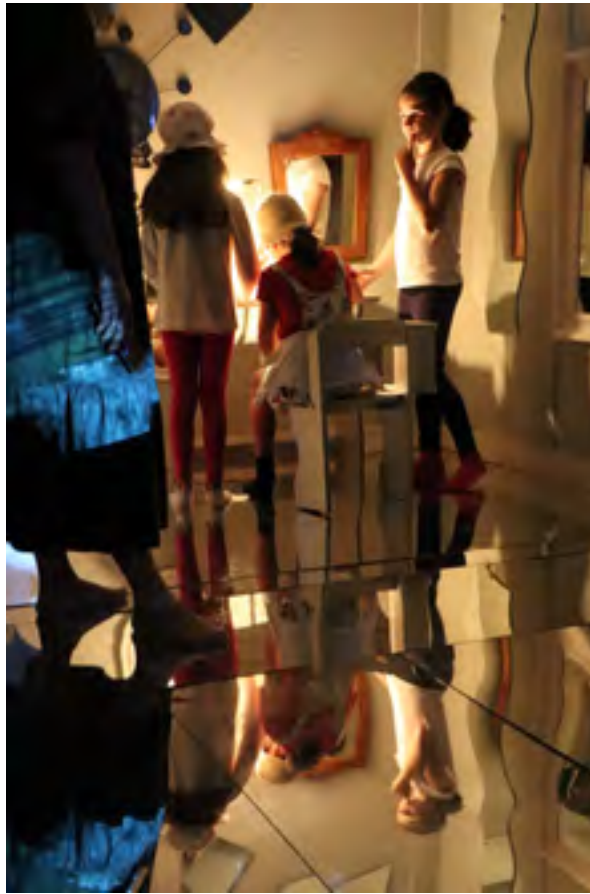
ESTUDO DE FIGURINOS PARA OS ESPETÁCULOS QUEM É TU? E DOIS OVOS IRMÃOS: TRAMBOLHÕES E JIGAJOGAS © ILUSTRAÇÕES DE ALICE ALBERGARIA BORGES



CONSTRUÇÃO DE FIGURINOS PARA O ESPETÁCULO DOIS OVOS IRMÃOS: TRAMBOLHÕES E JIGAJOGAS © FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO MENDES







© MANUEL MOREIRA

ACORDAR DEPOIS DO SONHO

Trabalhar no Ciclo *Festa de Desaniversário* enquanto artistas plásticas foi muito desafiante. Pudemos encontrar uma linguagem uma através da fusão dos nossos três universos e crescer também enquanto jovens criadoras singulares.

Ter passado por esta extensa experiência, com tantas etapas e peripécias, ensinou-nos muito sobre o trabalho em equipa, a produção e gestão de um projeto complexo, e as divergências entre os processos criativos de cada um.

O facto de termos trabalhado com tantas pessoas diferentes (filósofos, músicos, atores, programadora, técnicos, carpinteiros, voluntários, costureira, etc.) foi um fator crucial deste projeto e acabou por nos trazer um novo olhar sobre a criação para todas as infâncias.

4

GAMEDEV VIDEOJOGO

TEXTO DE
**GAMEDEV (INSTITUTO
SUPERIOR TÉCNICO)**
DIOGO RATO
JORGE NUNES
ANDRE ANTUNES
PEDRO SOARES
SOFIA SANTOS

Página 77 do programa
Entre Arte E Educação,
temporada 20/21, Centro
Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário
da programação digital
Do Outro Lado do Espelho



ILUSTRAÇÃO DE **BEATRIZ BAGULHO** A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

VIDEOJOGO

DO OUTRO LADO DA TOCA - O VIDEOJOGO

GAME DEV TÉCNICO



Partindo da instalação *Do Outro Lado da Toca*, de Alice Albergaria Borges, Beatriz Bagulho e Madalena Castro e com música do conjunto Cuca Monga, a Fábrica das Artes convidou uma equipa de jovens chapeleiros loucos do Instituto Superior Técnico para desenvolver um videojogo passado no universo de Alice, de Lewis Carroll. Através de várias experiências com diferentes estilos de jogabilidade, lançadas faseadamente entre fevereiro e julho, o jogador é convidado a assumir o papel de Alice e, com ela, cair para dentro do buraco do coelho para explorar o Mundo das Maravilhas.

Neste jogo, Alice enfrenta alguns desafios peculiares, na forma de minijogos, que exigem do jogador uma boa capacidade de adaptação a novas realidades para ser bem-sucedido.

O desenvolvimento do videojogo será coordenado pelo Game Dev Técnico, um núcleo de estudantes que desenvolvem jogos do Instituto Superior Técnico, com o apoio do Laboratório de Jogos do Técnico.

UMA PARCERIA CCB / FÁBRICA DAS ARTES E INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

EQUIPA INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO PRODUÇÃO **DIOGO RATO**
PROGRAMAÇÃO **JORGE NUNES, ANDRÉ ANTUNES, PEDRO SOARES** DESIGN **SOFIA SANTOS**

3 FEV ATÉ JUL 2021 ¹

GRATUITO

¹ LANÇAMENTO FASEADO A PARTIR DE 3 DE FEVEREIRO ATÉ JULHO



4

GAMEDEV - VIDEOJOGO



do outro lado
da **Toca**
o videojogo

AUTORES
GAMEDEV (INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO)
DIOGO RATO
JORGE NUNES
ANDRÉ ANTUNES
PEDRO SOARES
SOFIA SANTOS

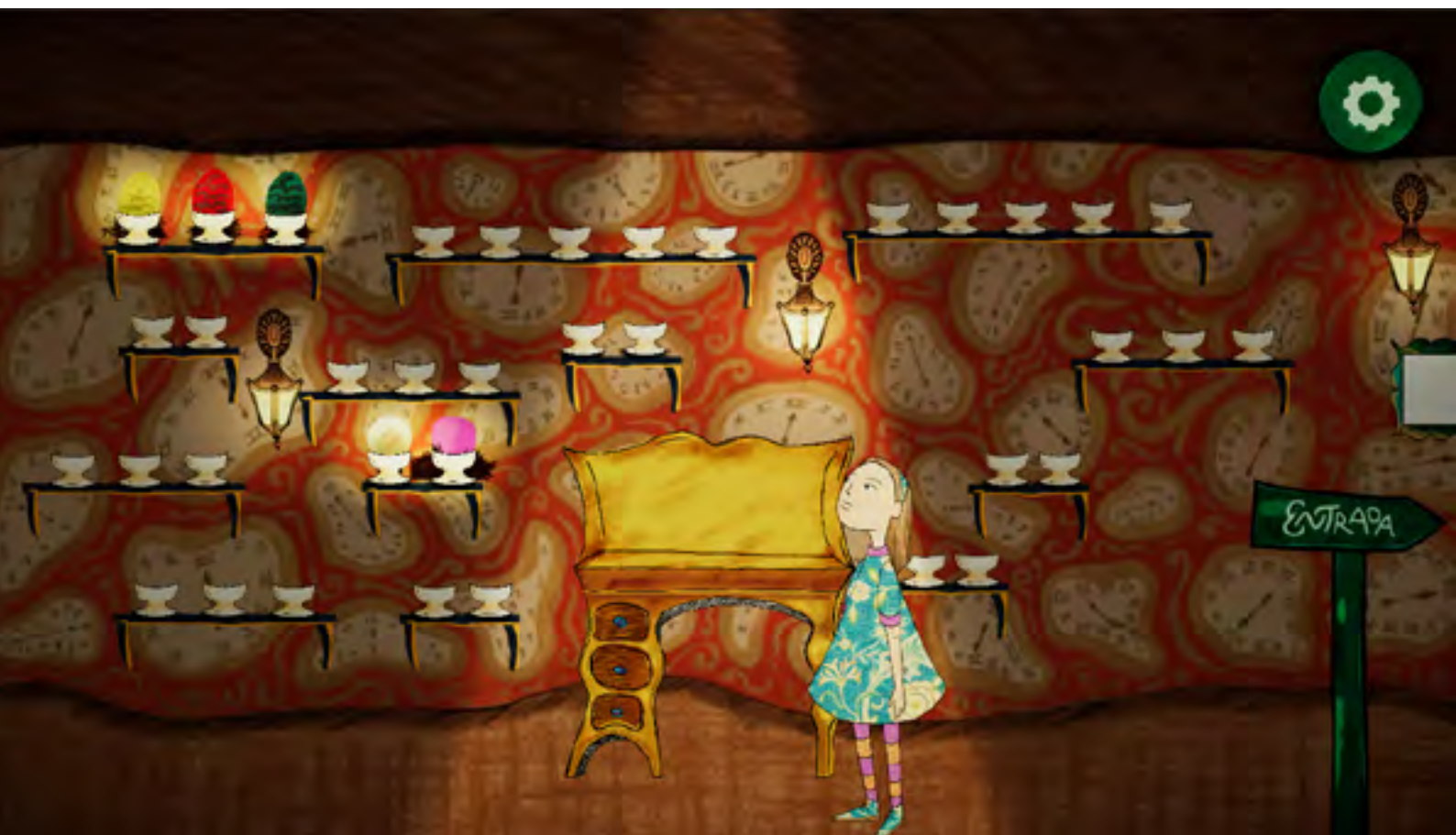


ESTUDO DE ALICES PARA O VIDEOJOGO © ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA CONTAMINAÇÃO PELOS VÁRIOS ARTISTAS/INSTALAÇÕES

Quaisquer expectativas que tivéssemos para este projeto foram derrubadas no primeiro dia, quando conhecemos a equipa completa. Esperávamos diferentes abordagens e métodos de trabalho, mas fomos, ainda assim, surpreendidos pela leveza e estruturação evidenciadas. Nos dias da residência artística foram-nos apresentados os planos para a instalação, as peças de teatro de cada dupla, e fizemos ainda parte de alguns exercícios de *team building* que, sem dúvida, ajudaram a criar uma ligação entre toda a equipa e a entrar nas maravilhas do mundo da Alice.

Sendo o nosso objetivo criar um jogo que refletisse os restantes objetos artísticos, foi crucial perceber a evolução das diversas criações, assim como as suas bases. Posto isto, as primeiras ideias da instalação formaram a estrutura do jogo digital. Com paralelismos diretos, seguimos a ordem que nos foi apresentada: cair pelo túnel, atravessar a toca do coelho, seguir para o jardim, a mesa de chá, e chegar ao mundo ao contrário. As peças e personagens das duplas de teatro moldaram também a narrativa que é contada, assim como a dinâmica entre os diferentes habitantes do país das maravilhas.





STILL DE MANUEL MOREIRA DO PONTO DE PARTIDA DO VIDEOJOGO DO OUTRO LADO DA TOCA



DESENHO DE ESTUDO PARA O VIDEOJOGO © ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO

RESIDÊNCIA VS. GAME JAM

Considerando que esta foi a nossa primeira exposição a uma residência artística, a reação imediata que tivemos foi a de estabelecer comparações com o conceito de *game jam*, que, por sua vez, é-nos muito familiar e está presente no quotidiano dos *game developers*.

Se, de um modo geral, ambos os eventos procuraram o encontro de novas inspirações e o desenvolvimento de ideias, foi sobretudo na concretização que evidenciamos diferenças, nomeadamente na organização do projeto e das dinâmicas de grupo. Tipicamente, nas *Game Jams*, um grupo multidisciplinar de artistas, animadores, músicos, programadores, entre outros, é desafiado a conceber um jogo num curto prazo de tempo, inspirado num tema anunciado no início do evento. Estas restrições obrigam os participantes a serem criativos em função dos recursos disponíveis de forma a produzir um protótipo na curta duração destes encontros, tipicamente 48 horas.

Embora os jogos possam ser igualmente considerados manifestações artísticas, é de notar que têm uma componente digital e interativa que requer um processo interativo e de testagem rápida e frequente. Consequentemente, as equipas numa *Game Jam* devem encontrar um foco específico num curto espaço de tempo para terem espaço para corrigir e ajustar detalhes durante o reduzido período que dispõem para o desenvolvimento do jogo.

Esta adaptação implica um processo que é chamado de *playtesting*, onde outros jogadores são chamados a experimentar o jogo com o objetivo de guiar as equipas que os desenvolvem. Nesta fase, os criadores do jogo pretendem verificar que os controlos, as dinâmicas de jogo e as interações entre as personagens e o mundo são de facto as pretendidas durante a conceção. Provavelmente, este é o ponto em que a residência artística mais se afastou de uma *game jam*.

Nos dois dias em que o GameDev Técnico esteve presente na residência, o objetivo principal não era concretizar um jogo ou implementar protótipos, mas sim definir uma direção criativa e uma estética que se conseguisse alinhar com as restantes obras que também se procuravam encontrar e descobrir naquele espaço. Em oposição a uma *game jam* onde o trabalho conceptual não ocupa mais do que umas poucas horas, a nossa experiência na residência artística foi dominada pela idealização que originou uma ideia coletiva do que seria este *Ciclo Festa de Desaniversário*.







FOTOGRAFIA DE STILLS DE MANUEL MOREIRA DAS VÁRIAS ETAPAS DO VIDEOJOGO DO OUTRO LADO DA TOÇA

EXPLORAÇÃO E PROTOTIPAGEM

1. DEFINIR A EXPERIÊNCIA DO JOGADOR

Mais evidente do que nas restantes instalações, o espectador, neste caso o jogador, é o elemento principal e parte ativa da experiência. De forma a contaminar o nosso jogo com elementos presentes nas peças de teatro, procurámos que vários componentes do jogo tivessem ligações às personagens (Alice, Rainha Vermelha, Humpty e Dumpty, Chapeleiro Louco e Lagarta), preservando, em particular, o seu arco e personalidade. Adicionalmente, a música do jogo seria original, mas com elementos sugestivos da sonoridade presente na instalação e no audiolivro. Estes cruzamentos permitem que o jogador se sinta parte do próprio *Ciclo Festa de Desaniversário*, podendo explorar o mundo louco do País das Maravilhas.

2. FORMALIZAÇÃO DO CONCEITO

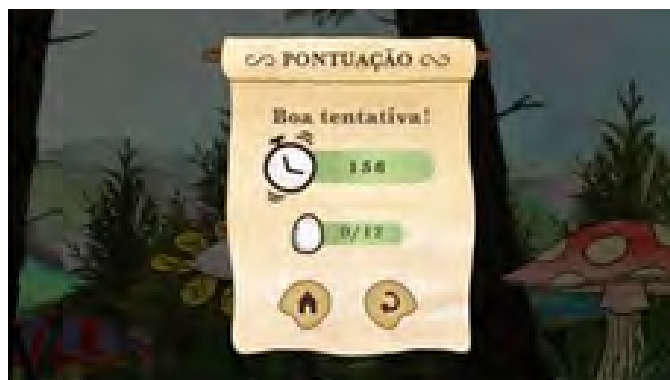
O primeiro passo no desenvolvimento de um videojogo é a formalização do conceito. Para tal, escrevemos um Documento de *Design* de Jogo, onde procuramos explorar várias áreas e ser o mais explícitos possível durante a produção de cada uma, de forma a que a ideia do jogo a criar seja a mesma para todos os que fossem trabalhar no seu desenvolvimento.

Começámos por definir o conceito geral do jogo no qual procurámos explorar o tipo de jogo e o que nele acontece, bem como a audiência alvo e o que procuramos que o jogador sinta ao longo de toda a experiência proporcionada.

Passamos então para a definição do jogo em si e das suas várias mecânicas: qual o objetivo do jogador, quais os desafios a ultrapassar, como seria a sua estrutura e progressão, a experiência que procuramos que o jogador tenha, quem encontraríamos nesta aventura, que poderíamos colecionar e por onde passaríamos.

No entanto, uma das partes mais importantes deste jogo teria de ser uma narrativa que deixasse o jogador intrigado e investido em todo o percurso. No papel da Alice, teria de ultrapassar vários desafios para salvar os seus amigos do reinado da Rainha Vermelha no mundo louco do País das Maravilhas.

Por fim, foi necessário estabelecer um estilo artístico, não só visual, mas também musical, para todo o jogo. A nível visual, procurámos que todas as personagens, ambientes, ilustrações e outros elementos se baseassem no mesmo estilo artístico do ambiente vivido na exibição da *Festa de Desaniversário*. Já a nível musical, procurámos um estilo mais leve e expressivo de forma a marcar o tom ao longo de toda a história e para ajudar na imersão do jogador.



FOTOGRAFIA DE STILLS DE MANUEL MOREIRA DAS VÁRIAS ETAPAS DO VIDEOJOGO DO OUTRO LADO DA TOCA

3. PROTOTIPAGEM DAS PRIMEIRAS DINÂMICAS DE JOGO

Após a anotação de ideias e temáticas planeadas para a exposição e as peças de teatro, focámo-nos na conceção de três capítulos para o nosso jogo que conseguissem encapsular o máximo possível dos ambientes que o resto do projeto da *Festa de Desaniversário* procurava mostrar.

Com o jogo a ter como principal objetivo visitar e salvar o Mundo das Maravilhas, a Alice é a personagem controlada pelo jogador que corre em modo *Infinite Runner* e que tem certas ações disponíveis, como saltar; cada nível apresenta ainda um poder especial, inspirado no contexto narrativo em que a personagem está inserida.

Desde os primeiros protótipos, desenvolvemos e testámos as três habilidades que viriam a ser integradas na versão final do jogo:

No **Jardim**, em que tentamos falar com a Lagarta Azul, concebemos o poder de aumentar/diminuir de tamanho. De maneira análoga ao facto de a Lagarta se questionar sobre a sua identidade com base na aparência, procurámos introduzir a habilidade de alterar não só as capacidades, mas também o aspeto da Alice. Deste modo, a partir da mudança de tamanho, conseguimos incorporar regras de jogabilidade exclusivas deste nível, em que certas secções só são atravessáveis quando a Alice está pequena ou grande.

Na **Mesa de Chá**, onde o tema central é o tempo, focámo-nos no uso de um poder relacionado com a manipulação do espaço e de objetos através da manipulação do tempo. Assim, acabámos por introduzir a mecânica de criar bolhas de tamanhos diferentes que abrandam o tempo dos objetos que passam por elas.

No **Castelo da Rainha de Copas**, tivemos como inspiração principal o caos que visionámos para este último nível. Assim, o poder que pensámos em dar à Alice foi o de inverter a gravidade.

É interessante olhar ainda para a evolução das ilustrações e do ambiente geral do jogo desde a fase de conceptualização até ao produto final.

Além da implementação das ilustrações da Beatriz Bagulho, foram feitas alterações aos níveis para melhorar a jogabilidade, ajudar a transparecer a narrativa criada e envolver o jogador no universo mágico do País das Maravilhas.

Fora dos níveis, foi mantida uma grande parte das ideias iniciais, oferecendo, na versão final, uma maior semelhança ao imaginário dos jogos digitais com imagens mais estilizadas e de fácil leitura.



4. PRODUÇÃO DO JOGO

Produzir consiste numa série de operações físicas, guiadas por um objetivo comum, que modificam o estado ou características de um objeto com a sua respetiva função.

Tratando-se de um encontro de vários campos criativos (onde as linguagens nem sempre se tocam), foi necessário estabelecer pontos de contacto, tomando em consideração as necessidades que eram identificadas ao longo deste processo. Como ponto de partida, tínhamos o desafio de transformar os pontos narrativos em verbos de ação, ou mecânicas de jogo: correr, apanhar, saltar (sem que se perdesse o fio condutor da história que pretendíamos contar).

Agarrámos nas personagens, reinterpretando-as, fizemos ajustes nos objetivos de jogo e entregámo-nos a replicar uma experiência imersiva de construir um mundo. Isto implicou conjugar elementos visuais, sonoros e toda a programação necessária para dar corpo e conseguir adequar um retorno que fosse satisfatório para os jogadores.

E como o todo é sempre maior que a soma das partes, permitiu uma abordagem diferente sobre o tema da exposição. Partimos das mesmas premissas, mas obtivemos um resultado diferente da exposição física, completando parte do que já existia na sala de exposições.

O engraçado foi conjugar esta multitude de pessoas, de enquadramentos diferentes, com contributos diferentes, no mesmo *media*. Cada qual tinha uma responsabilidade individual de desenvolver o seu troço de trabalho, e depois era complicado naquilo que nos pareceu ser a melhor experiência para o jogador.







FOTOGRAFIA DE STILL DE MANUEL MOREIRA, ESPAÇO DO JOGO © DESENHO DE BEATRIZ BAGULHO



ENCONTROS DISTANTES E DESAFIOS DE CRIAÇÃO

Desenvolver uma experiência física e uma experiência digital no âmbito de uma exposição comporta desafios diferentes. Sobretudo porque o espaço onde elas são experienciadas não é o mesmo. Nesse sentido, é importante criar experiências imersivas que contenham uma componente audiovisual que guie o jogador pela narrativa estabelecida.

Apesar de algumas desvantagens, o trabalho remoto permitiu um acompanhamento e a disponibilidade para resolver os desafios que nos surgiam em tempo real. O contexto onde estávamos integrados, especialmente com a pandemia, permitiu não só o desenvolvimento de trabalho, mas um constante acompanhamento da equipa. As manhãs começavam sempre bem quando fazíamos um *brief* de cada tarefa e planeávamos os passos seguintes. É importante referir que este acompanhamento constante e com poucas falhas foi relevante para o processo criativo, e, para a depuração do código, convém lembrar que cada elemento da equipa é ainda estudante e tem as suas tarefas por cumprir nos respetivos estabelecimentos de ensino. E, apesar de haver prazos internos para a resolução de tarefas que por vezes eram ultrapassados, tendo sempre um ponto de contacto constante, não se permitiu nenhuma quebra de compromisso.



ILUSTRAÇÃO © BEATRIZ BAGULHO

AUMENTAR O UNIVERSO DA ALICE COM MUNDOS VIRTUAIS

Com o passar das últimas décadas, conseguimos observar um enorme avanço tecnológico em toda a arte virtual, dos filmes aos videogames. Enquanto no passado, onde as crianças apenas podiam captar o mundo encantado da Alice em livros e consequentemente na sua imaginação ao interpretarem as palavras do autor, o tempo trouxe novas formas de viver esta obra, de atores e atrizes que deram vida e voz às personagens a novas construções e interpretações em filmes e animações, passando pela introdução da componente auditiva (como bandas sonoras e canções).

Foi através das componentes virtuais que as barreiras físicas puderam ser furadas e os nossos olhos conseguiram vislumbrar paisagens incríveis, florestas mágicas e personagens fisicamente invulgares. Através de universos virtuais, deixámos de ter de preocupar-nos com o tamanho dos palcos, com o físico dos atores ou mesmo com a limitação de adereços, permitindo, assim, que a única barreira de complexidade fosse a mente humana.

Além disto, um videogame traz-nos outra componente, a interatividade do espectador, que então se torna jogador, elevando-o a elemento principal da interação. Através dos videogames conseguimos não só criar mundos fantásticos, impossíveis de recriar fisicamente, como permitimos que o jogador interaja com o mundo e as personagens. Isto possibilita que o jogador se sinta uma parte integrante do mundo virtual imaginário, deixando-o explorar o mundo e interagir com as personagens da obra.

Este é o verdadeiro potencial dos videogames e o porquê do seu mercado estar em constante crescimento desde meados da década de 1990. Hoje, não só conseguimos criar mundos e universos fantásticos que nunca seriam possíveis de ser reproduzidos fisicamente, como conseguimos interagir com eles, de uma forma profunda e imersiva. É categórico que a magia do teatro ou a tela vazia que preenchemos durante a leitura de um livro serão sempre experiências únicas, mas, num mundo cada vez mais tecnológico, os videogames conseguem alcançar este mesmo estatuto com mundos profundos, complexos e interativos.

5

ENTREVISTA CUCA MONGA

ENTREVISTA DE **MANUEL MOREIRA**
A **FERNÃO BIU** E **DIOGO RODRIGUES**
MEMBROS DO CONJUNTO CUCA MONGA

Páginas 74 e 75 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário

FESTA DE DESANIVERSÁRIO ENCERRAMENTO

Festa de Desaniversário é uma porta de entrada para o encontro com todos os que atravessaram a aventura de cruzamento entre criação artística e filosofia com crianças, ao longo da temporada de 2020/2021, na Fábrica das Artes.

Chegados ao verão, artistas e filósofos marcam presença de corpo inteiro nos jardins do CCB para uma *Festa de Desaniversário*. Festeja-se isso mesmo: o encontro em copresença, a liberdade de ser, estar e sentir, as artes e a experiência do pensamento. Nos dias 2 e 3 de julho assistimos aos quatro espetáculos portáteis Alícianos que se apresentam aqui em coretos ao ar livre – *Dois Ovos Irmãos: Trambolhões e Jigajogas; Quem És tu?; São horas de Já; Não Me Calo!*

E porque dançar e pensar sambam num mesmo corpo, as Rodas de Pensamento formam-se logo a seguir aos espetáculos. Guiados pelo filósofo Walter Kohan e as filósofas Dina Mendonça, Magda Costa Carvalho e Rita Pedro, suspendemo-nos na escuta mútua que as impressões do mundo de Alice deixaram em nós, de nós com os outros e com o mundo hoje.

No sábado, para encerrar a festa, o coletivo de bandas Conjunto Cuca Monga oferece-nos um concerto ao ar livre.

2 E 3 JUL 2021, SEXTA E SÁBADO

PREÇÁRIO

2 JULHO SEXTA-FEIRA

3€ (1 ESPETÁCULO PORTÁTIL) / 5€ (2 ESPETÁCULOS PORTÁTEIS)

3 JULHO SÁBADO

4€ (1 ESPETÁCULO PORTÁTIL) / 6€ (2 ESPETÁCULOS PORTÁTEIS) / 5€ CONCERTO CUCA MONGA

PROGRAMA

ESPETÁCULOS PORTÁTEIS 2 E 3 JULHO SEXTA E SÁBADO

[CONSULTE AS PÁGINAS 29 A 33 PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE ESTES ESPETÁCULOS PORTÁTEIS]

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO



10H

Dois Ovos Irmãos: Trambolhões e Jigajogas

Rodas de pensamento:

DIA 2 Rita Pedro

DIA 3 Walter Kohan

3 AOS 7 ANOS

DURAÇÃO: 1 HORA



12H

Quem És tu?

Rodas de pensamento:

DIA 2 Magda Costa Carvalho

DIA 3 Dina Mendonça

M/6 ANOS

DURAÇÃO: 1 HORA



15H

São horas de Já.

Rodas de pensamento:

DIA 2 Magda Costa Carvalho

DIA 3 Walter Kohan

M/6 ANOS

DURAÇÃO: 1 HORA



17H

Não me calo

Rodas de pensamento:

DIA 2 Dina Mendonça

DIA 3 Rita Pedro

M/8 ANOS

DURAÇÃO: 1 HORA

CONCERTO 3 JULHO SÁBADO 18H30

CONJUNTO CUCA MONGA

Fim do desaniversário!

PARA TODOS

DURAÇÃO: 1 HORA

O Conjunto Cuca Monga criou a música para a instalação *Do outro lado da toca* e para os quatro espetáculos portáteis que integram o ciclo dedicado às obras de Lewis Carroll.

Para fechar esta *Festa de Desaniversário* na rua, os 20 músicos que integram este coletivo vão juntar-se num concerto onde nos apresentam o seu mais recente trabalho, *Cuca Vida*, assim como algumas das obras que ilustraram os vários universos da Alice, num espírito de unidade e partilha, com a mira posta na disseminação da alegria.



© ANA VIOTTI

ENTREVISTA DE

MANUEL MOREIRA
CCB/FÁBRICA DAS ARTES)

AO CONJUNTO CUCA MONGA¹
REPRESENTADOS POR FERNÃO BIU E DIOGO RODRIGUES/HORSE

¹ <https://emsintonia.sbsr.fm/artista/conjunto-cuca-monga/>

Assumiram a criação musical do ciclo e a produção musical da instalação imersiva *Do Outro Lado da Toca*, do videogame com o mesmo nome, dos quatro espetáculos portáteis *Dois Ovos Irmãos*, *Quem És Tu*, *São Horas de Já* e *Não Me Calo*, e do audiolivro *Alice por Cuca Monga*.

M — Manuel Moreira

F — Fernão Biu

D — Diogo Rodrigues

M: Como é que a Alice fez parte da vossa vida? É algo que já vinha da vossa infância, leram os livros, viram os filmes. Como é que se relacionaram com a Alice na vossa vida?

D: Sim! Eu, na verdade, antes deste processo, não tinha lido os livros e só tinha memórias de infância do filme da Disney e de mais um ou outro mais antigo que já tinha visto. Até este processo, a minha relação com a Alice era muito simples. Só percebi a complexidade quando comecei a ler este trabalho. Ganhava outros universos quando comecei a ler já com 27 anos. Não é a mesma coisa do que quando vi aqueles filmes, não sei bem que idade tinha.

M: Sim. Também é uma obra que dá para ter interpretações diferentes. Conforme vamos crescendo, vamos lendo-a de maneiras diferentes.

F: Para mim foi exatamente da mesma maneira: dei conta disso com a história da Alice con-

tada pela minha mãe. É das minhas primeiras memórias. E depois, claro, pelas memórias visuais do filme da Disney. Só agora, ao ler para estes espetáculos para este ciclo, percebi a profundidade deste livro e compreendi que é um bom instrumento-livro, tal como tu disseste. Dá para ir sendo lido e compreendido de várias perspectivas. É isso que este livro faz, de fundo: oferece várias perspectivas.

M: Sim... mas por acaso é engraçado, porque os Cuca Monga têm uma vertente de loucura que poderia muito bem estar a beber do mundo da Alice e do Lewis Carrol. Essa loucura, como eu lhe chamo, esse lado irreverente que os Cuca Monga têm, foi uma coisa que surgiu naturalmente ou procuraram ativamente fazê-lo? Como é que isso surgiu?

F: Convenhamos, não somos assim tão irreverentes, não somos uma banda de *punk rock* que parte portas...



© MANUEL MOREIRA

D: Eu consigo perceber perfeitamente aquilo que estás a dizer; o conjunto Cuca Monga são 20 pessoas, e o difícil é, em 20 pessoas, não haver loucura, porque na verdade, é isso que está na música do conjunto. Isto faz também parte da maneira como aprendemos a fazer música. Houve certas coisas que aprendemos para a vida desta forma e que usámos no ciclo. Eu aprendi isso com os Cuca Monga e, em vários processos de discos, teatro, ou seja, o que for. Arranjam-se sempre maneiras diferentes de trabalhar e a base é sempre gostarmos de estar uns com os outros e de fazer aquilo que fazemos. Acho que é um bocado impossível, pelo menos para mim, fazer uma coisa de que gosto sem que me esteja minimamente a divertir. Porque, caso contrário, não vai ser uma coisa de que eu gosto e provavelmente vai ter um resultado de que eu não gosto. Não que a vida tenha de ser vivida a rir desde que acordamos, mas acho que é uma coisa que caracteriza este grupo de pessoas. Acho que a loucura vem, no fundo, de gostarmos todos de fazer e de nos querermos divertir. Depois, seja para a *Alice*, seja para qualquer outro processo criativo, felizmente as pessoas têm gostado dos resultados. Acho que essa é a nossa sorte. Por exemplo, a música que o Fernão fez e o som que eu fui fazendo para as peças quase nunca foram questionados, e as vezes que foram, tratavam-se de pormenores. Essa é a nossa sorte, porque podia correr mal dentro desta loucura.

M: Depois gostaria de voltar a isso porque queria perceber bem como foi o vosso processo de divisão de tarefas, mas primeiro queria perguntar-vos como é que, para quem está de fora, chegaram a este projeto? Como é que foram integrados neste projeto?

F: A mim ligou-me o Diogo e disse: «Fernão queres participar? Pensei em ti!» E foi assim.

D: Mais uma vez isto vai no seguimento do que estava a dizer. Foi por causa do disco dos Cuca Monga, na verdade. Nós tínhamos tocado no CCB na programação da Fábrica dos Miniconcertos, esse trabalho que integra todas as bandas da nossa editora, com especial foco nos Capitão Fausto, porque trabalham há muitos mais anos do que todos os outros. Acho que foi esse trabalho da nossa editora, que junta todos, que interessou à Fábrica das Artes. Tanto que o objetivo inicial até era ser o conjunto todo a fazer a música. E o nosso intuito era ter o mesmo método de trabalho que tivemos nesse disco *Tou na Moda*: gravámos em casa durante o confinamento, enviámos para um e enviámos para outro, estávamos sempre a partilhar uns com os outros. Só que, por questões de logística, percebemos que ia ser absolutamente impossível fazer com a banda toda.

F: Até porque as condições em que surgiu o disco e o modo como nós o pudemos fazer eram diferentes. Estávamos em casa constantemente. Era muito mais fácil enviarmos as gravações e a coisa andar mais rapidamente do que neste sistema. Aqui, neste processo da *Alice*, no início, em que já estava tudo nos seus trabalhos, a ensaiar e a voltar um bocadinho à normalidade, trocar estas ideias, passá-las e ter uma resposta rápida tornava-se muito mais complicado e o processo seria outro.

D: Sim, exatamente. Mas, basicamente, o Tomás (dos Capitão Fausto) foi quem fez a ponte com vocês e nós acabámos por decidir escolher as duas pessoas que nos últimos anos trabalharam mais com teatro, que fui eu e o Fernão. Depois, o que tentámos fazer, e que conseguimos nalgumas coisas e noutras não, foi incluir, ao máximo, elementos do conjunto. Por exemplo enviámos as músicas do videojogo ao Luís Montenegro para ele tratar do som e dissemos: «Se quiseres acrescentar alguma coisa



FOTOGRAFIAS © MANUEL MOREIRA

acrescenta, se quiseres fazer mais um tecladinho, abrilhantar qualquer coisa, abrilhanta», e ele fez isso; o Tomás também esteve envolvido e fez uma música para um capítulo (do áudio-livro *Alice por Cuca Monga*). Fomos tentando incluir o maior número de pessoas assim.

F: O Manel (dos Capitão Fausto) também chegou a tratar do som.

D: O Manel também ajudou. Na verdade, o conjunto foi acompanhando, mas foi-se apercebendo de que era impossível incluir toda a gente. Fomos incluindo quando sentíamos que fazia sentido.

M: Está bem! E, portanto, pelo que estou a perceber, o Fernão fez a parte da composição e tu fizeste mais a parte da sonoplastia, é isso?

D: Exatamente! Depois também houve essa decisão. Queríamos fazer tudo os dois... lá está, mais uma vez a COVID-19... em casa... e a coisa andava assim meio estranha..., mesmo que já se pudesse sair..., mas mesmo que a normalidade tivesse sido outra, acabámos por perceber que entre nós tínhamos de dividir tarefas, porque só nos apercebemos da quantidade de trabalho quando começámos a fazê-lo. Na altura, era tudo muito bonito e, depois, de repente, começamos a perceber... espera aí!, isto são 24 capítulos, cada um com meia hora e uma data de peças (quatro espetáculos portáteis), cada uma com cinco ou seis músicas. Então, juntámo-nos e estivemos lá os três, com os atores, no início do processo.

M: Na residência de criação artística.

D: Na residência, e foi aí que percebemos que tínhamos de dividir tarefas e fizemos a divisão mais lógica, trocando sempre ideias uns com os outros.

F: Era mais lógico porque pegámos nas valências de ambos. Como o Diogo é produtor, está habituado a trabalhar com a qualidade do som, com as misturas, com a sonoplastia e com a captação.

D: A parte da sonoplastia também era a grande cena dos capítulos (audiolivro).

F: Mas, eu cheguei a utilizar essas coisas (dos capítulos) para preencher recortes com as músicas do videogame...

D: Exato, nós depois fizemos uma pasta onde pus todos os sons que ia gravando para o capítulo... um espirro... tudo o que ia fazendo...

F: Uns potes, as chaves, choro...

M: A sonoplastia foi toda feita de raiz? Não foste a um banco de sons nem nada?

D: Há de ter havido uma coisa ou outra que, por exemplo, fui buscar, porque não estava a conseguir. O objetivo era sempre criar, mas às vezes acontecia não estar muito credível e ia a um banco de sons sem *copyrights* e usava. Mas 90 por cento ou mais foram gravados com efeitos por cima. O som do túnel (da instalação *Do Outro Lado da Toca*) também fui eu que fiz, aquele *Infinite fall*. Ainda estivemos a estudar a teoria daquilo, eu e o Fernão.

M: Fizeram com o quê?

F: O *Infinite fall* é um som que parece que está em constante queda. Tu não reparas. Às tantas, já não consegues notar onde é que o som começa e onde é que acaba. Então, dá-te a sensação de que estás sempre a cair. Quando estavas no túnel (da instalação *Do Outro Lado da Toca*) nem tens noção do trabalho que está por detrás dele passavas aquele primeiro



corredor e ias sendo levado por aquele som até chegares à animação da Beatriz (Bagulho) com a Alice em queda.

M: Ainda está... (risos), a instalação só fecha dia 4 de dezembro!

F: Está a cair... maravilha!

M: Todos os dias a Alice está em queda, desde abril até agora (risos)! Mas como é que conseguiram esse efeito, então? É uma coisa fácil de explicar ou entra em questões demasiado técnicas? Qual é a teoria por trás daquilo?

F: No fundo era uma nota só, quase sem harmónicos, ou seja, dá para distinguir muito bem essa nota. O que acontece é que são ciclos de sons a cair, onde ela vai do mais agudo até ao mais grave. Só que depois fazemos o trabalho de esbater o ataque da nota, ou seja, em *fade out*, tanto no início como no fim. Não deixas que se ouça o ataque quando a nota acaba nem quando a nota começa. Portanto, o *Infinite Fall* gera apenas uma espécie de ilusão no teu ouvido.

M: Então, praticamente, a nota já começou antes noutro sítio?

F: Exatamente! (Gestos circulares com as mãos.)

D: Eu também usei isso no trabalho que fiz para os capítulos do audiolivro. Se bem me lembro, pus quatro ou cinco notas sempre a cair de meio ao mesmo tempo, em meio-tom, e depois, quando esta quinta (intervalo entre cinco notas) chegava a uma nota que eu achava ser suficiente para criar o efeito, subia e es-

tava sempre a fazer assim! Tinha cinco notas, e a última subia lá para cima. Ou seja, estava sempre a cair, mas um quinto ou um quarto do acorde subia e dava a sensação que estava sempre...

F: ...sempre a cair, nunca saindo do mesmo sítio, no fundo.

D: Exato!

F: É ilusão!

M: No que diz respeito à música, foste tu, Fernando, que gravaste com os instrumentos todos aí em casa? Como é que isso funcionou?

F: Sim! Depois gravei os instrumentos acústicos que tinha cá na casa, os de sopro principalmente e as guitarras também. Os que conseguia captar em casa, captava, e depois os outros instrumentos são sintetizados nos programas com que trabalho e esses sons são todos moldáveis; no fundo tenho uma biblioteca virtual muito grande de sons. Depois, variava consoante o conceito do que era pedido para as peças, para a instalação, para o videojogo. Houve quem pedisse, por exemplo, para os *Dois Irmãos* (Bernardo Souto e Miguel Amorim) uma música de *funk* à antiga: instrumentação, bateria, baixo, guitarra, voz e piano. Outros, por exemplo, o Zé e a Raquel, pediram, para a peça *Quem Sou Eu?*, ambiências sonoras de um planeta distante verde no futuro. Então, como é que isso se conjuga? Se calhar não é com um clarinete que se faz, mas na verdade até foi usado para fazer esses barulhos! Portanto, varia sempre! Mas tinha muita coisa à mão para fazer!

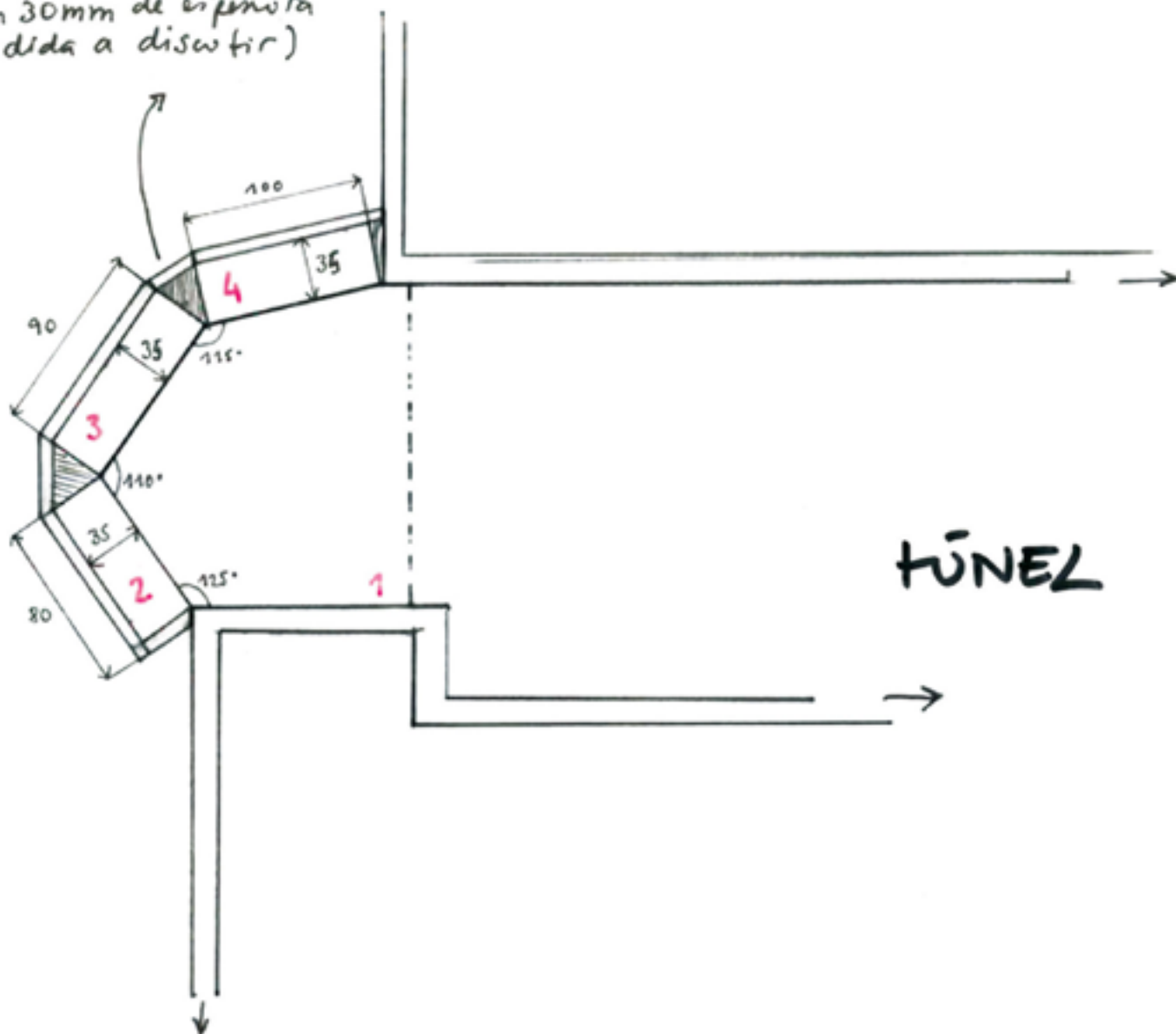


paredes

- 1 parede já existente à qual se montam as prateleiras
- 2 parede falsa:
estrutura metálica revestida com pladur só da parte de fora
(pretende-se utilizar a estrutura para montar prateleiras)
- 3 parede falsa com recorte para passagem do público:
estrutura metálica revestida com pladur
- 4 parede falsa simples:
estrutura metálica revestida com pladur

→ talvez seja mais simples as paredes falsas serem apenas placas de MDF (por ex.) mais espessas e não haver estruturas em metal (que teriam de ser feitas de raiz)

revestimento em pladur com 30mm de espessura (medida a discurrir)





M: Também tiveram de trabalhar muito com os próprios atores? Com as duplas de atores dos espetáculos portáteis, não é?

D: Sim, nós saímos da residência com um caderno cheio de ideias e depois fomos esperando que eles trabalhassem melhor em cada peça. Fomos trocando impressões com eles. Eu cheguei a experimentar fazer uma ambiência logo no final dessa primeira semana que apelidei ambiência Namec, para o Zé e para a Raquel. Mas já não foi usada porque, embora fosse gira, tinha de ficar seis minutos a tocar. E com essa informação já não era a mesma coisa. Eu fiz ali 20 segundos que em seis minutos era uma grande seca. Então, aí, o Fernão fez outra coisa que ficou melhor! Fomos acompanhando e fazendo. Tínhamos uma pasta no Google Drive a que demos acesso aos atores. Tinha lá, por espetáculo, todas as músicas.

F: Sim, na sonoplastia, íamos trocando, só a parte conceptual é que demorou mais tempo. Foi a parte inicial da residência de criação: falar, comunicar, conhecer as pessoas. Só a partir do momento em que os atores começaram a ter um texto mais desenvolvido é que se começou a pensar na música propriamente dita. Mas já havia uma ideia de por onde começar, que saiu daquelas entrevistas e conversas que tivemos com eles na residência.

M: Os textos finais acabaram por ser uma boa ajuda para fechar o trabalho de criação?

F: Sim, sim, a escolha de palavras. Há muita coisa que, depois de lido o texto, dá as balizas quando estou a criar a música.

D: Essas referências são importantes!

F: Essas referências são muito importantes!

D: Para ter limites, senão é um mar de possibilidades demasiado profundo!

F: Sim... e coisas até subjetivas. Por exemplo, às vezes fica difícil para os atores passarem-nos as ideias em termos musicais concretos. Há muitas coisas que estão subjacentes no texto e que saltam cá para fora mais facilmente para mim quando leio do que quando eles tentam explicar uma ideia; vou ao texto e há uma passagem, uma palavra, um verbo conjugado duma maneira e — CÁ ESTÁ — então as pessoas ouvem e dizem «é isto», mas ah mais amarelo! (Risos)

M: Sim! No meio deste processo todo, no meio destas vertentes todas, qual foi, assim, a vertente que foi o vosso maior desafio? Se foi o audiolivro, se foram as peças, foi a instalação, foi o videojogo?

F: Para mim foi o audiolivro, em termos de quantidade de trabalho...

D: Sim, foi um contrarrelógio. Claro que o processo foi todo trabalhoso, mas eu vivi mais preocupado com a instalação, com como ia ser, porque era a primeira vez que ia fazer uma coisa do género. Acho que vivi mais preocupado com isso, depois acabamos por chegar lá e perceber que até foi mais simples do que aquilo que tinha imaginado. Mas preocupei-me mais com esse resultado final do que com os outros porque eram coisas que nós, de alguma maneira, já sabemos como se faz. Independentemente daquilo que vamos fazer, já temos uma ideia.



OUVE-ME



F: Exato! Arcaboço!

D: A instalação é que eu não fazia a mínima ideia, tanto que sempre que ia lá, ia com o computador e metia a dar nas colunas — (pensei) não, não isto, não está giro! —, e depois acrescentei uns passarinhos e fui acrescentando lá no próprio espaço. Porque, de resto, o desafio foi fazermos coisas que já conhecíamos. Daí ter sido eu e o Fernão os escolhidos do conjunto Cuca Monga para fazer.

F: O meu desafio foi a peça da Cirila (Boussuet) e da Isabel (Costa), *Não Me Calo* (espetáculo portátil). Pegando no que o Diogo dizia há bocado, as coisas corriam muito bem porque sempre que dávamos uma ideia ela era aceite e até era trabalhada só com um — «acrescenta só isto, ou vai por aqui» —, e lembro-me de que a *Não Me Calo* foi desafiante porque foi quando revimos mais as músicas. As músicas voltaram para trás, entendimentos diferentes das coisas. Mas também foi a primeira que eu comecei a pegar e lembro-me de que tinha um texto introdutório, e as atrizes pediram-me uma «banda sonora clássica que tente explicar palavra por palavra aquilo que está a ser dito». E eu fui demasiado minucioso, aquilo ficou bonito, mas não para ali! Voltou para trás e enfim...

M: Mas também o próprio processo delas foi duro, provavelmente o que demorou mais tempo das quatro peças.

F: E o mais ambicioso, por assim dizer...

M: Porque a criação delas também era para crianças um bocadinho mais velhas, não era!? Sentiam-se desafiadas com a proposta.

F: Exatamente. Adolescentes.

M: E agora, ao contrário: qual foi a coisa que vos deu mais prazer neste projeto todo, desde que começou até terminar?

F: Para mim foi o processo da residência, foi o que eu mais gostei de fazer, independentemente do trabalho a seguir, da música, da criação, das complicações e das descomplicações; o que eu mais gostei foi mesmo estar com as pessoas. Poder trabalhar com a Maria Gil, ouvir as conversas. Isso para mim foi o que contribuiu mais profundamente para poder ter feito o trabalho que fiz à frente. E já os conhecia a todos, quase, só não conhecia o José Leite. De resto, já tinha trabalhado com todos.

M: E tu, Diogo?

D: Eu ia dizer a mesma coisa. Na realidade, até me parece meio óbvio. Foi a única altura do processo em que estávamos todos juntos. Foi o que me deu mais gozo. Também a fase inicial em que estava tudo a borbulhar e só apontávamos ideias de dois em dois minutos, esse foi certamente o mais divertido. Depois, gravar com os atores também foi divertido, mas, pronto, já foi diferente. Há toda uma dimensão técnica que foi preciso responder e que torna as coisas ligeiramente menos divertidas. Por exemplo, o audiolivro teria sido mais divertido se não houvesse COVID-19. Não se teria decidido fazer uma personagem por capítulo. Tínhamos certamente decidido fazer um ator por personagem, ou por secções, ou com toda a gente a gravar ao mesmo tempo. Ou seja, houve esta dimensão que a pandemia trouxe que depois da residência tornou as coisas um bocadinho mais trabalhosas. Portanto, acho



© MANUEL MOREIRA





FOTOGRAFIAS © MANUEL MOREIRA

que a residência foi o mais divertido, estávamos todos juntos, descalços, fazíamos aquecimentos na relva. O pessoal da instalação também se punha logo a fazer desenhos. Foi o mais divertido.

F: Sim, sim, foi uma experiência nova!

D: Foi giro!

F: Só acrescentar que essa é a maior noção de diversão que nós temos! Depois deste processo todo, quando estamos a trabalhar, a suar e a pensar «o que é que eu faço aqui?!», e de repente surge ali uma coisa... Eu lembro-me de me divertir como nunca me diverti, a criar músicas para isto! E poder ter tido esta oportunidade foi uma maravilha!

M: Que bom! Excelente! Então querem acrescentar mais alguma coisa? Alguma coisa que vocês achem importante incluímos num texto que façamos com base nesta conversa? Alguma coisa que eu me tenha esquecido de perguntar?

F: Estou a tentar puxar pela cabeça, mas... houve o ciclo de entrevistas também... das *Indagações de Alice*. Fizemos os genéricos musicais.

M: Vocês chegaram a ver os espetáculos em cena?

F/D: Sim, sim!

F: Vimos tanto nas apresentações em Zoom como, depois, tive oportunidade de ir lá ao CCB ver um ou outro!

M: Está bem! Depois, para a semana, estreia o *Não Me Calo*. Portanto, se quiserem, são muito bem-vindos!

F: E esta semana (em novembro 2021), tem acontecido algum...?

M: Esta semana terminou o *São Horas do Já*. Terminou ontem...

F: Terminou ontem! Então e o *Dois Ovos Irmãos* é depois...?

M: Não, o *Dois Ovos Irmãos* já terminou. Primeiro foi o *Quem És Tu?* (abril), depois o *Dois Ovos Irmãos* (maio) e agora estão a acontecer o *São Horas do Já* e o *Não Me Calo*.

F: Ah... Eu achei que eles já tinham feito...

M: Há bastante tempo, porque era suposto estes últimos terem sido primeiro, em fevereiro e março de 2020. Mas depois, com o confinamento, foram adiados para novembro de 2020.

D: Eu vi todos, alguns não vi completos, mas vi lá no CCB...

M: Na Festa de Desencerramento, no verão, na rua?

D: Sim, no dia do...

M: ...do desencerramento, foram apresentados no Jardim das Oliveiras, na rua, em julho!

d: Sim! Aí vi todos, não vi todos do princípio ao fim, porque estávamos a fazer ensaio de som para o concerto dos Cuca Monga ao fim do dia na praça do CCB. Mas vi praticamente tudo...

M: Acho que só não vi o dos *Dois Ovos Irmãos* em *persona*.

F: Mas viste a versão de Zoom?

M: Vi a versão de Zoom, de teatrozoomófilo!
(risos)

N: Funciona muito bem aquela parte. Funcionam os dois, tanto o *Quem És Tu?* como o *Dois Ovos Irmãos*. Funcionam muito bem em Zoom, por acaso é engraçado. Gostaram de estar juntos na residência, mas, na verdade, acabaram por estar todos juntos outra vez no dia do Desencerramento, como também estiveram cá os Cuca todos, como também os atores todos. Portanto, foi uma megarreunião.

D: Eu fiz aquela apresentação do concerto assim com a voz da música do genérico dos capítulos do audiolivro (risos)... Assim vá, mais ou menos!

M: Não..., foi muito fixe esse concerto! Esse concerto foi excelente! Está bem! Olhem, obrigado por este bocadinho, vamos falando, vamos continuar a falar! E não se esqueçam de que vamos ter até dia 4 de dezembro (2021) ... se quiserem despedir-se da instalação e do ciclo todo... Têm de cá vir antes de fecharmos a porta, está bem!?

F: Dia 4, muito bem! Vamos ver se vamos aí! Até já, então!

M: Obrigado!





6

QUEM ÉS TU?

TEXTO DE

JOSÉ LEITE E RAQUEL OLIVEIRA

Página 65 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário



ILUSTRAÇÃO DE **BENETRIZ BACULHO** A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

ESPETÁCULO PORTÁTIL +
CAFÉ FILOSÓFICO POR VIDEOCONFERÊNCIA

QUEM ÉS TU?

JOSÉ LEITE E RAQUEL OLIVEIRA

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

Alice encontra uma Lagarta com línguas de perguntador.

— *Quem és tu?*

E a pergunta fica a ecoar no pensamento de Alice.

A resposta é difícil. Tem memórias a partir dos quatro anos, mas antes disso já existia, só que não se lembra. Se está sempre a mudar como pode dar uma resposta exata?

Como é que se pode definir?

Para não cair em equívocos teria de fazer uma viagem ao passado e outra ao futuro. Será que é possível?

CAFÉ FILOSÓFICO COM WALTER OMAR KOHAN (POR VÍDEO CONFERÊNCIA)
(NO FINAL DO ESPETÁCULO, SOBRE O TEMA DA IDENTIDADE)

Quem sou eu?

O que é duvidar? Perguntas são respostas?

O que é que um perguntador?

Em que ano foi inventada a «Pergunta»?

As perguntas perguntam ou são *perguntadas*?

O que é preciso para se fazer uma pergunta?

Uma pergunta precisa de um antídoto?

Qual o antídoto de uma pergunta?

Porque é que filosofar cansa?

CONCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO **JOSÉ LEITE** E **RAQUEL OLIVEIRA** (A PARTIR DAS OBRAS *AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* E *ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO*, DE LEWIS CARROLL)
FIGURINOS E CONCEÇÃO PLÁSTICA **ALICE ALBERGARIA** / **BEATRIZ BAGULHO** / **MADALENA CASTRO**
MÚSICA ORIGINAL **CUCA MONGA**
VÍDEOS E DIRETOS **ANTÓNIO MENDES** E **JOÃO ESTRADA**
ACOMPANHAMENTO À CRIAÇÃO **MARIA GIL**
CAFÉ FILOSÓFICO **WALTER OMAR KOHAN**

14 A 17, 21 A 24 ABR 2021

M/6 ANOS, 1.º, 2.º E 3.º CICLOS / 14H (QUARTA A SEXTA-FEIRA), 15H (SÁBADOS) / 2€ (DIAS ÚTEIS, *ONLINE*),
3,50€ (DIAS ÚTEIS, ESCOLA), 4€ (FIM-DE-SEMANA, *ONLINE*), 6€ (FIM-DE-SEMANA, PRESENCIAL), 20€
(GRUPOS ESCOLARES ATÉ 25 ALUNOS, *ONLINE*)

DURAÇÃO: 35 MINUTOS DE *PERFORMANCE* + 50 MINUTOS DE DEBATE

6

QUEM ÉS TU?



TEXTO DE
JOSÉ LEITE E RAQUEL OLIVEIRA

« Já estive cansado, agora já não, vejam no meu aspecto. Fiquei cansado e não gostei. Não estava com cabeça para isso. Mas depois habituei-me. Agora já gosto. Mas só de pensar. De pensar que estive cansado. Fica-me bem. Mas só a pensar. Assim é que estou bem. Estava de rastos, queria era deitar-me. Descansar os braços. Foi então que me deitei aqui, afim de descansar um pouco. Paro e não faço nada. Não acontece nada. Não acontece nada? Ou quando estou parado acontece tudo? Não faço nada, mas os pensamentos fluem. Não os consigo travar, não os consigo agarrar. Não faço nada, mas ouço passar o tempo. O tempo é isso. Familiar e íntimo. Ouço passar segundos, horas e anos. Vivemos no tempo como peixes na água. A sua cantiga alimenta-nos, perturba-nos, assusta-nos, embala-nos. Não é? É só ficar em silencio e lá está ele. O tempo.»

Excerto do espetáculo Quem És Tu?





CONSELHOS DE UMA LAGARTA COM LÍNGUAS DE PERGUNTADOR POR JOSÉ LEITE

A única coisa que torna possível a identidade é a ausência de mudança, mas ninguém acredita de facto que se seja semelhante àquilo de que se lembra.

Gertrude Stein

Tombámos neste universo da Alice em plena pandemia, imaginem só. O mundo parecia outra coisa, não o reconhecíamos. Ainda assim, fomos caminhando a passo lento para descobrir as diferenças. As perguntas começaram a fervilhar umas atrás das outras. Compreendemos que vivíamos num modo interrogativo. Não havia uma só pergunta, tudo eram perguntas em nós. As formas de trabalhar que conhecíamos tiveram de ser adaptadas. O espaço virtual ganhou destaque e essa foi a maneira de nos aproximarmos. Alice seguiu um coelho, sempre decidida, partiu para o desconhecido, e o nosso caminho foi esse, sem hesitar. Tínhamos o seu exemplo. Mesmo num Mundo onde tudo funciona ao contrário, onde se tem de ultrapassar obstáculos constantemente, Alice encontra alguma lógica e não deixa de avançar. Mas como criar em parceria? Como trabalhar sem estar fisicamente com o outro criador? Criar é uma procura ou um encontro? Deixamos estas questões em aberto.

O importante é perguntar, desenhar a pergunta. Isto disse-nos o Walter Omar Kohan durante a residência criativa e ficou a ecoar para sempre: **O importante é perguntar, desenhar a pergunta.**

Quem és tu?

E estava lançado o mote para o nosso trabalho.

O processo de criação teve várias fases. Encontros virtuais para trocarmos impressões sobre as obras *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, aproveitando para nos conhecermos melhor. Depois dessas reuniões, a Maria Gil (que fez acompanhamento à criação) e a Madalena Wallenstein (programadora e curadora deste projeto), decidiram juntar-nos. Lançaram-nos como ponto de partida o Capítulo V, *Conselhos de uma Lagarta* (com línguas de perguntador, cá para nós). A fase seguinte foi a de esmiuçar este texto, começar a levantar perguntas e perceber o que queríamos dizer com ele. A Alice faz parte do nosso imaginário. Estes dois textos são revisitados constantemente. Temos conhecimento do seu universo desde a infância, através dos livros, dos desenhos animados, dos filmes. E foi claro, desde início, que queríamos trabalhar dois conceitos que estão presentes neste capítulo:

Tempo e Identidade.

Estranho é o que não muda e, por isso, se estamos sempre em mudança, como é que nos podemos definir e dizer quem nós somos? É realmente difícil responder a esta pergunta:

Quem somos?



© MANUEL MOREIRA

[...]

LAGARTA — *Puff. Não tenho nenhum desses rótulos! Os estereótipos são Estereótipos? Como que eu me fui lembrar desta palavra? Nem sei se está bem empregue, mas calha bem, e assim que eu souber como se escreve estereótipo compro um perfume novo. Estava a dizer-te que os estereótipos são ideias formadas antecipadamente. É o que se acha das pessoas sem as conhecer bem. Vão ficando assim ao longo do tempo e nós aceitamos sem os questionarmos. É por isso que não aceito nenhuma etiqueta desse género. Nem senhora, nem cavalheiro. Mas afinal quem és tu?*

ALICE — *Alice, já disse. Quer que me defina com estéripopitos?*

LAGARTA — *Estereótipos.*

ALICE — *Ou isso. Quem és tu? Como posso dizer quem eu sou? Digo-lhe que estou em transformação. Todos nós estamos um bocadinho diferentes de segundo para segundo. Somos radicalmente diferentes daquilo que éramos há 20 segundos. Mas deve saber disso melhor do que eu. Sabe, não sabe? Quando se transformar numa crisálida, e depois disso numa borboleta, e depois julgo que há de sentir-se um bocado esquisita, não acha?*

LAGARTA — *O que queres dizer com isso?*

ALICE — *Eu sou o que sou agora e sou diferente daquilo que fui, ou daquilo que serei. Mas se Alice pouco para dizer quem sou, então...*

LAGARTA — *Bem, quando me olho ao espelho como sei quem eu sou se estou em constante transformação? Como sei se correspondo àquilo que os outros conseguem ver ou àquilo que os outros acham de mim? Quem é que vejo no espelho?*

[...]

Excerto do espetáculo *Quem És Tu?*



© MANUEL MOREIRA



© MANUEL MOREIRA



STILL DE CAROLINA SALEMA DO EPISÓDIO 2 RESIDÊNCIA DO DOCUMENTÁRIO MAKING OF, POR DETRÁS DA CORTINA

Bem, somos dois jovens atores/criadores e fizemos o exercício de nos colocarmos no papel da Alice e ouvir a pergunta: **Quem és tu?** Tivemos a mesma dificuldade em responder. Como poderemos responder? Só descrevendo o trajeto da nossa vida e dizer: este sou eu e foi assim que cheguei ao que sou, ou, então, fazer uma descrição física. São muitos os aspectos que se unificam numa só coisa quando se responde a **Quem sou eu?** Podemos até explicar um número gigante de coisas, mas não conseguimos esclarecer quem somos resumidamente. O nosso nome basta para nos definirmos? E quando acontece existirem nomes iguais ao nosso? Como posso comprovar que eu sou eu?

*Uma pessoa não pode ser várias pessoas,
mas várias pessoas podem ser uma pessoa.*

*Sei mais ou menos perceber que não somos iguais. Como a Lagarta disse,
não é por uma coisa que nós vemos. Sei explicar por uma coisa que não se vê.
Por exemplo, eu sou criativa.*

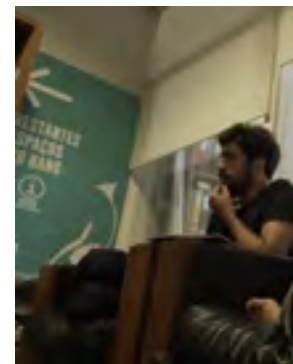
Colocámos a nossa Alice com as nossas questões de identidade: tem memórias a partir dos quatro anos, mas, antes disso, já existia, embora não se lembre. Se está sempre a mudar, como pode dar uma resposta exata? Como se pode definir? Para não cair em equívocos, teria de fazer uma viagem ao seu passado e outra ao seu futuro. Talvez conhecendo o seu percurso do início ao fim, poderá ter uma resposta sobre quem é.

A dificuldade da resposta levou-nos a recorrer a coisas que nos pareciam impossíveis, mas, como nos diz Lewis Carroll, *a única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível.*

*«Eu sou o que sou agora e sou diferente daquilo que fui ou daquilo que serei.
Mas uma coisa é quem somos e outra é dizer quem somos. Alice é pouco para
dizer quem sou.*

*Quando me olho ao espelho, como sei quem eu sou se estou em constante
transformação? Como sei se correspondo àquilo que os outros conseguem ver
ou aquilo que os outros acham de mim ou que os outros dizem de mim?
Quem é que realmente vejo no espelho?»*

Excerto do espetáculo *Quem És Tu?*



Outro dos desafios foi o cruzamento de tudo com a Física Quântica. Mais uma queda na toca do coelho. E depois de lermos algumas coisas sobre Física Quântica, compreendemos melhor a sensação de Alice quando vai parar ao País das Maravilhas ou ao Outro lado do Espelho. Tivemos a sorte de ser elucidados *nesta toca* (ou buraco negro? Melhor: estrela negra, assim é que está bem) pelo Yasser Omar⁴, professor de Computação e Programação e de Física da Informação Clássica e Quântica. Num encontro, bombardeámos o Yasser com perguntas: Os livros infantis de Carroll contêm inúmeros problemas de matemática e lógica ocultos. Em *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, a personagem Alice entra numa toca quando vai atrás de um coelho que fala e cai num mundo fantástico e fantasioso. Muitos enigmas contidos nas suas obras são quase imperceptíveis. Reconhece códigos ou indícios da Física Quântica neste texto? Consegue identificar algum exemplo? O processo de compreensão não é linear, a percepção é construída ao longo da história. É assim que os conceitos quânticos são entendidos? Como podemos definir o que é a Física Quântica? Estamos sempre a falar de Passado, Presente e Futuro porque a nossa gramática está preparada para esta estrutura temporal. Mas o que sabemos hoje sobre o Tempo? Como o podemos definir? Será que a nossa identidade é influenciada pelo tempo? É possível não acontecer nada? A realidade não é o que parece? A partir da física quântica, a nossa visão do mundo é desfocada? Tantas questões com respostas longas e complexas. Alice é uma curiosa nata, quer sempre compreender tudo à sua volta, por mais estranho que lhe pareça. E nós também, com a certeza de que as nossas perguntas serão eternas¹.

Num período em que vivíamos a curto prazo, chegámos à etapa do levantamento do espetáculo, de finalmente darmos corpo às nossas ideias. Deixaram o plano do imaginário e tornaram-se concretas. A expectativa da residência era muita.

¹ Como parte da programação digital do ciclo *Festa de Desaniversário*, a Fábrica das Artes lançou as *Indagações de Alice*,

uma série de entrevistas a pensadores de vários campos do conhecimento, que se relacionam com as obras de Lewis Carroll. Assista online em ccb.pt



STILLS DE CAROLINA SALEMA DO EPISÓDIO 2 RESIDÊNCIA DO DOCUMENTÁRIO MAKING OF, POR DETRÁS DA CORTINA

Queríamos prática. E, mais importante ainda, queríamos estar corpo a corpo. Experimentar corporalmente e perceber, de alguma forma, a nossa identidade. A residência foi a chave fundamental neste processo de criação. O plano estava estruturado de forma a que tivéssemos tempo de grupo, tempo de reflexão, tempo para estar só em duplas e tempo para receber estímulos de várias áreas: da dança, da música, da cenografia e figurinos.

«Quando pensamos e sentimos com o corpo estamos no presente.»

A ideia original foi-se moldando ao longo do tempo. Sabemos que nada é estanque. A ideia base ficou: tempo e identidade. Tínhamos noção que queríamos aquela linguagem da lógica e do absurdo que estão presentes nos textos de Lewis Carroll. A Lagarta tem um discurso confuso no início do nosso texto e gostamos disso. Ali não é importante o sentido, mas sim o jogo musical e a ideia de que ela fala pelos cotovelos, neste caso por todas as patas. O absurdo manteve-se sagrado na nossa criação. No processo de escrita e de revisão dos textos, tínhamos em mente que o texto era para a infância. Contudo, não achávamos que devíamos simplificar, mas tornar as ideias mais claras. Não devíamos omitir as palavras difíceis, elas ficariam a ecoar e a despertar curiosidade nos desconhecedores.

Com a primeira apresentação ao grupo dos Açores e do Brasil, veio a solidificação de algumas ideias e principalmente do final do espetáculo. O texto foi *experimentado* pela primeira vez. O monólogo final da Alice resultou desse encontro, está povoado de frases que foram ditas pelo grupo: *Sem relógio não há tempo? Sem horas não há tempo? Sem horas, sem minutos, sem segundos? O tempo está em quem o conta, se o deixarmos de contar, não há tempo.* E isto está sempre na base do nosso espetáculo, esta ideia de que nós controlamos o tempo, logo controlamos toda a nossa vida. É só querer e lá está ele, o tempo. E a isto juntamos os átomos, as moléculas, ondas eletromagnéticas, estrelas negras e máquinas do tempo.

«O presente é a borboleta: não era agora já é.»

Quem sou eu? Os átomos que respondam por mim. Aqui no futuro o meu nome está sempre a mudar. Eu estou sempre a mudar. Os átomos deslocam-se e criam novas identidades. Se o mundo é mudança eu também sou. Então, eu sou o que quiser ser. Independentemente das memórias que adquiri ou do código genético ou do nome que me ofereceram. Eu sou o que quiser ser. Sou o que fizer de mim. Posso escolher outros nomes. Eu sou o que tu vês em mim. E quem és tu?

Excerto do espetáculo *Quem És Tu?*

Quando pensamos em conjunto é mais desafiante e divertido, e tínhamos isso em mente para os debates da identidade, para as conversas após o espetáculo. Ouvir a pergunta, perceber porque foi feita e, a partir daí, explorar, fazer perguntas à própria pergunta. Ter o prazer de explorar a língua e não traduzir o pensamento dos outros, deixar que seja desenvolvido. Nunca fechar com uma resposta e devolver mais perguntas. Como responderíamos às nossas perguntas?

De uma coisa temos a certeza: somos radicalmente diferentes depois do ciclo *Festa de Desaniversário*.

TOCA PARA ONDE CAEM AS PERGUNTAS NAS CONVERSAS FILOSÓFICAS

Eu torno-me aquilo que imagino?

Eu sou as músicas que ouço?

Faço espetáculos para fugir de mim ou para me encontrar?

O poder da arte é todos vermos de forma diferente?

Isto é teatro-zoom?

Porque o presente é o mais difícil?

Estou baralhada. Quem sou eu?

Como se chama a máquina do fumo?

Uma lagarta não come sushi?

O futuro é mais importante do que o passado?

Não ter resposta faz perder a cabeça?

No teatro, posso ser outras pessoas?

Porque existimos no meio do nada?

As perguntas têm dono?

Podemos ser qualquer um?

Os copos são o líquido do tempo?

Que queres ser?

Que precisamos saber para sabermos quem é você?

Que precisamos saber para sabermos quem somos?

Como fazemos para viajar no tempo?

Estamos a viver no futuro?

Se o tempo não existisse, nós existiríamos?

De que é feito o átomo, e essa coisa que faz o átomo, de que é feita?

Nós somos o tempo?

Dez minutos pode ser muito tempo?

Fazer um espetáculo é viajar?

Na cabeça vamos para o passado e para o futuro?

As perguntas no futuro têm resposta?

Conseguimos fazer uma viagem ao passado com a memória?

O futuro já passou?

Nada se fixa?

O presente é invisível?

As fotografias podem ser o presente?

As fotografias param o tempo?

Os outros mudam-nos?

**CONSELHOS DE UMA LAGARTA
COM LÍNGUAS DE PERGUNTADOR
POR RAQUEL OLIVEIRA**



CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO

Sabíamos o desafio que tínhamos pela frente e os temas que queríamos abordar:

Identidade (eu) natural; artificial; tempo; eternidade; crescimento; mudança. Intelectualmente, tínhamos tudo bastante alinhado, conhecíamos bem as obras *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*. O texto para o espetáculo *Quem És Tu* estava escrito.

Os passos seguintes pareciam simples, precisávamos apenas, achávamos nós, de movimentar a criatividade, a imaginação e de nos divertirmos enquanto questionávamos e, por sua vez, aprendíamos.

No entanto, as inquietações surgiam desmedidamente e as perguntas não paravam de assomar. Aproximava-se um misto de sensações entre entusiasmo, felicidade, ansiedade e quase frustração.

As perguntas e inquietações podem ser infinitas, e isso pode ser assustadoramente bom, mas deixam um desconforto a ecoar pelo corpo, principalmente quando estamos a falar de temas como a identidade, o lugar que ocupamos, o papel que queremos ter e aquilo que transmitimos aos outros.

Como iríamos nós falar de identidade se, naquele momento, já não fazíamos ideia de quem éramos: **Quem sou eu?** Era a nossa maior questão. Mas havia mais, muitas mais: Infelizmente não existe margem para colocar aqui todas as questões que eu e o Zé tínhamos naquele momento. Fica apenas um exemplo da quantidade de perguntas profundas e enigmáticas que tivemos de enfrentar.

Seguimos para a prática. Aqui manifestou-se outra inquietante questão. Contudo, esta viria a ter uma resposta ou, pelo menos, um avanço artístico.

Como fazer um espetáculo com tanta complexidade e visões possíveis, para crianças de seis anos?

Que objetos imaginários podemos usar para conquistar a curiosidade das crianças e criar identificação?

Simplificamos a linguagem, as reflexões, as ideias?



Como criar um espetáculo portátil que seja igualmente eficiente em Zoom, escolas, ar livre e na sala do CCB?

A tarefa era complexa, as emoções também. Tínhamos alguns meses para a criação, o que nos aliviava, de certa forma, e tínhamo-nos um ao outro. Felizmente, as ideias entre mim e o Zé jor-ravam fluida e intensamente.

Percebemos, a certa altura, que queríamos brincar com escalas (com o tamanho da Alice). Com disciplina e com os ensaios que tínhamos, era uma ideia relativamente fácil de executar no Zoom, mas, e nos outros formatos? **Como é que encolhemos e fazemos crescer a Alice?**

Numa sala branca, podíamos brincar com as escalas através das sombras, mas, e nas escolas e ao ar livre? "Vamos estar dependentes daquilo que haja nas salas de aula ou da sombra do sol (para o formato rua)?" Podia não ser má ideia, mas queríamos ter algo mais consistente. Um espetáculo com bons alicerces, sem ser na base do improvisado nem na expectativa daquilo que poderia acontecer, isso ficaria para a conversa/debate final com as crianças.

Surgiram algumas ideias delirantes e perturbadoras, mas muitas não seriam exequíveis porque os recursos eram limitados. Optámos por brincar com as escalas sempre que conseguíamos e adaptámos uns espelhos no fundo da sala que nos ofereceriam ilusões óticas através da imagem refletida.

«Quem é que eu vejo no espelho?»

«Serei eu a mesma pessoa que se levantou esta manhã?»

— Alice em Quem És Tu.



«Alice, porquê você tem um cabeção?»
Valentina, Brasil.



«Alice, você tem um cabeção para quê?»
Davi, Brasil.

Podes escolher quem és?

És igual aos outros?

Gostas de te ver ao espelho?

Porque queremos ser amados?

És igual aos outros?

Que te distingue dos outros?

Porque queremos ser aceites?

Que importa mais, aquilo que sinto e acho de mim ou aquilo que os outros acham de mim?

Porque é que me importo com aquilo que os outros acham de mim?

Como me defino?

Porque estou sempre a mudar?

Que aspectos me definem?

Porque tenho de mudar?

Será que sei mesmo aquilo que julgo saber?

Quem me define?

Se mudar de nome deixo de ser quem sou?

Saber faz de mim livre?

Porque é que me comparo?

Saber faz de mim melhor do que o outro?

O meu nome define quem sou?

Para que serve o meu nome?

O meu nome é a minha identidade para os outros?

O meu nome serve para os outros me chamarem?

Esse nome diria mais sobre mim todos os dias?

Se pudesse ter outro nome, qual seria?

Cresço mais com dissonância ou concordância?

Posso ser mais «eu» mesma a brincar ou sendo uma personagem?

Qual é o objetivo disto tudo?

Aquilo que a arte faz é uma resposta criativa para o mundo?

IDEIA PARA CENÁRIO E FIGURINOS

Durante todo este processo de criação surgiram muitas ideias. Algumas delas não foram usadas na sua forma original, como por exemplo:

- ◆ Haver uma espécie de «jogo da glória». Os jogadores seriam as personagens Lagarta, que fazia as perguntas e dominava o jogo, e Alice, que respondia e avançava no jogo.
- ◆ Alice só poderia avançar para outra casa quando «respondesse» com novas questões, ou seja, quando não soubesse a resposta. Este jogo seria o elo de ligação do crescimento e da evolução racional da Alice com a transformação e a mudança da lagarta (para borboleta) — outra forma de mudança, espontânea e instintiva.
- ◆ Banco cogumelo — banco que representa a passagem do tempo.
- ◆ Música que vem do banco — relacionar as sensações (transmitidas através da música) com as circunstâncias das personagens/cena.
- ◆ Vestido composto por camadas — como as personalidades. Com um fecho-éclair, as faixas iam compondo o vestido de Alice.

Exemplo do jogo:

Quem é que vê o no espelho?
→ Gostas de te ver ao espelho?

Sim, ~~mas~~ tenho porque sou bonita!

→ A Selera é sempre visível?

Sim, quando se conhece as pessoas puerescenas que têm algo bonito.

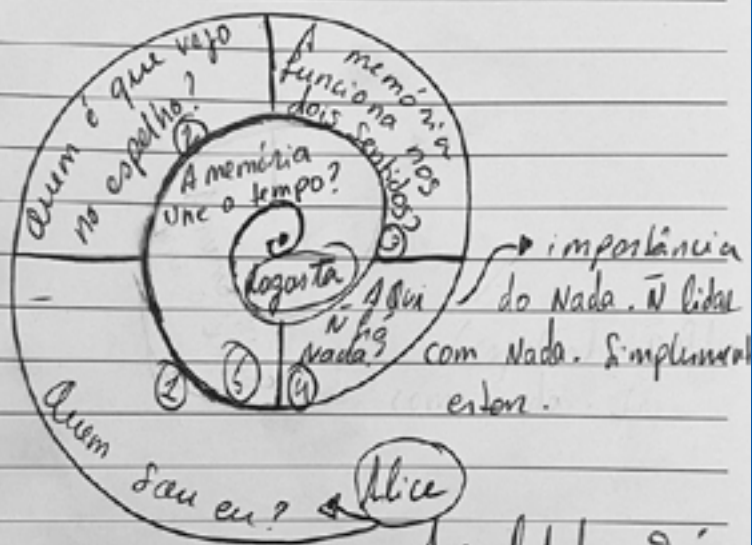
→ Achas-te bonita porque gostas de ti?

Am. Agora fiquei sacalhada,
Se já não sei quem sou
como é que sei se gosto de mim?

Avance sempre que responder
com uma pergunta

No final são só perguntas
enquanto avança o futuro

Alinhamento

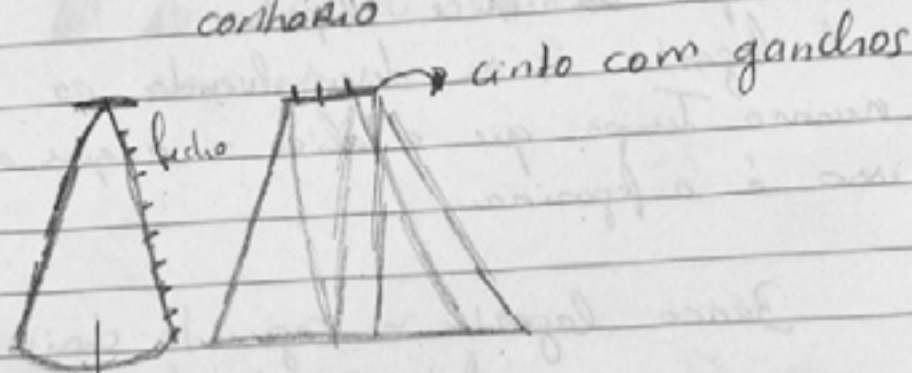


importância do Nada. Não lidar com Nada. Simplemente estar.

Alice
A realidade não é o que parece.
(casa 0)

Mala ecrã / cogumelo do tempo

porta e espelho lá dentro
e na porta ter nome ao
contrário



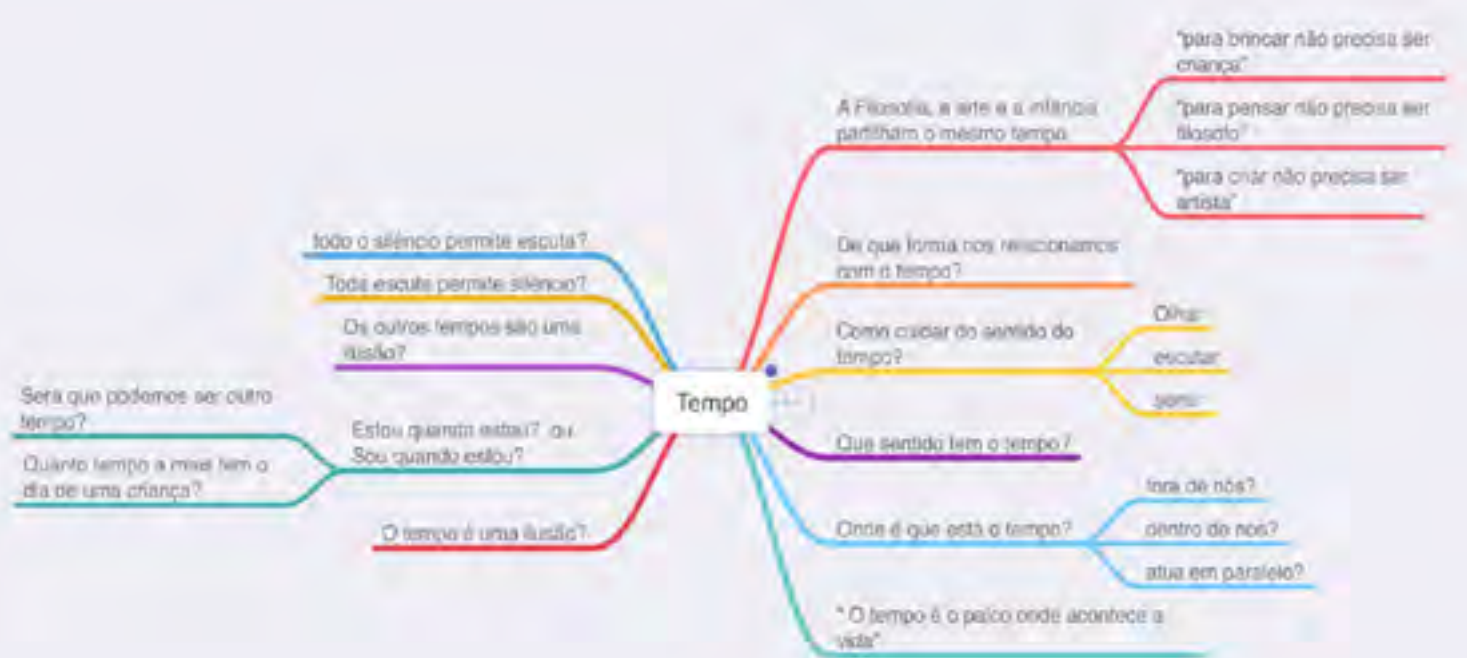
faixas para acrescentarem q
estão no tabuleiro q vão
compor

Quantos desafios vai fazer?

FORMAÇÃO ONLINE WALTER OMAR KOHAN — INÍCIO EM 7/09/2020

Walter: «Que pergunta farias à Alice?» Para dizer a verdade, não me lembro que pergunta fiz à Alice, mas tenho esta apontada no caderno: **«Alice, porquê acordares de um sonho, para poderes entrar noutros?»**

Deixo aqui alguns exemplos dos temas abordados nesta luxuosa experiência. Para mim, talvez tenha ocorrido aqui, neste espaço de pensamento, a grande catarse. Onde mais profundamente questionei (em geral) e me contestei (interna e individualmente), onde aprendi a respeitar todas as perguntas, onde tudo era válido e bem-vindo. Aprendi o quanto nos contagiamos uns aos outros, o que é de uma beleza infinita e tem uma importância imensa no desenvolvimento. Este resumo é um exemplo da quantidade de questões que nos atingiram. Represento-o em «mapa mental» porque foi a forma mais simples que arranjei para me organizar e ter acesso rápido às perguntas e reflexões por temáticas.



A nossa ideia sempre tem a ganhar quando é transmitida aos outros

seja porque é criticada

seja porque é valorizada

seja porque alguém acrescenta alguma coisa

Somos as oportunidades que nos dão ou somos as oportunidades que criamos?

Que maravilhas nos atravessam?

Quando olhamos ao espelho EU

Vemos maravilhas?

E ao olhar do outro lado do espelho, o que vemos?

Como nos é pintada a "cidade maravilhosa"?

Atravessamos as maravilhas ou as maravilhas estão em todos nós?

A minha professora de matemática: "não me importa o resultado, importa-me como chegaste lá"

O percurso é tão ou mais importante que o resultado

pode o ar estar povoado de pensamento?

Escola

Não saber não é uma falha

Quando não sabemos perguntamos

perguntar significa que estamos dispostos a habitar outros lugares

TEMPO LIVRE - um Grego

É importante habitar e criar condições para habitar um tempo livre de qualidade.

o que e que estamos a ensinar às nossas crianças?



DEBATE COM AS CRIANÇAS

Sabíamos que:

- ◆ Não deveríamos falar demasiado rápido para dar tempo ao outro de processar.
- ◆ Colocar as perguntas o mais limpamente possível.
- ◆ Colocar à altura das crianças — «uma altura alta, profunda.» Madalena Wallenstein

Não deveríamos traduzir por palavras nossas aquilo que as crianças diziam, nem reformular frases, pois é importante que cada um se sinta seguro a falar como sabe. «A criança está numa experiência que nós já perdemos há muito tempo.» Walter Kohan

Perguntar a quem pergunta o que pensa sobre essa questão. «Como responderias à tua pergunta?» Walter Kohan

Saber que todos nos divertimos no pensamento.



Farei um breve resumo de questões e inquietações que fomos recebendo das crianças ao longo dos espetáculos que apresentámos.

LA representa Lagarta e Alice, **W** representa Walter (Walter Kohan foi o mentor das nossas conversas com as crianças) e **C** representa as crianças.

W — Que foi que vos chamou mais a atenção? Que perguntas gostariam de fazer à Lagarta e à Alice?

C — Que precisamos de fazer para sabermos quem é a Alice e que precisamos de saber para sabermos quem somos?

C — A Alice já viu a Alice? A Alice consegue ver algo da Alice sempre que se questiona.

LA — O passado representa as emoções. Então, se viajar para o meu passado, estou no presente?

C — Como fazer para sermos o que quisermos?

C — Como sabemos quem queremos ser?

W — É mais importante perder o nome ou perder a cabeça?

C — Que significa «não percas a cabeça»?

LA — Para nós, quando criámos o espetáculo, era “não percas a tua essência”. Agora, já não sabemos. E para vocês, o que é?

C — Perdermo-nos nos pensamentos. Quando perdemos a cabeça nos pensamentos podem surgir coisas boas. Mas também pode significar não perder a memória. Sem cabeça não podemos pensar nem lembrar das coisas.

C — Perder a cabeça é ficar maluco, agir sem pensar.

LA — Nós pensamos sempre que agimos? Então podemos considerar que todos perdemos a cabeça?

W — Que coisas podemos fazer com as perguntas?

C — Responder

W — E que mais?

C — Gerar mais perguntas.

W — Se respondermos a uma pergunta ficamos sem nada, mas se pensarmos sobre a pergunta surgem mais hipóteses e mais perguntas.

C — Quando eu pergunto «porquê», o tempo existe?

W — Já estás a afirmar que o tempo existe, será que o tempo existe?

C — O agora está onde, no passado, no presente ou no futuro?

W — Será que pensar sobre o tempo ajuda a pensar quem somos?

C — Se eu não tivesse fotografias, vídeos e pessoas que me dizem aquilo que fui, será que seria outra pessoa porque teria outra imagem de mim?

C — O teatro é o presente e o filme é o passado que também é o futuro a que alguém vai assistir.

W — Será que o tempo nos ajuda a pensar quem somos?

W — O que é que nós precisamos saber para que cada um seja o que é? Se eu tirar de vocês o CC, o nome etc... vocês ainda são muitas coisas!



© MANUEL MOREIRA



C — Será que somos uma possibilidade?

Todo este processo de construção e de apresentações foi também um processo de transformação. Vínhamos condicionados pelas nossas crenças, formas de trabalhar e ver o mundo. Percebemos então, que tudo poderia ser mais aliciante (aliciante também por nos podermos envolver no mundo «louco» de Alice) e, não demor mais de dois dias a habitar este universo, a sermos este universo. Aprender a questionar cada pergunta acordou um espaço imenso de perspectivas. Os olhos abrem-se, o corpo vibra e a mente parece um universo inteiro, cheio de possibilidades que, em tempos, nem sequer nos passavam pela cabeça.

Questionar cada pergunta é muito mais do que ver notícias ou ler um livro e refletir sobre determinado assunto. Questionar as perguntas é visitar o nosso íntimo e olhar nos olhos inquietações adormecidas. Esta experiência fez-me perceber que também eu sou uma casa, tenho um nome próprio assim como poderia ter um nome de uma rua. Tenho um corpo que me identifica, assim como poderia ter um número de porta e tenho um andar de acesso fácil, mas ganhei muitos novos andares, ganhei apartamentos, divisões que posso habitar e muitos objetos para brincar.

Tanto a arte como a filosofia não servem para saber coisas, servem para pôr em causa aquilo que achávamos que sabíamos e dão-nos a oportunidade de nos relacionarmos profundamente com a nossa identidade e de olhar em perspectiva. Como diria Walter Kohan: «É preciso envolvermo-nos de uma forma íntima [...]. Recordar é voltar a pensar com o coração.»





FOTOGRAFIAS © MANUEL MOREIRA



EM BUSCA DA INFÂNCIA DA MARAVILHA

TEXTO DE

WALTER OMAR KOHAN,

ESPECIALISTA EM FILOSOFIA DEMOCRÁTICA
E EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO QUE INTEGROU
A EQUIPA DO ESPETÁCULO *QUEM ÉS TU?*

EM BUSCA DA INFÂNCIA DA MARAVILHA



TEXTO DE

WALTER OMAR KOHAN

(UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO)

É com muita alegria que escrevo este texto para uma edição intitulada *Festa de Desaniversário*: porque é uma edição de uma festa e também é uma festa de edições e de desaniversário, ou seja, é editar uma festa que pode nos ajudar a celebrar o tempo de uma outra maneira, uma festa que pode nos permitir lembrar um sentimento de tempo que interrompe a lógica das contas, dos números, dos dias, dos meses, dos anos, dos períodos com que, por exemplo, comemoramos os aniversários. É celebrar algo assim como um tempo puro, ou sem tempo, como alguma vez todos sentimos antes de sermos ensinados a contar o tempo através de números e quantidades. De modo que, com alegria, participo de uma outra forma de celebrar um outro tempo. Agradeço o convite sempre generoso da Madalena Wallenstein e a sua força e energia criadoras de vidas artísticas, filosóficas, infantis.

Assim, entendo o presente projeto da Fábrica das Artes, do CCB, e espero não estar a exagerar um pouco se afirmo que assim compreendo o próprio sentido do trabalho da Fábrica das Artes à busca de reunir a arte, a educação e a filosofia, atravessadas, em festa, pela infância. A festa surge de um encontro sem limites etários em que os convidados para a festa são públicos de todas as idades. O convite inicial veio de uma tal Alice, uma personagem conceitual, literária, artística e filosófica de um escritor, Lewis Carroll, artista, educador e filósofo sensível quanto às possibilidades de a literatura fazer viajar no tempo e no espaço os leitores de todas as idades.

Este texto conta algumas viagens propiciadas pelo projeto em torno de Alice. O francês Michel Serres afirma, num livro muito bonito,

também atravessado pelos encontros entre arte, educação e filosofia, algo que nos ajuda a pensar a respeito das relações entre a pedagogia e as viagens, entre o viajar e o aprender; e também nos convida a viajar aprendendo e a aprender viajando:

Nenhuma aprendizagem evita a viagem. Sob a condução de um guia, a educação puxa ao exterior. Parto: saio. Sais do ventre da tua mãe, do berço, da sombra trazida pela casa do pai e as paisagens juvenis. Ao vento, à chuva: fora faltam os abrigos. Tuas ideias iniciais apenas repetem palavras antigas. Jovem: velho papagaio. A viagem das crianças; eis o sentido desnudo da palavra grega pedagogia. Aprender lança a errância.

(SERRES, 1991, p. 27.)

Não há forma de aprender sem viajar, como talvez não há forma de criar e de pensar sem viajar. Aprender lança a errância. Ensinar é convidar a uma viagem da qual se faz parte. Faz-se parte; parte-se; ensinar é partilhar, partir: oferecer sinais para viajar junto. No mesmo sentido, criar e pensar lançam uma errância que atravessa o corpo por inteiro. Assim entendo o projeto da Fábrica das Artes, como um convite pedagógico, artístico, filosófico, naquele sentido desnudo da palavra grega pedagogia: uma viagem de crianças; ou melhor, uma viagem infantil. Uma convocação para sair dos lugares e tempos que habitamos costumeiramente; uma chamada a se deslocar, com outros e outras,

mas também consigo mesmo, no tempo e no espaço, tendo como companheiras a literatura, a arte e a filosofia. Viajar na errância exige, claro, boas companhias.

Viajo no tempo e no espaço e lembro do primeiro convite da Madalena. Senti infância. E me deixei levar. A Madalena veio desta vez com a Alice e com muitas outras companhias. Era um convite especial: viajar com a Alice, mas também com a Magda, a Dina, a Rita e um grupo curioso de jovens artistas, além da equipa atenta e comprometida da própria Fábrica. Senti a força especial de *Não Me Calo* e de *Quem És Tu?*, com as suas duas potências, a da resistência afirmativa e da pergunta questionadora. O que somos quando nos encontramos com uma resistência e uma pergunta? A arte e a filosofia são companheiras de uma viagem pedagógica. É um convite demasiadamente sedutor para sequer considerar uma recusa.

Da minha parte, tudo começou, no projeto, com uma formação: «Em busca da maravilha.»... Digo «tudo começou» e pergunto: «tudo começa?» «Quando começa um começo?» «Que começa com um começo?» O título da formação pode ser entendido como em busca de um começo para a filosofia se, pelo menos como estamos habituados a ler, os Gregos insistiam que a filosofia nasce da maravilha... dessa forma, aqui, neste começo, estando em busca de um começo para filosofar, fazíamos também um convite a participar da viagem a de uma certa infância da filosofia...

Neste começo da viagem, na formação *Em busca da maravilha*, começamos pelo começo: dar-nos um outro nome, um nome estrangeiro que ainda nos tornasse presentes. Os começos nunca são fáceis: como sentir-

mo-nos ainda presentes numa língua estrangeira? Aprendemos ainda que a dificuldade é também uma potência, em especial se a filosofia for uma busca que começa quando nos podemos chamar de outra maneira e ainda podemos sentir-nos presentes. Como se a filosofia fosse uma busca que começa por uma presença estrangeira em nós ou com a nossa presença numa língua estrangeira. Será?

Desta vez, o começo foi remoto... um começo dos começos remotos que viriam. No começo, uma surpresa, uma estranheza, uma distância impensada no mundo... com a que aprendemos a nos entender... que impossibilita e possibilita, como a própria vida. Essa primeira formação contou com a presença de alguns dos atores, de colegas de vários lugares do mundo, além de toda a equipe da Fábrica das Artes. Começámos com algumas viagens e muitas perguntas; todas as perguntas pareciam ter um destinatário e algumas delas estavam destinadas a nós mesmos (coloco entre parênteses os novos nomes, outros, dos estrangeiros que ai estávamos): Que nos leva a necessitar de um «princípio» (enquanto início) (")?; Há necessidade de voltar ao princípio (Susy)? A transformação pede a invenção de um (re)começo ()? Qual a importância, para a viagem, do retorno (Daan)? Onde se encontram princípio e fim (Aeriel)? Que nos move quando a nossa experiência é a da repetição (Jules)? Perguntar e perguntar-se é caminhar nos princípios (Ile alowo ewe)?; Há princípios sem os fins/términos (Apanapa Pappapulapa)? (Infância) O que seria o princípio do princípio? (upaula zulu); E se não houver princípio (Magdala)? Que é o fim e quando começa o princípio (Raakel Oliivipuu)? Voltar ao princípio é ter outra oportunidade (Philoméne)? Porque é que inventámos o princípio (Marijana)? Em que é que o novo princípio

difere do princípio anterior (Marie)? Quando acordo, num «novo dia», isso significa que estou a começar do princípio (ALIRIC)?

Outras perguntas estavam dirigidas à Alice: Consegues encontrar o caminho de volta (Unkulunkalu Unathi)? Onde mora a curiosidade eterna (Mar Garitxa)? O tempo é real (Léan)? Que horas são no País das Maravilhas (Jawanana)? És sempre a mesma coisa? Quanto tempo durou a tua viagem na toca do coelho? Existe diferença entre sonhar e estar acordada (Ile alowo ewe)? Que fazer durante uma queda (fulvios)... e, dentre outras, uma pergunta que iria ficar algum tempo entre nós: quem és tu?

Na viagem formativa, lembrámos vários poetas, à busca de um tempo de infância, mais propício ao brincar, ao pensar e ao criar do que o tempo linearmente consumível que domina a nossa vida adulta, como afirma o moçambicano Mia Couto, que em *Quebrar Armadilhas* nos lembra de um tempo não linear, circular, próprio da rica cosmogonia rural africana. E conta um episódio de um menino de rua que, na sua terra natal, atravessou a cidade para entregar a Mia Couto um livro com a sua foto na capa; o menino tinha visto o livro nas mãos de uma estudante à saída da escola e, como a capa do livro tinha a fotografia do poeta, ele pensou que lhe pertencia e que tinha sido roubado dele. Por isso cruzou a cidade para devolver o livro que ele pensava que tinha sido roubado do autor. E o poeta acrescenta:

Lembrei aqui o episódio do menino de rua porque tudo começa aí, na infância. A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentimento do Tempo. A verdade é que mantemos uma relação com a criança como se ela fosse uma menoridade, uma falta um estado precário. Mas a infância não é apenas um estágio para a maturidade. É uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós.

(COUTO, 2009, p. 103-4.)

Tudo começa na infância. E a infância tudo começa. Porque, como diz o poeta, a infância não é uma idade, mas um tempo: o sentimento de um tempo que não passa, e, por isso, na infância nunca é demasiado tarde. Na infância é sempre possível começar e fazer da vida um começo. Quando vivemos na infância, em qualquer idade, nos surpreendemos e nos deixamos encantar com a vida. Por isso, viver na infância é uma condição para vidas educativas filosóficas e artísticas. Por isso, buscamos, em todo o momento da nossa formação, viver e convidar a viver um tempo de infância... e quando se vive no tempo da infância, nascem, incessantemente, perguntas: mesmo na virtualidade da comunicação remota é possível viver nesse tempo presente, sem idades? O senti-

mento da infância é um convite a criar, pensar, amar, educar, que se expressa na forma de perguntar e perguntar-se...

Também por isso, pelo gosto da infância em perguntar, as perguntas são sempre nossas companheiras de viagem. Viajamos com perguntas, entre perguntas, ao encontro de perguntas. E terminamos essa primeira formação em busca da Alice, ou seja, de um espelho, como a começamos: perguntando. Perguntar é também uma forma de fazer do fim um começo, uma infância. Uma maneira de viver a infância mesmo ou sobretudo quando ela se torna mais necessária: nos aparentes fins que se tornam, pela presença infantil, novos começos.

Durante o percurso, tive a sorte e o privilégio de participar em algumas sessões artístico-filosóficas na Fábrica das Artes e em algumas escolas em Lisboa. Encontrei atrizes e atores jovens, animados, atentos, criativos, sensíveis. Com a Isabel e a Cirila, as intérpretes de *Não Me Calo?*, fizemos uma entrevista remota cheia de energia e coragem; com a Magda Costa Carvalho acompanhámos várias sessões do espetáculo *Quem És Tu?*, a cargo do José e da Raquel. Fomos a várias escolas e à própria Fábrica das Artes. As formas dos encontros mudaram: algumas vezes o José e a Raquel (a Lagarta e a Alice) apresentavam o espetáculo na própria escola, de corpo presente; outras vezes, as crianças assistiam ao espetáculo na tela. Nós, a Magda e eu (e algumas vezes tínhamos o privilégio de contar também a Madalena), sempre através do Zoom, claro. E conversámos com crianças, professores e outros adultos.

Adivinhem, leitoras e leitores, o que mais fizemos nessas conversas depois do espetáculo? Sim, adivinharam: perguntas, claro! As questões técnicas do espetáculo suscitaram muitas perguntas relacionadas com a maneira como se logravam alguns efeitos ou algumas cenas, e eram, de certo modo, respondíveis; outras, diferentemente, nos faziam pensar bastante. Por exemplo: Porque é que a Alice não sabia quem era (Constança)?; Quem era a Alice (António)?; Quem era a Lagarta (Bernardo)?; Que precisamos de saber para que alguém seja quem é (Francisca)? Se eu me esquecer do meu nome deixo de ser eu (Zé)? Depois conversávamos sobre as perguntas e, durante a conversa, parecia que as perguntas cresciam: Podemos ser quem quisermos? Sem condicionantes? E será que sabemos aquilo que queremos ser? Será que queremos ser só uma coisa?

Nos diversos espetáculos, conversámos sobre coisas que se veem e que não se veem, e nos perguntámos como sabemos que existem as coisas que não se veem. Falámos também dos nomes que damos às pessoas e aos objetos. Também conversámos sobre o que significa a expressão «não percas a cabeça» que a Lagarta diz repetidas vezes à Alice. O Xavier disse que perder a cabeça é perder os pensamentos. A Matilde disse que significa não fazer uma coisa sem pensar duas vezes antes. E o Tomás disse que quando perdes a cabeça já não sabes mais quem és. E houve algumas outras possibilidades: para não ficarmos malucos ou, como disse o Rúben, para não perdermos a memória, porque, senão, o nosso corpo desligaria e voltaríamos com uma nova vida. Conversámos também sobre o tempo, o passado, o presente e o futuro, sobre viajar no tempo, as máquinas do tempo, a importância de lembrar o passado e, ainda, sobre a relação do teatro e do cinema com o tempo (por

exemplo, a Mara disse que o teatro é presente e o cinema é passado para ser visto no futuro; a Alice perguntou: se viajarmos para o futuro através da nossa imaginação, o futuro pode ser várias respostas?, ou será que o futuro pode ser ainda mais perguntas? E o Nuno perguntou: porque é que, entre o passado, o presente e o futuro, é o presente o mais surpreendente, o mais difícil? Foram, como fica bastante evidente nesta breve narração, festas de questionamentos e perguntas.

E houve algo muitíssimo bonito nesse processo de estarmos junto com os atores do espetáculo, o Zé e a Raquel, assistindo à sua arte e conversando com crianças e adultos sobre essa arte. De início, eles eram as personagens principais em cena, e depois retiravam-se um pouco para assistir às conversas filosóficas sobre o espetáculo. Nesses inícios, eles ficavam bastante retirados, apenas respondendo às perguntas específicas sobre questões mais técnicas do espetáculo. E eles pensavam, talvez, que as perguntas eram algo que tinha que ser respondido. Mas, aos poucos, eles se permitiram sentir o gosto de manter vivas as perguntas e foram-se envolvendo cada vez mais nessa brincadeira de filosofar com as perguntas e deixar que elas nos façam andar no pensamento. E tornaram-se extraordinários questionadores de perguntas. E, assim, foram-se convertendo num ator e numa atriz cada vez mais infantis, questionadores filosofantes da sua própria arte cuidando de preservar esse tesouro precioso que são as perguntas das crianças, tanto que a Lagarta disse numa das sessões que «O teatro é fazer perguntas?» E ficámos todos e todas a pensar...

A minha participação neste primeiro Ciclo terminou com uma nova formação intitulada «Festa de Des-aniversário». E foi mesmo uma festa, claro, de perguntas... porque tínhamos de terminar, e quando o que se termina é tão bom como o Ciclo onde tivemos o privilégio de estar juntos, tentamos terminar de uma forma que não termine, porque o que menos queremos é justamente terminar. Então, terminamos com perguntas, que sempre nos sinalizam caminhos para seguirmos andando e pensando, para seguirmos os nossos caminhos de errância entre arte, educação e filosofia, atravessados pela infância. Nos perguntamos como começar um fim, porque é um começo, e se um fim pode ser um começo e, assim, terminamos... perguntando, com essa sensação de que, mesmo no final, pode se estar no começo.

E agora estou um pouco nesse mesmo embrulho porque preciso terminar este texto. E, claro, podemos terminar com perguntas, com infância e com algo mais de literatura. Então pensei que, já que estamos em busca da maravilha, da Alice e do espelho, podemos convidar um outro poeta infantil, desses que honram a infância em cada palavra: o mato-grossense Manoel de Barros que, como Alice, se olha a si próprio através do espelho, como um menino-poeta peralta que quer viajar junto. E convido as leitoras e leitores deste texto a viajar juntos, como errantes, com essa companhia infantilmente poética:

Manoel por Manoel

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (Barros, 2018, p. 67)

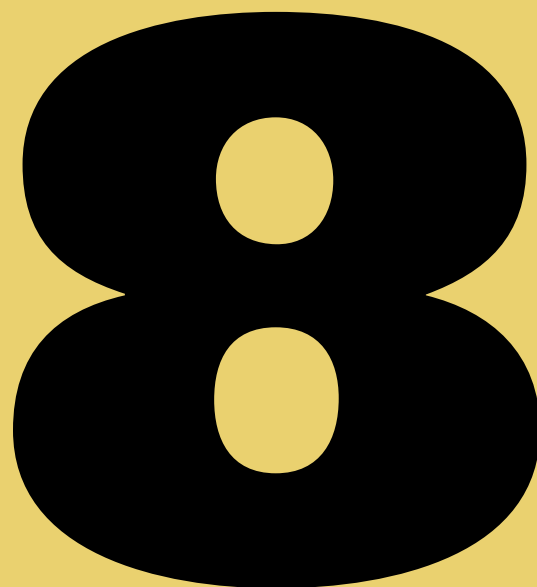
O poeta sente saudades do menino que não foi, das brincadeiras que não brincou e, também, da sua infância livre, sem «comparamentos». O poeta inventa palavras habitando uma infância sem idades. A criança vive um tempo de comunhão e não de comparação com os seres e o mundo. A infância é comunhão, estar e brincar junto, sentir a vida em sua pulsão e potência, ainda ou sobretudo, no pequeno, no frágil, no que parece sem luz e ilumina uma existência comungante. Será que o sonho da Alice, da Madalena e de todos nós é viver a arte, a filosofia e a educação como formas de viagens errantes até à infância? Será que o nosso sonho é voltar a falar a partir de ser criança e fazer outra vez comunhão com os bichos, as árvores e todos os seres deste mundo? Será que o nosso sonho é um sonho artístico e filosófico infantil?

Referências bibliográficas

Barros, Manoel de (2018), *Memórias inventadas*, Rio de Janeiro, Alfabeta.

Couto, Mia (2009) *E se Obama fosse africano? e outras intervenções*, São Paulo, Companhia das Letras.

Serres, Michel (1991), *Le tiers-Instruit*, Paris, François Bourin.



DOIS OVOS IRMÃOS

TEXTO DE

BERNARDO SOUTO E MIGUEL AMORIM

Página 66 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário

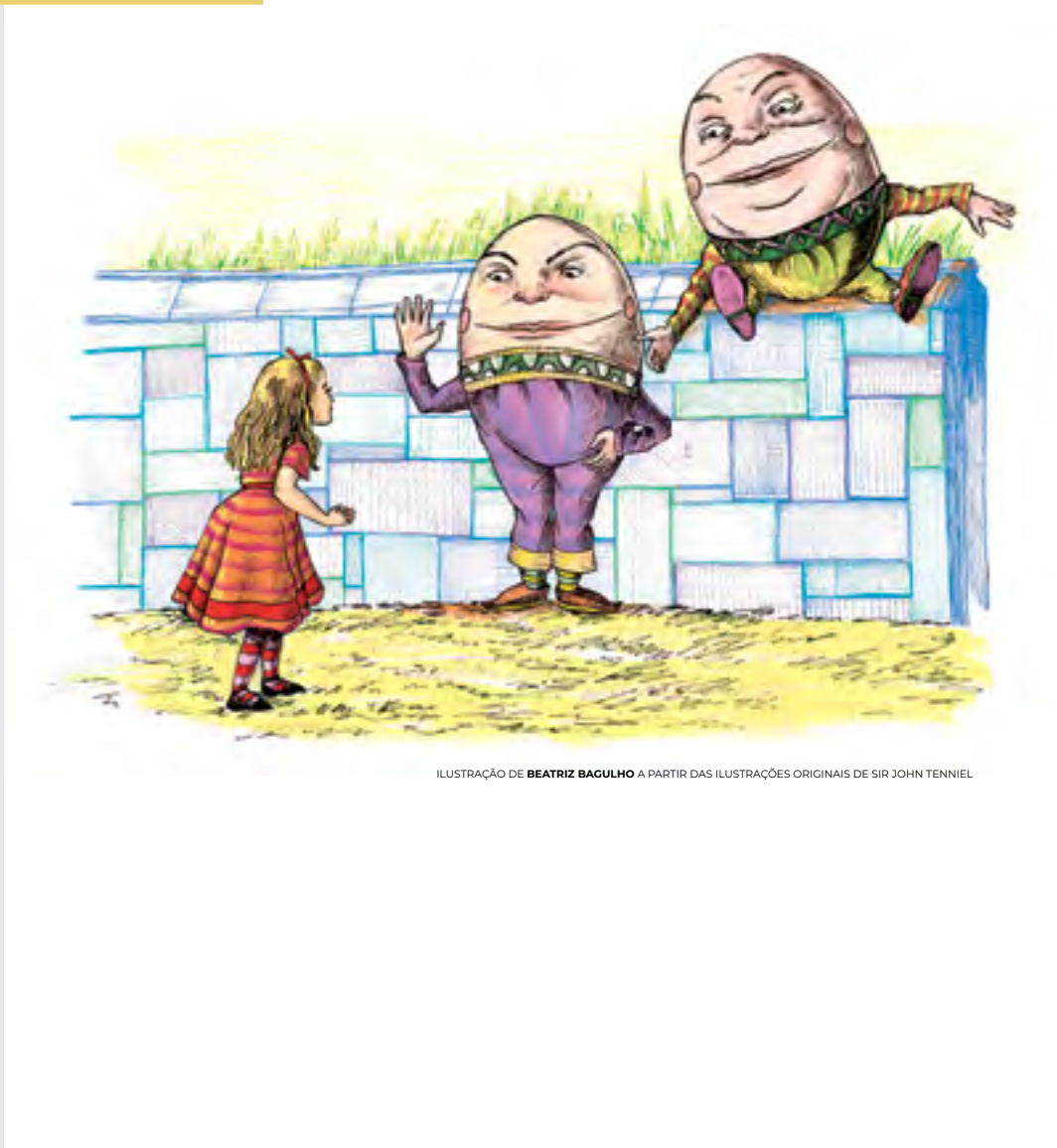


ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

ESPETÁCULO PORTÁTIL + OFICINA DE FILOSOFIA

DOIS OVOS IRMÃOS: TRAMBOLHOES E JIGAJOGAS

BERNARDO SOUTO
E MIGUEL AMORIM

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

**Dois ovos, nascidos de um urso polar,
decidem com Alice apostar, quem mais depressa irá ripostar:**
— *Qual é coisa qual é ela cai no chão fica amarela?*
— *És tu! Diz um Humpty Dumpty.*
— *Não, és tu! Responde Humpty Dumpty dois.*
— *Isso é uma adivinha? Retruca Alice confusa, nunca tinha feito esgrima!*
— *Não, é uma rima!*
**Os dois ovos irmãos desatam a rir que é o mesmo que dizer: Zás! Pum! Ir!
Chão!**

Estes dois irmãos, ovos ovinhos, saídos do ninho, cantam canções, mastigam
palavrões e com os seus corações de dragão, guardados guardadinhos,
preparam-se para abrir os nossos iguais. Zás! Pum! Ir! Cima! Vai começar!

OFICINAS DE FILOSOFIA COM RITA PEDRO (PRESENCIAL)

Nunca conversa onde não há sentido, para que lado vais? Se o teu nome
tivesse que designar a forma do teu corpo ou se os verbos comesçassem a
ficar orgulhosos, conseguirias continuar a conversa da mesma maneira?
Nesta oficina vamos entrar no mundo encantado da Alice e, com muitas
rimas, desafiar as palavras a dizer-nos coisas com significados muito
diferentes.

CONCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO **BERNARDO SOUTO** E **MIGUEL AMORIM** (A PARTIR DAS OBRAS *AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* E *ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO*, DE LEWIS CARROLL)
FIGURINOS E CONCEÇÃO PLÁSTICA **ALICE ALBERGARIA BORGES** / **BEATRIZ BAGULHO** / **MADALENA CASTRO**
MÚSICA ORIGINAL **CUÇA MONCA**
VÍDEOS E DIRETOS **ANTÓNIO MENDES** E **JOÃO ESTRADA**
ACOMPANHAMENTO À CRIAÇÃO **MARIA GIL**
OFICINA DE FILOSOFIA **RITA PEDRO**

5 A 8, 12 A 15 MAIO 2021

**3 AOS 7 ANOS / 10H (QUARTA A SEXTA-FEIRA), 11H (SÁBADOS) / 2€ (DIAS ÚTEIS, ONLINE), 3,50€ (DIAS ÚTEIS, ESCOLA), 4€ (FIM-DE-SEMANA, ONLINE), 6€ (FIM-DE-SEMANA, PRESENCIAL)
20€ (GRUPOS ESCOLARES ATÉ 25 ALUNOS, ONLINE)**

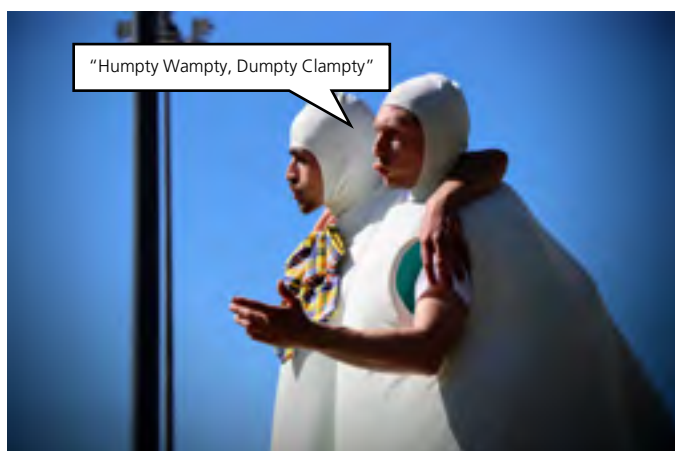
DURAÇÃO: 35 MINUTOS + 30 MINUTOS DE OFICINA

8

DOIS OVOS IRMÃOS

*Humpty e Dumpty sentaram-se num muro,
Humpty e Dumpty caíram no chão duro.
E todos os cavalos e homens do rei inglês
Não conseguiram montar o Humpty e Dumpty outra vez.*

Música do espetáculo *Dois Ovos Irmãos: Trambolhões e Jigajogas*









DESENHO DE ESTUDO DE PADRÕES PARA O ESPETÁCULO *DOIS OVOS IRMÃOS* © ILUSTRAÇÕES DE ALICE ALBERGARIA BORGES

TEXTO DE
BERNARDO SOUTO E MIGUEL AMORIM

DESANIVERSÁRIO

*«Trabalho trabalhar, Trabalho trabalhar!
Pôr o trabuco a trabucar,
Bulir e suar, fazer sem pensar,
Tem de estar tudo a funcionar,
Nada se pode avariar, nada se pode estragar,
Senão o desaniversário não vamos mais celebrar!»*

Em 2020, fomos apresentados um ao outro, quando iniciámos o projeto *Festa de Desaniversário*, que seria uma nova abordagem ao universo do País das Maravilhas, criado por Lewis Carrol. A Fábrica das Artes propôs a uma série de criadores artísticos e filósofos que se unissem para criar uma instalação, espetáculos, oficinas, formações e cafés filosóficos para todas as infâncias, e que, ao cruzar estas duas vertentes, criação artística e filosofia com crianças, as mesmas se potenciasssem uma à outra, no sentido de fazer emergir problemáticas contemporâneas e questioná-las.

Quando nos propuseram quebrar a nossa casa e montar uma festa de desaniversário, não podíamos ter ficado mais entusiasmados. Mesmo, mesmo não se conhecendo um ao outro, os dois ovos irmãos já partilhavam o berço, e desta simbiose (in)esperada nasceram vários desafios, pensamentos e emoções.

Tudo começou numa residência artística na Fábrica das Artes, o ninho que nos acolheu. Passo a passo, fomos guiados pela Maria Gil até sairmos do ninho.

Inspirados nos capítulos de Tuidledim & Tuidledam e Humpty Dumpty, apontámos a nossa mira para lugares desconhecidos e que pretendíamos conhecer. Aprendendo o que é normal, descobre-se o que é o fora do normal. E não só porque achávamos que estes ovos eram por si só especiais, procurámos descobrir as diferenças dentro das igualdades. Uma vez que o texto de Lewis Carroll era a nossa primeira referência, começámos por escrever também um texto em rima, para uma aprendizagem fácil e uma comunicação eficaz. Como o nosso alvo eram os «amigos da Alice», adaptamos a nossa poética para facilitar o discurso e também para criar uma sonoridade que se tornaria familiar com a prática.

“

(...)

(MIGUEL)

melhor explicar para quem não percebeu, Fizemos uma aposta, pronto foi isso que aconteceu. Não sei se já alguém vos disse, Mas a aposta foi com a Alice. Apostámos que conseguíamos enviar 37 ovos antes do dia de São Nunca à Tarde chegar. Que é hoje, no quarto pôr do sol, No cantar do Sapo espanhol.

(BERNARDO)

Se a Alice não os receber, Muito vamos sofrer, Pois não poderemos mais celebrar o desaniversário, E a nossa vida vira-se ao contrário.

(MIGUEL)

Somos muito orgulhosos e tivemos de aceitar, Como somos os mais inteligentes os ovos vão lá chegar, Ou não seremos nós Humpty e Dumpty reais Zigotos, Temos classe, não somos nenhuns ovos-rotos.

(BERNARDO)

Quando esta bola, Se põe a falar, Quase ninguém o consegue calar. Quem é que hoje faz anos aqui? Tenho um presente pra todos menos para ti.

(AMBOS)

Feliz desaniversário p'ra todos!

Excerto do espetáculo *Dois Ovos Irmãos*

«Se eles tivessem trinta e cinco e faltassem dois, eles entregavam-se a si próprios?»

Afonso, 9 anos

Tudo o que existe antes de nascer já tem a forma de um ovo. Uma ideia, por exemplo: depois desta criação, passei a imaginá-la numa forma elíptica. Por onde começar? Onde acabar? Será que tudo termina onde começa? Ou não será antes que tudo começa no lugar onde se termina? Estará, portanto, tudo ligado num só ciclo. Inúmeros pensamentos começaram por fluir até chegarmos à questão da identidade. Quem iríamos interpretar? Quem eram estes seres Tuidledim & Tuidledam e Humpty Dumpty? Ao cruzarmos estas três personagens chocámos as novas personagens — os Dois Ovos Irmãos, chamados Humpty e Dumpty. Melhor, Dumpty e Humpty, enquanto apontam um para o outro. Estes *alter eggs* não sofrem de uma crise de identidade, antes convocam a

sabedoria para se redescobrirem. «Um nome tem de significar alguma coisa?».¹ Seguindo esta lógica, o nome reflete a forma que tenho, logo só tenho este nome por ter estes contornos. O ponto de tensão está entre o significado e a razão para os nomes próprios serem distintos dos nomes da geologia. Por isso, quando chamo pelo nome de uma pessoa, o nome por si já trás um significado, acrescenta uma informação sobre aquela pessoa. HP e DP são ambos o mesmo nome, ambos a mesma personagem e ao mesmo tempo não. Dentro do igual, existem diferenças, existem oposições. E estes irmãos opostos e semelhantes vivem num imaginário muito pessoal. Chega a ser tão íntimo que facilmente nos identificamos.

¹ Carroll, Lewis. (2000). *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, Lisboa: Relógio D'Água, pp. 231.

«(...)

**Ovo estrelado, ovo escalfado,
ovo estafado, ovo mexido,
ovo sem remorso, ovo enchido,
ovo com pescoço, ovo inteiro,
ovo tremoço, ovo ligeiro, ovacionar, ovação, ovalado, Ovar, ovário,
ovas, ovelha, ovicida, ovídio,
ouvido, ovino, ovíparo, ouvinte, ovulífero.**

Ovaristocracia.

(BERNARDO)

**Quando emprego uma palavra, Digo exatamente o que me apetecer,
E que não venha ninguém me contradizer. Atraente o relógio que
nem atrasa nem adiante.**

(MIGUEL)

Ora experimentem criar uma palavra para eu analisar.

(BERNARDO)

Gostam de poesia?

(MIGUEL)

Mexida ou estrelada? Cozida ou escalfada?

(BERNARDO)

Também não interessa para nada. Quem não gostar pode fazer beijada.

(...))»

O foco de ideias apontava para um texto que havia de ser criado, uma música e se possível ainda uma experiência de contacto com os objetos. De forma prática, eram estes pontos que tínhamos de tocar ao mesmo tempo que desenvolvíamos a lógica/mundo destas personagens.

Apresentado o espetáculo, a filósofa Rita Pedro propunha um debate e questões relacionadas com o que os espectadores viram.

Não sei se foi por causa dos vários formatos dos espetáculos apresentados, via Zoom, em salas de espetáculos e em escolas, que algumas questões iam variando e outras cruzavam-se. Por exemplo, durante o espetáculo existia uma parte em que eram lançadas algumas questões, onde a maior parte das vezes, não procurando uma resposta, houve quem sentisse impulso para responder à pergunta «Qual é a forma da vida?»: «é o coração», «é ser feliz» e ainda «é redonda». Diversas respostas para tantas perguntas. E ainda «os ovos fora do normal são bizarros», «aproveitar a vida até à

morte». Estas foram algumas das observações e afirmações que escutámos conforme os lugares onde os espetáculos eram realizados.

Este projeto trouxe-nos novas perspetivas como criadores e como pessoas. O contacto com pessoas tão diferentes, a duração da criação do trabalho e da sua exposição, e o seu resultado foram extremamente enriquecedores. Felizmente, ainda não terminou, e temos pelo menos mais uma apresentação do espetáculo *Dois Ovos Irmãos: Trambolhões e Jigajogas* para 2022. Foi e continua a ser um projeto marcante e construiu uma bela amizade.



« (AMBOS)

Queres cair comigo? Cair é acabar? O que é que é acabar? Quando é que começámos? Quando é que te lembras de começar? Hoje vamos acabar? Estaremos no sítio onde vamos acabar? A nossa morte é importante? A nossa vida é importante? É mais importante morrer ou viver? Como é que será a minha morte? Quando é que será a tua morte? Será que eu vou gerar vida? Será que tens um ovo dentro de ti? O ovo é a forma da vida? Qual é forma da vida? Será que a casca protege realmente alguma coisa? Já viste coisas morrerem antes de nascerem? Porque é que vivemos se temos de morrer? Alguém aqui quer cair? Quando cáimos partimos? Se eu te largar vais-me bater? Queres experimentar? Será que se lutarmos até ao fim nós partimos?»

Excerto do espetáculo *Dois Ovos Irmãos*, 2021 (p. 11)



NÃO ME CALO

TEXTO DE

CIRILA BOSSUET E ISABEL COSTA

Página 60 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário



ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BACULHO A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

ESPETÁCULO PORTÁTIL + CAFÉ FILOSÓFICO

NÃO ME CALO

CIRILA BOSSUET E ISABEL COSTA

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

— *Não me calo!*, diz Alice ao chegar ao campo de críquete da Rainha de Copas.

— *Cortem-lhe a cabeça!*, responde a Rainha de Copas.

É através de um jogo de palavras, onde o foco principal é o confronto de ideias, que Alice questiona o mundo em que vive, a justiça e as regras de um jogo que parece estar viciado. Nesta *performance*, um tabuleiro dividido em dois convida os espectadores a transformarem-se nos jurados e conselheiros de uma grande batalha retórica. Venham daí!

CAFÉS FILOSÓFICOS (PÓS-ESPETÁCULO) COM DINA MENDONÇA

3 A 6 FEV

Alienação ou distração?

Será que a Alice se distraiu ou se alienou da realidade? Ou será que depois da sua aventura consegue ver a realidade com maior profundidade? Vem conversar e pensar com outros sobre o que é estarmos alienados e como lidar com a alienação.

10 A 13 FEV

Refugiados e Viajantes com a Alice – fronteiras ou não?

A viagem da Alice ajuda a repensar de novo as questões que as recentes migrações de refugiados levantam sobre como cumprir coerentemente os nossos compromissos democráticos de que todos os seres humanos têm o mesmo valor moral e que temos o dever de respeitar os direitos e as liberdades dos indivíduos.

CONCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO **CIRILA BOSSUET E ISABEL COSTA** (A PARTIR DAS OBRAS *AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* E *ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO*, DE LEWIS CARROLL)
FIGURINOS E CONCEÇÃO PLÁSTICA **ALICE ALBERGARIA / BEATRIZ BAGULHO / MADALENA CASTRO**
MÚSICA ORIGINAL **CUÇA MONGA**
VÍDEOS E DIRETOS **ANTÓNIO MENDES E JOÃO ESTRADA**
ACOMPANHAMENTO À CRIAÇÃO **MARIA GIL**
CAFÉS FILOSÓFICOS **DINA MENDONÇA**

3 A 6, 10 A 13 FEV 2021

M/8 ANOS, 1.º, 2.º E 3.º CICLOS, ENSINO SECUNDÁRIO / 14H (TERÇA A SEXTA-FEIRA), 15H (SÁBADOS)

2€ (DIAS ÚTEIS, ONLINE), 3,50€ (DIAS ÚTEIS, ESCOLA), 4€ (FIM-DE-SEMANA, ONLINE), 6€ (FIM-DE-SEMANA, PRESENCIAL), 20€ (GRUPOS ESCOLARES ATÉ 25 ALUNOS)

DURAÇÃO: 35 MINUTOS (ESPETÁCULO) + 50 MINUTOS (CAFÉ FILOSÓFICO)

NÃO ME CALO



TEXTO
PRÓLOGO: CIRILA BOSSUET
E ISABEL COSTA

PRÓLOGO

— *Eu sou a Cirila, e faço de Alice.*

— *Eu sou a Isabel, e faço de Rainha.*

— *Alice é a personagem principal dos livros *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho*, de Lewis Carroll. Talvez alguns de vocês a conheçam. Alice é uma rapariga que cai dentro da toca de um coelho branco e entra num mundo chamado «País das Maravilhas». Alice tem aproximadamente 12 anos.*

— *A Rainha de Copas é a rainha do País das Maravilhas. Neste país, apesar de haver um rei, quem governa é a Rainha. Ela toma decisões inesperadas e é muitas vezes injusta para os seus súbditos.*

— *É perita em inventar dívidas para os cidadãos do País das Maravilhas ou, pior ainda, em mandar cortar cabeças. Adora jogar críquete. Tem aproximadamente 35 anos.*

— *Vamos focar-nos no livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Neste livro existem 12 capítulos (mostra o livro aos espectadores), tem 144 páginas, e esta tradução da Margarida Vale de Gato. Os capítulos são: I «No Buraco do Coelho», II «O Lago das Lágrimas», III «Uma Corrida Eleitoral e uma História Comprida», IV «A Encomenda do Coelho», V «Conselhos de Uma Lagarta», VI «Porco e Pimenta», VII «O Chá dos Loucos», VIII «O Campo de Críquete da Rainha», IX «A História da Tartaruga Fingida», X «A Contradança das Lagostas», XI «Quem Roubou as Tartes», e XII «O Depoimento de Alice».*

— *No início da história, Alice cai dentro da toca de um coelho branco, e, através dela, entra num mundo novo, onde animais e objetos se comportam como seres humanos. Cruza-se com diversas personagens, como o Chapeleiro Louco, o Gato Cheshire, a Lagarta, o Humpty Dumpty e, entre muitas outras, a Rainha de Copas. Alice e a Rainha de Copas encontram-se diversas vezes nesta história. De todas as vezes que se encontram, Alice questiona as ordens da Rainha.*

— *No final da história, Alice é condenada pela Rainha por ter questionado a sua autoridade. E quando os soldados da Rainha se preparam para prender Alice, ela acorda e descobre que tudo não passou de um sonho. Neste espetáculo, partimos do pressuposto de que Alice não acordou e terá de enfrentar a Rainha.*

— *Partimos do momento final do livro, quando, no tribunal, Alice confronta as ordens absurdas da Rainha.*

— *Alice diz à Rainha que tudo aquilo é um disparate e uma parvoíce. A Rainha ouve isso e diz:*

— *Caluda!*

— *Não me calo nada!*

— *Cortem-lhe a cabeça!*

— *Mas quem é que tem medo de ti!*



DESENHOS DE ESTUDO DE FIGURINOS PARA O ESPETÁCULO NÃO ME CALO © ILUSTRAÇÕES DE ALICE ALBERGARIA BORGES

SOBRE O PROCESSO E OS ESPETÁCULOS DO NÃO ME CALO

O processo do *NÃO ME CALO* começou literalmente por não nos calarmos. Eu e a minha companheira de trabalho, Isabel Costa, fizemos questão de levantar todas as questões suscitadas pelo percurso que Lewis Carroll desenvolve ao longo dos doze capítulos de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Foi impossível, e continua a ser até aos dias de hoje (e acredito que nos próximos também), não juntar a estas questões todas um pensamento crítico sobre o Mundo em que vivemos: sobre o Poder e sobre o não Poder.

Fomos democráticas uma com a outra, embora também tenhamos questionado tal conceito tentado entender se este funciona ou não funciona. Fomos para a frente, recuámos, voltámos a ler, apagámos coisas que já tínhamos escrito e escrevemos novamente, porque sentimos que existem muitas maneiras de se fazer teatro e porque nós próprias, a cada dia que passava, estávamos diferentes. Crescemos e o projeto foi crescendo. Os nossos ensaios no espaço complementaram e ao mesmo dificultaram os nossos pensamentos, percebemos que dois corpos no espaço não dizem o mesmo que dois corpos sentados numa cadeira a dissertar sobre qualquer assunto sem o «espectador» a ver. Passámos por um processo de alinhar o cérebro com o corpo e o corpo com o cérebro. Corpos que habitaram durante meses em espaços fechados, confinados e que perderam a memória de tocar noutro corpo.

Este projeto foi o primeiro que fizemos depois do confinamento geral que vivemos em 2020. A Filosofia, uma ferramenta aliada e indispensável neste processo, veio adicionar imagens «concretas» ao nosso processo, porque no

permitiu alcançar uma liberdade imensa logo nos primeiros dias da residência artística e ajudou-nos a desconfinar o pensamento. Estar com crianças, trabalhar com elas e fazer teatro para elas foi absolutamente incrível depois de todo aquele ano que vivemos, mesmo com os cancelamentos de apresentações de espetáculos a que fomos sujeitas. As apresentações do espetáculo surgiram num momento em que precisávamos muito de ter esse contacto com o nosso público. Público que sempre nos surpreendeu a cada sessão e que levantou questões que colocaram o nosso trabalho num outro patamar.

Senti que poderíamos ter feito mais, mas senti também que se tivéssemos feito mais não teríamos todas aquelas questões a serem postas em cima da mesa. Num último momento do espetáculo, eu e a Isabel convidámos o público a participar numa votação em que questionávamos quem estava a favor da Alice e quem estava a favor da Rainha. O resultado das votações foi quase sempre a favor da Alice, mas fomos logo interpeladas por um ser brilhante e atento que nos questionou: E porque é que eu não me posso abster? Não existe essa opção?

E eu pensei muito sobre isso, sobre o modo como olhamos com julgamento para quem se abstém. Mas é uma realidade. E porque é que existe essa realidade?

Terminámos as apresentações do nosso *NÃO ME CALO* com mais porquê do que já tínhamos, e ainda bem. Foi e é para isto que fazemos o que fazemos.

Cirila Bossuet





FOTOGRAFIAS © MANUEL MOREIRA







STILLS DE CAROLINA SALEMA DO DOCUMENTÁRIO MAKING OF, POR DETRÁS DA CORTINA, EPISÓDIO 2. RESIDÊNCIA

1. I'LL SHOW YOU MINE AND YOU SHOW ME YOURS

Em agosto de 2020, a atriz e criadora Cirila Bossuet e eu iniciámos o processo de criação do espetáculo *Não Me Calo* numa residência artística que teve lugar na Fábrica das Artes. Esta residência contou com a companhia da Maria Gil, artista que tem desenvolvido um trabalho continuado com a Fábrica. Durante duas semanas, fomos introduzidas à sua prática artística e à abordagem da Fábrica, aos seus processos de pesquisa artística e da sua ligação à filosofia democrática e à experiência de pensamento. No início deste processo, a Cirila e eu estivemos focadas em trocar referências e em estabelecer um vocabulário comum para, a partir dele, podermos pensar como abordar a obra de Lewis Carroll. Esta troca entre nós revelou-se fundamental nos primeiros encontros. Na residência estiveram também presentes os músicos e a equipa de cenografia e figurinos. Durante este período, partilhámos uns com os outros os nossos processos artísticos. Mostrámos de onde vínhamos, que preocupações trazíamos e os nossos métodos de trabalho. Esta aproximação no início do processo, promovida pela Fábrica, determinou a criação do nosso espetáculo.

2. DA IDEIA À MATÉRIA

Por se tratar de uma encomenda, sabíamos que iríamos trabalhar sobre o poder. Interessou-nos de imediato trabalhar as personagens Alice e Rainha e pensar a sua relação ao longo de toda a obra. A par da descoberta do livro, estava também a descoberta uma da outra, enquanto artistas e cidadãs, e a partilha das nossas preocupações artísticas e políticas.

Importante referir que este processo começou no verão de 2020, o primeiro verão em que a COVID-19 veio mudar radicalmente as nossas vidas. Foi também nesta altura que, por força dos problemas trazidos pela pandemia, aconteceram várias transformações sociais em Portugal e no mundo. Foi neste verão que se realizou a histórica manifestação antirracista em Lisboa, na sequência de outras que aconteceram em todo o mundo depois da morte de George Floyd. Foi também neste verão que assistimos à pré-campanha para as presidenciais portuguesas e onde vimos, pela primeira vez, em 47 anos de democracia, um candidato com valores antidemocráticos candidatar-se à Presidência da República. Foi também neste verão que se instalou definitivamente a necessidade de discutir a herança colonial na sociedade portuguesa. Os ensaios começavam sempre com uma partilha sobre as nossas inquietações fora do processo. Depois, pouco a pouco, essas inquietações relacionavam-se com o conteúdo do livro e com as questões que queríamos abordar. No nosso processo, ao mesmo tempo que partíamos do livro, tentávamos dar um novo significado às palavras de Lewis Carroll à luz das nossas narrativas pessoais. **A narrativa do nosso texto surgiu a partir do primeiro encontro entre a Rainha e a Alice, no campo de críquete.** No início do capítulo 8, Alice encontra a Rainha de Copas pela primeira vez e participa no jogo de críquete. Ao mudar intencionalmente as regras do jogo durante o mesmo, a Rainha é sempre a vencedora, e quando algo não lhe agrada, manda cortar as cabeças daqueles que não facilitaram a sua jogada. A personagem de Alice funciona como um elemento externo que mostra ao leitor como são absurdas as ordens da Rainha. Alice questiona a volatilidade das leis do País das Maravilhas e a sua coerência. Quisemos pegar neste encontro para, a partir dele, desenhar a nossa dramaturgia. Tentámos perceber, em primeiro lugar, de que forma este tipo de incoerência poderia estar presente na nossa sociedade. Foi inevitável para nós relacionarmos a figura da Rainha com chefes de Estado como Donald Trump, nos Estados Unidos, ou Bolsonaro, no Brasil. A falta de coerência no discurso e as declarações absurdas da Rainha parecia que funcionavam como uma hipérbole dos governos neofascistas que se formaram no início do século XXI. A nossa narrativa foi-se alterando ao longo do tempo. Entre avanços e recuos, um outro evento externo chamou a nossa atenção. A invasão do Capitólio, em Washington, D.C., por parte de apoiantes de Trump que estavam descontentes com a sua derrota. Relacionámos esta atitude com a da Rainha da Copas. Quisemos, ao fazer um paralelismo, trabalhar sobre o total desprezo pelas regras da democracia a que temos assistido e trazer para o nosso espetáculo estas questões.



FOTOGRAFIAS © MANUEL MOREIRA

3. NÃO AJUDES A CRESCER

Infelizmente, à data que escrevo este texto, ainda não completámos a carreira do espetáculo. Por conta da pandemia, parte dos nossos espetáculos foram adiados para o final de 2021. A experiência com o espectador, até agora, só a pudemos sentir no *Festival de Desaniversário*, em julho deste ano, quando fizemos duas récitas ao ar livre no Jardim das Oliveiras, seguidas de uma conversa com os espectadores, mediadas pela Dina Mendonça.

A reflexão que faço sobre a receção do nosso trabalho apoia-se nesta experiência de dois dias, e também no contacto com duas turmas de alunos, uma dos Açores e outra de (...), no Brasil, que participaram no nosso processo criativo durante a residência de agosto. A partilha do processo com estas duas turmas foi feita por Zoom. As chamadas eram mediadas pelos seus professores, que, antes do nosso encontro, já teriam apresentado os conteúdos do livro aos seus alunos. Com eles, partilhámos cinco minutos do nosso espetáculo, resultado da residência.

Após a partilha, seguiram-se comentários e perguntas. Foi muito importante para nós sermos interpeladas por estes dois grupos nesta fase do trabalho. As perguntas que nos fizeram refletiam sobre o conteúdo e a forma da nossa apresentação. A simplicidade de algumas perguntas foi desarmante. Sentimos uma pré-disposição para questionar tudo, o que nos fez repensar até as coisas mais simples. Um bom exemplo disso foi um destes alunos nos ter perguntado se uma dívida ao Estado era uma coisa boa ou má. A nível dramaturgico, rapidamente percebemos que era necessário introduzir estes conceitos no espetáculo, de forma a tornar claro, na narrativa, aquilo que queríamos dizer. Já nas apresentações presenciais, em julho, pudemos ter contacto direto com os espectadores durante o espetáculo (que tinha como premissa a sua participação no final) e também na conversa que se seguiu. Pudemos perceber que, com muita facilidade, os espectadores passavam da plateia para o palco e assumiam personagens, sabendo da sua função na narrativa. A facilidade com que apreenderam os conceitos do espetáculo fez-nos pensar como é importante não infantilizar o nosso trabalho, mesmo sendo para um público jovem. Este processo de não infantilização é algo que se compreende na prática, ao ouvir os comentários dos espectadores. Ao refletir sobre tudo isto, lembro-me de um verso de Ezra Pound, «Não Ajudes a Crescer», a propósito da natureza. A minha reflexão no final deste processo é precisamente esta. É importante não ajudar a crescer, mas sim alimentar e dar todas as condições para que não haja nenhum impedimento ao crescimento.

**«Deve haver alguém,
nalgum sítio que se importe.»**

Leonardo Andrade, 15 anos

Aluno do Centro Educativo Pina Manique
da Casa Pia de Lisboa



STILLS DE CAROLINA SALEMA DO DOCUMENTÁRIO MAKING OF, POR DETRÁS DA CORTINA, EPISÓDIO 2. RESIDÊNCIA

4. VIVER O PRESENTE EM CONJUNTO

Em novembro de 2021, recomeçámos as apresentações de *Não Me Calo*. Os espetáculos cancelados em fevereiro de 2021 foram reagendados para 10 meses depois. Desta vez, recebemos público jovem com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos. Esta experiência com grupos de escolas foi muito diferente da que tínhamos tido no festival apresentado em junho às famílias, no Jardim das Oliveiras. Os jovens eram recebidos em grupo. Vinham com os seus colegas e professores, e podíamos sentir o entusiasmo que era estarem fora da escola, na Black Box do Centro Cultural de Belém, para verem um espetáculo.

Nestas apresentações explorámos uma característica do espetáculo, que surgiu nas primeiras récitas que fizemos. Em junho, quando apresentámos o espetáculo ao ar livre, não tínhamos um dentro e fora de cena. Quando o público entrava, eu e a Cirila estávamos em cena, ao centro. De forma espontânea, começámos uma brincadeira em que improvisávamos antes de o espetáculo começar. Uma espécie de teatro dentro do teatro, em que duas atrizes conversam sobre como foi o seu dia até ali, que personagens vão fazer, tecem comentários sobre os seus figurinos e o texto. Fez-nos sentido refazer esta experiência nesta segunda fase de apresentações.

Esta cena inicial, sempre improvisada, foi, curiosamente, uma das cenas mais comentadas nas conversas pós-espetáculo. Não era a nossa intenção, mas esta cena inicial era a grande surpresa do espetáculo. Duas atrizes, que não estavam ainda em personagem, a conversar sem artifício era uma novidade para os nossos jovens espectadores. Que narrativa estariam eles a ver?





FOTOGRAFIAS © MARISA LOURENÇO



FOTOGRAFIA © MARISA LOURENÇO

A verdade é que antes da história, antes de acenderem as luzes do espetáculo, antes de as personagens aparecerem, antes dos conflitos na narrativa, já existe uma história que está a ser contada, mesmo que não nos apercebamos dela. É a história dos corpos que a contam e daqueles que se sentam para a ver.

Um dos momentos que guardo desta reposição foi uma conversa sobre o teatro pós-dramático, que se proporcionou depois do espetáculo. Falámos sobre a necessidade de assumir o espaço teatral exatamente como ele é, o porquê de ter surgido com tanta força esta tendência no início dos anos 1990, sobre as teses do fim da história, sobre as narrativas fantásticas não serem suficientes para nos transportar para outra realidade e ainda sobre a razão de precisarmos de nos agarrar a algo vivo e concreto com o qual nos conseguimos identificar.

Esta experiência maravilhosa fez com que houvesse a sensação tanto da nossa parte, enquanto artistas, como da parte dos nossos jovens espectadores, de que pertencíamos a uma mesma comunidade artística, comunidade essa que só se constrói com o mesmo tipo de partilha que experienciámos. Uma profunda partilha e discussão sobre ferramentas artísticas que não servem só a arte, mas também a vida.

Esta é uma das magias do teatro. Elaborar uma tecnologia simples e torná-la útil para compreendermos o mundo em que vivemos. Mundo esse com enredos cada vez mais complexos, mas também cada vez mais vazios. Nesta época de simulacros constantes, que fixam o nosso presente em farsas, é uma experiência estética marcante viver o presente em conjunto.

Como Alice, questionar, lutar. Lutar sempre. Sair do teatro e lutar. Lutar contra a cultura amnésica e viver o presente. Para que não vivamos distraídos da vida.

Isabel Costa

10

ALGUMAS NOTAS PARA NÃO PERDER A CABEÇA

TEXTO DE

DINA MENDONÇA,

ESPECIALISTA EM FILOSOFIA DEMOCRÁTICA
E EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO QUE INTEGROU
A EQUIPA DO ESPETÁCULO *NÃO ME CALO*

10

ALGUMAS NOTAS PARA NÃO PERDER A CABEÇA

Título inspirado pela pergunta da Maria Gil na formação de Walter Kohan «Porque é que não devemos perder a cabeça?»



© MARISA LOURENÇO

TEXTO
DINA MENDONÇA
(IFILNOVA, NOVA FCSH, UNL)

NOTA 1 CONVERSAR COM O LEWIS CARROLL COMO SE ELE AINDA ESTIVESSE AQUI

É possível ler *As Aventuras da Alice no País das Maravilhas* como um livro de lógica aplicada. Quando lemos a obra de Carroll desta maneira, identificamos o poder da lógica mesmo no mais estranho dos cenários. Por exemplo, logo no primeiro capítulo a Alice avista uma caixa de vidro com um bolo pequenino em que se lê «COME-ME» e diz para si própria:

« — Pois hei-de comê-lo (...) e se me fizer ficar maior, já posso chegar à porta; e se ficar mais pequena, posso esgueirar-me por debaixo da porta. Por isso, seja como for, vou conseguir chegar ao jardim, e não me ralo com o que aconteça! » (Carroll, 2000, pp. 17-18).

A Alice conclui que tanto uma opção como a outra implicam o mesmo resultado. Podemos descrever o seu raciocínio pela forma lógica: $(A \vee B) \rightarrow C$. Este é um dos exemplos do livro em que a lógica ajuda a Alice a ultrapassar problemas que encontra. Reconhecemos na Alice a nossa própria humanidade: vivemos num mundo que, por vezes, parece de doidos, em que há acontecimentos estranhos que não compreendemos, onde continuamos a ter de agir e a tomar decisões razoáveis. A lógica dá uma orientação racional que podemos partilhar com outros, mesmo quando as outras pessoas parecem pensar de forma diferente da nossa.

Carroll acreditava que a lógica era um jogo (Braithwaite, 1932; Coelho, 2008). Além do seu valor lúdico, era uma atividade mental que proporcionava uma sensação de poder e capacidade a quem a praticava. E quem tivesse essa capacidade lógica conseguiria resolver problemas e analisar qualquer assunto de forma clara a ponto de detetar falácias (Abeles, 2015, pp. 302-303)¹. Além de ajudar cada um de nós a pensar bem, esta capacidade lógica permite identificar argumentos logicamente incoerentes (falácias), tanto cometidos de forma involuntária, como os que são desenhados deliberadamente para persuadir alguém. Mas a sugestão mais profunda que retiramos da obra de Carroll é que nos apercebemos da qualidade luminosa da lógica precisamente nos momentos em que o mundo se faz sentir como absurdo. Isso significa que o *nonsense* pode ser visto como o espaço ideal para treinar a lógica.

Numa das conversas depois do espetáculo *São Horas de Já*, apareceu a questão de saber se podíamos treinar toda e qualquer atividade ou não. Numa postura semelhante à que podemos ler em Carroll, um dos meninos sugeriu que com imaginação tudo se podia treinar e que até se podia treinar como viver. Todas as reflexões de diálogo depois dos espetáculos faziam aparecer o modo como a obra de Lewis Carroll, em toda a sua complexidade e brincadeira, mantém sempre a preocupação com a justiça, a certeza e a verdade (Abeles 2015, p. 304)².

¹ «Carroll believed that beyond their entertainment value, mental recreations such as games and logic puzzles (Abeles, 2015, p. 302) conferred a sense of power on the solver. This, he felt, enabled them to analyze any subject clearly and, most important, to detect and unravel fallacies.» (Abeles, 2015, p. 303)

² «Yet for all its complexity and playfulness of this master gamester's body of work — from voting theory to his great creation, Alice, on her long, strange journeys towards identity and maturity — his underlying concerns were fairness, certainty and truth.» (Abeles, 2015, p. 304)

NOTA 2

PRATICAR O NONSENSE PARA EXERCITAR O RIGOR LÓGICO

Para compreendermos bem o uso da lógica é necessário ter presente os seus problemas e limitações, e, por isso, o carácter lógico da obra de Carroll exige em paralelo a consciência dos paradoxos lógicos. O espaço da ficção é especialmente interessante para a lógica porque «aqueles que estão interessados na lógica da ciência moderna não estão de acordo sobre o significado e a validade das experiências imaginárias, sobretudo quando estas implicam condições irrealizáveis» (Weaver, 1956, p. 128)³.

O filósofo norte-americano Willard Van Orman Quine (1908-2000), num artigo de divulgação científica publicado em 1962, caracteriza o paradoxo como qualquer conclusão que pareça à primeira vista absurda, mas que não tem nenhum erro identificável no argumento (Quine, 1966, p. 3). Um paradoxo constitui-se como uma ameaça porque pode revelar a existência de um pressuposto falso na estrutura geral do sistema lógico. Segundo Quine, mais do que uma vez na história do pensamento um paradoxo deu lugar a uma reconstrução dos fundamentos da nossa maneira de pensar (Quine, 1966, p. 3). Quine divide os paradoxos em verídicos, falsídicos e antinomias. Enquanto os paradoxos verídicos contêm conclusões que, embora verdadeiras, parecem absurdas (o paradoxo do barbeiro), os falsídicos têm uma conclusão que é falsa, o que indica a possibilidade da existência de uma falácia (o paradoxo de Zenão), mas são

as antinomias que trazem as genuínas crises de pensamento. Só com as antinomias somos obrigados a rever a nossa herança concetual, já que revelam contradições que não podemos ignorar, porque resultam de formas corretas de pensar (Quine, 1966, p. 11). É o caso do paradoxo expresso na frase «Esta frase é falsa», em que a frase é verdadeira se e somente se for falsa. Quine explica que a surpresa do paradoxo verídico desaparece quando refletimos sobre o argumento e também descreve como a perplexidade perante os paradoxos falsídicos se desfaz quando identificamos a falácia (Quine, 1966, p. 11)⁴. No entanto, as antinomias exigem uma reconstrução concetual semelhante à que encontramos com a revolução copernicana ou a adoção da teoria da relatividade (Quine, 1966, p. 11). Isso significa que às vezes um paradoxo pode ser uma genuína antinomia num determinado momento e, num período histórico posterior, passar a ser um paradoxo falsídico. É assim que Quine descreve o paradoxo de Zenão e o modo como o cálculo infinitesimal modificou a natureza paradoxal de uma antinomia para um paradoxo falsídico. Pode fazer-se uma crítica à descrição de Quine dos paradoxos pela relação que estabelece entre os paradoxos e o momento histórico em que são formulados (Lycan, 2010, p. 617). Apesar desta possível crítica à descrição de Quine e da possível capacidade transformadora das antinomias, podemos indicar que esta conceção dos paradoxos lógicos vai ao encontro do trabalho de Carroll escrito quase 70 anos antes. Ou seja, ambos mostram que o que é especialmente perturbante nos paradoxos é o facto de resultarem do uso rigoroso da lógica.

³ «Those interested in logic of modern science are by no means agreed as to the significance and validity of imaginary experiments, particularly if they involve unrealizable conditions.» (Weaver, 1956, p. 128)

⁴ «A veridical paradox packs a surprise but the surprise quickly dissipates itself as we ponder the proof. A falsifical paradox packs a surprise, but it is seen as a false alarm when we solve the underlying fallacy. An antinomy, however, packs a surprise that can be accommodated by noting less than a repudiation of part of our conceptual heritage.» (Quine, 1966, p. 11)

O fascínio pelo paradoxo aparece também no trabalho filosófico de Lewis Carroll. Num artigo publicado na revista de filosofia *Mind*, em 1895, intitulado *O Que a Tartaruga Disse a Aquiles*, Lewis Carroll introduz na história da filosofia um paradoxo sobre a validade das conclusões a partir de certas premissas (Besson, 2018; Moktefi e Abeles, 2016; Marion, 2016; Woods, 2016; Engel, 2016; Englebretsen, 2016; Otero, 2008; Miscevic, 1998; Smiley, 1995), que mostra a necessidade de incluir o que poderia chamar-se de princípios e distingui-los das premissas (Braithwaite, 1932, p. 176).

O artigo de Carroll, que ainda se discute (Abeles, 2015, p. 304),⁵ consiste num diálogo entre a Tartaruga e Aquiles num cenário ficcional, em que Aquiles tenta convencer a Tartaruga da verdade da conclusão de um silogismo (argumento dedutivo com premissas e uma conclusão). Embora a Tartaruga esteja disposta a aceitar as duas premissas de um argumento, defende também que só pode aceitar a conclusão a partir destas se for acrescentada uma terceira premissa que afirme que, se as duas premissas são verdadeiras, então implicam a conclusão.

O paradoxo começa a aparecer quando, ao ceder a esta exigência da Tartaruga, é exigido a Aquiles uma outra nova e quarta premissa para a Tartaruga continuar a aceitar o novo argumento com três premissas. Esta nova premissa afirma que, se as três premissas são verdadeiras (as duas premissas iniciais e a que foi acrescentada a liga-las à conclusão), então elas implicam a conclusão. E, claro, depois desta quarta premissa ser aceite, a Tartaruga volta a exigir uma outra premissa que ligue as quatro

premissas e a conclusão, e por aí em diante. Desde modo, o paradoxo de Carroll mostra que um silogismo de duas premissas e uma conclusão, para serem verdadeiramente aceites, exigem um processo infinito que garanta continuamente a ligação entre as premissas e a conclusão. O que significa, no diálogo, que cada vez que Aquiles tenta provar a conclusão a partir de um conjunto de premissas é obrigado a introduzir uma premissa extra para legitimar o silogismo na sua totalidade. A descrição do diálogo termina porque «o narrador, tendo assuntos urgentes a tratar no Banco, foi obrigado a abandonar o feliz duo», e regressando ao fim de alguns meses encontra Aquiles «ainda sentado sobre a carapaça da mui paciente Tartaruga», que lhe pergunta no final do diálogo: «Anotaste esse último passo? Se não perdi a conta, são já mil e um. Muitos milhões mais virão ainda. E pergunto, como favor pessoal, tendo em conta o quão instrutivo será o nosso diálogo para os lógicos do século xix, se não poderias adotar um trocadilho que a minha prima, a Tartaruga Fingida, fará então, consentindo em mudar o teu nome para Testudo?»⁶

Este artigo de Carroll tem uma importância crucial para a edição especial do CCB/FA *Festa de Desaniversário*, porque, ao usar um cenário ficcional para apresentar o paradoxo lógico, mostra que uma história é, por vezes, o cenário ideal para o argumento filosófico. O artigo de 1895 *O Que a Tartaruga Disse a Aquiles* aparece assim como uma espécie de espelho invertido dos livros da Alice, que, apresentando histórias para crianças, parecem conter tratados filosóficos sobre lógica, linguagem e pensamento (Deleuze, 1974).

⁵ «The Tortoise was saying, 'Have you got that last step written down? Unless I've lost count, that makes a thousand and one. There are several millions more to come. And would you mind, as a personal favour, considering what a lot of instruction this colloquy of ours will provide for the Logicians of the Nineteenth Century—would you mind adopting a pun that my cousin the Mock-Turtle will then make, and allowing yourself to be re-named Taught-Us?'» (Carroll, 1895, p. 280)

⁶ «And his 1895 'what the Tortoise Said to Achilles', a logic problem he published in the philosophical journal *Mind*, remains unsolved.» (Abeles, 2015, p. 304)



O final do espetáculo *Os Paradoxos de Alice* marca o tom filosófico de forma inequívoca ao fazer ao público a pergunta — é mesmo possível isto ser tudo um sonho? —, como se perguntava Descartes (1596-1650) na sua obra *Meditações sobre a Filosofia Primeira* (Descartes, 1985, p. 108). O impacto deste espetáculo passa pelo modo como, através da obra de Carroll, se apresenta o paradoxo como parte do mundo lógico. Isso acontece no espetáculo porque no mundo ficcional é mais fácil explorar a tensão entre o poder do que é lógico e os limites que resultam do seu rigor, dado que «o pensamento por detrás da imaginação é lógico e não simplesmente do foro do fantástico» (Braithwaite, 1932, p. 176)⁷.

Compreendemos melhor esta relação entre a lógica e o mundo da imaginação quando con-

sideramos como coisas impossíveis podem, ainda assim, ser imaginadas. Sabemos que há diferentes tipos de impossibilidades: há a impossibilidade da quadratura do círculo, a impossibilidade de ter 150 anos, a impossibilidade de estar sempre correto; a impossibilidade de ir à Lua em 1895; a impossibilidade de nascer com o cabelo azul-bebé. Mas algumas das impossibilidades modificam o seu estatuto de impossíveis e outras não, ainda que todas tenham sido possíveis de imaginar. Por isso estabelecem-se diferentes limites ao que é possível ou não de pensar. *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* sugere que também é possível testar a lógica das ideias no universo ficcional. Por exemplo, Carroll parece sugerir a prática de imaginar coisas impossíveis quando a Alice diz à Rainha «Não vale a pena tentar [...]. Ninguém pode acreditar em coisas impossíveis» (Carroll 2000, 221) e a Rainha res-

⁷ «But the thought behind the imagination is logical and not merely fanciful.» (Braithwaite, 1932, p. 176)

ponde «Cá pra mim parece-me que não tens muita prática — opinou a Rainha. Quando eu era da tua idade, treinava quatro horas e meia por dia, e às vezes chegava a imaginar seis coisas impossíveis antes do pequeno almoço» (Carroll, 2000, p. 221).

A obra de Carroll lembra-nos que o treino diário do mundo da fantasia e do fantástico ajuda a reconhecer com mais clareza a elasticidade da realidade que não tínhamos considerado. Hoje em dia podemos levar a proposta de Carroll um pouco mais longe e propor que, ao sermos capazes de praticar a imaginação com a ficção, somos também mais capazes de compreender o impacto de Martin Luther King Jr. no seu famoso discurso «I have a dream». King imaginou uns Estados Unidos da América diferentes, e, nessa altura, a sua esperança parecia o desejo de um universo do fantástico, ainda que algumas pessoas estivessem convictas do realismo da proposta. A realidade política e social dos Estados Unidos da América ainda não faz total justiça ao sonho de Martin Luther King Jr., mas o que foi conquistado é também fruto da sua sugestão, que parecia algo impossível em 1963.

NOTA 3

CONTINUAR A PERGUNTAR: PORQUE PRECISAMOS DE PALCO PARA LÁ DA IMAGINAÇÃO?

A importância das perguntas é decisiva tanto no processo de reflexão filosófica (Costa-Carvalho e Mendonça, 2019) como na sua união com o desenvolvimento de processos criativos de projetos educacionais (Mendonça, 2016). A relação de parceria entre a Filosofia e as Artes vai além do processo de questionamento e é ainda mais ampla e mais profunda (Varanda, 2012; Wallenstein, 2014; Assis, 2016). No entanto, o lugar central do questionamento revela-se no modo como espelha a capacidade de ter esperança: só aqueles que confiam na possibilidade de obter respostas mantém a curiosidade e a vontade de colocar perguntas (Mendonça, 2018).

Ter esperança exige uma capacidade de flexibilidade que não seja a de desistir de ter um norte nem a de só acreditar no exercício das capacidades. Isto quer dizer que temos de manter a crença na justiça, igualdade e verdade, e, simultaneamente, suspeitar das verdades imutáveis e inabaláveis. Ou seja, para ter resiliência na esperança é preciso que tenhamos esperança na própria esperança (Mendonça, 2013). O equilíbrio é difícil de manter e quase impossível de partilhar pedagogicamente. O diálogo com o público depois do espetáculo *Não Me Calo*, no dia 2 de julho de 2021, focou o processo criativo que a Cirila Bossuet e a Isabel Costa viveram e deu algumas pistas para continuar a pensar sobre esta exigência de vida para manter a esperança.

No espetáculo, vemos a Isabel e a Cirila entrar e sair de personagem. Como é explicado pela Isabel na conversa após o espetáculo, esse

dispositivo do espetáculo era uma forma de fazer justiça ao modo como a obra de Lewis Carroll revela que certos aspectos da realidade social e política dificilmente são captados por uma descrição factual. Além disso, acrescenta a Cirila, mostra como cada um de nós tem também de adotar personagens no dia a dia. A Isabel e a Cirila oferecem ao público a experiência desse mesmo recurso quando convidam os espectadores a participarem como intervenientes no tribunal que se realiza. O espetáculo aponta para a importância que encontrar a flexibilidade de postura entre as várias personagens possíveis de adotar tem para a nossa identidade pessoal.

Uma das formas com que exploramos essa procura individual é dada pela apropriação personalizada da herança cultural e é feita através da leitura e compreensão de histórias, espetáculos e criações artísticas em geral. Esta procura pessoal de cada um de nós incorpora também a exploração emocional do universo ficcional. Podemos, por isso, conceber a experiência do mundo ficcional como uma ampliação do campo da nossa experiência possível sobre o que acontece em certas situações e como lidamos com elas (Mendonça, 2006). Uma parte fundamental deste campo experimental mais amplo é a descoberta do mundo artístico como uma espécie de espaço laboratorial das emoções e um elemento fundamental do desenvolvimento emocional (Mendonça, 2019, pp. 224-226). Há uma continuidade entre o modo como aprendemos a sentir com o mundo imaginário e o modo como vivemos o que sentimos no dia a dia (Mendonça, 2019, p. 230).

Aprendemos a ter resiliência com o nosso sentir e o dos outros (Mendonça, 2012), a lidar com as emoções a partir desse território fic-

cional, que nos permite experimentar de forma segura o que nos acontece quando somos tomados por emoções, como a de estarmos zangados (Murrís, 2012), e o modo como as emoções estão interligadas com a procura da razoabilidade no juízo e na ação (Costa-Carvalho e Mendonça, 2016). Lipman argumenta que é preciso fazer justiça ao modo como as emoções são parte da racionalidade em geral e estão necessariamente interligadas com o processo de dar, encontrar e sustentar razões nos processos de reflexão (Lipman, 2003). Por isso, pensar bem implica reconhecer que as diferentes realidades emocionais e sentimentos mistos não são «um problema psicológico e pedagógico a ser negociado ou superado, mas, pelo contrário, um caminho para a aprendizagem emocional e o crescimento» (Kristjánsson, 2006, p. 51)⁸. Só assim conseguimos manter a exigência de seguir o argumento até onde nos leva (Lipman, 2003, p. 87) e simultaneamente manter a necessária frescura de pensamento (Mendonça, 2022).

⁸ «Not seen as a psychological and educational problem to be negotiated or overcome but, rather, as an avenue for emotional learning and growth.» (Kristjánsson, 2003, p. 51)

NOTA 4 CONTINUAR A PROCURAR FORMAS DE ESTAR EM LIBERDADE

O espetáculo *Não Me Calo* tem dois fins possíveis que dependem da votação do público, que decide se ganha a Alice ou a Rainha. Essa abertura ao público abre também a possibilidade de explorar essa fronteira entre realidade e ficção em conjunto com a audiência. Nos espetáculos dos dias 2 e 3 de julho, no CCB, a Alice ganhou em ambas as votações. No entanto, o espetáculo está aberto à possibilidade de ganhar a Rainha e, talvez ainda mais importante, está aberta a oportunidade de conversar sobre essa possibilidade para uma melhor compreensão das consequências das escolhas que fazemos, como explicitou a Cirila no diálogo após o espetáculo. Ou seja, o espetáculo *Não Me Calo* é feito também de forma a promover o que significa viver a liberdade em comunidade. «Em todos os processos coletivos é sempre muito desafiante perceber onde está o outro», diz a Isabel Costa nessa mesma conversa, reforçando como a liberdade política e pessoal está interligada com a capacidade de empatia e compreensão dos outros. Como escreve Lipman, «a liberdade de uma pessoa implica muito mais do que a liberdade de juízo, mas isto não pode apagar o facto de que essa liberdade é uma componente indispensável da liberdade em geral» (Lipman 2003, 293)⁹. A reflexão sobre o espetáculo mostrou que essa vontade de garantir a liberdade pede que continuemos a colocar a pergunta que apareceu numa das conversas: Porque precisamos do espaço palco quando temos a imaginação e a realidade?

AGRADECIMENTOS: Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da celebração do contrato de programa previsto nos números 4, 5 e 6 do artigo 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, conforme alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho, e como parte do projeto de Investigação P4C-AIM - PTDC/FER-FIL/29906/2017 - e do Project PTDC/FER-ETC/30378/2017 e do Projeto Estratégico a decorrer UIDB/00183/2020. Agradeço à Madalena Wallenstein o convite para participar neste projeto e pela sua contínua relação de aposta com a filosofia para e com crianças e a relação com a arte e a criatividade. Estendo o meu agradecimento a toda a equipa da Fábrica das Artes (Filomena Rosa, Helena Maia e Manuel Moreira) pelo apoio, cuidado e atenção. Obrigada à Maria Gil pelo diálogo vivo e alegria no trabalho e partilha de ideias. E agradeço também ao António de Castro Caeiro, à Susana Gomes da Silva, ao José Tito Mendonça, ao João Loff Barreto e ao Pedro Mendonça pela leitura cuidadosa da versão quase final do texto e todas as sugestões que me deram para o melhorar.

⁹ «To be sure, freedom of the person entails much, much more than the liberation of judgment, but this cannot conceal the fact that the liberation of judgment is an indispensable component of that larger freedom.» (Lipman, 2003, p. 293)



REFERÊNCIAS:

- Abeles, Francine F. (2015), «Logic and Lewis Carroll», *Nature*, vol. 527, pp. 302-304.
- Abeles, Francine F. (2005), «Lewis Carroll's formal logic», *History and Philosophy of Logic*, vol. 26, n.º 1, pp. 33-46.
- Assis, Maria de, Gomes, Elisabete Xavier, Pereira, Judith Silva e Pires, Ana Luísa Oliveira (eds.) (2017), *Ensaio Entre Arte e Educação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Besson, Corine (2018), «What the Tortoise Said to Achilles: Lewis Carroll's Paradox of Inference», *History and Philosophy of Logic*, vol. 39, n.º 1, pp. 96-98.
- Braithwaite, Richard Bevan, (1932), «Lewis Carroll as Logician», *The Mathematical Gazette*, vol. 16, n.º 219, pp. 174-178.
- Carroll, Lewis (1895), «What the Tortoise Said to Achilles», *Mind*, 14 de Abril de 1895, pp. 278-280.
Versão em português: «O que a tartaruga disse a Aquiles» (tradução de Vítor Guerreiro, 2016): <https://criticanarede.com/tartaruga.html>
- Coelho, Sandra Sofia Miranda Alfredo (2008), *Jogo de Lógica de Lewis Carroll*, Tese de Mestrado, Matemática para o ensino, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.
- Costa-Carvalho, Magda e Mendonça, Dina (2016), «Thinking as a Community: Reasonableness and Emotions», In *The Routledge International Handbook of Philosophy for Children*, Maughn Gregory, Joanna Haynes e Karin Murriss (eds.), Nova Iorque, Routledge, pp. 127-134.
- Costa-Carvalho, Magda e Mendonça, D. (2019), «The Richness of Questions in Philosophy for Children», *Childhood & Philosophy*, vol. 15, pp. 145-164
- Deleuze, Gilles (1974), *Lógica do Sentido*, São Paulo, Perspectiva.
- Descartes, René (1985), *Meditações sobre a Filosofia Primeira* (Introdução, Tradução e notas do Prof. Gustavo de Fraga), Coimbra, Almedina.
- Engel, Pascal (2016), «The Philosophical Significance of Carroll's Regress», número especial de *The Carrollian: The Lewis Carroll Journal*, Amirouche Moktefi e Francine F. Abeles (eds.), n.º 28, pp. 84-111.
- Englebretsen, George (2016), «What Did Lewis Carroll Think the Tortoise Said to Achilles?», número especial de *The Carrollian: The Lewis Carroll Journal*, Amirouche Moktefi e Francine F. Abeles (eds.), n.º 28, pp. 76-83.

- Kristjánsson, Kristján (2006), «Emotional Intelligence' in the Classroom? An Aristotelian Critique», *Educational Theory*, vol. 56, n.º 1, pp. 39-56.
- Lipman, Matthew (2003), *Thinking in Education* (2.ª ed.), Cambridge, Cambridge University Press.
- Lipman, Matthew (1995) «Caring as Thinking», *Inquiry: Critical Thinking Across the Disciplines*, vol. 15, n.º 1, pp. 1-13.
- Lycan, William G. (2010), «What, Exactly, Is a Paradox?», *Analysis*, vol. 70, n.º 4, pp. 615–622
- Marion, Mathieu (2016), «Lessons from Lewis Carroll's Paradox of Inference», número especial de *The Carrollian: The Lewis Carroll Journal*, Amirouche Moktefi e Francine F. Abeles (eds.), n.º 28, pp. 48-75.
- Mendonça, Dina (2022), «Foundations of Philosophy for Children, Reasonableness and the Education of Thinking», In *Women in Pragmatism: Past, Present, and Future*, Nuria Sara Miras Boronat & Michela Bella (eds.), Suíça, Springer.
- Mendonça, Dina (2019) «Predictive Processing and the Experimental Solution for the Paradox of Fiction», In *Philosophy and Film. Bridging Divides*, Christina Rawls, Diana Neiva, Steven S. Gouveia (eds.), Nova Iorque/Abingdon, Routledge, pp. 222-238.
- Mendonça, Dina (2018) «A esperança e a Surpresa nas perguntas da FpC», In *Filosofia para Crianças. Pressupostos e Linhas de um curso*, Teresa Santos (ed.), Évora, Universidade de Évora, pp. 11-25.
- Mendonça, Dina (2013), «Emotions about Emotions». *Emotion Review*, vol. 5, n.º 4, pp. 390-396.
- Mendonça, Dina (2012) «Absolutely Positively Feeling that Way and More: Paradoxes of Fiction and Judith Viorst's Alexander Stories», In *Philosophy in Children's Literature*, Peter R. Costello (ed.), Lanham, Lexington Books, pp. 41-62.
- Mendonça, Dina (2006), «Pattern of Emotion and Emotional Growth», *Analyses — Actas do II Encontro Nacional de Filosofia Analítica — ENFA2*, Sofia Miguens, João Alberto Pinto e Carlos Mauro Porto (eds.), Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 144-152.
- Miscevic, Nenad (1998). «The rationalist and the tortoise», *Philosophical Studies*, vol. 92, n.ºs 1/2, pp. 175–179.

- Moktefi, Amirouche e Abeles, Francine F. (eds.) (2016), «What the Tortoise Said to Achilles»: Lewis Carroll's Paradox of Inference, número especial de *The Carrollian: The Lewis Carroll Journal*, n.º 28 (número duplo).
- Morris, Karin (2012), «Is Arthur's Anger Reasonable?» In *Philosophy in Children's Literature*, Peter R. Costello (ed.), Lanham, Lexington Books, pp. 135-152.
- Otero, Manuel Pérez (2008), «The Humean Problem of Induction and Carroll's Paradox», *Philosophical Studies*, vol. 141, n.º 3, pp. 357-376.
- Quine, William van Orman (1966), «The Ways of Paradox», In *The Ways of Paradox and Other Essays*, William van Orman Quine (ed.), Nova Iorque, Random House, pp. pp. 3–20 (publicado originalmente em *Scientific American*, vol. 206, 1962).
- Smiley, Timothy (1995), «A Tale of Two Tortoises», *Mind*, vol. 104, n.º 416, pp. 725-736.
- Varanda, Paula (2012), «Dançar é Crescer. Aldara Bizarro e o Projecto Respira», Casal de Cambra, Caleidoscópio.
- Wallenstein, Madalena (coord.) (2014), «Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?», Lisboa, Fundação Centro Cultural de Belém.
- Weaver, Warren (1956), «Lewis Carroll: Mathematician», *Scientific American*, vol. 194, n.º 4, pp. 116-128.
- Woods, John (2016), «Required by Logic», número especial de *The Carrollian: The Lewis Carroll Journal*, Amirouche Moktefi e Francine F. Abeles (eds.), n.º 28, pp. 112-124.



SÃO HORA DE JÁ
TEXTO DE
CATARINA RÔLO SALGUEIRO
E **VASCO BATISTA**

Página 62 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário



ILUSTRAÇÃO DE **BEATRIZ BACULHO** A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

ESPETÁCULO PORTÁTIL + CAFÉ FILOSÓFICO POR VIDEOCONFERÊNCIA (PÓS-ESPETÁCULO)

SÃO HORAS DE JÁ

CATARINA RÔLO SALGUEIRO
E VASCO BATISTA

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

Rápido, já são horas.

És tu, ou são os chapéus que trazes?

Podes entrar, mas cuidado com os pratos e as taças a voar.

Vem sentar-te à mesa - temos bolos, chá e discussão:

*Quem é
o tempo?
Quem és tu?
Porque é que
uma flor é
uma flor?
Será que sabes
a solução?*

Não vais poder parar. Muda de lugar.

Bebe o prato, põe manteiga no relógio e trinca o chá.

Vem preparado.

CAFÉS FILOSÓFICOS (PÓS-ESPETÁCULO) COM MAGDA COSTA CARVALHO

(POR VIDEOCONFERÊNCIA)

As horas, os minutos e os segundos são senhores pequeninos (quase invisíveis!) que vestem fato, gravata e andam de maleta na mão.

Serpenteiam apressados entre os nossos passos e não nos deixam esquecer das coisas sérias a fazer. Quem desarruma estes senhores sisudos? Quem lhes pega pelos sapatos e desalinha os colarinhos? Se tirarmos os números e os ponteiros aos relógios, com que tempo ficamos? Vamos pensar.

CONCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO CATARINA RÔLO SALGUEIRO E VASCO BATISTA (A PARTIR DAS OBRAS AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO, DE LEWIS CARROLL)
FIGURINOS E CONCEÇÃO PLÁSTICA ALICE ALBERGARIA BORGES / BEATRIZ BAGULHO / MADALENA CASTRO
MÚSICA ORIGINAL CUÇA MONGA
VÍDEOS E DIRETOS ANTÓNIO MENDES E JOÃO ESTRADA
ACOMPANHAMENTO À CRIAÇÃO MARIA GIL
CAFÉ FILOSÓFICO MAGDA COSTA CARVALHO

3 A 6, 10 A 13 MAR 2021

M/6 ANOS, 1.º, 2.º E 3.º CICLOS, ENSINO SECUNDÁRIO / 10H30 (QUARTA A SEXTA-FEIRA), 15H (SÁBADOS)
2€ (DIAS ÚTEIS, ONLINE), 3,50€ (DIAS ÚTEIS, ESCOLA), 4€ (FIM-DE-SEMANA, ONLINE), 6€ (FIM-DE-SEMANA, PRESENCIAL), 20€ (GRUPOS ESCOLARES ATÉ 25 ALUNOS, ONLINE)

DURAÇÃO: 35 MINUTOS DE PERFORMANCE + 50 MINUTOS DE CAFÉ FILOSÓFICO



«Olá. Chamo-me Alice...»

«Chama-se Alice? E os outros, como a chamam?
A sua cara não me é nada estranha...
Já a vi em algum lado?»

«Penso que não. Eu pelo menos
é a primeira vez que te vejo.
Mas respondendo à tua primeira pergunta,
os outros também me chamam Alice.»





«Mas se eu me chamar alguma coisa diferente do que os outros me chamam deixo de ser a Alice — pelo menos para mim!»

«Que falta de imaginação! Não se podia chamar alguma coisa diferente do que os outros a chamam?»

«E deixa... a coisa quando está com os outros é diferente de quando está só consigo, ou não?»

«A coisa? (Chapeleiro aponta para ela) Talvez tenhas razão, mas nunca deixo de ser Alice.»



«Alice é o que é, então?
Ou como se chama?»

«Como assim? Não sei! (Para *Arganaz* e *Lebre*) Mas é uma bela pergunta, não acham? E agora deixe-nos em paz e respeite a nossa hora de parar para pensar.»



Excerto do espetáculo *São Horas de Já*, de Catarina Salgueiro e Vasco Batista



ESTUDO DE PADRÃO PARA O ESPETÁCULO SÃO HORAS DE JÁ © ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO / ALICE ALBERGARIA BORGES

TEXTO
CATARINA ROLO SALGUEIRO
E VASCO BATISTA

SÃO HORAS DE JÁ — EM QUEDA LIVRE PELA TOCA DO COELHO NA FÁBRICA DAS ARTES

UM PROCESSO FEITO
TEMPESTADE CRIATIVA
A PARTIR DAS AVENTURAS
DE ALICE DE LEWIS CARROLL

Perto de agosto de 2020, nós, Catarina Rôlo Salgueiro e Vasco Batista, fomos entregues um ao outro como companheiros nesta viagem. Foi-nos também entregue o Capítulo VII *O Chá dos Loucos*, de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, e as personagens Alice e Chapeleiro.

Horas de parar para pensar!

Chegados à residência artística no Centro Cultural de Belém, agosto de 2021 — «Questões acima de respostas?», será esta a questão mais importante na Filosofia para crianças?

Ao contrário do que muitas vezes nos ensinam durante a nossa vida escolar, na Fábrica das Artes não procuram respostas certas ou erradas, pelo contrário, cultivam-se antes formas de não saber, estados de incerteza e a capacidade de interrogar o saber. Foi portanto com este espírito que iniciámos esta viagem na residência. Sobre cada obstáculo pairava um sinal de interrogação, que gerou mais discussão e, por sua vez, mais interrogações, claro...!

Durante 15 dias na Fábrica das Artes, entre o turbilhão de encontros com crianças, com filósofos, com coordenadores da Fábrica das

Artes e com os nossos colegas, também eles novos criadores para todas as infâncias, fomos encontrando cada vez mais possibilidades do nosso capítulo *O Chá dos Loucos*. O nosso leque de compreensão do texto estendeu-se de forma exorbitante. As questões choviam e estávamos cada vez mais incertos quanto à forma como haveríamos de abordar este universo de Alice.

«O tempo está no relógio?»

«O que esperar de um outro mundo completamente diferente do nosso?»

«Quando são horas de contar o tempo?»

«Onde é que as linguagens são diferentes?»

«Onde estão as centenas de caminhos para chegar do ponto A ao ponto B?»

«Existe só um tempo?»

«O passar do tempo tem de ser contado?»

«Será o relógio uma dívida?»

«Será necessário parar para pensar?»

«Qual é o problema do tempo?»

«Como se tomam decisões e se fazem escolhas quando não existe uma Rainha a dar ordens?»

«Quem sou eu quando estou contigo aqui?»

«Quem sou eu quando estou contigo aqui?», ou a «A Mutação da identidade em prol do Espaço, Tempo e outros corpos estranhos».



A construção da nossa identidade em relação aos outros, ao contexto e ao momento, aprendizagem que fazemos ao longo de toda a vida, e que pusemos em prática desde o primeiro dia em que chegámos à residência — foi um conceito que queríamos trabalhar desde que começámos a abordar o universo de Alice.

Ao longo da obra de Carroll, Alice vê-se muitas vezes confrontada com a pergunta «Quem és tu?», seja por outras personagens, seja porque ela própria se questiona. Mais do que responder a esta pergunta, coisa que nos parece impossível, interessou-nos observar as mutações das personalidades e a adaptabilidade a novos contextos — todos os chapéus que vamos colocando para sobreviver nesta selva social.

Foi, portanto, este o nosso primeiro foco. Decidimos abordar o conceito de forma criativa e escrevemos dois Monolilóquios (Monólogo + Solilóquio) — uma ferramenta que nos ajudou a sedimentar o “nosso” universo de Alice.

Nestes Monolilóquios, as personagens introduzem-se a si próprias e ao seu contexto enquanto percorrem um percurso onde se vão encontrando — há aqui um paralelismo curioso, na altura também nós éramos dois estranhos e estávamos a chegar a este lugar comum.

Mais tarde, e depois de criarmos esta pista de aterragem no País das Maravilhas, optámos por aprofundar a nossa pesquisa, e a partir destes textos começámos a trabalhar em vários exercícios de improvisação propostos pela Maria Gil. Num deles, a premissa é simplesmente: temos de dizer «sim» a todas as narrativas que nos são propostas pelos nossos colegas de cena, exercício fantástico para a eliminação do julgamento, que foi das tarefas mais árduas que encontramos e que mais tivemos de treinar para procurar um raciocínio que se aproximasse ao das personagens de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, visto acreditarmos que esta autocensura não existe em personalidades como a do Chapeleiro.

A nossa grande questão relativamente à identidade era: como iríamos nós apresentar este conceito a todas as infâncias? Acabámos por seguir o seguinte raciocínio: muitas vezes, com

as vestimentas que trazemos, a nossa identidade altera-se. Nós estávamos à mesa de um chapeleiro que fabrica chapéus, logo, porque não ter um chapeleiro que crie chapéus que tenham identidades próprias quando vestidos?

«Quem sou eu quando estou contigo aqui?»

«Quem sou eu quando estou contigo aqui?», ou a «A Mutação da identidade em prol do Espaço, Tempo e outros corpos estranhos».

A construção da nossa identidade em relação aos outros, ao contexto e ao momento, aprendizagem que fazemos ao longo de toda a vida, e que pusemos em prática desde o primeiro dia em que chegámos à residência — foi um conceito que queríamos trabalhar desde que começámos a abordar o universo de Alice.

Ao longo da obra de Carroll, Alice vê-se muitas vezes confrontada com a pergunta «Quem és tu?», seja por outras personagens, seja porque ela própria se questiona. Mais do que responder a esta pergunta, coisa que nos parece impossível, interessou-nos observar as mutações das personalidades e a adaptabilidade a novos contextos — todos os chapéus que vamos colocando para sobreviver nesta selva social.

Foi, portanto, este o nosso primeiro foco. Decidimos abordar o conceito de forma criativa e escrevemos dois Monilólóquios (Monólogo + Solilólóquio) — uma ferramenta que nos ajudou a sedimentar o «nosso» universo de Alice. Nestes Monilólóquios, as personagens introduzem-se a si próprias e ao seu contexto enquanto percorrem um percurso onde se vão encontrando — há aqui um paralelismo curioso, na altura também nós éramos dois estranhos e

estávamos a chegar a este lugar comum.

Mais tarde, e depois de criarmos esta pista de aterragem no País das Maravilhas, optámos por aprofundar a nossa pesquisa, e a partir destes textos começámos a trabalhar em vários exercícios de improvisação propostos pela Maria Gil. Num deles, a premissa é simplesmente: temos de dizer «sim» a todas as narrativas que nos são propostas pelos nossos colegas de cena, exercício fantástico para a eliminação do julgamento, que foi das tarefas mais árduas que encontramos e que mais tivemos de treinar para procurar um raciocínio que se aproximasse ao das personagens de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, visto acreditarmos que esta autocensura não existe em personalidades como a do Chapeleiro.

A nossa grande questão relativamente à identidade era: como iríamos nós apresentar este conceito a todas as infâncias? Acabámos por seguir o seguinte raciocínio: muitas vezes, com as vestimentas que trazemos, a nossa identidade altera-se. Nós estávamos à mesa de um chapeleiro que fabrica chapéus, logo, porque não ter um chapeleiro que crie chapéus que tenham identidades próprias quando vestidos?

Ficou então definido como iríamos abordar o tema de forma dinâmica. Só faltava escolher as identidades que poderiam servir o objetivo e a moral da narrativa. Optámos pela Rainha de Copas e pelo Gato de Cheshire; a primeira pelo seu totalitarismo e o segundo pela sua metafísica, elementos que só poderiam espicaçar mais a intriga. Estas identidades iriam aparecer através do Chapeleiro, que vestiria os seus chapéus ao longo da narrativa, muitas vezes para obedecer ao tempo.



(...)

Chapeleiro (Rainha): Sim.

Alice: Toda a gente divertida a dançar aquela batida.

Chapeleiro (Rainha): Não, não. Calem esse chapeleiro!

Cortem-lhe a cabeça — ele está a bater no tempo!

Alice: O Chapeleiro fugiu!

Chapeleiro (Rainha): Sim.

Alice: E foi pela floresta.

Chapeleiro (Rainha): Sim.

Alice: E encontrou o gato!

Chapeleiro (Rainha): Sim.

Alice: E foram os dois beber chá!

Chapeleiro (Rainha): Não. (Chapeleiro retira o chapéu de Rainha)

Chapeleiro: Encontrei o Gato e como ainda era cedo para ser perdoado fomos os dois até ao lago para matar o tempo. (Assusta-se) Matar o tempo — foi isso por isso, já não me lembrava! Pobre de mim, acusado de tentativa de homicídio em primeiro grau, de acordo com o código penal do Tribunal de Copas, artigo 14, Cláusula Indecisa, Alínea Procurada.

Alice: E depois?

Chapeleiro: Depois é agora! Sou prisioneiro do tempo.

Não tenho forma de o contar, partiram-me os relógios todos cá de casa e agora a única forma de saber a que horas estou é a partir desta mesa.

Alice: Controlas o tempo a partir desta mesa?

Mas o tempo não está no relógio?

Caliputo III - Horas do Tempo Bater a Música

(A partir daqui as vozes saem cantadas numa autêntica não melodia)

Chapeleiro: O relógio está
Partido.

Alice: E então?

Chapeleiro: Imagine que tem um copo partido
Dá para encher com água?

Alice: Não!

Chapeleiro: Então aí tem a sua resposta, sua ignorante.

Se o Relógio está partido

O tempo foge,

tal como a água foge

De um copo partido.

Alice: O tempo foge? Com pernas?

E vai para onde?

... Ah, estou a Cantar?

Chapeleiro: Não, não está.

É o tempo a mudar as suas ondas sonoras!

Alice: Quem é que deu autorização

Ao tempo para mudar

(...)

Excerto do espetáculo *São Horas de Já*

CHAPÉU-GATO



chapéu de pêlo estivo
como odo com um
gatinho lá em cima
(como se fosse um
ninho) e uma
cacha de pêlo
que é um cachecola



Cartola formada de
gatinhos

CHAPÉU DO CHAPELEIRO

dois cartolas coladas
uma em cima da
outra
uma delas tem
uma proteção com
uma chaveira
lá dentro



CHAPÉU DE RAÍNA

com chuppa-chupans



ALICE





DESENHO DE ESTUDO DE FIGURINO PARA O ESPETÁCULO SÃO HORAS DE JÁ © ILUSTRAÇÃO DE ALICE ALBERGARIA BORGES

Tudo isto não responde à pergunta inicial: «Quem sou eu quando estou contigo aqui?», mas levanta mais perguntas, o que nos agrada mais!

Tínhamos agora uma personalidade de Chapeleiro que fabricava chapéus que lhe garantiam a possibilidade de visitar outros pontos de vista.

«Foram sempre horas de já.»

Com o avançar do processo, surgiram muitas das outras perguntas relacionadas com o Tempo, o que nos levou a avaliar a hipótese de também ter o Tempo como um dos temas principais da peça. Uma das questões que mais nos marcou foi a seguinte: «Será que o tempo está no relógio?» — seremos nós dependentes de um tempo que depende de uma ferramenta por nós criada?

Nas aventuras de Alice, de Lewis Carroll, o Chapeleiro quis bater o tempo e, por isso, foi castigado e ficou preso a uma rotina de chá interminável, que se repete consoante as horas do relógio. Mais uma vez, é fácil encontrar um paralelo entre o que acontece a esta personagem e aquilo que deixamos que nos aconteça no dia a dia. O desafio de Alice (e de todos nós) será, então, não ser prisioneira do tempo, mas também não ignorar a sua passagem. Reconhecer que o seu «eu» do agora não será o mesmo «eu» do futuro, pois a cada segundo que passa tudo está em constante transformação.

Durante as conversas com os filósofos explorámos dois conceitos diferentes de tempo: *Chronos* e *Kairós* — o primeiro refere-se ao

tempo numérico, ao tempo cronológico, e o segundo ao *momento certo/oportuno*.

Usámos esta diferenciação para criar uma divergência entre a personalidade do Chapeleiro, do Gato, da Rainha e de Alice. Personagens como Alice e a Rainha têm muito presentes um sistema, tendo por isso uma maior necessidade de respeitar o tempo numérico ditado de uma fonte externa. Por outro lado, o Gato e o Chapeleiro respeitam os seus tempos, respeitam o passar do próprio tempo, não sentem nenhuma necessidade de controlar, embora o Chapeleiro esteja a sofrer um castigo e tenha de obedecer constantemente a uma rotina, sendo esta a sua grande tragédia em *São Horas de Já*.

Acabámos, então, por decidir que o tempo iria ser outro grande tema e motor deste nosso processo. É igualmente importante mencionar que o tempo também participou de forma involuntária neste processo: desde a falta de tempo, que nos obrigou a criar em contrarrelógio material para este nosso meta-universo, até à dilatação do tempo quando a pandemia nos obrigou a interromper o trabalho e a irmos para as nossas casas ter tempo «a mais» — muitas vezes «morto» —, *nunca mais eram horas de já*.

Como incorporar o tempo nesta narrativa? Decidimos partir da ideia original do Chapeleiro estar a ser prisioneiro do tempo, mas, ao contrário do que acontece no livro, o tempo passa, e a única forma que o Chapeleiro tem de o contar é através das cadeiras em redor da mesa. Portanto, o Chapeleiro é obrigado a repetir a sua rotina até à loucura para não perder a lucidez. O tempo tornou-se, então,

toda a linha de orientação da narrativa. Acabámos por construir uma narrativa nova: «Alice no país de Sísifo».

Qual é a diferença entre um corvo e uma secretária? Nós também não sabemos, mas esta é uma das questões que mais traria dinâmica à linha temporal que guia a narrativa de *São Horas de Já* e que conferem à peça o seu principal conflito: a linguagem.

Há nas aventuras de Alice, de Lewis Carroll, uma guerra secreta contra o dogma da lógica linguística, em que as palavras muitas vezes são aplicadas para servir a vontade da personagem. As regras da linguagem são maleáveis e sofrem mutações a cada pequeno bloco de ideias. Nós tentámos explorar esta dinâmica com jogos de palavras e a procura pela desconstrução do sentido das nossas frases quotidianas. Um dos jogos de palavras consistia em trabalhar ao máximo com palavras homófonas e homónimas em pequenas situações dramáticas. Como resultado, surgiram coisas como as cenas do «adeus às nozes», do «Chá de menta», de «Como é que te chamam os outros», etc...

Foi aqui que a linguagem, podutora de sentimentos e, muitas vezes, equívocos, se tornou o último elemento das três ferramentas de foco na nossa narrativa para a infância. Tínhamos, portanto, uma tríade de Tempo, Identidade e Linguagem.

Em *Alice do Outro Lado do Espelho*, no Capítulo III, *Os Insectos no Espelho*, Alice entra no bosque onde as coisas não têm nomes e encontra um veado. Ambos caminham juntos durante algum tempo porque nenhum se lembra de como se chama e Alice chega mesmo

a abraçar o veado carinhosamente, até que saem do bosque e este lembra-se de que se chama Veado e reconhece que Alice é uma criança humana e foge dela. Este episódio fez-nos pensar no poder dos nomes que damos às coisas e de como podemos brincar com os significados das palavras homófonas ou até mesmo criar novos significados inventados, na tentativa de inventar uma linguagem comum.

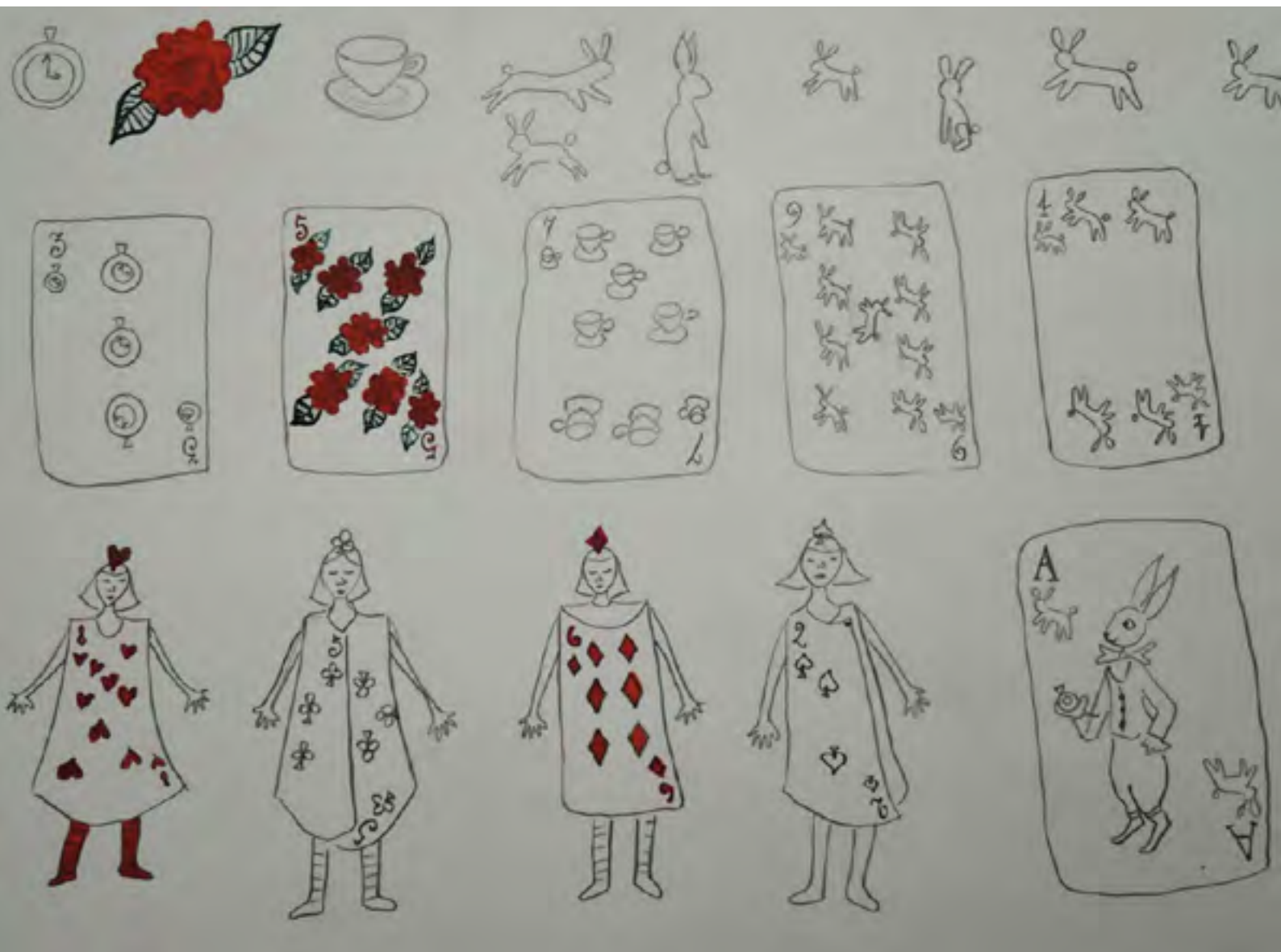
O nosso maior obstáculo na escrita do texto foi dar significado ao encontro entre o Chapeleiro e Alice, respeitando o tipo de comunicação *nonsense* criada pela forma diferente como ambas as personagens veem/abordam a linguagem. Para ultrapassar este obstáculo tivemos de compreender melhor estes personagens — Alice e Chapeleiro — e a forma como abordariam esta situação: a chegada de Alice à mesa de chá.

Optámos, uma vez mais, por criar um paralelismo entre a nossa situação entre criadores e as personagens. Também Alice e o Chapeleiro se encontraram, e através do tempo, da identidade e da linguagem procuram a sua moralidade e a sua mensagem.

Dentro deste diálogo, e para criar diferentes dinâmicas, decidimos que a forma destas personagens comunicarem se alteraria cada vez que uma hora (dramática, claro!) passasse. Pelo que criámos cinco horas, que o chapeleiro vivia de forma cíclica: hora de parar para pensar, hora do tempo bater a música, hora de beber com os pés e comer com as mãos, hora de desaprender e hora de contar a história. Também achámos interessante criar uma linha de aprendizagem e de adaptação para Alice, que no final toma as rédeas de todos os jogos e acaba por liderar um dos jogos do Chapeleiro.



DESENHO DE ESTUDO DE ELEMENTOS CÊNICOS DO ESPETÁCULO SÃO HORAS DE JÁ © ILUSTRAÇÃO DE ALICE ALBERGARIA BORGES / BEATRIZ BAGULHO



DESENHO DE ESTUDO DE FIGURINO PARA O ESPETÁCULO SÃO HORAS DE JÁ © ILUSTRAÇÃO DE ALICE ALBERGARIA BORGES

Por fim, terminámos com a história de uma menina que regularmente visita um homem louco que vive sozinho, refém da sua rotina para tentar fugir à loucura. Vista desta forma, parece que criámos uma tragédia existencialista, no entanto, todo o projeto ganhou outra cor com a colaboração com os Cuca Monga (Tomás Wallenstein, Fernão Biu e Diogo Rodrigues) e as nossas BAM (Beatriz Bagulho, Alice Albergaria e Madalena Castro). Depois de escolhida a forma, trabalhamos no conteúdo que viria a trazer vida ao espetáculo.

Com o trio BAM procurámos soluções cénicas que servissem não só de adereço, mas também de plataforma criativa para nós. Para as personagens procurámos texturas e paletes de cores que servissem os estados de espírito pelas quais queríamos que passassem. Por exemplo, o Chapeleiro era todo preto-e-branco, como se a sua cor exterior tivesse sido consumida pela rotina; Alice, por outro lado, tinha um tecido mais leve, com alguma cor e detalhes vibrantes para marcar a sua personalidade. Já o espaço cénico tinha outro tipo de desafios. Não só teria de servir-nos cenicamente, como também tinha de ser logisticamente simples para transportar. Visto este ser um espetáculo portátil, investimos principalmente num espaço cénico sonoro — nada mais fácil de transportar do que o som. Foi exatamente aqui que entraram os Cuca Monga.

Com os Cuca Monga, o nosso maior foco foi desenvolver um ambiente sonoro que instalasse a cena e com o qual o público se identificasse, embora estivesse composto de forma pouco usual. Optámos por um clássico «soundtrack zen» com um *feat.* de baleias, gotas de água, aviões, pratos a partir, etc... Também precisá-

mos de trabalhar em elementos sonoros que transformassem o jogo (mudassem de hora). Optámos por dar vida à Lebre de Março, que, ao longo da peça, vai cantando as horas e ditando as dinâmicas de Alice e do Chapeleiro.

Lançámos também aos Cuca Monga um desafio: criar uma música não melódica. Deixámos o resultado à imaginação deles.

Criar para todas as infâncias requer entrar num lugar de honestidade e vulnerabilidade onde só conseguimos chegar através de um questionamento de cada movimento que fazemos. Por isso, tentámos criar um projeto com várias camadas dramáticas e fazendo uso de todas as ferramentas mencionadas até agora.

*«Nesta grande sopa sem receita
que é criar um espetáculo,
cantámos músicas não melódicas,
dançámos sem bater no tempo,
aprendemos a questionar sem
procurar resposta, celebrámos
a comunicação. Tudo isto foi
um processo de «exercitar a
imaginação e sonhar acordados.»*

12

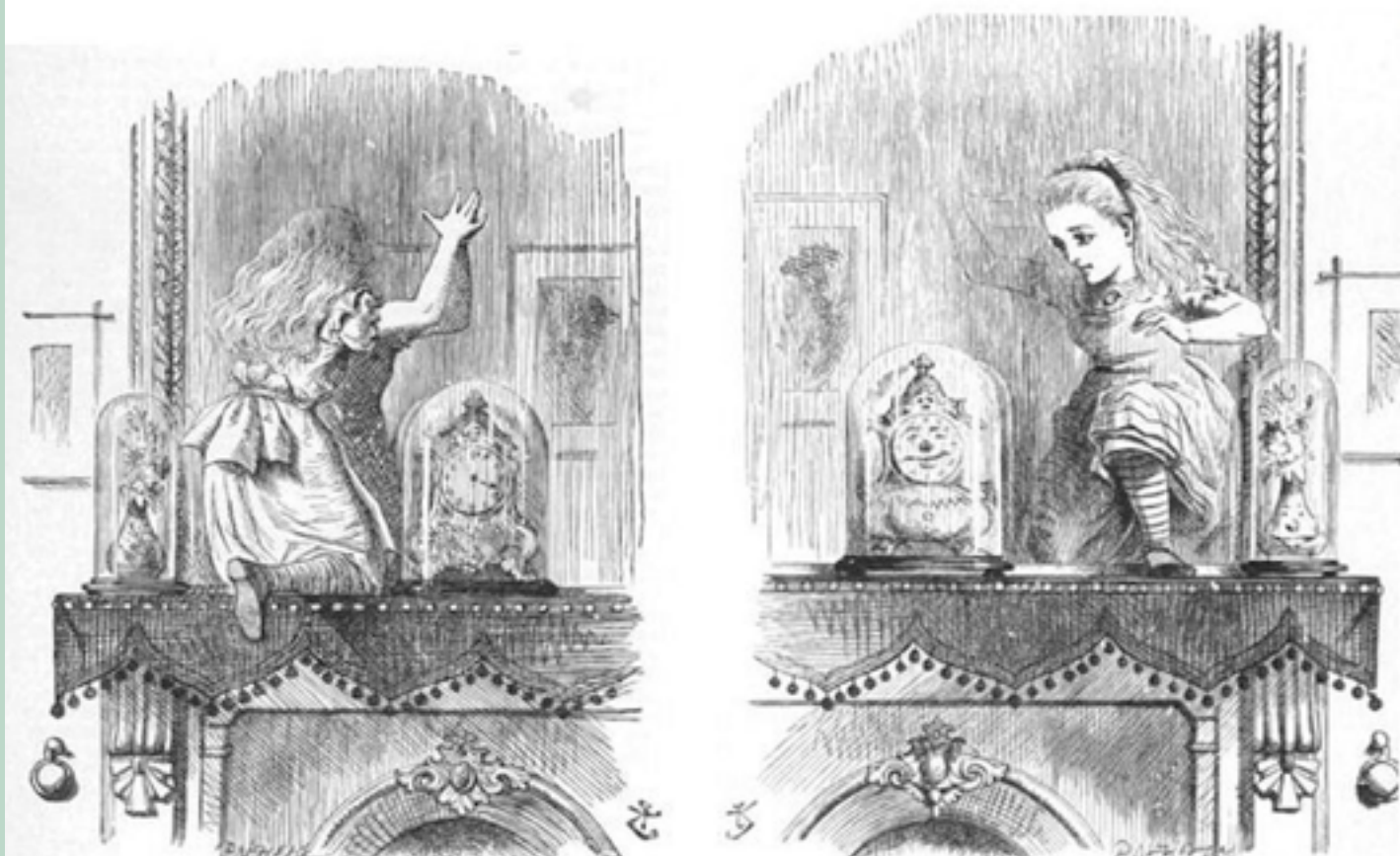
**SOHLEPSE E SATROP ERTNE
ODNAICILA: OSDAL SORTUO
OUTROS LADOS: ALICIANDO
ENTRE PORTAS E ESPELHOS**

TEXTO DE

MAGDA COSTA CARVALHO

ESPECIALISTA EM FILOSOFIA DEMOCRÁTICA
E EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO QUE INTEGROU
A EQUIPA DO ESPETÁCULO *SÃO HORAS DE JÁ*

**SOHLEPSE E SATROP
ERTNE ODNAICILA: OSDAL SORTUO
OUTROS LADOS: ALICIANDO
ENTRE PORTAS E ESPELHOS**



JOHN TENNIEL, ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO

TEXTO DE
MAGDA COSTA CARVALHO
(UA; UNIVERSIDADE DOS AÇORES, NICA - NÚCLEO
INTERDISCIPLINAR DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE)

*Abrir a porta é aprofundar o pensamento. É ver o que não se vê.
As portas são as perguntas: quando escolhemos ir para essa pergunta
ou então ir para outro pensamento. (Qual a cor do vidro do espelho?)
— Cientificamente, é prateado. Mas eu quero debater filosoficamente sobre isso.*

Afonso Junco

O Ciclo *Festa de Desaniversário* foi começando muito antes de se dar por isso, devagarinho, pé ante pé... envolto em excitantes latências. Um desses começos deu-se com encontros filosofantes *online*, durante todo o mês de agosto de 2020, entre crianças açorianas e brasileiras (crianças cronológicas e não cronológicas). Talvez por ter sido um tempo *estranhosíssimo* em que nos obrigávamos a ficar em casa, no calor do verão dos Açores e no frio do inverno no Brasil, foi como se abríssemos portas misteriosas no País das Maravilhas ou deslizássemos para espelhos de outros mundos.

Enquanto o grupo de atrizes e atores da Fábrica das Artes viviam, em Lisboa, a residência artística que fermentava os quatro espetáculos portáteis da Alice, do lado de fora (ou teria sido do lado de trás?, ou do lado do avesso?) as crianças brincavam *com-sentindo* pensamentos alicianos: saltavam nos travessões das exclamações, escorregavam pelos torneados pontos de interrogação das suas perguntas, sorriam alto e escondiam-se por entre as vírgulas e as entrelinhas do que não era dito. Fizemos vários encontros através do Zoom, em que pensámos e perguntámos imensidões de coisas sobre o universo das *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e de *Alice do Outro Lado do Espelho*. A Beatriz Bagulho ofereceu as provocatórias ilustrações de diferentes Alices, desconstruídas em cromatismos e reconstruídas em anacronismos. Depois foi só deixar o fascínio acontecer. Abriam-se muitas portas-perguntas e atravessaram-se outros tantos espelhos-desafios, amplificando-se a infância quase até aos seus limites. Com a ousadia que as caracteriza, as crianças foram gritando alto descobertas e invenções... tão alto que as suas vozes atravessaram oceanos de imensidades (brasileiras e açorianas) e permearam as paredes da residência artística (lisboeta).

Partir à aventura com estas pessoas foi um dos tesouros que o maravilhoso convite da Madalena Wallenstein nos trouxe. E, desde então, temos feito a viagem com ela e com tantos outros infantes, de várias idades: o Afonso Junco, a Débora Sousa, a Madalena Sousa, a Margarida Sousa, a Luzia Fernandes, a Isabel Teixeira, a Pietra Araújo, a Fernanda Xavier, a Maria Eduarda Silvestre, a Maria Luiza Emerick, o Arthur Crespo, a Paula Vieira, a Ana Paula e o Walter Kohan. Nem sempre

com estes nomes... Nem sequer com os mesmos nomes do princípio ao fim de cada encontro! Fones Cor de Rosa, Coelho Branco, Alício no País das Maravilhas, Rainha de Copas, É tarde para um Coelho atrasado, Pudim de Infância, Rima-Amir, Lebre Curiosa e sua Xícara, Rainha de Ouros, Chocolate de Disparates e, até, Sir John Tenniel!

As vozes saídas destes nomes continuaram a ressoar nas aventuras da Alice durante os meses seguintes, nas muitas atividades que o Ciclo fez acontecer num cruzamento encantador entre filosofia, arte e infância. Encontros com atores, formações com educadores, espetáculos e conversas pós-espetáculos com as crianças. Em todos estes momentos, ressoaram os começos que as crianças açorianas e brasileiras nos ofereceram. As conversas com que nos estreámos nesta aventura foram-nos devolvendo os episódios escritos por Carroll a partir de perspetivas atrevidas e curiosas. Hoje escolhemos a voz do Afonso. A partir dela sentimo-nos desafiadas a diferentes perceções nas histórias, não apenas de Alice enquanto personagem literária, mas de certos modos gerúndios de estar e de pensar. Estando. Pensando. **Aliciando!** Não no sentido comum de, voluntariamente, atrair alguém para alguma coisa, mas talvez num sentido especular de sermos tomados por distintos movimentos que seduzem a pensar e que tomam conta de nós. Talvez seja menos um *fazer*, e mais um *sendo feito*, entre portas e espelhos. O desafio para nos deixarmos encantar pelo cruzamento entre a filosofia, a educação e a criação artística, sob os auspícios da infância, aliciou-nos. Assim mesmo, como verbo in-transitivo.

SODAL SORTUO OUTROS LADOS

As duas obras com que Lewis Carrol compõe o universo literário de Alice — *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho* — contam os inúmeros e bizarros episódios de uma criança que, encontro após encontro, se vai descobrindo estrangeira num mundo muito pouco habitual. Cada episódio funciona como entrada para uma experiência onde desaparece qualquer traço de familiaridade e em que Alice percebe que tudo é extra-ordinário. Talvez mais do que estrangeira num espaço, Alice se descubra estrangeira num tempo: «Valha-me Deus!» — afirma ela em certa altura — «Que esquisito que isto está hoje! E ainda ontem as coisas se passaram como de costume.» (Carroll, 2014) Ou talvez no País das Maravilhas tempo e espaço deixem de ser coisas assim tão diferentes uma da outra.

Os começos de cada uma das duas histórias colocam Alice perante objetos e acontecimentos peculiares. No Ciclo *Festa de Desaniversário*, encantados pelas vozes da infância, foi-nos possível redescobrir sentidos em dois desses acontecimentos, dois dos encontros de Alice: com a **porta** no átrio da toca do Coelho e com o **espelho** no salão da sua casa. Vamos partir deles para, guiados pelas falas do Afonso, procurarmos pensar como a filosofia permite experienciar distintos modos de relação com o pensamento, seja nos encontros preparatórios que tivemos com as crianças no verão de 2020, seja no cruzamento com os artistas e com o público no processo de criação e na apresentação e fruição dos espetáculos portáteis, seja também nas formações em que participamos com(o) educadores.

ATROP AD ODAL ORTUO OD DO OUTRO LADO DA PORTA

*Nesse corredor
Portas ao redor
Querem escolher, olha só
Uma porta só
Uma porta certa
Uma porta só
Tentam decidir a melhor
Qual é a melhor
Não importa qual
Não é tudo igual
Mas todas dão em algum lugar
E não tem que ser uma única
Todas servem pra sair ou para entrar
É melhor abrir para ventilar,
Esse corredor.*

Portas, Marisa Monte/Arnaldo Antunes/Dadi

Depois de cair no buraco do Coelho Branco, em *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, a menina encontra um átrio com muitas portas, todas trancadas. Num segundo olhar, descobre ainda mais uma porta. Uma porta especial escondida atrás de uma cortina, uma porta estreita e pequenina. Uma porta convidativa que Alice, ainda demasiado grande, consegue abrir. De joelhos, é-lhe mesmo possível espreitar para o lado de lá e ver um lindo jardim, com canteiros de flores coloridas e fontes frescas que pareciam esperá-la. A portinha preludia uma certa felicidade e Alice despende todos os seus esforços para a atravessar: bebe de uma garrafa estranha e encolhe muito, depois come de um bolo de uvas de Corinto que encontra numa caixinha de vidro e estica como um telescópio. Mas sempre em vão, porque, quando tem o tamanho certo para passar na porta, lhe falta a chave. E, quando recupera a chave, já o seu corpo se encontra desproporcionadamente grande para o tamanho da porta. Nunca se reúnem as condições certas para que Alice possa passar o umbral e entrar no outro lado. Pode antevê-lo, mas não chegar a ele.

A porta estreita é um elemento simbólico significativo em muitos textos, entre eles os escritos bíblicos que, certamente, o Reverendo Charles Lutwidge Dodgson bem conhecia. Mas é curioso que na história de Alice não é o clérigo que fala e sim o escritor Lewis Carroll. E, talvez por isso, Alice nunca chega a concretizar o desejo inicial de conhecer aquele jardim refrescante. Tudo o que interessa na história acontece a montante desta porta estreita e quase nunca por vontade da própria Alice. Na verdade, o que a menina vai conseguindo fazer ao longo dos vários capítulos da obra é gerir as consequências dos atropelos entre as criaturas daquele mundo a que chegara quando, inadvertidamente, caíra no buraco. As cenas sucedem-se perante o olhar incrédulo de Alice e, perplexa com as balbúrdias em que involuntariamente se vê enredada, é só na cena final do julgamento que ela assume a plenos pulmões as suas vontades e ideias, enfrentando o Rei, a Rainha e os juízes do tribunal: «Quem é que tem medo de si? [] Vocês todos não passam de um baralho de cartas!» — grita no final do ato. Assumir essa vontade é também sinónimo de **acordar**, nos vários sentidos que o verbo pode assumir: pôr de acordo, afinar, lembrar-se, sair do sono.

Abrir a portinha estreita poderia ter sido a primeira manifestação de uma Alice que fosse a soberana consciente de toda a história, pondo os acontecimentos *de acordo* com as suas vontades, *afinando* o curso da narrativa pelo bom senso, *recordando-se* de todos os ensinamentos que aprendera anteriormente com os adultos, ficando sempre em estado de *vigília*. Isso talvez tivesse marcado, logo desde o início, uma Alice diferente daquela que conhecemos. Mas, como bem sabemos, não é nada disso que acontece no País das Maravilhas.

As palavras do Afonso convidam-nos a ficar mais um pouco no encontro de Alice com a porta estreita, um encontro que pode falar de um certo modo de estarmos no pensamento. Leiamos novamente o que ele nos diz: «Abrir a porta é aprofundar o pensamento. É ver o que não se vê. As portas são as perguntas: quando escolhemos ir para essa pergunta ou então ir para outro pensamento.» Quando nos relacionamos com a filosofia, frequentemente somos como esta Alice que encontra uma porta pequenina e estreita por detrás de uma cortina. Não é à primeira volta que se vislumbram certos caminhos de pensamento: é necessária a atenção de, inicialmente, tentarmos abrir todas as fechaduras das portas que se mostram, assim como o tempo e a resiliência para, como ela, dar uma segunda volta ao átrio. Depois de encontrada uma nova possibilidade, com um pouco de coragem e algum espírito aventureiro, experimenta-se a chave dourada nessa hipótese que, entretanto, se revelara em elementos já conhecidos.

Qualquer uma de nós se reconhece na Alice do Capítulo I de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, numa vivência do pensamento como escuro átrio cheio de portas trancadas do qual

desejamos ardentemente sair. Por vezes, a filosofia é este trânsito entre o estado de penumbra do átrio e a contrastante luminosidade colorida do jardim que se antevê para lá de uma das portas.

Nos encontros de filosofia com e entre crianças, as perguntas que cada um dos participantes oferece à comunidade podem ser portas. Portas que se querem abrir, ou não. E também portas cuja abertura não depende só da vontade dos perguntantes. Tal como Alice, às vezes quando temos a chave na mão, temos um tamanho sobredimensionado. E, quando nos pomos pequeninos, esquecemos a chave em cima de uma mesinha de vidro à qual não conseguimos chegar. Outras vezes, só espreitamos o lado de lá e sentimos a frescura das fontes que nos chamam. É um modo de proceder vertical de aprofundamento das ideias, de procura da profundidade para pensamentos que, tal como diz o Afonso, querem transitar da superfície do que se contempla para a densidade do que ainda não se vê plenamente. Pensamentos que se podem escolher, que se espraiam no desejo de passagem entre a penumbra e a luminosidade, de passagem e adensamento (Mendonça e Costa-Carvalho, 2019). «Abrir a porta é aprofundar o pensamento», diz o Afonso. E quando estamos diante de portas, pensar é querer ir. Procurar ser cada vez menos estranho, lutar contra a estranheira e caminhar para a assunção da pertença. E, como nos dizem esses também magníficos escritores, Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Dadi, na nossa epígrafe, «não tem de ser uma porta única» porque o mais importante talvez seja «abrir para ventilar o corredor».

OHLEPSE ON ODAL ORTUO O O OUTRO LADO NO ESPELHO

Os espelhos mentem sempre um bocadinho porque nos trocam as voltas. Só atrás de um espelho é que poderíamos olhar para nós como os outros nos veem. Se é que olham assim tanto para nós. Não reparam. Em contrapartida, Lewis Carroll reparou em Alice e concentrou-lhe o olhar, de maneira a que visse maravilhas.

Miguel Esteves Cardoso

O segundo acontecimento aliciano que permite pensar uma outra forma filosófica e artística de relação infantil com o pensamento prende-se com os começos de *Alice do Outro Lado do Espelho*. A aventura inicia-se de modo totalmente distinto do que acontecera no primeiro livro. Enquanto a chegada ao País das Maravilhas se fizera através de um conjunto infundável de peripécias que retiraram Alice de qualquer zona de conforto (uma queda repentina e suave, infundáveis portas cerradas, crescer e minguar consecutivamente ou um mar de lágrimas...), a menina está agora num dos lugares mais familiares que conhece — o salão da sua casa —, calmamente brincando com os seus gatinhos de estimação.

A relação com o espelho e com todas as suas aventuras é uma passagem suave, um deslizar tão impercetível que Alice quase nem acredita que está a acontecer. Nada de corridas contra o tempo para manter um certo tamanho adequado, nada de chaves e fechaduras desencontradas, nada de desacertos ou descuidos. O que parecia uma simples relação dual de reflexão entre a sua casa e o que o espelho mostrava, logo se converte numa outra experiência. A experiência de um outro lado: a casa do espelho.

Na verdade, esta casa não era uma novidade para Alice, que a contemplava já havia algum tempo. Já antes ela havia experimentado algumas coisas sobre aquele lugar: o único quarto que conseguia ver era aquele salão em que se encontrava o espelho e, talvez, um pouco do corredor se deixasse a porta aberta do lado de cá; todas as coisas eram ao contrário, exceto a parte que estava mesmo do outro lado da chaminé (colada ao próprio espelho); os livros pareciam-se com os que ela própria possuía na sua casa, só que com as letras ao contrário; e a lareira só estava acesa quando a lareira do salão de Alice também estava.

Até aqui parecia tratar-se de uma relação simétrica e equilibrada entre uma coisa e o seu reflexo. Mas Alice não se convenciu disso e desconfiava que o fumo na casa do espelho poderia ser um engano para a fazerem crer que também havia fogo por lá! Alice introduz a suspeita como uma fenda na reflexividade das superfícies, fazendo-nos crer que tudo pode ser diferente quando nos *aliciamos*. Gilles Deleuze, essoutro leitor traquinas das histórias de Alice, refere-se a esta constatação como a Lei do Espelho: «Tudo o que podia ser visto do antigo quarto era ordinário e sem interesse, mas o resto era tão diferente quanto possível.» (Deleuze, 1975, 7.ª série). O limite é, portanto, a possibilidade. Ou melhor, por ser possibilidade não há limites.

De tal forma que Alice cria ali mesmo a fórmula para entrar no outro lado do espelho. E é a mais simples de todas, a que qualquer criança sabe de cor: «faz de conta que...» (*let's pretend that...*). As palavras do fingimento (aquelas de que nunca desconfiamos porque são apenas isso mesmo: fingimento) são, afinal, as únicas capazes de criar realidade. E Alice desliza pelo espelho, sem nenhuma profundidade ou oposição, passando simplesmente pela continuidade entre cá e lá, direito e avesso, à frente e atrás.

O espelho traz um desafio paradoxal. Como diz o Afonso, cientificamente parece simples pensar sobre ele e responder que a cor do seu vidro é prateada. Mas filosoficamente a conversa outra, porque os espelhos «trocam-nos sempre as voltas», acrescenta o Miguel Esteves Cardoso. Precisamos parar, pensar, entrar. No mundo do espelho, como também lhe chama Alice, as coisas não se limitam a andar na direção oposta. Elas fazem muito mais do que isso... e talvez façam tudo exceto isso. Para Martin Gardner, o aliciano matemático, o espelho é o mundo em que as coisas se deslocam em todos os sentidos, exceto naquele em que seria suposto deslocarem-se (Gardner, p. 273). E, de facto, L. Carroll brinca ao longo de toda a obra com inversões, personagens de pernas para o ar, acontecimentos do avesso, descobrindo sentidos para lá do binarismo divisório e excludente entre certo e errado ou verdade e falsidade.

Com o espelho estamos num «outro lado» diferente daquele que estava para lá das portas da toca do Coelho Branco. São modos distintos de experimentar o pensamento. Aqui não parece tratar-se de encontrar um mundo atrás do espelho, como se o próprio espelho fosse uma simples passagem para uma realidade equivalente, mas mais densa ou profunda. No espelho não é a realidade que está ao contrário, é o próprio contrário que se torna real. Enquanto a porta escondia e afastava Alice através da sua opacidade, vincando a diferença entre a luz e a escuridão, e tornando inacessível o mundo além-fronteiras que anunciava, o espelho *alicia* pelo seu brilho através dos antagonismos tensionados, convida a uma acessibilidade inacreditável.

A porta poderia ter sido uma passagem, um umbral que se superava após a travessia. Mas o espelho é, ele próprio, um lugar sem-lugar e outro-do-lugar: um sítio onde se perde em densidade para ganhar em elasticidade. É Foucault (2013) quem descobre este paradoxo do espelho, dizendo que é utopia e heterotopia em simultâneo: u-topia porquanto é um lugar sem lugar algum,



ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

virtualidade que nos coloca onde, de facto, nós não estamos; e hetero-topia porque contra-age em relação à posição que ocupamos e, pelo seu movimento, reconstrói-nos aqui onde estamos. Neste sentido, o espelho não pode ser apenas um reflexo simétrico e inoperante, provocador de vaidades ou ênfases, mas um verdadeiro dispositivo transformador e, até, necessário. O espelho «transforma este lugar, o que ocupo no momento em que me vejo no espelho, num espaço a um só tempo absolutamente real, associado a todo o espaço que o circunda, e absolutamente irreal, uma vez que, para nos apercebermos desse espaço real, tem de se atravessar esse ponto virtual que está do lado de lá.» (Foucault, 2013, p. 3-4).

Lewis Carroll foi exímio em abrir fissuras que distorcem a familiaridade, alimentando-se dela e aceitando a sua estrangeiridade. Ao longo dos anos, o *nonsense* lógico de Alice foi recriado pelos ilustradores das obras. A passagem para o espelho é disso exemplo. John Tenniel surpreende o próprio momento da entrada no espelho e, através dos seus desenhos, o leitor entra com Alice nesse mundo distorcido. Numa página vemos a menina de costas, já com a face, uma perna e um braço do outro lado. E, na página seguinte, escorregamos pela magia da ilustração e passamos para o lado de lá. Como se tivéssemos sido transportados e já nos encontrássemos, dentro do espelho, a receber Alice num mundo onde nos miram as caretas sorridentes do relógio, da jarra de flores e da gárgula por cima da lareira. Mais tarde, Peter Newel acrescenta-lhe o pormenor das pinturas com vida na parede. Muitos outros ilustradores e muitas outras ilustradoras se lhes seguiram... até à nossa Beatriz Bagulho, que também oferece uma pista importante para a reflexão.

Por detrás da cortina, a ilustração do *making of* do Ciclo *Festa de Desaniversário*, junta inesperadamente os dois encontros de Alice que ocupam o nosso texto: a porta e o espelho. Enquanto uma Alice de cabelo rosa e vestido às riscas roxas espreita por trás das cortinas e vê o Coelho Branco na soleira da portinha, à sua frente uma Alice ruiva e de vestido às riscas azuis abre o que também parece ser uma cortina. Este espelho não é uma simples reflexão. A prova está na ausência da tatuagem que a Alice-de-cá exi-

be no seu braço direito. Se o espelho se limitasse a refletir, o braço que nele vemos estaria tatuado. Mas não está. Isto significa que aquela é uma outra Alice... ou então significa que é a mesma, mas já existindo de pleno direito no mundo contrário do espelho, o mundo onde Alice tem um braço direito que nós não conseguimos ver.

Também não vemos o que ela vê atrás da cortina que arreda. Apenas suspeitamos que possa ser qualquer coisa... menos a figura simétrica de um coelho de calças verdes, colete laranja e mãos nos bolsos. Talvez nem sequer haja porta e seja outra a surpresa para a qual esta Alice nos convida. Não saberemos enquanto não deslizarmos com ela porque só quem está de frente para o espelho pode descobrir o que por lá se encontra. Beatriz Bagulho não nos deixa na posição confortável que nos tinha colocado John Tenniel. Com o ilustrador original da obra de Carroll, o leitor não tem de fazer nada e depressa se encontra dentro do espelho, a receber Alice. Já a artista portuguesa parece dizer-nos outra coisa: é preciso entrarmos na aventura, cada um de nós tem de pôr-se diante dos seus próprios espelhos e, utópica ou heterotopicamente, arriscar a transformação.

Para aqui nos trouxeram os movimentos artísticos do Ciclo *Festa de Desaniversário*, entre as vozes das crianças, dos atores, dos artistas. Para esta relação filosófica com um pensamento que se desloca ao ritmo a que cada uma de nós descobre e inventa o sentido, o ritmo que transforma o mundo à medida que nos transformamos nele. Os encontros que geram este movimento são imprevisíveis e obrigam-nos a uma permanente atenção, acreditando que outros lados não são apenas possíveis, mas estão já presentes (Kohan, 2011). O sentido sempre o encontraremos articulando as diferenças, gerundiando em voz própria, aliciando, porque como nos disse o avisado Afonso, há respostas imediatas sobre as cores do espelho... mas, filosoficamente, o jogo é sempre outro. É preciso saltarmos para a roda, conversarmos, sermos crianças.

SAICNÊREFER REFERÊNCIAS

Cardoso, Miguel Esteves (2010), Posfácios a L. Carroll, *Alice do Outro Lado do Espelho*, Rio de Mouro, Zero-a-Oito/Expresso.

Carroll, Lewis (2014), *Obras Escolhidas*, Lisboa, Relógio d'Água.

Deleuze, Gilles (1975), *A Lógica do Sentido*, São Paulo, Perspectiva.

Foucault, Michel (2013), «De espaços outros», *Estudos Avançados*, vol. 27, n.º 79, pp. 113-122.

Gardner, Martin (1990), *The Annotated Alice*, Nova Iorque, W. W. Norton & Company Ltd.

Kohan, Walter (2011), «Childhood, Education and Philosophy: Notes on Deterritorialisation», *Journal of Philosophy of Education*, vol. 45, n.º 2, pp. 339-357.

Mendonça, Dina e Costa-Carvalho, Magda (2019), «The Richness of Questions in Philosophy for Children», *Childhood & Philosophy*, vol. 15, doi: 10.12957/childphilo.2019.43353.

13

***LER O ESPELHO:
ALICE E PETER***
**— LIVROS, LITERATURA
E ILUSTRAÇÃO**

TEXTO DE
DORA BATALIM SOTTOMAYOR
INTEGROU O PROGRAMA
ENCONTROS-FORMAÇÃO PARA ADULTOS
NA ÁREA DA LITERATURA

Uma oficina para adultos interessados em livros infantis e nos universos literários de «Alice no País das Maravilhas» e de «Peter Pan». Mergulharemos nos conceitos de infância, crescimento e identidade, cruzando em diálogo estas obras e outras, de forma concreta e exemplificada. As interseções com demais linguagens artísticas (oralidade, ilustração, design, performance) serão naturalmente convocadas com vontade de desmanchar limites no pensamento e de aprofundar olhar dos que se dirigem à criança (e a si próprios), a partir dos livros. Estes são incríveis nessas possibilidades.

TEXTO DE

DORA BATALIM SOTTOMAYOR

Dois nomes. Duas chaves mágicas: Alice e Peter. Provêm do universo da literatura e para ele se dirige a proposta deste mergulho. A natureza dos seus criadores, que por via das suas identidades peculiares, das crianças reais em que se inspiraram, dos desenhos que mostram mais e da vida acrescentada no corpo de actores tornaram estes textos espelhos e janelas onde continuamos a cair ou a voar em busca de nós próprios. Apesar das infinitas apropriações *transmedia* feitas ao longo dos tempos e das variações de estilo, técnicas e suportes, foi essa qualidade humana que perseguimos. Revisitámos «Alice» e «Peter Pan» através de diversos materiais culturais: múltiplas edições para vários públicos, filmes, publicidade, jogos, aplicações digitais, *merchandising*... percorrendo-os dentro de nós, para não nos perdermos, para (nos) lermos melhor. Qual é a fórmula literária que, desde os finais do século XIX, admite tudo isto sem que a essência anímica se perca e se valide através dos tempos? Talvez o segredo da leitura seja esse mesmo.

Fizemos inúmeras perguntas, concretas ou mais filosóficas: onde e quando e como conheci estas personagens? Onde e quando e como me reconheci? Quem sou eu nestes outros?... Algumas interrogações disparatadas (o fascinante «sem sentido» que depressa nos despe). Todas traduzidas de maneira muito acessível; afinal, serão estes livros «para crianças»? Ou será que a simplicidade que se atribui à infância não é apenas um estratagema para podermos aceder ao que de outra forma seria apenas uma interessante complexidade teórica? Reformulemos, então: para a infância ou sobre a infância?

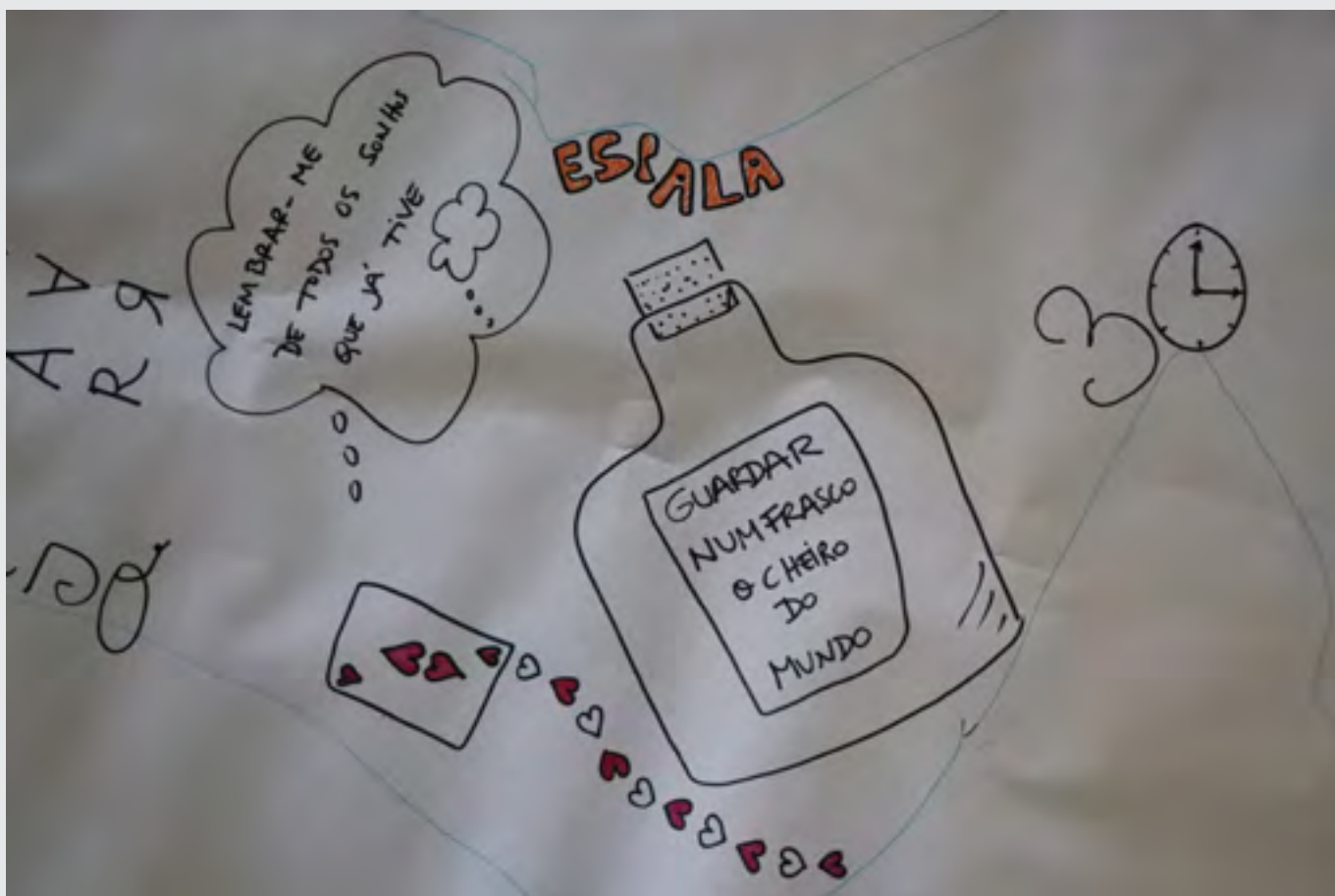
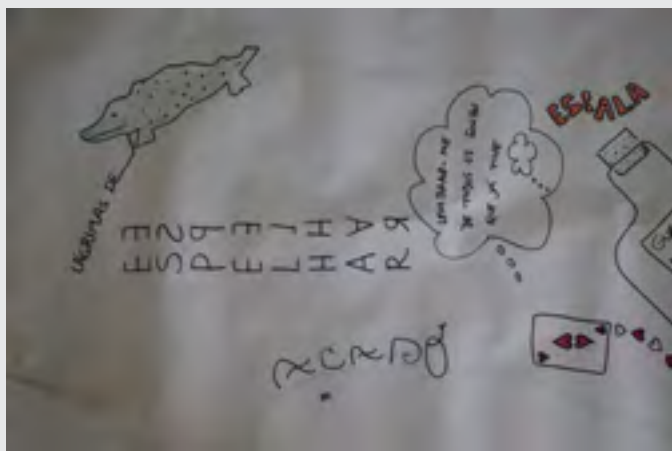
Galgámos fronteiras, tal como Carroll e Barrie nos ensinaram: trouxemos coisas. Chávenas, relógios, espelhos, fotografias, documentos de identidade, baralhos, chapéus, enfeites de cabeça. Andámos descalços. Durante dois dias, entrámos realmente nestes universos a partir do corpo e dos objectos que fazem o interior das casas e das biografias de cada um. Lemo-nos: paisagens internas, particulares, expostas em forma das grandes páginas de papel que cobriam o chão. Percorremos infintos lugares das duas obras, sustentados pelas suas dicotomias, procurando o vislumbre daquilo que as faz irresistíveis mesmo quando irremediavelmente nos acabamos por perder nas suas fendas: o fundo da terra ou o supremo céu, uma tarde solarenga ou a noite escura, os indivíduos, os bichos, a natureza, a cidade, uma rapariga, um rapaz, as perguntas, o insólito, o pensamento, a linguagem, a (não) memória, o incessante *tic-tac* que mede o tempo:

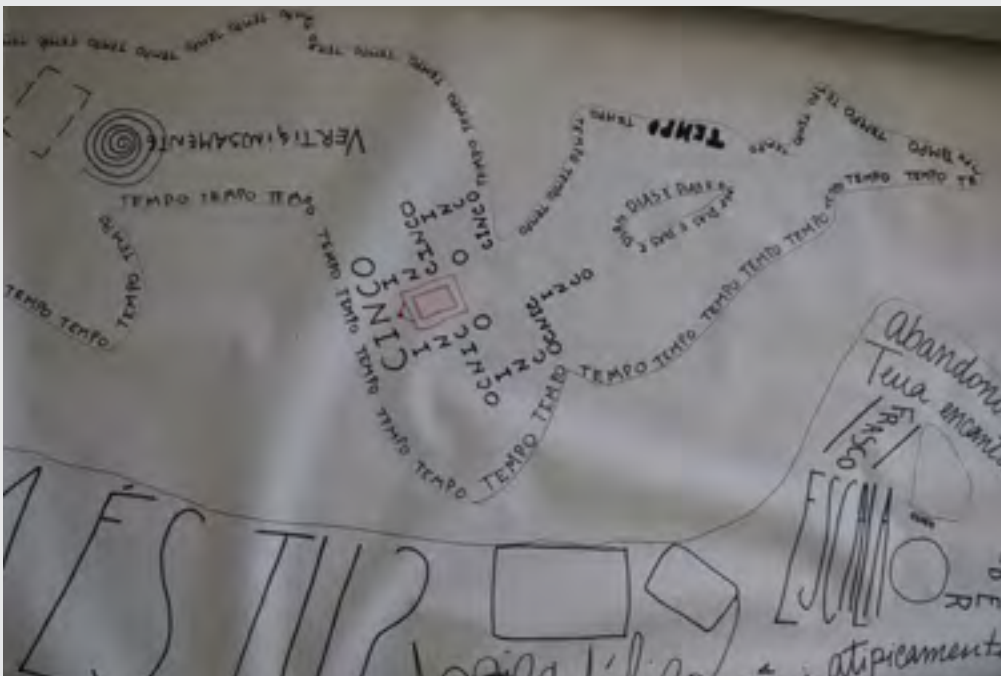
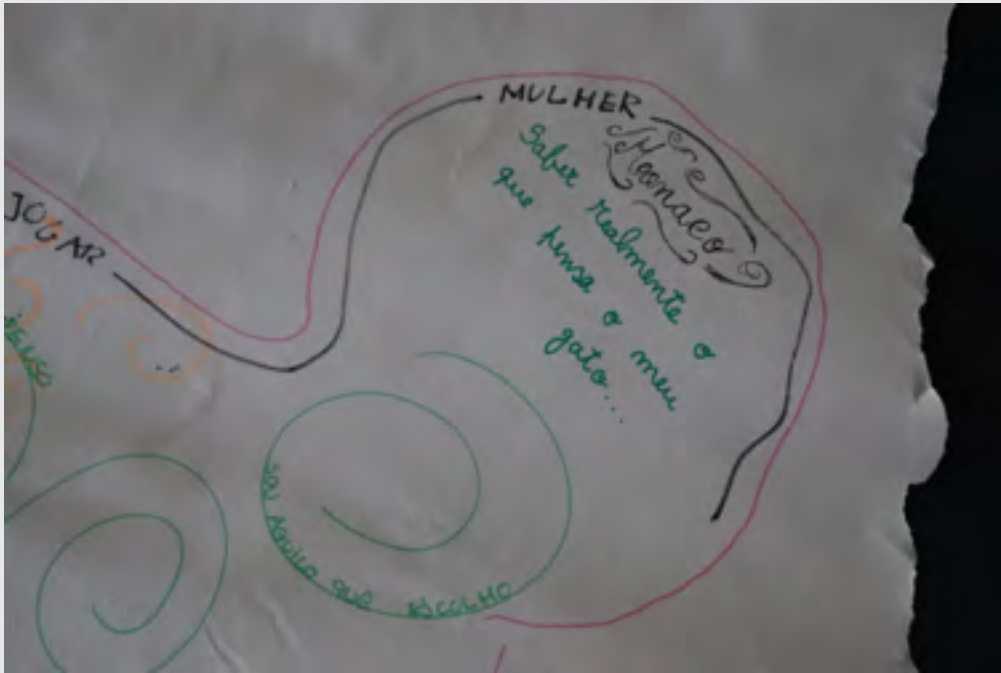
crescer ou não crescer...?

a grande pergunta, a grande resposta.

Para viajar sem nos perdermos de nós, foi preciso zelar pelo tamanho do corpo. As medidas percorridas por um fio de linha escura, claras à luz do dia e confundidas com os sonhos na noite. Um mapa onde nos inscrevemos. O nosso. Uma ilha. E nela o registo da vida que nos vai calhando e que co-construímos, mais enquanto personagens principais do que autores. Frases, imagens, objectos. Um livro próprio: um País das Maravilhas, uma Terra do Nunca.

Depois do pequeno almoço, todos regressámos impossivelmente a casa. Acesa a vontade de reler ou ler pela primeira vez cada palavra destas obras. De preferência em voz alta, a / para / com alguém, a fórmula maior para a viagem.



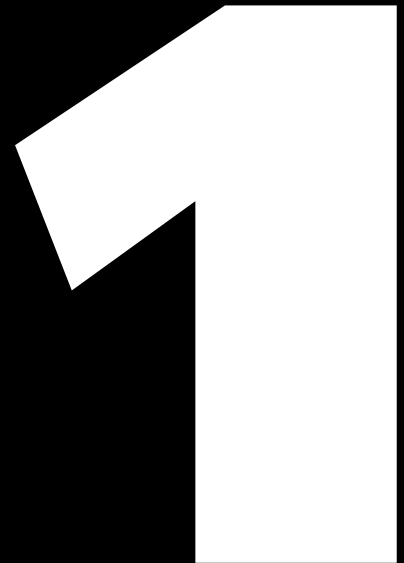


FOTOGRAFIAS © MANUEL MOREIRA

14

**DO OUTRO LADO
DO ESPELHO**

PROGRAMAÇÃO DIGITAL



DOCUMENTÁRIO *MAKING OF*
POR DETRÁS DA CORTINA

REALIZADO POR
ANTÓNIO MENDES



ESTREIA

**MAKING OF DO
CICLO FESTA DE DESANIVERSÁRIO**

POR DETRÁS DA CORTINA

Por Detrás da Cortina — documentário realizado por António Mendes — é o *making of*, em sete episódios temáticos curtos, do *Ciclo Festa de Desaniversário*, programa que se apresentou no CCB/Fábrica das Artes no decorrer de 2021. Ele regista o processo curatorial e laboratorial em criação artística para Todas as Infâncias na área da programação, criação e receção em artes performativas. Porque o registo escrito revelou-se insuficiente para refletir toda riqueza e complexidade dos eventos de natureza artística que se constituem como corpo deste trabalho, este documentário é parte integrante e complementar do livro digital *Por Detrás da Cortina: Labirintos de Alice*, oferecendo ainda ao leitor múltiplas vias de entrada nos acontecimentos de pesquisa, criação e apresentação artísticas.

EPISÓDIOS DO DOCUMENTÁRIO

- 1. Nascimento**
- 2. Residência**
- 3. Crescimento**
- 4. As novas crianças**
- 5. Música**
- 6. Figurinos**
- 7. Instalação**



REALIZAÇÃO E EDIÇÃO DE **JOÃO ESTRADA E ANTÓNIO MENDES**

A PARTIR DE FEV 2021



EPISÓDIO #1 NASCIMENTO

Foca-se sobre a gênese do projeto, da apresentação da estrutura programática, à constituição da equipa, distribuição de papéis e universos temáticos, trazendo as vozes da curadoria, direção artística e dos artistas-criadores.

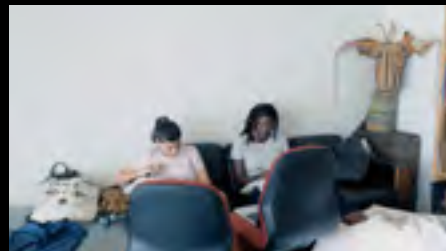
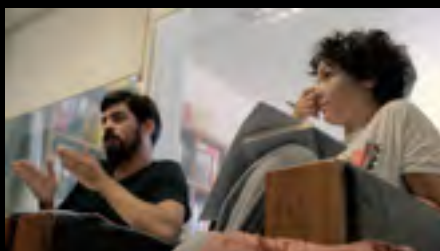


ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO: <https://youtu.be/qNg1eOFgh6k?si=ASz9uxHXIWUA2riA>



EPISÓDIO #2 *RESIDÊNCIA*

Foca-se na primeira semana de residência artística de criação conduzida artisticamente por **Maria Gil/ Teatro do Silêncio**, que decorreu no CCB/Fábrica das Artes no mês de agosto de 2020, momento que consolidou o grupo, a dimensão colaborativa do projeto e o arranque dos diversos processos criativos.



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO: <https://youtu.be/Ss-G62nXLgo?si=jXTpwdq6wWhaH3cW>



EPISÓDIO #3 CRESCIMENTO

Foca-se na segunda semana de residência artística de criação conduzida artisticamente por **Maria Gil**, com a atriz/bailarina **Leonor Keil** e o cenógrafo **Pedro Silva** (equipa do Teatro do Silêncio), que acompanharam o processo criativo da equipa dos quatro espetáculos – *Dois Ovos Irmãos* (**Bernardo Souto** e **Miguel Amorim**), *São Horas de Já* (**Catarina Rôlo Salgueiro** e **Vasco Batista**), *Quem és tu?* (**José Leite** e **Raquel Oliveira**) e *Não Me Calo* (**Cirila Bossuet** e **Isabel Costa**) e a equipa da instalação *Do Outro Lado da Toca* (**Alice Albergaria Borges**, **Beatriz Bagulho** e **Madalena Castro**).

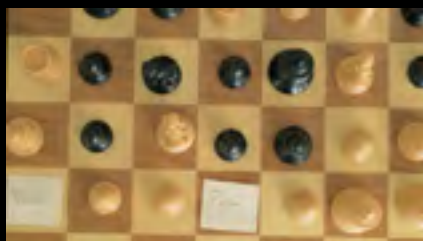


ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO: https://youtu.be/t1chOJbkD_Q?si=x03pZi0lkqy-HGwP



EPISÓDIO #4 AS NOVAS CRIANÇAS

Foca-se na participação de crianças dos Açores e do Brasil enquanto parceiros de pesquisa no decorrer da residência artística do ciclo *Festa de Desaniversário*. Através de parcerias com projetos em filosofia com crianças da Universidade dos Açores com **Magda Costa Carvalho** e da **Universidade Federal do Rio de Janeiro** com **Walter Omar Kohan**, abrimos espaços de partilha dos processos criativos, seguidos de momentos de reflexão em arte-filosofia, de modo a promover a relação dos artistas com estas crianças, a literacia artística e a interferência nos modos de pensar as infâncias.

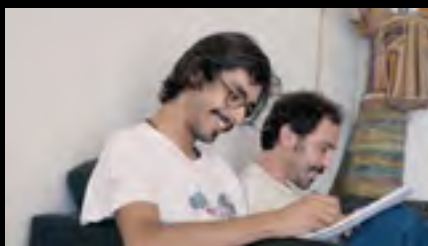


ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO: https://youtu.be/YT_RD7sBXFQ?si=6gEQ-fjCC1UFanR9



EPISÓDIO #5 MÚSICA

Foca-se nos processos de criação musical pelo **Conjunto Cuca Monga** (composição - **Fernão Bui** e mistura – **Diogo Rodrigues/Horse**) para todas as partes integrantes do projeto do CCB/Fábrica das Artes Ciclo *Festa de Desaniversário*.



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO: <https://youtu.be/3KQC8seuV8Q?si=iXdbic1dx3TB9lZH>

EPISÓDIO 6

FIGURINOS



EPISÓDIO #6 FIGURINOS

Foca-se na criação e produção de figurinos por **Alice Albergaria Borges**, **Beatriz Bagulho** e **Madalena Castro** para os quatro espetáculos – *Dois Ovos Irmãos* (**Bernardo Souto** e **Miguel Amorim**), *São Horas de Já* (**Catarina Rôlo Salgueiro** e **Vasco Batista**), *Quem és tu?* (**José Leite** e **Raquel Oliveira**) e *Não Me Calo* (**Cirila Bossuet** e **Isabel Costa**) do projeto do CCB/Fábrica das Artes Ciclo Festa de Desaniversário.



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO: <https://youtu.be/pk6ALoD8Fz8?si=H86zh0aAcEgSkuyi>



EPISÓDIO #7 INSTALAÇÃO

Foca-se no processo de criação e produção da instalação cenografada *Do Outro Lado da Toca* de **Alice Albergaria Borges**, **Beatriz Bagulho** e **Madalena Castro**, que integrou projeto do CCB/Fábrica das Artes Ciclo *Festa de Desaniversário*. Esta instalação criada para o espaço da Fábrica das Artes propôs um mundo único através de um conjunto de dispositivos onde cada participante pode editar a sua própria experiência.



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO: <https://youtu.be/G0aNRVPfY?si=CxPcPVT0tHGIY5sW>

2

ENTREVISTAS-VÍDEO
INDAGAÇÕES DE ALICE
REALIZAÇÃO E EDIÇÃO DE
ANTÓNIO MENDES E JOÃO ESTRADA

Página 81 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa,
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário

ENTREVISTAS EM VÍDEO

INDAGAÇÕES DE ALICÉ



Entrevistas vídeo realizadas pelas duplas de atores de Novos Criadores da Infância e profissionais de campos do conhecimento que se relacionam com as obras de Lewis Carroll: Walter Kohan (filósofo), Vasco Jesus (matemático), Margarida Vale de Gato (tradutora de Alice), Yasser Omar (Física Quântica).

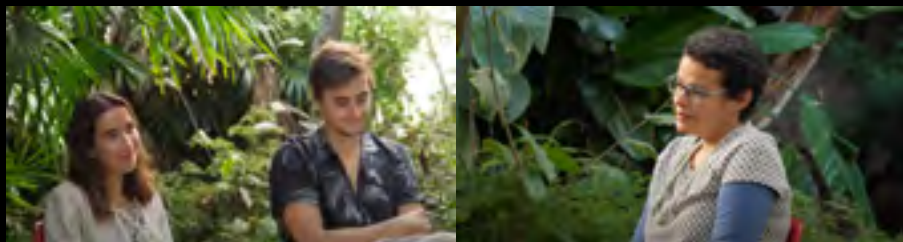
CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

DO
OUTRO
LADO DO
ESPELHO
PROGRAMAÇÃO
DIGITAL

REALIZAÇÃO E EDIÇÃO DE **JOÃO ESTRADA E ANTÓNIO MENDES**

A PARTIR DE FEV 2021

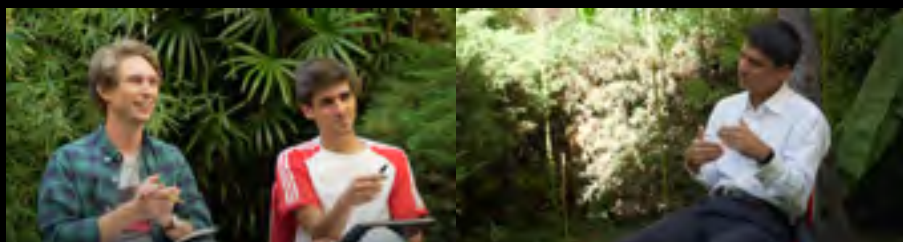
Como parte da programação digital do ciclo *Festa de Desaniversário*, a Fábrica das Artes do CCB apresenta quatro entrevistas, em seis partes, com pensadores de vários campos do conhecimento que se relacionam com as obras de Lewis Carroll. Realização e edição de João Estrada e António Mendes.



Durante o processo de criação do seu espetáculo ***São Horas de Já***, os atores **Catarina Rôlo Salgueiro** e **Vasco Batista** entrevistam **Margarida Vale de Gato**, tradutora de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, para satisfazer todas as curiosidades quanto ao que é, afinal, ser tradutor.



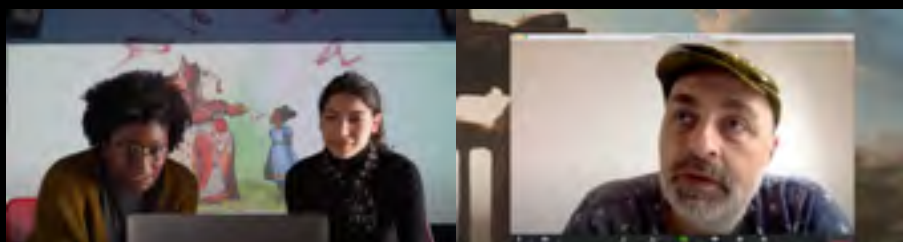
<https://www.youtube.com/watch?v=xcF5HFJRoJw>



Durante o processo de criação do seu espetáculo ***Dois ovos irmãos: Trambolhões e jigajogas***, os atores **Bernardo Souto** e **Miguel Amorim** entrevistam **Vasco Jesus**, matemático, para satisfazer todas as curiosidades quanto ao que é, afinal, viver com os números.



<https://www.youtube.com/watch?v=Rlk5BainM5M>



Durante o processo de criação do seu espetáculo ***Não Me Calo***, as atrizes **Cirila Bossuet** e **Isabel Costa** entrevistam **Walter Kohan**, filósofo e professor de Filosofia da Educação na Universidade do Rio de Janeiro, para satisfazer todas as curiosidades sobre a filosofia.



Parte I: <https://www.youtube.com/watch?v=c8t8yaKD27Q>
Parte II: <https://www.youtube.com/watch?v=vJX38upaTXI>



Durante o processo de criação do seu espetáculo ***Quem És Tu?***, os atores **Raquel Oliveira** e **José Leite** entrevistam **Yasser Omar**, professor e investigador de Física Quântica do Instituto Superior Técnico, para satisfazer todas as curiosidades quanto ao que é, afinal, a realidade.



Parte I: <https://www.youtube.com/watch?v=j6x0c2gMf9o>
Parte II: <https://www.youtube.com/watch?v=tg7ryi9Zn2YI>

3

AUDIOLIVRO

ALICE POR CUCA MONGA

Página 80 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário



LANÇAMENTO ONLINE POR CAPÍTULOS

ALICE POR CUCA MONGA

CUCA MONGA

PODCAST COM MÚSICA ORIGINAL
DO CONJUNTO CUCA MONGA

Uma edição especial que dá vida a duas das grandes obras da literatura criadas por Lewis Carroll e que foram o mote deste ciclo dedicado aos universos de Alice e seus companheiros de aventuras. Uma celebração da leitura em todas as suas formas com a música original da Cuca Monga. Um capítulo novo todas as sextas-feiras!

COPRODUÇÃO CCB / FÁBRICA DAS ARTES, TEATRO DO SILÊNCIO E CUCA MONGA

FEVEREIRO

DIA 5 Introdução + Poema de
*As Aventuras de Alice no País das
Maravilhas* de Lewis Carroll

+ CAPÍTULO 1: *No buraco do coelho*

DIA 12 CAPÍTULO 2: *O Lago de Lágrimas*

DIA 19 CAPÍTULO 3: *Uma Corrida Eleitoral e
Uma História Comprida*

DIA 26 CAPÍTULO 4: *A Encomenda
do Coelho*

MARÇO

5 MAR CAPÍTULO 5: *Conselhos de uma Lagarta*

DIA 12 CAPÍTULO 6: *Porco e Pimenta*

DIA 19 CAPÍTULO 7: *O Chá dos Loucos*

DIA 26 CAPÍTULO 8: *O Campo de Críquete
de Sua Majestade*

ABRIL

DIA 2 CAPÍTULO 9: *A História da Tartaruga
Fingida*

DIA 9 CAPÍTULO 10: *A Contradança das Lagostas*

DIA 16 CAPÍTULO 11: *Quem Roubou as Tartes?*

DIA 23 CAPÍTULO 12: *O Depoimento de Alice*

DIA 30 Prefácio de *Alice do Outro Lado
do Espelho* + Poema

+ CAPÍTULO 1: *A Casa do Espelho*

MAIO

DIA 7 CAPÍTULO 2: *O Jardim das Flores Vivas*

DIA 14 CAPÍTULO 3: *Os Insetos do Espelho*

DIA 21 CAPÍTULO 4: *Tuidledum e Tuidledim*

DIA 28 CAPÍTULO 5: *Lã e Água*

JUNHO

DIA 4 CAPÍTULO 6: *Humpty Dumpty*

DIA 11 CAPÍTULO 7: *O Leão e o Unicórnio*

DIA 28 CAPÍTULO 8: *«Fui Eu Que Inventei»*

DIA 25 CAPÍTULO 9: *A Rainha Alice*

JULHO

DIA 2 CAPÍTULO 10: *Sacudir*

DIA 9 CAPÍTULO 11: *Acordar*

DIA 16 CAPÍTULO 12: *Quem Sonhou?*

5 FEV A 16 JUL 2021

UM CAPÍTULO NOVO TODAS AS SEXTAS-FEIRAS / GRATUITO / M/5 ANOS

Uma edição especial de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, em formato de audiolivro. Acompanhados por música original do Conjunto Cuca Monga, os atores do ciclo *Festa de Desaniversário* a decorrer no CCB ao longo de 2021, dão vida às duas grandes obras que deram o mote a esta programação dedicada aos universos de Alice e seus companheiros de aventuras. Uma celebração da leitura em todas as suas formas.

FICHA TÉCNICA

Projeto inserido no Ciclo *Festa de Desaniversário*

Música e sonoplastia

Diogo Rodrigues

Fernão Biu

Conjunto Cuca Monga

Leitura

Bernardo Souto

Catarina Rôlo Salgueiro

Cirila Bossuet

Diogo Rodrigues

Fernão Biu

Flávia Duarte

Isabel Costa

José Leite

Madalena Wallenstein

Maria Gil

Miguel Amorim

Raquel Oliveira

Tomás Wallenstein

Vasco Batista

Direção de atores

Maria Gil

Tradução

Margarida Vale de Gato

Coprodução

CCB/Fábrica das Artes

Teatro do Silêncio

Conjunto Cuca Monga

AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS DE LEWIS CARROLL



OIÇA AQUI: <https://www.ccb.pt/evento/alice-por-cuca-monga-audiolivro/>



CAPÍTULO 1: NO BURACO DO COELHO

Conhece a história de *Alice no País das Maravilhas*? E que tal relembrar todos os detalhes com o Conjunto Cuca Monga?



CAPÍTULO 3: UMA CORRIDA ELEITORAL E UMA HISTÓRIA COMPRIDA

Quem será que ganhou esta corrida eleitoral? E qual será o prémio? O dodú, o pato, o rato e todos os outros animais contam neste novo capítulo...



CAPÍTULO 5: CONSELHOS DE UMA LAGARTA

O que será que a Lagarta vai ensinar a Alice? Descobre neste novo episódio...



CAPÍTULO 2: O LAGO DE LÁGRIMAS

Como sairá Alice do lado das suas próprias lágrimas? E será a única a nadar por ali? Vamos descobrir neste episódio...



CAPÍTULO 4: A ENCOMENDA DO COELHO

Alice entra num dilema... Se nunca mais crescer, terá de continuar a aprender as lições... Como resolver esta questão?



CAPÍTULO 6: PORCO E PIMENTA

Alice encontra uma personagem curiosa no seu percurso pelo País das Maravilhas... Será um sorriso? Mas de quem? Descobre já no sexto episódio!



**CAPÍTULO 7:
O CHÁ DOS LOUCOS**

Será que há lugar para Alice na mesa, neste chá de perder a cabeça? Descubra agora neste novo capítulo...



**CAPÍTULO 9:
A HISTÓRIA DA
TARTARUGA FINGIDA**

E qual é a moral da história? A Duquesa tem sempre a resposta na ponta da língua!



**CAPÍTULO 11:
QUEM ROUBOU AS TARTES**

O que será que leu o Coelho Branco no pergaminho que desenrolou? Vamos ouvir o resto da história?



**CAPÍTULO 8:
O CAMPO DE CROQUETE
DE SUA MAJESTADE**

Alice conhece a realeza... Será um encontro feliz? Para descobrir neste novo capítulo!



**CAPÍTULO 10:
A CONTRADANÇA
DAS LAGOSTAS**

Queres, não queres, queres, não queres... entrar na dança... Será que todos querem entrar na contradança das lagostas?



**CAPÍTULO 12:
O DEPOIMENTO DE ALICE**

E a aventura continua...

ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO DE LEWIS CARROLL



OIÇA AQUI: <https://www.ccb.pt/evento/alice-por-cuca-monga-audiolivro/>



CAPÍTULO 1: A CASA DO ESPELHO

A aventura de Alice continua, agora Do Outro Lado do Espelho... Vamos ouvir?



CAPÍTULO 3: OS INSETOS DO ESPELHO

É claro que a primeira coisa a fazer era examinar a região que ia percorrer.



CAPÍTULO 5: LÃ E ÁGUA

Quantas coisas impossíveis já imaginaste hoje? A Rainha Branca já conta com 6, ainda antes do pequeno-almoço!



CAPÍTULO 2: O JARDIM DAS FLORES VIVAS

Será que um passeio pelo jardim reserva mais do que apenas admirar as bonitas flores?



CAPÍTULO 4: TUIDLEDUM E TUIDLEDIM

Estavam plantados debaixo de uma árvore, com o braço à volta do pescoço um do outro.



CAPÍTULO 6: HUMPTY DUMPTY

O que será um «desaniversário»? Humpty Dumpty explica neste novo capítulo de Alice do Outro Lado do Espelho...



**CAPÍTULO 7:
O LEÃO E O UNICÓRNIO**

O Leão e o Unicórnio lutavam pela coroa... O Leão e o Unicórnio batiam-se à toa...



**CAPÍTULO 9:
A RAINHA ALICE**

Neste capítulo, Alice não esperava ser rainha tão cedo. Tudo lhe parecia tão estranho, que não ficou nada espantada ao encontrar a Rainha Branca e a Rainha Vermelha sentadas ao seu lado...



**CAPÍTULO 11:
ACORDAR**

E agora, o décimo primeiro capítulo – *Acordar*.



**CAPÍTULO 8:
FUI EU QUE INVENTEI**

Alice quer ser rainha, mas antes, conhece um cavaleiro branco montado num cavalo, mas que montava muito mal...

De todas as coisas esquisitas que Alice viu do outro lado do espelho, esta foi aquela que recordou mais nítidamente.



**CAPÍTULO 10:
SACUDIR**

À medida que Alice a abanava, continuava a diminuir, e a engordar, e parecia mais fofa e mais redonda, e...



**CAPÍTULO 12:
QUEM SONHOU?**

Quem foi de facto que sonhou? A não ser que todos façamos parte do mesmo sonho... Chegámos ao fim da história de *Alice do Outro Lado do Espelho*

4

VIDEOJOGO

DO OUTRO LADO DA TOCA

GAMEDEV TÉCNICO

Página 77 do programa
Entre Arte E Educação,
temporada 20/21, Centro
Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário
da programação digital
Do Outro Lado do Espelho



ILUSTRAÇÃO DE **BEATRIZ BAGULHO** A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR JOHN TENNIEL

VIDEOJOGO

DO OUTRO LADO DA TOCA - O VIDEOJOGO

GAME DEV TÉCNICO



Partindo da instalação *Do Outro Lado da Toca*, de Alice Albergaria Borges, Beatriz Bagulho e Madalena Castro e com música do conjunto Cuca Monga, a Fábrica das Artes convidou uma equipa de jovens chapeleiros loucos do Instituto Superior Técnico para desenvolver um videojogo passado no universo de Alice, de Lewis Carroll. Através de várias experiências com diferentes estilos de jogabilidade, lançadas faseadamente entre fevereiro e julho, o jogador é convidado a assumir o papel de Alice e, com ela, cair para dentro do buraco do coelho para explorar o Mundo das Maravilhas.

Neste jogo, Alice enfrenta alguns desafios peculiares, na forma de minijogos, que exigem do jogador uma boa capacidade de adaptação a novas realidades para ser bem-sucedido.

O desenvolvimento do videojogo será coordenado pelo Game Dev Técnico, um núcleo de estudantes que desenvolvem jogos do Instituto Superior Técnico, com o apoio do Laboratório de Jogos do Técnico.

UMA PARCERIA CCB / FÁBRICA DAS ARTES E INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

EQUIPA INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO PRODUÇÃO **DIOGO RATO**
PROGRAMAÇÃO **JORGE NUNES, ANDRÉ ANTUNES, PEDRO SOARES** DESIGN **SOFIA SANTOS**

3 FEV ATÉ JUL 2021 ¹

GRATUITO

¹ LANÇAMENTO FASEADO A PARTIR DE 3 DE FEVEREIRO ATÉ JULHO





Devido a uma desatualização da plataforma na qual o jogo foi desenvolvido, este já não cumpre com os requisitos de manutenção das plataformas *Google Play Store* e *App Store*, tendo sido removido pelas mesmas.



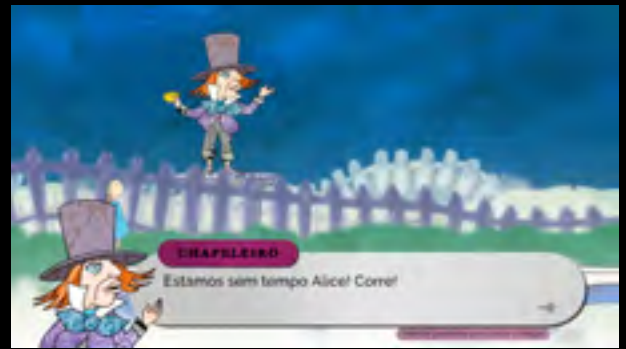
ASSISTA AQUI AO *TEASER* DO VIDEOJOGO NO *SITE* CCB:

<https://www.ccb.pt/evento/do-outro-lado-da-toca-o-videojogo/>



TEASER DO JOGO





5

FILMINHOS PARADOXOS

TEATRO DO SILÊNCIO
- A PARTIR DO ESPETÁCULO
PARADOXOS DE ALICE

Página 78 do programa
Entre Arte e Educação,
temporada 20/21,
Centro Cultural de Belém /Lisboa.
referente às atividades do
Ciclo Festa de Desaniversário

ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BACULHO



VÍDEO

FILMINHOS PARADOXOS

TEATRO DO SILÊNCIO - A PARTIR DO
ESPETÁCULO *PARADOXOS DE ALICE*

CICLO
FESTA DE
DESANI-
VERSÁRIO

DO
OUTRO
LADO DO
ESPELHO
PROGRAMAÇÃO
DIGITAL

Apresentamos oito *filminhos* inspirados no mundo onírico criado para o espetáculo *Paradoxos de Alice*. Em cada *filminho* apresenta-se um paradoxo particular que deixa a nossa Alice - a bailarina Leonor Keil - muito intrigada.

Espreita para o outro lado do espelho e segue a Alice nas suas aventuras!

Filminhos Paradoxos

1. A queda

Palavras, ideias e coisas

2. A lagarta

Preocupações metafísicas

3. O Chapeleiro e a Lebre de Março

Matar o tempo

4. Gato

Um Gato Quântico

5. O Livro

Um sonho é um sonho de um sonho que é um sonho de um sonho

6. Humpty Dumpty

364 Presentes de desaniversário e um ovo ob-nó-xi-o

7. A Rainha

Corridas, verdades e outras maldades

8. Alice

Escorregadelas de tempo

DIREÇÃO **MARIA GIL** (A PARTIR DAS OBRAS *AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* E *ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO*, DE LEWIS CARROLL)

DRAMATURGIA FILOSÓFICA **RITA PEDRO** APOIO DRAMATÚRGICO **GIL TEIXEIRA**

INTERPRETAÇÃO **LEONOR KEIL & GUESTS** BANDA SONORA **GIL TEIXEIRA**

CONCEÇÃO PLÁSTICA **PEDRO SILVA** FIGURINOS **MIGUEL BONNEVILLE**

VÍDEOS E DIRETOS **ANTÓNIO MENDES** E **JOÃO ESTRADA** ANIMAÇÃO E EDIÇÃO **BEATRIZ BAGULHO**

COPRODUÇÃO **TEATRO DO SILÊNCIO** E **CCB / FÁBRICA DAS ARTES**

O TEATRO DO SILÊNCIO É UMA ESTRUTURA FINANCIADA POR **REPÚBLICA PORTUGUESA - CULTURA / DIREÇÃO GERAL DAS ARTES** E PELA **JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE**

A PARTIR DE ABRIL 2021

TODAS AS QUARTA-FEIRAS / GRATUITO / M/8 ANOS

DURAÇÃO 3 A 5 MINUTOS (CADA FILME)



FILMINHOS PARADOXOS

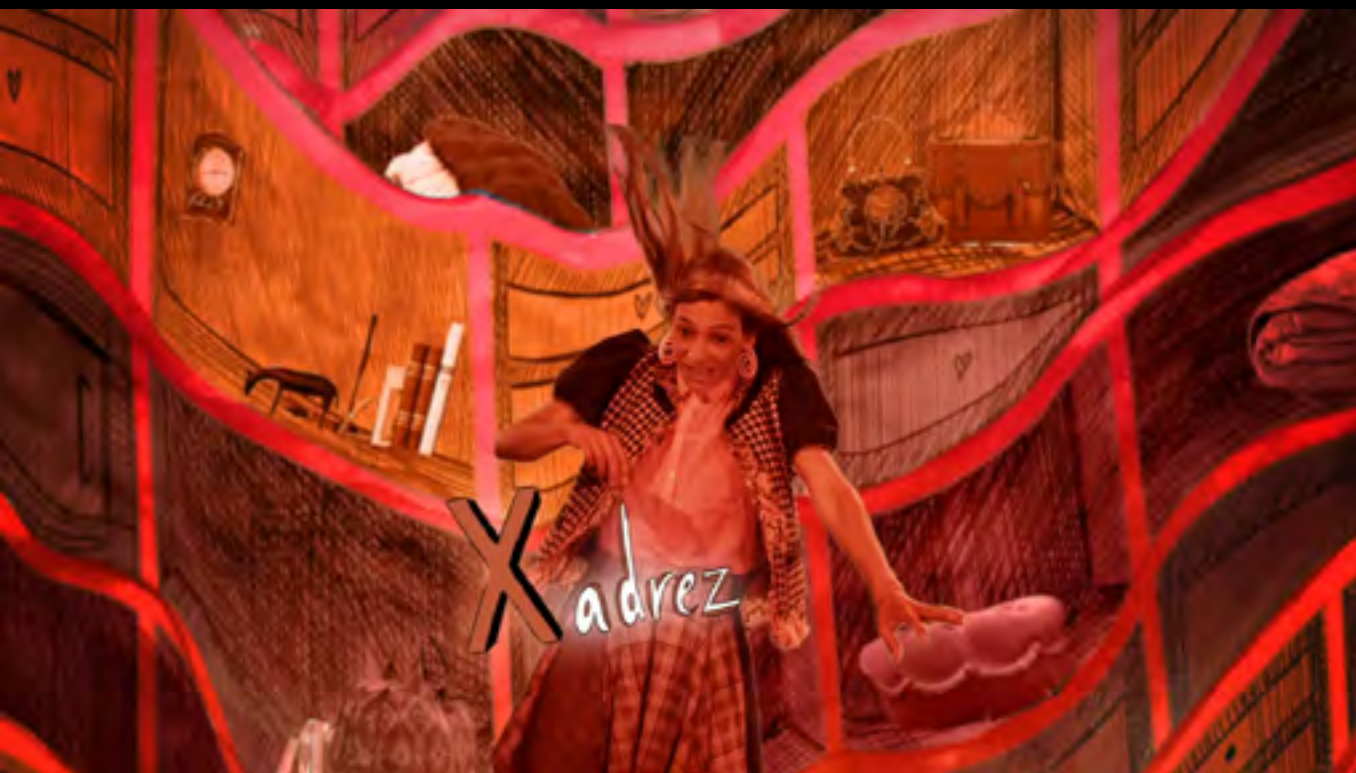
DIREÇÃO ARTÍSTICA DE **MARIA GIL**

Filminhos Paradoxos são uma série de oito curtas-metragens inspiradas no universo onírico das obras de Lewis Carroll - *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*. Este projeto tem a direcção artística de Maria Gil, realização de Beatriz Bagulho e integrou a *Festa de Desaniversário* da Fábrica das Artes do Centro Cultural de Belém, numa coprodução entre o Teatro do Silêncio e o Centro Cultural de Belém.



ACEDA AQUI AOS FILMINHOS PARADOXOS NO SITE CCB:

<https://www.ccb.pt/evento/filminhos-paradoxos/>





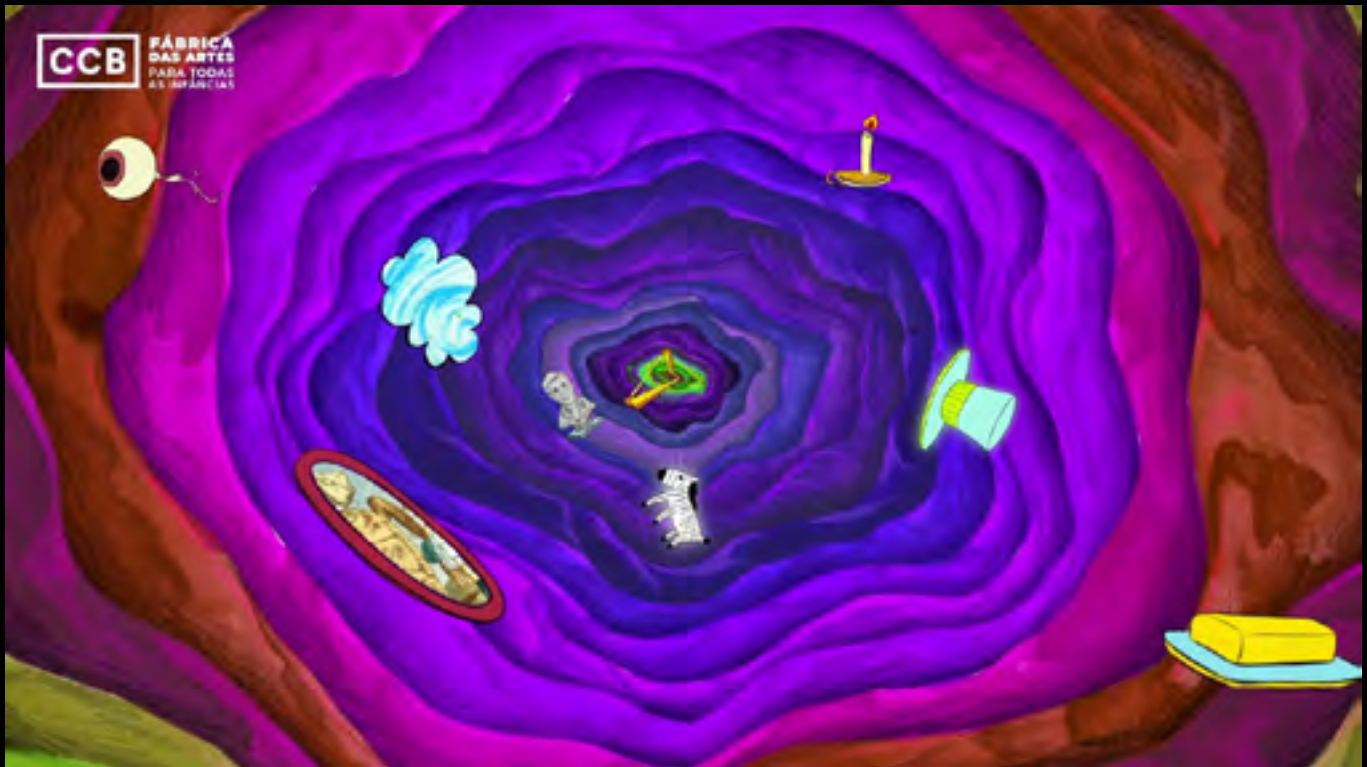












FILMINHO #1 A QUEDA

Palavras, ideias e coisas

Alice está a brincar no seu quarto quando de repente ouve um barulho e repara na sombra de um coelho que atravessa o seu quarto para desaparecer atrás da cortina vermelha. Alice descobre uma portinha que abre cuidadosamente. É uma entrada para a toca debaixo da terra! Subitamente, a toca começa a invadir o seu quarto e quando dá por si, Alice está a cair num túnel muito particular, onde letras se transformam em palavras que se transformam em coisas que se juntam a outras coisas formando binómios fantásticos. O túnel

parece infinito e a queda de Alice interminável até que aterra num monte de folhas secas. Alice, Leonor Keil, mede agora oito centímetros e acaba de chegar ao País das Maravilhas.

Perguntas para ti:

O que é ler?

O que está dentro de uma palavra?

Se chamar uma coisa a outra coisa, será que a minha ideia dessa coisa muda?

O que há dentro da garrafa?

Será que as coisas estão sempre a mudar?

O que é que muda quando mudamos de tamanho?



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO:

<https://www.youtube.com/watch?v=Z-gPITnSc9A>



FILMINHO #2. A LAGARTA

Preocupações metafísicas

Alice corre por um jardim seguindo uma nuvem que parece indicar-lhe o caminho a seguir. Inesperadamente, encontra a Lagarta Azul que surge de um ecrã-cogumelo e que lhe coloca a pergunta «Quem és tu?». Alice tenta responder à Lagarta percorrendo uma série de inquietações que mais não são do que formas de compreendermos a relação com o tempo e a mudança. A Lagarta deixa-lhe um conselho e ainda dois pedacinhos de cogumelo.

Perguntas para ti:

Onde está a Lagarta?

O que é estar presente?

O que muda em nós com a experiência?

É possível responder à pergunta, “quem és tu?”

Porque é que uma pergunta faz mudar o que sabemos?

E se acordasses outra pessoa?



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO:

<https://www.youtube.com/watch?v=6EZmjB9Krqw>

Teatro do Silêncio apresenta a série

Filminhos Paradoxos

episódio #3

FILMINHO #3. O CHAPELEIRO E A LEBRE DE MARÇO

Matar o tempo

Alice está a brincar no seu quarto quando de repente ouve um barulho e repara na sombra de um coelho que atravessa o seu quarto para desaparecer atrás da cortina vermelha. Alice descobre uma portinha que abre cuidadosamente. É uma entrada para a toca debaixo da terra! Subitamente, a toca começa a invadir o seu quarto e quando dá por si, Alice está a cair num túnel muito particular, onde letras se transformam em palavras que se transformam em coisas que se juntam a outras coisas formando binómios fantásticos. O túnel parece infinito e a queda de Alice interminável

até que aterra num monte de folhas secas.

Alice, Leonor Keil, mede agora oito centímetros e acaba de chegar ao País das Maravilhas.

Perguntas para ti:

O que é ler?

O que está dentro de uma palavra?

Se chamar uma coisa a outra coisa, será que a minha ideia dessa coisa muda?

O que há dentro da garrafa?

Será que as coisas estão sempre a mudar?

O que é que muda quando mudamos de tamanho?



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO:

<https://www.youtube.com/watch?v=an1GTqITjuo>



FILMINHO #4. GATO

Um Gato Quântico

Alice é agora tão pequena como um átomo e neste espaço quântico depara-se com uma figura tão simpática quanto assustadora - o Gato de Cheshire. Alice começa por temer este estranho Gato que ri, mas depois pede-lhe ajuda para encontrar um caminho para outro lugar e a resposta é tão surpreendente quanto enigmática.

Perguntas para ti:

Será que se andarmos o suficiente chegamos mesmo a algum lado?
O que é que fazemos enquanto esperamos?
O que depende do Gato?
Somos nós que escolhemos os caminhos ou são os caminhos que nos escolhem?
O sítio para onde quero ir ajuda a decidir para onde vou?
Estamos sempre à espera de alguma coisa?



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO:

<https://www.youtube.com/watch?v=UY4Pd2A7Crg>



FILMINHO #5. O LIVRO

***Um sonho é um sonho de um sonho
que é um sonho de um sonho***

Este filme começa com um livro de histórias que tem o título, *Isto não é um livro*. No filme, umas mãos abrem o livro onde se vê a ilustração original de Sir John Tenniel do Rei Vermelho a sonhar no Outro Lado do Espelho. Começa-se a contar uma história infinita, a cada página um novo desenho que ilustra a história contada aqui pelos irmãos, Tweedledee Tweedledum (Leonor Keil e Gonçalo Alegria respectivamente). Afinal de contas, com quem é que o rei está a sonhar? Conosco? Então nós somos reais ou parte de um sonho?

Perguntas para ti:

Para onde é que irias se o Rei deixasse de sonhar contigo?

Quando é que uma história acaba?

Como é que sabemos que estamos a sonhar?

Onde é que fica o meio de uma história?



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO:

<https://www.youtube.com/watch?v=wODgZqrFcnQ>



FILMINHO #6. HUMPTY DUMPTY

364 Presentes de desaniversário e um ovo ob-nó-xi-o

Neste filme, Humpty Dumpty é uma marionete, manipulada pela marionetista Ana Enes, com voz de Gonçalo Alegria, que está em cima de um muro num belo jardim e que Alice encontra inesperadamente. Alice tem medo que Humpty Dumpty caia, mas Humpty Dumpty parece preferir explicar-lhe porque é que é melhor celebrar o desaniversário do que o aniversário. Alice está cada vez mais confortável com estas personagens tão peculiares, será que Alice mudou? O filme termina com o som de uma grande trovoada, a Rainha aproxima-se...

Perguntas para ti:

Uma palavra pode querer dizer muitas coisas diferentes?

Uma palavra pode querer dizer o seu oposto?

Um silêncio pode dizer muitas coisas como uma palavra?

O que é ser bonita?



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO:

<https://www.youtube.com/watch?v=LFTVjeYy-uQ>



FILMINHO #7. A RAINHA

Corridas, verdades e outras maldades

Estamos num tabuleiro de xadrez. Alice avança uma casa e encontra a Rainha Vermelha. Leonor Keil interpreta ambas as personagens. Alice quer saber qual é o melhor caminho, mas a Rainha Vermelha começa a correr sem sair do mesmo sítio. Alice corre com ela. Parece que, no Outro Lado do Espelho, as leis do espaço são diferentes. Aqui corre-se muito para se ficar sempre no mesmo lugar e o dobro para se chegar a algum lado. A Rainha Vermelha dá muitos conselhos a Alice, mas há um que parece ser especial.

Perguntas para ti:

Quando é que te sentes muito esperta?
Como fazemos para não esquecer quem somos?
O que nos acontece quando falamos outra língua?
Quando perdemos uma memória ficamos menos quem somos?
Quando experimentamos, identificamos melhor o que queremos?



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO:

<https://www.youtube.com/watch?v=YJLOSTBxMaE>



FILMINHO #8. ALICE

Escorregadelas de tempo

Este filme volta a misturar a técnica do cinema de animação com o cinema real. O argumento não descreve diálogos, pois não há texto dito neste filminho, mas um conjunto de acções que acontecem num camarim de teatro onde se vê Leonor Keil a olhar-se ao espelho enquanto transita de Alice para Leonor. Vão surgindo todas as personagens que Alice-Leonor encontrou ao longo do caminho. Alguém chama por Leonor que deixa o camarim, não sem antes hesitar e olhar de novo para o espelho. Vê-se Leonor a deixar o espaço do teatro, símbolo da

ficção e a entrar na cidade de Lisboa, símbolo do real. Tal como em todos os filminhos, tal como Alice-Leonor, alternamos entre a ficção e o real sabendo agora que estas distinções não são fixas, mas escorregadiças.

Perguntas para ti:

Qual a diferença entre o que acontece nos bastidores e o que acontece no palco?

O que é que vemos quando nos olhamos ao espelho?

O que é que nos acontece quando chegamos a um fim?

Como é que o que acontece na ficção (palco, filme, livro, etc.) aparece no dia a dia?



ASSISTA AQUI AO EPISÓDIO:

<https://www.youtube.com/watch?v=7C-7ePudea4>

6

CADERNO DE CAMPO
DO OUTRO LADO DA TOCA
CRIAÇÃO ARTÍSTICA DE
ALICE ALBERGARIA BORGES,
BEATRIZ BAGULHO E MADALENA CASTRO



DO OUTRO LADO DA TOCA

Caderno de campo

CCE FÁBRICA DAS ARTES

CCE FÁBRICA DAS ARTES

AV. DA LIBerdade, 126

FÁBRICA PORTUGUESA DE ARTE DIGITAL

CCB

FÁBRICA DE ARTE DIGITAL

LISBOA

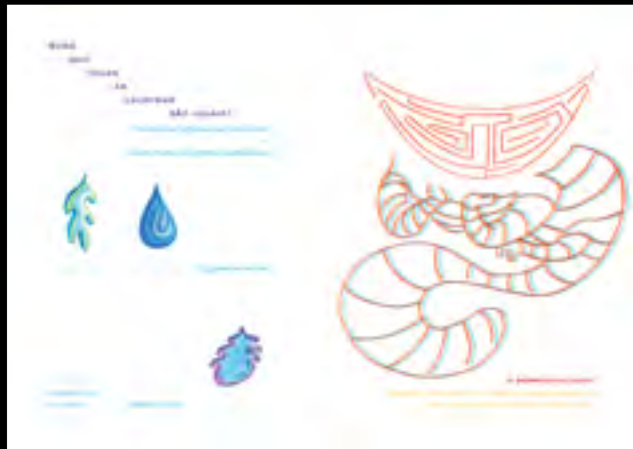
UNIDADE TERRA PAULISTA

RTP

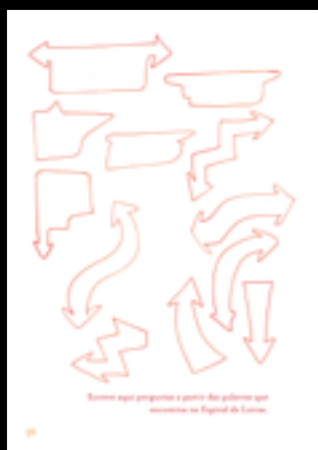


DESCARREGUE AQUI O PDF:

<https://www.ccb.pt/wp-content/uploads/2025/01/CADERNO-DOOUTROLADODATOCA-digital.pdf>







15

ANEXOS
BIOGRAFIAS
FICHA TÉCNICA

CICLO FESTA DE DESANIVERSÁRIO

BIOGRAFIAS



Alice Albergaria Borges

Alice Albergaria Borges é formada em Design Têxtil pela Chelsea College of Arts (UAL, Londres). Atualmente frequenta o mestrado em Design de Produto na ESAD.CR. Especializada em tecelagem manual, crochet e tinturaria natural, interessa-se pela dimensão imaterial dos têxteis, em questões ligadas ao património e à sustentabilidade, pelo que se tem envolvido em projetos de várias naturezas artísticas.



António Mendes

António Mendes nasceu em Columbia, Missouri, EUA, em Abril de 1991. Foi o representante da juventude portuguesa no programa europeu 27 Times Cinema no 68.º Festival de Veneza antes de se licenciar em Montagem pela Escola Superior de Teatro e Cinema (2017). Desde então tem trabalhado em publicidade como realizador e montador em diversas campanhas premiadas. Também realizou videoclipes para a banda ZARCO e *As Crianças Loucas* e filmes promocionais para diversas companhias de teatro.



Beatriz Bagulho

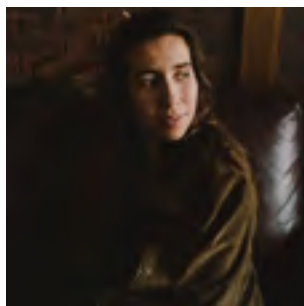
Já desde criança que Beatriz Bagulho adorava desenhar e inventar histórias. Estudou Design de Comunicação na António Arroio, e depois Animação em Inglaterra, onde aprendeu a dar movimento e “vida” aos seus desenhos e personagens. Trabalha enquanto ilustradora e animadora, criando desenhos para livros, espetáculos, filmes e séries. Dedicar-se principalmente a projetos infanto-juvenis. Tem um carinho especial por projetos que se cruzam com a música, como *O Sétimo Sol*, pois tocou violino no Conservatório e cantou em óperas infantis durante vários anos. É autora de duas curtas-metragens de animação, *Corporealitis* (2018) e *(In)Dividual* (2019), e entre os livros que ilustrou encontra-se *Em Andante Appassionato* (OPART e Imprensa Nacional, 2022), *A Menina do Mar* (Valentim de Carvalho, 2019) e *A Cidade* (CCB, 2018).



Bernardo Souto

Bernardo Souto nasceu em Lisboa em 1991. Começou a sua formação em 2008-2012 na Escola Profissional de Teatro de Cascais. Estreou-se em 2011 com o espetáculo *As Bruxas de Salem* (PAP) no TEC. É licenciado em Teatro, no ramo de Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema IPL 2011-2014. Frequentou os *workshops* com Miguel Seabra *E se um dia tudo*, João Garcia Miguel *O Corpo Inconsciente*, Cathleen McCarron *Voz e texto: Dizer Shakespeare*, Marcia Haufrecht *O Método* e Manuel Pureza *Construção de uma Personagem*, que foram relevantes para a sua formação artística. Trabalha como actor desde 2011

com companhias de teatro; tais como: TEC (2011/20), Artistas Unidos (2013), Teatro da Cornucópia (2014/18), Companhia de Teatro de Almada (2017/20), Teatro Tapafuros (2017/22), Companhia de Actores (2021/2022). É um dos membros fundadores do Teatro da Cidade (2016). Nos últimos anos tem trabalhado com a Fábrica das Artes – CCB, fazendo parte da equipa de novos criadores – Educar pela Arte. Colabora frequentemente em projetos de mediação de públicos com a Câmara dos Ofícios, Óbidos Criativa, Coulturetours. Faz parte da equipa de Dr.s palhaços da Operação Nariz Vermelho.



Catarina Rôlo Salgueiro

Nasceu em Lisboa em 1991. É diplomada em Teatro – Ramo Actores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema e cocriadora do colectivo artístico Os Possessos. Como atriz, trabalhou com Maria João Luís/Teatro da Terra, Maria Duarte, Ricardo Neves-Neves/ Teatro do Eléctrico, Teresa Coutinho, Susana Gaspar, Teatro da Cidade, UmColectivo, Teatro Tapafuros, Byfurcação, Teatro Bocage, Companhia da Esquina, Teatro de Carnide e colaborou com o coletivo Building Conversation, no Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII). Com Os Possessos, participou em *Rapsódia Batman* (2014), *II – A mentira* (2015), *Marcha Invencível* (2017), *O Novo Mundo* (2018), *Maratona de Manifestos* (2021) e *A Nossa Cidade* (2021), tendo assinado as criações de *A Bolha* (2019), em conjunto com João Pedro Mamede, e *Ainda Marianas* (2022), em conjunto com Leonor Buescu. Assina ainda a criação de *Para acabar com o julgamento de deus*, de Antonin Artaud (2022), em conjunto com Jenna Thiam e Surma. Fez assistência de encenação a Ricardo Neves-Neves (*A Noite da Dona Luciana*, de Copi, e *Encontrar o Sol*, de Edward Albee) e a Tiago Rodrigues (*Sopro*, de Tiago Rodrigues). Em cinema trabalhou nos filmes *Verão Danado* e *By Flavio*, de Pedro Cabeleira, *A Herdade*, de Tiago Guedes e *Sombras Brancas*, de Fernando Vendrell. Em televisão trabalhou com Fernando Vendrell (*3 Mulheres*) e na peça televisiva de Ricardo Neves-Neves para a RTP2 (*A Preceptora*).



Cirila Bossuet

Nascida em Lisboa, com descendência angolana. Formação do Curso de Artes do Espetáculo – Interpretação (em Sintra) e Escola Superior de Teatro e Cinema, ramo atores. Foi estagiária do Teatro Nacional D. Maria II na temporada 2016/17 onde trabalhou com os encenadores Miguel Fragata e João Brites. Trabalhou com o encenador Carlos J. Pessoa (Teatro da Garage) na sua recente criação – *DISPLAY*. Atualmente integra o elenco da peça: *TEATRO* de Pascal Rambert, no Teatro Nacional D. Maria II.



Cuca Monga

O Conjunto Cuca Monga reúne os artistas da editora numa só banda. Originalmente, na sua formação em 2016, tocavam canções uns dos outros (Capitão Fausto, B1SHPO, El Salvador, Luís Severo e Ganso) em digressões pelo país. Em 2020, durante a pandemia, gravaram o álbum *Cuca Vida* que juntou todos os artistas à distância (Juntando-se ao Conjunto os Zarco, Rapaz Ego e Reis da República). Em 2021 e 2022 o Conjunto Cuca Monga tocou por todo o país passando por festivais como o Super Bock Super Rock, o Vodafone Paredes de Coura, o North Music Fest e o Sol da Caparica, tocando este álbum mas também respeitando o seu mote inicial: o de ser um espaço onde os artistas da editora podem tocar canções uns dos outros num espírito de amizade e camaradagem. Atualmente integram o Conjunto Cuca Monga 20 músicos.



Dina Mendonça

Dina Mendonça (Ph.D. Universidade da Carolina do Sul, EUA, 2003) é investigadora do Instituto de Filosofia da Nova, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Trabalha nas áreas da Filosofia das Emoções e da Filosofia para Crianças. Ensina Filosofia da Mente e Didática da Filosofia na mesma universidade e leciona, também por convite, no Mestrado de Filosofia para Crianças na Universidade dos Açores. É autora do livro *Brincar a Pensar?* (Plátano, 2011) em parceria com a educadora Maria João Lourenço.



Dora Batalim Sottomayor

Dora Batalim licenciou-se em Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É pós-graduada em Sociologia da Comunicação e Cultura e em Ciências da Educação. Tem mestrados em Livros e Leitura para crianças e Jovens e em Didática da Literatura, ambos pela Universidade Autónoma Barcelona. É coordenadora pedagógica da Pós-Graduação em Livro Infantil da Universidade Católica e professora de Literatura Infantil e de outras disciplinas que cruzam as Artes e a Educação na ESEI Maria Ulrich|ISPA, nos cursos de licenciatura e mestrado. Integra a Direção Pedagógica do Colégio Pestalozzi. Foi jurada do Prémio Nacional de Ilustração em três das suas edições. Integrou equipas de Serviços Educativos, como a do CAM da Fundação Calouste Gulbenkian ou a do Museu Berardo. Faz parte da rede de especialistas da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), do PNL2017 e do Plano Nacional das Artes, na criação e orientação de formações para público especializado. Traduz livros infantis.



GameDev Técnico

Somos um núcleo de estudantes (licenciatura, mestrado e doutoramento) do Instituto Superior Técnico dedicado ao desenvolvimento de videojogos e áreas afins.

O nosso principal objetivo é em criar um ambiente que permita aos criadores de jogos não profissionais, melhorarem as suas habilidades no desenvolvimento de videojogos, acelerar ideias com outros entusiastas e participar em projetos com instituições e empresas estabelecidas para melhorar o seu portfólio.



Isabel Costa

Isabel Costa, também conhecida como Isabel Rodrigues Costa é atriz e encenadora. Trabalha em teatro, cinema e em curadoria de artes visuais e artes performativas. É diplomada em teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema, tendo completado a sua formação na Universidade de Warwick (Inglaterra) e na UNIRIO, no Rio de Janeiro. É membro da companhia de teatro Os Possessos desde 2014. Na área da curadoria trabalhou no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, na Galeria Luis Serpa e na galeria Primner. Em 2016 termina o mestrado Erasmus Mundus Crossways in Cultural Narratives, tendo passado por pela Universidade Nova de Lisboa, pela Universidade de Perpignan, em França, e pela Universidade de Guelph, no Canadá. Em cinema, trabalhou com Miguel Clara Vasconcelos, Miguel Nunes, Guilherme Daniel, Pedro Neves Marques, Leonor Noivo e Susana Nobre. Em 2017 apresenta a sua primeira criação *Estufa-Fria-A Caminho de uma Nova Esfera de Relações* na Bienal de Jovens Criadores, e a primeira edição do Projeto Manifesta. Em 2019 dirige as criações *Maratona de Manifestos* e *Salão Parao Século XXI*. Apresentou o seu trabalho no Museu MAAT, no Teatro Municipal do Porto – Rivoli, no Festival Cumplicidades, na Galeria Hosek Contemporary, em Berlim, e no Festival Temps D'Images. Em 2020/21 assina a curadoria do *Ciclo de Reenactments - Performance Arte Portuguesa*. Em 2022, assina a curadoria do ciclo *Sound and Future - Four Tools to Unblock the Present*. No final de 2021 é-lhe atribuída a Bolsa de Criação Espaço do Tempo BPI Fundação La Caixa, para o espectáculo *O Som e a Fúria*, que estreará em 2023. Actualmente colabora com a galeria de arte Plataforma Revólver e com a revista *ArteCapital*.



José Leite

José Leite nasceu em Vila do Conde em 1990. Concluiu o curso de interpretação no Balletatro Contemporâneo do Porto em 2010 e mais tarde licenciou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema. No Teatro Inédito do Porto, é ator em *Anteontem* e *O Estádio* com encenação de Paulo Freitas. Em 2012 integra a equipa do UmColetivo e participa nos espectáculos *Éter*, *Do Amor e Inércia*. No Teatro do Eléctrico, é ator em *Menos Emergências*, *A Batalha de Não Sei Quê* (coprodução com os Artistas Unidos), *A Noite da Dona Luciana*, *A Preceptora* (co-produção com a RTP2) e *Karl Valentin Kabarett*. No Teatro da Terra é ator em *Alice no País das Maravilhas* com encenação de Maria João Luís e Ricardo Neves-Neves, *150 Milhões de Escravos*, *O Cravo Espanhol*, *A Ilha* com encenação de M^a João Luís e Pessoa Júnior e *Um Conto de Natal*. Colaborou ainda com Isabel Barros em *Sala de Entrar*, João Mota em *O*

Aldrabão com produção do TNDII; Bruno Bravo em *Cyrano de Bergerac* com produção dos Primeiros Sintomas e André Murraças em *50. Orlando, Ouve*. Em cinema integrou o elenco de *Al Berto* de Vicente Alves do Ó e de *Snu* de Patrícia Sequeira. Também protagonizou a premiada curta-metragem *No Fim do Mar* de João Monteiro.



Madalena Castro

Madalena Castro nasceu e cresceu em Lisboa. Aqui, frequentou a Escola Artística António Arroio, onde iniciou o seu trabalho como artista plástica. Vive em Berlim desde 2017, onde finalizou a Licenciatura e Mestrado em Design de Cena na Universität der Künste Berlin. Trabalha desde 2015 de forma independente em projetos de várias naturezas entre Lisboa e Berlim. A sua prática multidisciplinar envolve a participação em exposições individuais e coletivas, concepção e realização de instalações e trabalhos performativos e a criação do espaço cénico para teatro, *performance* e cinema.



Madalena Wallenstein Iniciou a sua formação no Movimento da Educação pela Arte, na Fundação Gulbenkian nos anos 1970 aos quatro anos, nas áreas da música e teatro. Fez o curso de música do Conservatório Nacional em Lisboa e licenciou-se em Educação. Tem Curso de Doutoramento em Educação Artística, Faculdade de Belas Arte do Porto/Universidade do Porto. Trabalha desde 1987 como Educadora Artística, alternando a sua atividade entre contextos de criação artística e de educação formal, não formal, de intervenção em pedagogia social para crianças e jovens; formação para professores, artistas, e mediadores; projetos curatoriais de pesquisa e criação artística; programação cultural dirigidos a públicos jovens; projetos de envolvimento de públicos, mediação e participação; programas de capacitação de equipas de programação e mediação artística e educativa. A sua atividade de pesquisa tem-se construído a partir da reflexão crítica sobre articulações entre infâncias, criação artística e públicos e sobre a experiência de transversalidade entre o campo artístico e o campo educativo. Exerce, desde 2008, funções de programadora e coordenadora do CCB [Fábrica das Artes – Artes Performativas e jovens públicos].



Magda Costa Carvalho

Magda Costa Carvalho é licenciada em Filosofia pela Universidade de Lisboa e doutorada em Filosofia Contemporânea pela Universidade dos Açores (UAc). É docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da USp, onde coordena, desde 2016, o Mestrado em Filosofia para Crianças. Integra a Direção do NICA: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, da UAc. É membro do *RG Philosophy and Public Space*, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e membro do projeto de investigação «Filosofia para Crianças e a Autora da Intuição Moral: Valores e Razões na Racionalidade e Razoabilidade», financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



Maria Gil

Nasceu em 1978 e não sabe quando vai morrer, embora tenha intuições. Faz uma espécie de teatro, escreve coisas inacabadas e dá aulas de teatro. Vive em Sintra e pratica Chi Kung.



Miguel Amorim

Nasceu na Amadora, em 1998. Em 2016 concluiu o curso de profissional de Artes do Espectáculo – Interpretação na Escola Profissional de Teatro de Cascais e em 2019 licenciou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema. Estreou-se no Teatro Experimental de Cascais, em 2014, sob a direcção de Carlos Avilez, com quem trabalhou frequentemente, até 2023. Em Teatro também trabalhou com Miguel Graça, Marco Medeiros, Maria João Luís, Madalena Wallenstein, Rodrigo Aleixo, Rui Neto, Teresa Sobral e também com John Romão e Gus Van Sant, no espectáculo *TROUBLE*. Em Cinema trabalhou com David Pinheiro Vicente, Gonçalo Galvão Teles, Carlos Conceição, Bernardo Lopes, Gabriela Nemésio Nobre, Pedro Ramalhete, Steffi Doehlemann, entre outros. Já participou em vários projetos em Televisão e também nas Plataformas de *streaming* Netflix, HBO e Multishow (Globo Play), em séries como: *The One* e também *Love, Death and Robots*, criada por Tim Miller e David Fincher.



Raquel de Oliveira

Nasceu em Lisboa em Dezembro de 1991. Tem o curso de Interpretação da EPTC (2011), Actor's Workshop, companhia Adishakti Theatre, na Índia (2015) e anualmente complementa a sua formação com Workshops intensivos. Trabalhou com Natália Luiza, Jorge Silva, Elsa Valentim, Isabel Medina, João Ascenso, Sofia Espírito Santo, Pedro Caeiro, Lourenço Henriques, Teresa Côrte-Real e Marco Medeiros. Integrou o elenco da novela *Mar Salgado* (Elsa - SIC). Em Cinema fez *O Fim da Inocência*, realizado por Joaquim Leitão (Femke - Cinemate). Frequentemente dá a voz em locuções e dobragens. É também professora de expressão dramática. Co-criadora da companhia de teatro "As Crianças Loucas".



Vasco Barroso

Em 1994 apelidaram-me de Batista e Barroso, a minha mãe chamava-me Vasco Miguel quando se zangava, mas eu gosto que me conheçam por Vasco Barroso. Sou formado pela Escola Profissional de Teatro de Cascais, e estou, desde 2014, matriculado na Escola Superior de Teatro e Cinema (Em 2022 terminei finalmente o 1.º ano de Teatro – Ramo actores, e deduzo que até 2028 consiga chegar ao fim do meu périplo académico). Tenho trabalhado com regularidade com as Crianças Loucas (Vicente Wallenstein e João Cachola), a Formiga Atômica (Miguel Fragata e Inês Barahona), os TAPAFUROS (Rui Mário e Luís Lobão), e o CCB Fábrica das Artes (Catarina Rôlo Salgueiro, Maria Gil, Teresa Gentil, e Suzana Branco). Talvez eles possam falar muito bem – ou muito mal (não acredito em meios termos) – de mim. Esta carta pode parecer presunçosa, mas disso tenho pouco – não consigo escrever sem soar ao Duque de Bragança. Obrigado pelo vosso tempo.



Walter Omar Kohan

Walter Omar Kohan é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Cientista de Nosso Estado na FAPERJ. É pós-doutorado pelas Universidades de Paris 8 (França) e British Columbia (Canadá). É orientador de mestrados, doutoramentos e pós-doutoramentos na área de Filosofia da Educação. Das suas publicações destacam-se os seguintes títulos editados em português: *Manifesto por uma escola filosófica popular* (NEFI, 2018); *O mestre inventor* (Autêntica, 2013); *A escola pública aposta no pensamento* (Autêntica, 2012); *Filosofia para crianças* (Lamparina, 2010); *Infância, estrangeiridade e ignorância* (Autêntica, 2008); *Infância. Entre educação e filosofia.* (Autêntica, 2003); *Filosofia na escolar pública* (Vozes, 2000).



A REVISTA *TIMEOUT*
DESTINGIU O CICLO *FESTA*
DE DESANIVERSÁRIO
COMO *BEST OF THE CITY*
— ACONTECIMENTO DO ANO
PARA MIÚDOS.

FICHA TÉCNICA

POR DETRÁS DA CORTINA – LIVRO IV E DOCUMENTÁRIO

POR DETRÁS DA CORTINA

– LABIRINTOS DE ALICE

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO

MADALENA WALLENSTEIN

TEXTOS | DOCUMENTÁRIO

ALICE ALBERGARIA

ANDRÉ ANTUNES

ANTÓNIO MENDES

BEATRIZ BAGULHO

BERNARDO SOUTO

CATARINA RÔLO SALGUEIRO

CIRILA BOSSUET

DIOGO RODRIGUES (CUCA MONGA)

DIOGO RATO

DINA MENDONÇA

DORA BATALIM SOTTOMAYOR

FERNÃO BIU (CUCA MONGA)

ISABEL COSTA

JOÃO ESTRADA

JOSÉ LEITE

JORGE NUNES

MADALENA CASTRO

MADALENA WALLENSTEIN

MAGDA COSTA CARVALHO

MANUEL MOREIRA

MARIA GIL (TEATRO DO SILÊNCIO)

MIGUEL AMORIM

PEDRO SOARES

RAQUEL OLIVEIRA

SOFIA SANTOS

VASCO BATISTA

WALTER OMAR KOHAN

FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES

ALICE ALBERGARIA BORGES (A. A. B)

ANA VIOTTI (A.V)

ANTÓNIO MENDES (A. M)

ARTUR PISPALHAS (A. P)

BEATRIZ BAGULHO (B. B)

GONÇALO ALEGRIA (G.A)

JOANA LINDA (J.L)

MADALENA CASTRO (M. C)

MANUEL MOREIRA (M. R. M)

MARIA GIL (M. G)

MARISA LOURENÇO (M. L)

CAPA

ILUSTRAÇÃO DE BEATRIZ BAGULHO

A PARTIR DAS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE SIR

JOHN TENNIEL

REVISÃO DE TEXTOS

JOÃO MOÇO

DESIGN GRÁFICO/PAGINAÇÃO

MARISA LOURENÇO

ASSISTÊNCIA À COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO

CAROLINA SALEMA

PRODUÇÃO GRÁFICA

GABINETE GRÁFICO CCB

EDIÇÃO DE CONTEÚDOS DIGITAIS

JOSÉ NUNES

INÉS MAURÍCIO

RITA PINA BRITO

SANDRA GRILO

PARCEIROS

NICA - UNIVERSIDADE DOS AÇORES, GAMEDEV

- INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, UNIVERSIDADE

DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, PLANO

NACIONAL DAS ARTES

DOCUMENTÁRIO

POR DETRÁS DA CORTINA

UM DOCUMENTÁRIO EM SETE EPISÓDIOS

EPISÓDIO 1 | *NASCIMENTO*

EPISÓDIO 2 | *RESIDÊNCIA*

EPISÓDIO 3 | *CRESCIMENTO*

EPISÓDIO 4 | *AS NOVAS CRIANÇAS*

EPISÓDIO 5 | *MÚSICA*

EPISÓDIO 6 | *FIGURINOS*

EPISÓDIO 7 | *INSTALAÇÃO*

REALIZAÇÃO E MONTAGEM

ANTÓNIO MENDES

CAPTAÇÃO DE SOM E MONTAGEM

JOÃO ESTRADA

CAPTAÇÃO DE SOM

MIGUEL COELHO

PÓS-PRODUÇÃO DE SOM

MIGUEL COELHO

MÚSICA

CONJUNTO CUCA MONGA

COMPOSIÇÃO

FERNÃO BIU

MÚSICA ADICIONAL

IAN POST – ARTLIST (EPISÓDIO 1)

INTERVENIENTES

MADALENA WALLENSTEIN, MARIA GIL,

ANTÓNIO MENDES, CIRILA BOSSUET,

ISABEL COSTA, VASCO BATISTA,

CATARINA SALGUEIRO, JOSÉ LEITE,

RAQUEL OLIVEIRA, MIGUEL AMORIM,

BERNARDO SOUTO, ALICE ALBERGARIA BORGES,

MADALENA CASTRO, BEATRIZ BAGULHO,

FERNÃO BIU, PEDRO SILVA, LEONOR KEIL,

TOMÁS WALLENSTEIN E DIOGO RODRIGUES

COM CRIANÇAS DE ESPÍRITO SANTO (BRASIL)

E DAS ILHAS DE S. MIGUEL E S. JORGE (AÇORES)

QUE INTEGRARAM SESSÕES PARTICIPADAS

NAS RESIDÊNCIAS DE CRIAÇÃO: AFONSO JUNCO,

ARTHUR CRESPO, DÉBORA SOUSA,

FERNANDA GONRING, ISABEL TEIXEIRA,

LUIZA FERNANDES, MADALENA SOUSA,

MARGARIDA SOUSA, MARIA LUIZA,

MARIA EDUARDA, PIETRA ARAÚJO

CICLO FESTA

DE DESANIVERSÁRIO

CURADORIA

MADALENA WALLENSTEIN

CONDUÇÃO ARTÍSTICA

MARIA GIL

ASSISTÊNCIA ARTÍSTICA

LEONOR KEIL

PEDRO SILVA

INSTALAÇÃO

DO OUTRO LADO DA TOCA

CRIAÇÃO ARTÍSTICA

ALICE ALBERGARIA

BEATRIZ BAGULHO

MADALENA CASTRO

PRODUÇÃO

HELENA MAIA / MANUEL MOREIRA

AUDIOVISUAIS

PAULO CACHEIRO

MONTAGEM

ÁLVARO LEMOS

ANTÓNIO BESTEIRO

CARLOS ALVES

JOSÉ NASCIMENTO

NUNO GAMBOA PEDRO FREIRE

SÉRGIO CAEIRO

REVISÃO DOS TEXTOS

JOÃO MOÇO

PRODUÇÃO GRÁFICA

SANDRA SALGUEIRO

ASSISTÊNCIA

PEDRO SILVA

DIOGO VAZ-CAVALEIRO – ASSISTENTE

CENOGRÁFICO

TINA SIMÕES

PEDRO SÁUDE

MANUEL OSÓRIO DE CASTRO

ANDRÉ CORREIA – ASSISTENTE DE ANIMAÇÃO

MARTA LONTRÃO

MÁRIO DUARTE

MANUEL MARCELO

JOÃO SALGADO

MARIA EMANUEL ALBERGARIA

SARA LEME – ADEREÇOS PARA FIGURINOS

CONSTRUÇÃO DE MINIATURAS

TINA SIMÕES

ESPETÁCULOS TEATRO/FILOSOFIA

QUEM ÉS TU?

CONCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO

JOSÉ LEITE E RAQUEL OLIVEIRA

FIGURINOS E CONCEÇÃO PLÁSTICA

ALICE ALBERGARIA, BEATRIZ BAGULHO E

MADALENA CASTRO

MÚSICA ORIGINAL

CUCA MONGA

CAFÉ FILOSÓFICO

WALTER OMAR KOHAN

DOIS OVOS IRMÃOS:

TRAMBOLHÕES E JIGAJOGAS

CONCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO

BERNARDO SOUTO E MIGUEL AMORIM

FIGURINOS E CONCEÇÃO PLÁSTICA

ALICE ALBERGARIA BORGES, BEATRIZ BAGULHO E

MADALENA CASTRO

MÚSICA ORIGINAL

CUCA MONGA

CAFÉ FILOSÓFICO

RITA PEDRO

NÃO ME CALO

CONCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO

CIRILA BOSSUET E ISABEL COSTA

FIGURINOS E CONCEÇÃO PLÁSTICA

ALICE ALBERGARIA, BEATRIZ BAGULHO E

MADALENA CASTRO

ADEREÇOS DE FIGURINO

SARA LEME

MÚSICA ORIGINAL

CUCA MONGA

CAFÉ FILOSÓFICO

DINA MENDONÇA

SÃO HORAS DE JÁ

CONCEÇÃO E INTERPRETAÇÃO

CATARINA RÔLO SALGUEIRO E VASCO BATISTA

FIGURINOS E CONCEÇÃO PLÁSTICA

ALICE ALBERGARIA BORGES, BEATRIZ BAGULHO E

MADALENA CASTRO

MÚSICA ORIGINAL

CUCA MONGA

CAFÉ FILOSÓFICO

MAGDA COSTA CARVALHO

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

– PROGRAMA DIGITAL

INDAGAÇÕES DE ALICE

– ENTREVISTAS

WALTER OMAR KOHAN

MARGARIDA VALE DE GATO

YASSER OMAR

VASCO JESUS

REALIZAÇÃO E MONTAGEM

ANTÓNIO MENDES

CAPTAÇÃO DE SOM

JOÃO ESTRADA

PÓS-PRODUÇÃO DE SOM

MIGUEL COELHO

MÚSICA

CONJUNTO CUCA MONGA

COMPOSIÇÃO MUSICAL

FERNÃO BIU

ALICE POR CUCA MONGA

– AUDIOLIVRO | PODCAST

COM MÚSICA ORIGINAL

EM 24 EPISÓDIOS

MÚSICA E SONOPLASTIA

DIOGO RODRIGUES

FERNÃO BIU

CONJUNTO CUCA MONGA

LEITURA

BERNARDO SOUTO

CATARINA RÔLO SALGUEIRO

CIRILA BOSSUET

DIOGO RODRIGUES

FERNÃO BIU

FLÁVIA DUARTE

ISABEL COSTA

JOSÉ LEITE

MADALENA WALLENSTEIN

MARIA GIL

MIGUEL AMORIM

RAQUEL OLIVEIRA

TOMÁS WALLENSTEIN

VASCO BATISTA

DIREÇÃO DE ATORES

MARIA GIL

TRADUÇÃO

MARGARIDA VALE DE GATO

DO OUTRO LADO DA TOCA

– O VIDEOJOGO

DESENVOLVIMENTO

GAMEDEV TÉCNICO

AMBIENTES

ALICE ALBERGARIA BORGES

NARRATIVA / PROGRAMAÇÃO

ANDRÉ ANTUNES

ANIMAÇÃO

ANDRÉ CORREIA

ANIMAÇÃO / ILUSTRAÇÃO

ARIANA PARRILHA

DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO / ILUSTRAÇÃO

BEATRIZ BAGULHO

PRODUÇÃO / DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

DIOGO RATO

SONOPLASTIA / MÚSICA

DIOGO RODRIGUES

SONOPLASTIA / MÚSICA

FERNÃO BIU

ANIMAÇÃO

JOANA FLAUZINO

PROGRAMAÇÃO

JORGE NUNES

AMBIENTES

MADALENA CASTRO

PROGRAMAÇÃO

PEDRO SOARES

ANIMAÇÃO / ILUSTRAÇÃO

RENATA CANDEIAS

UI DESIGN / ANIMAÇÃO

SOFIA SANTOS

FILMINHOS PARADOXOS

DIREÇÃO ARTÍSTICA

MARIA GIL

ARGUMENTO

MARIA GIL A PARTIR DAS OBRAS,

AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS

MARAVILHAS E *ALICE DO OUTRO LADO*

DO ESPELHO, DE LEWIS CARROLL

TRADUÇÃO

MARGARIDA VALE DE GATO

APOIO À DRAMATURGIA

DINA MENDONÇA

REALIZAÇÃO, ANIMAÇÃO,

EDIÇÃO DE IMAGEM E ILUSTRAÇÃO

BEATRIZ BAGULHO

INTERPRETAÇÃO

LEONOR KEIL, GONÇALO ALEGRIA, ANA ENES E

MARIA GIL

MÚSICA ORIGINAL, EDIÇÃO E PÓS-

PRODUÇÃO DE SOM

GONÇALO ALEGRIA

ASSISTÊNCIA DE REALIZAÇÃO E OPERAÇÃO

DE CÂMARA

ANTÓNIO MENDES

ASSISTÊNCIA DE REALIZAÇÃO, OPERAÇÃO DE

CÂMARA E CAPTAÇÃO DE SOM

JOÃO ESTRADA

CAPTAÇÃO DE SOM

MIGUEL COELHO

ILUMINAÇÃO

ARTUR PISPALHAS

DECOR E ADEREÇOS

PEDRO SILVA

FIGURINOS

MIGUEL BONNEVILLE

CONFEÇÃO E ASSISTÊNCIA DE FIGURINOS

MARISA ESCALEIRA

CHEFE DE PRODUÇÃO

LARA BRANCO

GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO

SUSANA MARTINHO LOPES

COMUNICAÇÃO – TEATRO DO SILÊNCIO

SARA CUNHA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E DE PRODUÇÃO,

MAQUILHAGEM

SABRINA SANTOS

APOIOS

LUA CHEIA TEATRO PARA TODOS; ESTÚDIO

OSGA; TEATROMOSCA; TEATRO DE CARNIDE;

CARNIDE CLUBE; TORRE QUE BRILHA,

ASSOCIAÇÃO CULTURAL; MARCO LOPES – SHOW

VENTURA; REPÚBLICA PORTUGUESA – CULTURA/

PATRIMÓNIO CULTURAL – DIREÇÃO-GERAL DO

PATRIMÓNIO CULTURAL – MUSEU NACIONAL DO

TRAJE & PARQUE BOTÂNICO DO MONTEIRO-MOR

E MUSEU NACIONAL DO TEATRO E DA DANÇA

O TEATRO DO SILÊNCIO É UMA ESTRUTURA

FINANCIADA PELA REPÚBLICA PORTUGUESA –

CULTURA/ DIREÇÃO GERAL DAS ARTES E PELA

JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE.

FICHA TÉCNICA (2020/21) CCB/FÁBRICA DAS ARTES

COORDENADORA / PROGRAMADORA

MADALENA WALLENSTEIN

ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO

MANUEL MOREIRA

ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO

HELENA MAIA

OPERADORA DE RECEÇÃO E BILHETEIRA

FILOMENA ROSA

ASSESSORIA À FORMAÇÃO E ACREDITAÇÃO

CATARINA GOUVEIA

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

NUNO VASSALLO E SILVA – PRESIDENTE

DELFIN SARDÓ – VOGAL

MADALENA REIS – VOGAL

ASSESSORIA CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

MÍLTON PEREIRA

ASSISTENTES CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PEDRO CERQUEIRA

RICARDO CERQUEIRA

VERA RIBEIRO

UNIDADE ORGÂNICA: ARTES

PERFORMATIVAS E PENSAMENTO

DIREÇÃO ARTÍSTICA

AIDA TAVARES

PROGRAMADORES

CESÁRIO COSTA

FERNANDO SAMPAIO

COORDENAÇÃO GERAL EXECUTIVA

CLÁUDIA BELCHIOR

ASSISTENTE

SOFIA MATOS

ASSISTENTE ÁREA DO PENSAMENTO E

PROGRAMADORES

ANDRÉ POMBEIRO

GESTORA DE PROJETOS DE MEDIAÇÃO E

ACESSIBILIDADES

TÂNIA AFONSO

ARTES PERFORMATIVAS

PRODUÇÃO

INÉS CORREIA – RESPONSÁVEL

HUGO SOVELAS

MARTA QUEIROZ

MARTA VIEIRA

PATRÍCIA SILVA

CENA

PATRÍCIA COSTA – RESPONSÁVEL

CATARINA SILVA

FRANCISCA RODRIGUES

JOSÉ VALÉRIO

MARISA FALCÓN

SAFIRA RAMOS

TÉCNICA ASSISTENTE

YOLANDA SEARA

AUDIOVISUAIS

NUNO GRÁCIO – RESPONSÁVEL

PAULO CACHEIRO – ADJUNTO DO

RESPONSÁVEL

NUNO BIZARRO – CHEFE DE EQUIPA

EDUARDO NASCIMENTO

MIGUEL CALDEIRA

NUNO RAMOS

TIAGO SAFOEIRA

PALCO

PEDRO CAMPOS – RESPONSÁVEL

PEDRO RODRIGUES – ADJUNTO DO

RESPONSÁVEL

CÂNDIDO DOS SANTOS – CHEFE DE EQUIPA

MÁRIO SILVA – CHEFE DE EQUIPA

RAUL SEGURO – CHEFE DE EQUIPA

HUGO CAMPOS – CHEFE DE EQUIPA

BRUNO SILVA

CARLOS LA RUA

CÉSAR NUNES

DANIEL ROSA

JOSÉ CARLOS ALVES

LUÍS SANTOS

RICARDO GOMES

RICARDO MELO

RUI CROCA

OCTÁVIO FREITAS

MURILO RODRIGUES

RÓMULO SILVESTRE

MANUTENÇÃO

PAULO SANTANA – RESPONSÁVEL

FRANCISCO INÁCIO

JOÃO RODRIGUES

MIGUEL JUSTINO

FÁBRICA DAS ARTES

MADALENA WALLENSTEIN – COORDENADORA

CAROLINA SALEMA

FILOMENA ROSA

JOANA CORDEIRO

SANDRO BENROZ

PENSAMENTO/SALA DE LEITURA

ISA BASTO

ZITA RODRIGUES

UNIDADE ORGÂNICA: MAC/CCB

CENTRO DE ARQUITETURA

DIREÇÃO ARTÍSTICA

NÚRIA ENGUITA

CURADORA

MARTA MESTRE

CHIEF CURATOR – CENTRO DE ARQUITETURA

MARIANA PESTANA

COORDENAÇÃO GERAL EXECUTIVA

PEDRO BERNARDES

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

CRISTINA SEQUEIRA

AUDIOVISUAIS

JOÃO TIMÓTEO

CONTRATAÇÃO PÚBLICA

BEATRIZ SERRÃO

MUSEU / FALA / CENTRO DE ARQUITETURA**COMUNICAÇÃO E IMPRENSA**

NAMALIMBA COELHO

DIOGO MONTENEGRO — EDIÇÕES

COLEÇÃO E ARQUIVO

ISABEL ROCHA

ANTÔNIO MENDES - REGISTRAR

TERESA BRAGA DA COSTA - REGISTRAR

EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO

CRISTINA GAMEIRO – COORDENADORA

MEDIADORES

CÁTIA BONITO

FILIPA GORDO

RITA CÂNDIDO

SOFIA PASSADOURO

PRODUÇÃO DE EXPOSIÇÕES

DAVID RATO

DIOGO NUNES

FREDERICO MENDES

MARGARIDA VENTOSA

MARIANA SCARPA

APOIO AO VISITANTE

HUGO PÁSCOA – SUPERVISOR

FÁTIMA MENDES - SUPERVISORA

ASSISTENTES DE EXPOSIÇÕES

ALAN ROLLE

ANA CARDOSO

ANA FERNANDES

ANA PESSOA

ANA PAIXÃO

ANA REIS

DIOGO VIEGAS

DANIEL TAVARES

FILIPA MACHADO

HUGO BARATA

INÊS RAIMUNDO

ISABEL ANDRADE

JOANA FAGUNDO

JOÃO ALMEIDA

JOÃO PEREIRA

JESSICA GUEZ

MADALENA MARQUES

MÁRCIA SALDANHA

MARIA ALMEIDA

MARIANA GOMES

MARTA SERAFIM

MATHEUS BORGES

MIGUEL LUZ

PAOLA STURIALE

PAULO CRUZ

PEDRO PAIVA

PEDRO RODRIGUES

RICARDO SIMÕES

SARA FERNANDES

SARA MATOS

SARA RIBEIRO

SOFIA MAGALHÃES

SUSANA AMARAL

TIAGO SILVA

TATIANA CRISTINA

VINÍCIUS MACHADO

GESTÃO DE EVENTOS**DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE EVENTOS**

RITA CORREIA - COORDENADORA

ASSISTENTE

MARIA CONCEIÇÃO PINHEIRO

GESTORAS DE EVENTOS

CATARINA PINTO

JOANA TEIXEIRA

MARIA JOÃO MARQUES

SOFIA SOUSA FERREIRA

GESTÃO AUDIOVISUAIS

ANDRÉ PINHEIRO

CARLOS MESTRINHO

DIREÇÕES DE SUPORTE TRANSVERSAL**DIREÇÃO DE EDIFÍCIOS E****INSTALAÇÕES TÉCNICAS**

ANTÔNIO RIBEIRO – DIRETOR

ASSISTENTE

PATRÍCIA SALEIRO

PROJETOS E GESTÃO DE OBRAS

ANA SANTOS – COORDENADORA

MÁRIO CAETANO – GESTOR DE PROJETOS

ORLANDO CAIRES

MANUTENÇÃO E GESTÃO TÉCNICA

JOSÉ NASCIMENTO – COORDENADOR

CARLOS ANTUNES

GILBERTO MATOS

JOÃO CARVALHO

JOÃO PAULO SOUSA

JOSÉ MARTINS

LAUDMIRO CUDIMUENA

LEANDRO FRANGOULIS – CHEFE DE EQUIPA

LÚIS CARVALHO

MIGUEL SILVA

RUI MARTINS

SÉRGIO CAEIRO

SERHII DIDENKO

TELMO QUARESMA

VANDA MARTINS

AMBIENTE, QUALIDADE E**ACESSIBILIDADES**

NUNO GAMBOA - COORDENADOR

ÁLVARO LEMOS – CHEFE DE EQUIPA

ANTÔNIO ALVES

ANTÔNIO BESTEIRO

NUNO BATALHA

PAULO PAGONIS

SÉRGIO RODRIGUES

SEGURANÇA

TITO BOUÇAS - COORDENADOR

RUI PEREIRA

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E**COMUNICAÇÃO**

CARLOS SANTOS - COORDENADOR

CARLOS DANIEL

PEDRO TOMÉ

RUI MOTA

DIREÇÃO FINANCEIRA E**ADMINISTRATIVA**

FRANCISCO SACADURA – DIRETOR

ASSESSORA

SARA REIS

ASSISTENTE

MIGUEL SANTOS

SERVIÇOS GERAIS

MARIA JOÃO ALMEIDA – CHEFE DE EQUIPA

NELSON MENDES

RUI CARVALHO

VANDA PENEDO

TESOURARIA

JOSÉ MANUEL RODRIGUES

ARQUIVO INTERMÉDIO E HISTÓRICO

NELSON MENDES

GESTÃO FISCAL E CONTABILIDADE

LURDES GASPAR – COORDENADORA

ALEXANDRA PEREIRA

ANA ALVAREZ

ANTÓNIO MONSANTO

MARIA JOSÉ MÂNCIO

SANDRA GOMES

TÂNIA TAVARES

DIREÇÃO JURÍDICA E DE**CONTRATAÇÃO**

JOÃO CARÉ – DIRETOR

PATRÍCIA COELHO – ASSESSORA DE DIREÇÃO

BEATRIZ MOYSÉS

DUARTE CERCA – COORDENADOR

CÁTIA ADRIANO – CHEFE DE EQUIPA

ANA ARNAUT

CAROLINA SILVA

DIREÇÃO DE RECURSOS**HUMANOS**

JORGE CARVALHEIRA - DIRETOR

ANA PAIS

CARLA PINTO

ÉRICA PEREIRA

ISABEL DIONÍSIO

DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO**E MARKETING**

CATARINA FIGUEIRA – DIRETORA

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

MANUELA ALVES

RELAÇÕES PÚBLICAS

ISABEL ROQUETTE – COORDENADORA

INÊS MAIA

PAULA DUARTE

ROMEU ZAGALO

VERA MESTRINHO

RECEÇÃO E BILHETEIRAS

MARIA JOSÉ BESTEIRO - SUPERVISORA

CATARINA PENA

CLÁUDIA ANTUNES

CLÁUDIA PINTO

DANIEL BICHINHO

DULCE VIEGAS

INÊS CASTOR

JÚLIA MOREIRA

LUÍS FELICIANO

MANUEL BOTELHO

MARGARIDA MARQUES

PEDRO CORREIA

SANDRA MENDES

SUSANA PEREIRA

WALBER NETO

COMUNICAÇÃO

SOFIA MÂNTUA – COORDENADORA

SOFIA CARDIM – IMPRENSA

JOÃO MOÇO

GABINETE GRÁFICO

PAULA CARDOSO – SUPERVISORA

LEONARDO LADEIRA

MARISA LOURENÇO

PAULO FERNANDES

RUI MIGUEL

SANDRA SALGUEIRO

DIGITAL

JOSÉ NUNES – COORDENADOR

ANA INÁCIO

INÊS MAURÍCIO

RITA BRITO

SANDRA GRILLO

TIAGO BUESO



Fábrica
das Artes

LIVRO DIGITAL + DOCUMENTÁRIO POR DETRÁS DA CORTINA: LABIRINTOS DE ALICE

Por Detrás da Cortina: labirintos de Alice é o quarto volume da coleção de edições do CCB/Fábrica das Artes dedicada ao registo e reflexão partilhada sobre projetos de natureza curatorial em criação artística para Todas as Infâncias na área da programação, criação e receção em artes performativas.

Reúnem-se nesta publicação um conjunto de textos, ilustrações, fotografias, entrevistas e o documentário em sete episódios dos muitos autores e interlocutores que integraram a equipa criativa do Ciclo *Festa de Desaniversário*, registando o processo laboratorial que resultou na programação do CCB/Fábrica das Artes apresentada no decorrer da temporada de 2021. Este ciclo tomou os clássicos de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, para cruzar a criação artística para Todas as Infâncias com a filosofia e, através deles, trazer para o jogo criativo as problemáticas que daí emergiram. Nesta edição encontramos ainda acesso a um conjunto de objetos digitais criados, produzidos e apresentados no âmbito deste ciclo.

Num mundo impossível de levar a sério, a imaginação oferece-se como ponto de fuga ao confinamento; entre jogos de linguagem que consagram o absurdo e a formulação de perguntas verdadeiras que se repetem sempre; na alucinação da criação e do conhecimento e nas qualidades múltiplas do tempo, viajamos nelas; nas fronteiras do real, do estrangeiro e do político.

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



UAc
UNIVERSIDADE
DA ALGARVES

